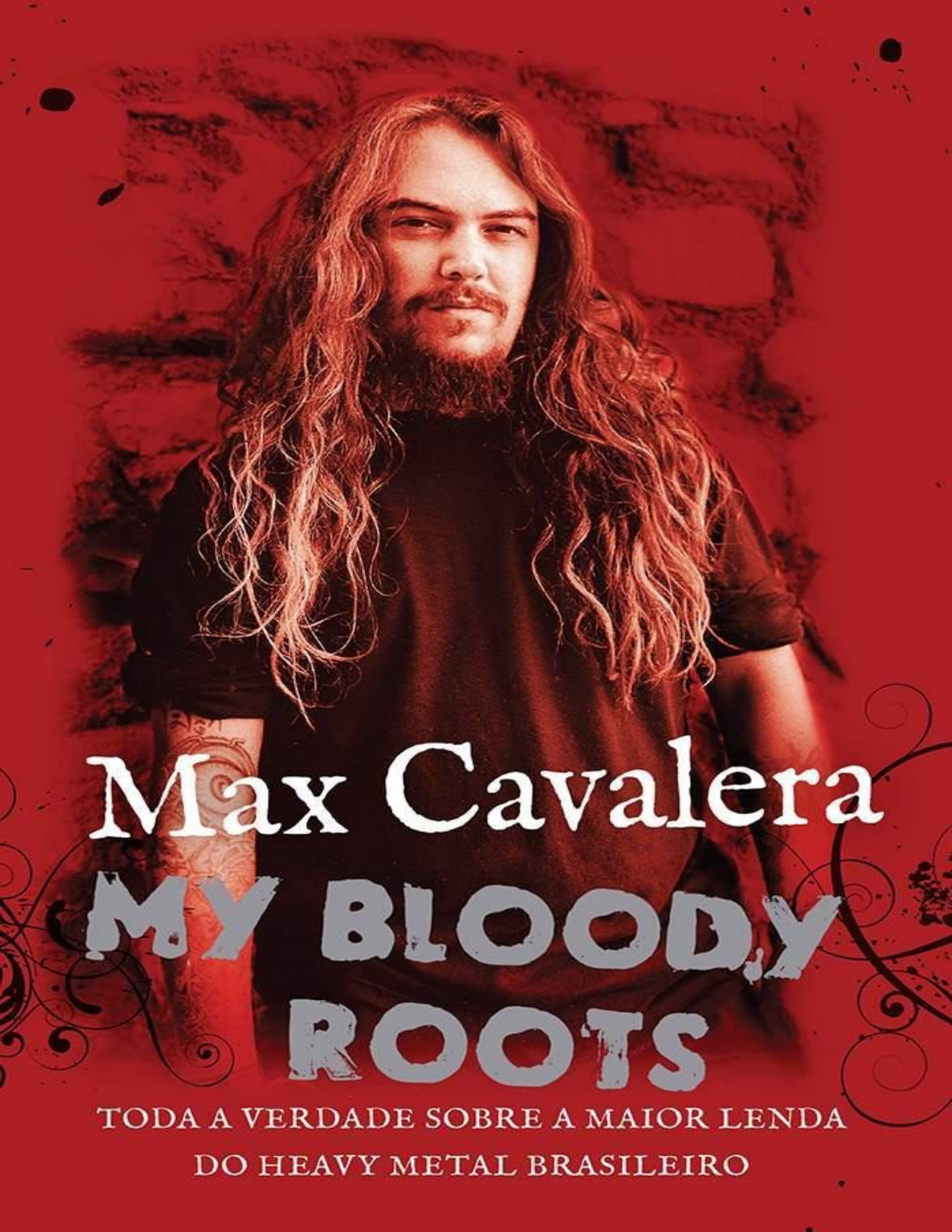


Max Cavalera

MY BLOODY ROOTS

TODA A VERDADE SOBRE A MAIOR LENDA
DO HEAVY METAL BRASILEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MY BLOODY ROOTS

Max Cavalera

MY BLOODY ROOTS

TODA A VERDADE SOBRE A MAIOR LENDA DO HEAVY METAL BRASILEIRO

Tradução: Roberto Muggiati

A
AGIR

© 2013 by Max Cavalera
© do prefácio, 2013 by Dave Grohl

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – CEP 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313

As fotos do encarte são do acervo de Max Cavalera.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C365m Cavalera, Max (Massimiliano Antônio Cavalera),
1969-
My Bloody Roots: toda a verdade sobre a maior lenda do heavy metal brasileiro / Max Cavalera; tradução Roberto Muggiati. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Agir, 2013.
il.

Tradução de: The boy from Brazil
ISBN 9788522029525

1. Cavaleira, Max, 1969-. 2. Músicos de rock – Brasil – Biografia. I Título.

13-02281

CDD: 927.824166
CDU: 929:78.067.26

Este livro é dedicado a Deus. Obrigado por sempre estar comigo e escutar as minhas preces e por iluminar a minha carreira.

Sumário

Prefácio

Introdução

Agradecimentos

Prólogo

1 1969-1981: My Bloody Roots

2 1981-1983: Crânios, colégios e pirocas de ratos

3 1984-1985: “Somos o Sepultura! Vai se foder todo mundo!”

4 1985-1986: Ultra-Violence

5 1986-1987: Bestial Days, Morbid Times

6 1988-1989: The Remains of America

7 1990-1991: Arising

8 1991-1992: Emputecendo Lemmy… Vomitando em Eddie Vedder

9 1992-1993: Magia no castelo galês
10 1994-1995: Nailbomb ou como detonar o Dynamo
11 1995-1996: Aventuras na selva
12 1996: Tragédia e traição
13 1997-1998: O nascimento do Soulfly
14 1999-2000: Voltando ao estado primitivo com o Probot
15 2001-2005: Prophesying The Dark Age
16 2006: Reuniões e resoluções
17 2007-2013 e além: Voando livre

Epílogo

Caderno de Fotos

Discografia de Max Cavalera

Prefácio

O estúdio do Foo Fighters é um lugar e tanto. Quando o construímos, a primeira coisa que fizemos foi instalar alto-falantes gigantescos na sala de controle. Pareciam monólitos: o som era inacreditavelmente potente e límpido. Eram os melhores alto-falantes do mundo. Não via a hora de ligá-los na tomada e escutar *Roots*, do Sepultura, já que eram do tamanho das caixas de som do Festival de Glastonbury. Assim, coloquei *Roots* para tocar com o volume no talo — e a porra do disco explodiu as caixas de imediato. Alto-falantes de cinquenta mil dólares arruinados por causa de *Roots*...

Comecei a curtir o Sepultura no final dos anos 1980. Cresci em Springfield, Virginia, e desde cedo passei a amar o rock ’n’ roll. Descobri o hardcore e o punk aos 13 anos: muitas das minhas bandas preferidas tinham um discurso político bem forte. Eu não era um revolucionário, mas algo nesse casamento de comunicação e caos realmente me pegou.

Alguns anos mais tarde, o meu melhor amigo — que era mais metaleiro do que eu — começou a descobrir grupos do metal underground. Tínhamos visto o

Motörhead em 1984 no programa de TV britânico *The Young Ones* e compramos o primeiro álbum do Metallica, *Kill 'Em All*, em fita cassete, por encomenda postal, sem nem mesmo ouvi-lo, só porque o nome da banda e do álbum pareciam legais. As pessoas chamavam a música do Metallica de thrash metal e aquilo nos abriu um mundo musical completamente novo. Começamos a comprar álbuns sem ter ouvido nem mesmo uma só nota. Comprávamos discos pelas capas, pelos títulos ou pelo nome da banda. Uma dessas bandas novas era o Sepultura.

Naquela época, o Sepultura era considerado o novo Slayer — e, pra mim, aquilo era como se fossem os novos Beatles! Quando descobri que eles vinham de uma parte distante do mundo, fiquei fascinado por eles e comecei a segui-los e a acompanhar a sua evolução. Havia algo de ameaçador em ouvir um sotaque estrangeiro que eu achava maneiro pra caralho. Estava bastante acostumado a escutar bandas de hardcore dos Estados Unidos e da Inglaterra, mas, quando se ouvia um grupo vindo da Escandinávia, da América do Sul ou de outras partes do planeta, aquilo acrescentava um elemento completamente novo, de uma natureza quase perversa.

Quando o Nirvana se tornou popular, a nossa missão passou a ser expor o máximo de pessoas que pudéssemos a tipos de música que talvez nunca tivessem ouvido, do Teenage Fanclub ao Sepultura. Nas turnês, sentávamos no fundo do ônibus, ouvíamos música e pensávamos em maneiras de dar apoio aos músicos pelos quais tínhamos respeito, por considerá-los verdadeiros. Eu achava que aquilo que o Sepultura fazia na época, por volta do disco *Chaos A.D.*, não era diferente daquilo que o Nirvana vinha fazendo. Estávamos criando música com o coração, algo completamente verdadeiro, que ia além do ritmo e do *nonsense*: havia ali uma substância e uma profundidade.

Lembro de ouvir *Chaos A.D.* no ônibus com Krist Novoselic e dizer "Deveríamos excursionar com essa banda", porque faríamos uma turnê com o Dead Kennedys se eles quisessem excursionar com a gente, assim como faríamos uma turnê com o Bad Brains se eles topassem e também com o Sepultura, se quisessem sair em turnê com a gente, pois nos sentíamos próximos uns aos outros. Eu via o Sepultura como um corte do mesmo tecido que o Bad Brains ou o Dead Kennedys. Estas eram as bandas que realmente admirávamos. Infelizmente, Kurt Cobain nos deixou pouco tempo depois, mas tenho certeza de que as duas bandas teriam se cruzado em algum ponto da estrada e teria sido ótimo.

Me lembro da primeira vez que fui cumprimentar o Sepultura no ônibus da banda. Fiquei nervoso, pois os admirava bastante e não queria que me vissem como uma porra de um tiete idiota. Na presença deles, porém, senti que estava

num lugar especial. Há algo de diferente num grupo quando ele realmente parece ser um grupo, e o Sepultura era como uma turma de outro planeta. Eram a combinação perfeita de todas as coisas que amo na música. Quando *Roots* foi lançado, em 1996, tudo mudou. Tinham elevado o padrão a níveis tão altos que, até hoje, não acredito que alguém tenha chegado perto de alcançá-los.

Tive a felicidade de contar com a voz de Max no álbum do Probot que lancei em 2004. O Probot foi um experimento: sempre amei música pesada de verdade, mas não achava que ela necessariamente tivesse lugar em meio ao que o Foo Fighters fazia na época. Eu tinha um estúdio no meu porão, onde criava riffs e os gravava por diversão. Fiz isso por anos: dava fitas cassete aos meus amigos em viagens de carro, apenas para que escutassem enquanto dirigiam. Então um dos meus amigos me convenceu a reunir um time dos sonhos de vocalistas e convocá-los para colocar as suas vozes sobre aquelas bases instrumentais. Pensei em todos os meus cantores de metal favoritos e Max tinha que fazer parte do projeto.

Por conhecer os vocalistas tão bem — não pessoal, mas musicalmente —, cruzei os dedos e esperei que fizessem o que pensei que fariam. O que tinha pensado para a faixa “Red War” do Probot era puro Max Cavalera. Quando recebi o CD de volta pelo correio, vi que tinha exatamente o que eu queria: puro Max. Era impressionante: a letra que ele fez sobre o Passo Khyber e o Afeganistão era completamente profética. Em termos de letras, ele nunca desaponta. É um cara brilhante mesmo.

Max Cavalera é uma lenda. Nunca se vendeu, sempre foi verdadeiro — e sempre poderá dizer “Eu gravei *Roots*”. Para mim, isso é grandioso.

Dave Grohl
(Foo Fighters e ex-Nirvana)

Introdução

Escrevi este livro por vários motivos.

Em primeiro lugar, a minha história precisa ser contada, com verdade e precisão. Tive a sorte de ser um dos membros fundadores de não uma, mas duas bandas bem-sucedidas de metal, Sepultura e Soulfly, e rodei o mundo com elas por mais vezes do que consigo lembrar. Ao longo do caminho, me deparei com o caos, a morte e o vício, e relacionamentos foram construídos e despedaçados. A verdade sobre o Sepultura, a minha amada primeira banda, e a razão pela qual a deixei não foram integralmente reveladas até agora, tampouco a verdade sobre a minha luta contra o álcool e as drogas analgésicas. Chegou a hora de esclarecer as coisas.

Quero também homenagear as pessoas que fazem parte da minha vida — as que ainda estão comigo e também as que já se foram. A minha mulher, os meus filhos, a minha mãe, o meu irmão, a minha irmã, os meus colegas de banda, os meus amigos e, é claro, os meus fãs, que continuam a me apoiar, mesmo depois de tantos anos. Este livro demonstra a minha gratidão a todos eles. Quanto ao

meu pai, Graziano Cavalera, que morreu quando eu era menino, e ao meu enteado, Dana Wells, assassinado em 1996: nada poderia expressar melhor o meu amor por eles e a tristeza que sinto pela sua ausência do que as palavras deste livro.

Por último, gostaria de lembrar o respeito que tenho pelo Brasil, o meu país de origem. É uma terra linda e vívida, de muitas facetas, e o amor que sinto por ela é mais profundo do que posso descrever. Vi o melhor e o pior do Brasil, das gangues pelas ruas das cidades aos habitantes nativos das florestas, e todos esses elementos alimentaram e inspiraram a minha música.

O Sepultura foi a primeira banda de rock a sair do Brasil e alcançar sucesso internacional. Esperávamos que outros grupos nos seguissem e fizessem o mesmo, mas nos trinta anos que se passaram desde a fundação do Sepultura isso não aconteceu. É missão da minha nova banda, o Soulfly, carregar a bandeira brasileira por todo o mundo. Uma tarefa que, para mim, é uma grande honra.

Se vocês apreenderem algo deste livro, espero que decidam visitar o meu país e vê-lo com os próprios olhos. Nenhum outro país poderia ter dado origem a um grupo como o Sepultura e, depois, o Soulfly. É um lugar único.

Com amor e respeito à tribo,

Max Cavalera
Phoenix, Arizona
2013

Agradecimentos

A minha família

Gloria, a minha alma gêmea. Você é a razão da existência deste livro.

Zyon, Igor e Richie. Os meus músicos — posso agora lhes passar o bastão.

Jason. Fico muito feliz de tê-lo na equipe Soulfly.

Roxanne e Christina. Obrigado pela ajuda com o meu cabelo e pelos lindos netos.

Roki, Marlie, Jadore e Nadja. Não vejo a hora de levar vocês ao cinema.

Dana. O seu espírito está comigo o tempo todo. Sentirei a sua falta para sempre.

Papino. Sempre no meu coração.

Mamina, Goka e Kika. A nossa família é mais forte que o tempo.

Bill e Florence Guffin e família.

Yakov e Sophia Krawtzowa e família.

Família Cavalera, na Itália e no Brasil.

Mark e Kristen, Jade e Noah. A nossa casa longe de casa. Amamos Huntington Beach.

Bryan Roberts. Você manda no escritório: obrigado por tudo.

Equipe Soulfly

Kenny “The Bear”, Jeff Hauck “Jeffomado”, Pete Rizzo, Jason Cavalera.

Marc Rizzo. O meu parceiro de guitarra. ’Bora detonar nos riffs!

Antonio Campos. Mi hermano de lo Metal.

Roy Mayorga, Johny Chow e todos os membros do Soulfly, Nailbomb e Cavalera Conspiracy, no passado e no presente.

Camaradas de guerra

Ozzy e Sharon Osbourne, por sempre me incentivarem a seguir em frente.

Cees Wessels, Monte Conner e todos na Roadrunner Records. Por sempre acreditarem em mim.

Rod MacSween. Obrigado pelo apoio infinito a mim e à música.

Steve Zapp. Obrigado por tornar possível que vejamos o mundo. Vamos ver outros lugares exóticos!

Ian Sales. Obrigado por acreditar em nós.

Pat e João, da Cogumelo Records. Obrigado por terem sido umas das primeiras pessoas a acreditar no Sepultura. Nunca me esquecerei disso.

Manny Ramirez. Obrigado por toda a ajuda com a internet. Você é o cara!

O projeto. Greg Puciato — vamos foder com a porra toda, cara.

David Elitch. Detona essa batera!

Troy Sanders. Vamos tocar umas paradas épicas...

Justin Hirschman e Cliff Roman. Obrigado por todas as turnês americanas. Vamos fazer mais algumas!

Thomas Mignone. Não vejo a hora de trabalhar no seu filme. Vai ser ótimo.

Dr. Semino. Obrigado por fazer de mim uma pessoa melhor.

Amigos

Lucio Xubaka. Obrigado pela carona para ver a família em BH.

Maurinho. Onde está você, meu amigo?

Lucio e Nação Zumbi. Amigos para sempre.

Meia-Noite, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Renato Russo. Renato, você era fã do Sepultura antes de muitos, nunca vou esquecer a sua memória.

Revista *Rolling Stone Brasil*. Por colocarem o Cavalera Conspiracy na capa. Do caralho!

Iggor, Laima (Mixhell), Antonio Tubarão, Joanna, Icarus, Pedro, Raissa e explosões no inferno!

Tia Vilma, tio Toninho, Fausto, Samira e toda família Salomão.

Jairo Guedes. A nossa amizade é pra sempre, valeu pelo modelo.

Rob “Gato”. É sempre bom te ver em Vancouver.

Fatty, Leo, Eddie, Ryan, Danny Marianino, Joey and Ray Niugent, Brandon Combs e família, José Mangin (o nosso filho de uma outra mãe), Chris (da Peavey), Scott e Rock It Cargo, Jeff Allen, Chino Moreno, Matt Masciandaro e todos na ESP Guitars, Tim e SIT Strings.

Todos que dedicaram o seu tempo e as suas lembranças a este livro, incluindo Mike Patton, Corey Taylor, Dino Cazares, David Ellefson, Michael Whelan, Rex Brown, Mille Petrozza, David Vincent e Terry Date.

Dave Grohl. Obrigado pelo prefácio!

Joel McIver. Obrigado por escrever este livro comigo. Me diverti lembrando todas aquelas histórias loucas. Foi demais!

Prólogo

No dia 16 de dezembro de 1996, a minha banda, o Sepultura, estava a mil. Éramos um dos maiores grupos de heavy metal do planeta e certamente o único do nosso país, o Brasil, a atingir sucesso numa escala global.

Naquela noite, fizemos um show na Brixton Academy, em Londres. O público era fantástico. Estávamos em ótima forma. Com a banda inacreditavelmente entrosada, detonamos o lugar. Depois de mais de dez anos de trabalho duro, tínhamos nos tornado uma das maiores bandas de heavy metal do planeta e estávamos no auge. Eu pensava que qualquer coisa que fizéssemos em seguida nos levaria um passo adiante e nos tornaríamos cada vez mais bem-sucedidos.

Mal sabia que Deus tinha outros planos para mim. A minha vida estava para virar de cabeça para baixo.

1
1969-1981: My Bloody Roots

Nasci com o nome de Massimiliano Cavalera em Belo Horizonte, Brasil, no dia 4 de agosto de 1969. Na verdade, a minha família não morava em Belo Horizonte: vivíamos em São Paulo, a 586 quilômetros de distância. Nasci em Belô porque a minha mãe quis assim. A família dela era de lá, então ela pegou um ônibus em São Paulo rumo à capital mineira — uma viagem de oito horas! — e foi até o hospital. Exatamente um ano e um mês depois, em 4 de setembro de 1970, nasceu o meu irmão Iggor, também lá. Ela fez a mesma coisa: se meteu num ônibus e foi para Belô.

Belô é legal. É a sexta maior cidade do Brasil, mas ainda mantém um ar antigo e conservador. É cheia de igrejas e as pessoas são muito católicas. Apesar de ser grande, a mentalidade ainda é de cidade pequena. As pessoas ali gostam de pensar que estão numa cidadezinha do interior: esta é a mentalidade delas. Fica num vale, cercada de montanhas por todos os lados, e é muito bonita. Ali perto fica Ouro Preto, outro lugar adorável, com as suas ruas de pedra, colinas e igrejas encantadoras. É o destino de muitos turistas.

O meu pai, Graziano Cavalera, trabalhava na embaixada italiana em São Paulo. A minha mãe, Vânia, era modelo — apareceu em algumas revistas quando era jovem. Os dois se conheceram depois que o meu pai se mudou para

São Paulo, vindo da Itália com toda a sua família — mãe, pai, irmã e irmão.

> **Mãe de Max:** Conheci o pai de Max, Graziano, em 27 de novembro de 1965, num clube de São Paulo. Ele trabalhava no consulado da Itália, e eu era modelo. Eu não tinha muito tempo para uma relação amorosa porque trabalhava bastante fazendo comerciais de TV e desfiles de moda. Depois de nos conhecermos no clube, passeamos pela praia, e ele tocou violão para mim. Era um homem inteligente e com bastante senso de humor. Era lindo e era meu.

Crescemos próximo ao centro da cidade, na avenida Angélica. O meu pai era fã de futebol: adorávamos o Palmeiras, o nosso time de coração. O clube foi fundado por italianos e chamava-se Palestra Italia no início do século XX, e foi por causa dessa conexão italiana que o meu pai o escolheu ao chegar ao Brasil. Costumava levar os filhos ao estádio religiosamente — às quartas, quintas e sábados ou domingos.

Iggor, na verdade, começou a tocar percussão no estádio, junto à torcida do Palmeiras. Durante uma partida, havia um grupo de batuqueiros tocando samba e um deles deu ao meu irmão um tambor, dizendo: “Ei, moleque, toca essa porra aqui!” Então ele começou a tocar e se saiu muito bem. Aquilo me deixou de boca aberta.

Tínhamos uma família italiana enorme. Todos os domingos nos reuníamos para comer: éramos vinte ou trinta em torno de uma mesa imensa. Dedicávamos o dia inteiro àquela refeição. Era uma barulheira só: os italianos são assim. Não era incomum surgirem brigas entre primos. Certa vez, o meu tio arremessou um prato e acabou acertando a testa de um primo meu. Ele caiu no chão, nocauteado, com o rosto todo ensanguentado. Teve que levar pontos. Havia macarrão, vinho e sangue por toda a mesa e todos gritavam enlouquecidos. Aquele era um jantar típico de domingo para a gente.

O meu avô era uma figura. Foi marujo da Marinha Italiana e era coberto de tatuagens de navios e outras paradas maneiras. Uma vez me contou a história de quando tinha viajado à China e, embora fosse casado com a minha avó, que se chamava Maria, voltou com um nome diferente tatuado no braço — e teve que se virar para explicar aquilo. Acho que tomou um porre na China e tatuou o nome de outra mulher por engano. Ele costumava dar a mim e ao Iggor um copo de vinho misturado com água e açúcar. Tínhamos oito anos, e ele já começava a nos embebedar. Era uma viagem.

Obviamente, tínhamos muitos parentes fora do círculo familiar imediato. Os meus avós — os pais do meu pai, que vieram ao Brasil com ele — estavam

ambos vivos na época. Ele também tinha duas irmãs, e um irmão que morava no Canadá e vinha nos visitar de vez em quando. Todos eles tinham filhos, então tínhamos um monte de primos. Um deles se chamava Sandro e era bem próximo de mim e do Iggor quando éramos crianças. Passávamos um tempão juntos e nos metemos em muitas encrencas. Costumávamos pichar as paredes e fazer outras merdas desse tipo.

Eu era feliz. Tinha uma relação bem próxima com o meu pai. Também amava a minha mãe, mas tinha um laço especial com o meu pai por causa do futebol. Ele também era louco por música: todos os dias, vinha pra casa no intervalo do trabalho na embaixada, entre meio-dia e duas da tarde, para almoçar. Aproveitava para ouvir música clássica italiana e ópera. Tinha uma coleção enorme de discos de vinil — uns três mil álbuns — e um sistema de som estéreo excelente. Amava realmente a música e tanto eu quanto Iggor herdamos isso dele, sem dúvida. O meu pai também tocava violão: na maioria das vezes, canções de óperas italianas. Era obcecado por ópera, podia ouvir por horas e horas.

Tínhamos uma segunda casa em Praia Grande, a cerca de uma hora e meia de São Paulo. A irmã do meu pai era a dona da casa ao lado e todos nos encontrávamos ali nos fins de semana. Eu amava aquele lugar, cara: era fantástico estar próximo ao oceano. O meu pai também adorava, pois crescera próximo ao mar, na Itália. Ele curtia nos levar para nadar e jogar futebol na praia. Aguardávamos ansiosos para voltar ali durante toda a semana enquanto íamos à escola.

Iggor e eu frequentamos um colégio católico em São Paulo, um lugar bastante conservador, com freiras que pareciam pinguins. Fazíamos todo o procedimento católico, rezando antes das aulas e coisas do gênero, mas nos saímos muito bem. Eu e meu irmão éramos bons alunos — para dizer a verdade, alunos nota dez. Não ficávamos de sacanagem: estudávamos mesmo. Eu adorava história e sempre tive curiosidade em relação a fatos históricos. Não era tão bom em matemática, mas o bastante para passar de ano. Jogávamos futebol o tempo todo com os outros garotos do bairro: tinha um campinho onde dava para jogar cinco de cada lado. Crescemos praticando esse esporte.

> **Iggor Cavalera:** Um dos motivos pelos quais eu e Max nos damos tão bem é porque somos diferentes em muitos aspectos. Completamos um ao outro. Se fôssemos iguais, seria difícil trabalhar juntos, pois brigaríamos muito mais.

Em 1975, a minha mãe deu à luz uma menina. Chamava-se Carissa e nasceu

com uma doença grave: era bem pequenina e frágil. Logo depois do nascimento, foi colocada numa incubadora com uma máscara respiratória, e aquele foi um período bastante difícil. Morreu depois de apenas um mês.

Um ano depois, outra irmã, Kira, se juntou a nós: saudável, tudo correu bem. Nasceu em São Paulo: a minha mãe não foi a Belo Horizonte daquela vez. Acho que tinha se cansado da rotina de pegar o ônibus e encarar a viagem, então deve ter decidido: "Esta vai nascer aqui." Era maneiro ter uma irmãzinha.

> **Mãe de Max:** Os nossos filhos eram lindos. Éramos uma família feliz. Massi, como chamávamos Max, era o nosso principezinho, Iggor, o nosso pequeno bambino, e Kira, a nossa princesinha.

Exceto pela morte de Carissa, o único grande problema que enfrentei durante a infância foi quando tive meningite, aos oito anos. Um dia tive uma febre bastante alta e alucinações. Aquilo continuou por horas, até que o meu pai decidiu: "Já chega. Vamos para o hospital agora mesmo." Me colocou no carro e fomos para o hospital, onde recordo de terem me aplicado uma injeção gigante no pescoço. A agulha parecia do tamanho de um braço e me fez ver estrelas.

Descobri mais tarde que a única razão pela qual sobrevivi foi porque o meu pai me levou ao hospital. Se tivesse esperado até a manhã seguinte, eu teria morrido. Fiquei no hospital durante uma semana e, quando voltei para casa, ganhei um monte de presentes.

Depois daquilo, tudo ficou bem por um tempo. É claro que aconteceram acidentes ao longo do percurso: bati com a cabeça num extintor de incêndio no prédio onde morávamos e levei vinte pontos. Eu tinha uma tendência maior que a do Iggor a sofrer acidentes e também estava sempre doente. O meu irmão era bastante saudável; já eu tive todas as doenças. Éramos como dia e noite, algo completamente estranho.

Sarampo, gripe, meningite, pontos na cabeça... Aquilo nunca terminava e estressava a minha mãe e o meu pai. Iggor e eu também éramos diferentes sob outros aspectos: eu era mais extrovertido, já ele era um tanto tímido, especialmente com as garotas. Eu saía e puxava papo com pessoas que nunca tinha visto antes, algo que ele nunca faria.

No entanto, o meu irmão e eu éramos muito próximos. Passávamos bastante tempo juntos e íamos aos mesmos lugares. Assistíamos aos mesmos desenhos animados na televisão — gostávamos de *Ultraman*, aquela série japonesa com o super-herói vestido de vermelho que podia voar e fazer uma caralhada de coisas. Gostávamos daquilo. Talvez não fôssemos tão diferentes assim.

O meu pai estava ganhando bem. Ofereceram-lhe a possibilidade de viajar

pelo mundo ou permanecer em São Paulo, mas ele decidiu ficar e cuidar das questões diplomáticas da cidade. Me lembro de frequentar jantares suntuosos na embaixada, que eram fantásticos. Entre os convidados estavam políticos e outras grandes personalidades, então nos vestíamos de maneira bem elegante, com smokings e outras merdas do gênero.

> **Mãe de Max:** Graziano gostava de defender as pessoas. Uma vez fui buscá-lo na delegacia, onde estava sendo entrevistado por causa de um amigo que tinha sido baleado. Havia dois cabeludos ali sendo interrogados pelo delegado, e Graziano os defendeu, dizendo que o comprimento dos cabelos dos rapazes nada tinha a ver com a inteligência deles.

Era uma vida realmente incrível. A ditadura sob a qual o Brasil vivia na época não nos afetou: na verdade, nunca tomamos conhecimento dela. Nos anos 1970, muitos músicos partiram em exílio por causa da repressão: o governo estava sempre os vigiando, e eles acabaram ficando paranoicos, mas aquilo não chegou a nos afetar. Éramos crianças, tínhamos um carro novinho em folha, um lindo apartamento e uma casa na praia. A nossa vida era perfeita.

Foi uma infância de sonhos. O meu pai jamais brigou com a minha mãe, nem mesmo uma só vez. Quase não discutiam: talvez um pouquinho, de tanto em tanto. Ele não bebia, então não havia qualquer tipo de abuso na nossa família. Comparado ao que vi depois nas minhas andanças pelo mundo, posso dizer que tive uma infância diferente daquela da maioria das pessoas.

A minha mãe era quem mais cuidava da nossa disciplina, verificando se tínhamos arrumado o quarto e feito a lição de casa. O meu pai era mais como um terceiro filho: era como um amigo nosso. E eu gostava daquilo. Ele tomava a iniciativa: “Vamos jogar futebol!” Mesmo quando se zangava com a gente, nunca ficava nervoso pra valer, pois começava a rir um minuto depois. Tentava nos dar lições sobre algo que tínhamos feito de errado, mas logo caía no riso e tudo acabava por ali.

Havia um elemento estranho nas nossas vidas, porém: a religião. Os meus pais eram católicos, mas a minha mãe também participava do candomblé. Embora tenha os mesmos santos da Igreja Católica e os seus seguidores acreditem em Jesus e Maria, existe também uma conexão com os santos africanos. Os crentes nessa religião são pessoas muito espirituais: podem falar com os mortos.

Quando éramos crianças, a minha mãe estava bastante envolvida com o candomblé e várias vezes nos levava com ela, Iggor e eu, para realizar uma série de rituais. Via um monte de gente ser possuída e falar em línguas diferentes. As pessoas enlouqueciam diante de nós e conversavam com os seus antepassados

mortos: a minha mãe falava com a sua avó. Era tudo bastante esquisito, uma dimensão completamente nova. Por algum motivo, eu realmente gostava do candomblé e deixei que a minha mãe me guiasse espiritualmente: ainda hoje ela acende velas para me proteger. Ela dedicou a sua vida a essa religião e admiro isso.

O candomblé é bastante comum no Brasil. As pessoas o conhecem e não é o tipo de coisa para se brincar. É algo sério de verdade, pois, quando você vê pessoas sendo possuídas — como eu vi —, você sabe que é pra valer, não uma farsa. Participar dessas sessões é uma experiência e tanto. Dá pra saber quem faz parte do candomblé por causa dos cordões de contas coloridas no pescoço: às vezes são as pessoas de quem você menos suspeitaria.

Sempre encarei o candomblé como algo sério: muitos pensam que é como a *brujeria*, a bruxaria mexicana, mas não é assim. É usado para o bem, para guiar e dar uma direção à sua vida e ajudá-lo com os seus problemas. É isso que me agrada no candomblé. Fiquei mais próximo da minha mãe por causa dele.

Sempre que ela precisava de mim para as suas sessões espirituais eu estava presente. E duravam a noite toda, cara — algumas até as seis da manhã, com gente batucando e cantando. Muitas dessas sessões eram feitas na sala de estar da minha casa, com todos os participantes vestidos de branco: passavam a noite toda ali, batucando, cantando e sendo possuídos. Achava aquilo maneiro pra caralho.

O candomblé é uma crença gigantesca no Brasil. Há uma piada que diz que 90% das pessoas são católicas e 110% fazem parte do candomblé. Algumas pessoas o praticam de maneira secreta, pois não querem que os outros saibam. Tem também aqueles que são mais abertos, como a minha mãe, que contava para todo mundo. Certa vez, ela fez uma espécie de sacrifício, raspando a cabeça e passando um mês inteiro num quartinho; lembro que íamos visitá-la. Sempre vi a minha mãe como uma pessoa realmente poderosa e com uma conexão espiritual. Não conheço nenhuma pessoa que teria feito aquilo pela sua religião. Ela é muito forte.

Gostei das sessões de candomblé desde o princípio. Curtia a música e a cantoria — e, especialmente, as pessoas que eram possuídas. Para mim, era impressionante que algumas delas passassem a falar como bebês ou criancinhas: era possível ver uma mulher de cinquenta anos começar a falar como uma criança de três anos. Eu adorava: achava incrível por ser algo tão intenso. Ficava na sala a noite inteira só para ver quem seria possuído a seguir.

Havia sempre gente dançando e batucando, até que alguém saía do círculo e era possuído, começando a falar maluquices numa linguagem africana. Eu dizia “Caralho, é isso aí!” e deixava a minha mãe me envolver totalmente.

Eu disse a ela: “Estou sossegado, não tem problema. Pode me usar como parte das suas sessões, pois eu gosto de ficar ali e, se precisar de mim, estarei por perto. Sou o seu cara!” Já Iggor não gostava tanto do candomblé quanto eu. Era um tanto relutante, e aquilo o assustava um pouco.

> **Mike Patton (Faith No More):** Uma das histórias favoritas que me vem à cabeça quando penso em Max tem a ver com a sua religião, o candomblé. Era algo que vinha da sua mãe. Eu costumava fazer perguntas a eles nos velhos tempos e era engraçado, porque Max e Iggor morrem de medo. Eles diziam: “Vamos levá-lo a uma sessão, mas tome cuidado!” Na verdade, foi uma experiência bem legal. Estavam ali só porque me mostrei interessado, não queriam nem saber o que estava acontecendo.
>
> Max e Iggor traduziam o que era dito e, basicamente, fui purificado. Depois, perguntei a Max: “Foi uma experiência tão benevolente: era como se houvesse um espírito que tentava me ajudar. Qual o problema?” E ele me contou que, quando era muito jovem, teve um problema num dos olhos e a sua mãe fez algo, uma espécie de ritual para curar o seu olho. A partir daquele momento, passou a ficar com medo. Fui à casa dela e vi o altar enorme na sala de estar. Era bastante impressionante.

Em 1979, o meu pai organizou uma viagem para todos nós irmos à Europa e aos Estados Unidos. Na Itália, depois de visitarmos os parentes do meu pai e sermos hospedados por eles, ele me levou a um lugar chamado Montagna Spaccata, do qual ainda me lembro. Na lateral de uma montanha, há um buraco esculpido em formato de mão: parece que cinco dedos foram pressionados contra a rocha. A lenda conta que existia um homem que não acreditava em Deus e um dia disse: “Se Deus existe, que empurre os meus dedos nesta rocha!” E os dedos foram empurrados rocha adentro. Dá até para colocar os seus dedos nos buracos.

Uma coisa incrível aconteceu quando estivemos no Vaticano, em Roma. O meu pai disse: “Tenho uma surpresa para você”, e começou a falar em italiano com alguns mandachuvas do Vaticano. Eu sabia que algo grandioso estava para acontecer, já que se tratava de gente graúda. Descemos por uma espécie de catacumba, sob o Vaticano, e fui batizado ali. O meu pai tinha feito os arranjos para que eu fosse batizado no Vaticano pelo sumo sacerdote oficial. Tinha uns oito outros padres vestindo as suas túnicas. Foi uma experiência de arrepiar, principalmente por causa do lugar onde estávamos. Eu pensava: “Que loucura...”

Não entendi muita coisa, pois falavam em latim. Colocaram todo aquele óleo na minha testa e depois enfiaram a minha cabeça na água. Ficamos por umas

boas quatro horas na catacumba e então o meu pai olhou para mim e disse: “Agora você foi oficialmente batizado no Vaticano. Queria fazer isto por você, espero que esteja feliz.” A minha resposta foi: “Sim! Obrigado, foi maneiríssimo.” Quando conto essa história, a maioria das pessoas vai à loucura. “Você foi batizado no Vaticano? Só pode estar de sacanagem...”

Depois fomos aos Estados Unidos e visitamos Nova York. Um lance engraçado: o meu pai fez uma reserva no melhor restaurante italiano da cidade. Mas quando chegamos lá o cara que nos recepcionou não sabia quem era o meu pai e disse: “Sinto muito, mas não estão na lista.” O meu pai respondeu: “Impossível, reservei uma mesa.” E então o gerente apareceu. Ele enlouqueceu de imediato ao ver o meu pai ali à sua frente. Começou a falar em italiano, abraçando-o, e então nos colocou numa mesa no meio do restaurante. Eu pensava: “É isso aí! O meu pai é poderoso pra caralho…”

Mais tarde, um garçom veio até a mesa e o meu pai quis saber onde ficava o banheiro. Como não falava inglês, tentou perguntar em italiano e em português, mas o garçom não entendeu. Então o meu pai subiu na mesa, abriu a braguilha e colocou o dedo no lugar do pau. O restaurante inteiro ficou vendo a cena. Percebi ali que havia também algo de louco no meu pai, com aquele tipo de atitude. Pensei: “Caralho, que coisa de maluco!”

Num domingo, um mês depois de voltarmos da grande viagem, estávamos jantando com os meus avós e toda a família italiana. O meu pai tinha alugado um barquinho para nós numa área de São Paulo chamada Interlagos, onde fica um grande lago. Fomos até lá com um dos meus primos mais velhos e navegamos com o barco algumas vezes. Depois, sentamos à mesa e estava tudo bem. Foi então que o meu pai voltou do lago reclamando de dores no peito. Olhou para o meu primo e disse: “O meu peito está me matando. Estou com uma dor terrível no coração.”

A coisa piorou muito rápido. Ele dizia: “Estou ficando apavorado.” O meu primo tinha só 17 anos na época, mas o meu pai lhe deu a chave do carro e disse: “Você dirige. Me leve ao hospital nesse instante. Tem alguma coisa errada.”

O meu pai estava na frente, no banco do passageiro. Sentei atrás dele e coloquei os braços ao seu redor, abraçando-o durante todo o percurso até o hospital. Quando chegamos lá, eu sabia que ele estava morto. Podia sentir. Tinha partido. Quando o tiraram do carro, sabia que seria a última vez que o veria.

Pelo menos o acompanhei até o hospital. Ele passou a última parte da sua vida ao meu lado. Anos mais tarde, descobri que duas semanas antes de morrer o meu pai tinha decidido se mudar para Roma. Estava fazendo os preparativos para que fôssemos todos morar na Itália.

Chegamos em casa, e a minha tia veio falar comigo. Ela disse: “Tenho algo a

lhe dizer e não será fácil.” E eu respondi: “Já sei que o meu pai está morto.” Ela perguntou: “Como é que sabe?” Então contei que sentira assim que chegamos ao hospital. Ele não estava mais presente. Ela disse: “Sim, é verdade. O seu pai faleceu.”

> **Mãe de Max:** Quando o pai de Max morreu, em 22 de setembro de 1979, ouvi as palavras que mais doeram em toda a minha vida. Foram: “Mamãe, só queremos falar com ele mais uma vez.”

Foi um choque completo. A vida deu um giro total. Era tudo bastante confuso, e eu tinha apenas dez anos. Tive que lidar com o enterro. Fui beijá-lo e o seu rosto estava frio. Por um longo tempo, tive dificuldade em me aproximar de rosas, pois elas estavam por toda parte durante o funeral. Aquele perfume me marcou para sempre. Até hoje fico enlouquecido ao sentir aquele cheiro: não posso ficar perto de rosas, pois me transportam direto àquele momento.

As nossas vidas mudaram. Um ano antes, éramos ricos e tínhamos um pai que trabalhava na embaixada; um ano depois, morávamos com a nossa mãe e não tínhamos dinheiro algum. Fomos salvos pela nossa avó, que nos deu um pequeno lar nos fundos da sua casa.

Vocês podem entender o choque, o estranhamento que se seguiu. Eu e Iggor pensávamos: “Que caralho está acontecendo? Por que isso teve que acontecer?” Não compreendíamos, então nos rebelamos. Uma rebelião total. Deixamos de ser bons alunos. As nossas notas foram pelo ralo e fomos expulsos de duas escolas. A minha mãe tentou nos manter na linha, mas éramos rebeldes demais e estávamos putos demais com o que acontecera. As pessoas não conseguiam entender. Diziam: “O que passou, passou. Aceitem.”

A minha mãe dizia: “Vocês têm que achar um trabalho e ajudar, pois não podemos ficar aqui de graça. A sua avó quer dinheiro pelo lugar onde estamos.” Então ela fez os devidos arranjos para que eu e Iggor trabalhássemos depois da escola. Tínhamos apenas dez e 11 anos na época.

> **Iggor Cavalera:** Fiquei ainda mais fechado quando o meu pai morreu: tanto comigo mesmo quanto com as outras pessoas. Antes daquilo, eu era mais aberto e carismático. Depois, fui um cara bastante tímido por muitos anos: foi a banda que me ajudou a retomar uma vida normal.

O primeiro trabalho que tivemos foi na fábrica de chapéus do meu avô, depois do colégio. Era um grande negócio. Eu tinha que recortar a parada que fica na parte da frente do chapéu, um plástico bem rígido. Era preciso cortar umas mil

coisas daquelas por dia, usando a tesoura. Eu odiava. Às vezes, ficava tão puto que pegava toda uma encomenda e jogava tudo pro alto, dizendo ao meu avô que tinha terminado. Outras vezes ele nos fazia trabalhar até tarde. Dizia: “Continue o trabalho, cara!” Até as dez da noite. Detestávamos aquela porra.

Depois a minha mãe comprou uma sorveteria. Foi uma ideia terrível, já que ela não sabia nada sobre o negócio. Iggor e eu tínhamos que servir os sorvetes aos clientes, mas como não ligávamos pra porra nenhuma naquela época, colocávamos a música no talo e não os ouvíamos. Dávamos aos clientes sorvetes que tínhamos acabado de tocar com as nossas mãos e as pessoas diziam: “Você meteu o dedo no meu sorvete!” Ao que respondíamos: “E daí?” Aquilo durou um mês e então a minha mãe desistiu; teve que vender o estabelecimento.

Em seguida, fomos trabalhar com a minha tia, que tinha uma fábrica de sapatos. Trabalhávamos com galões de cola e muitos empregados eram viciados em cheirá-la. Cheiravam aquela porra e ficavam doidões por horas, então também fazíamos isso, e viajamos legal. Imaginem só eu, aos 12 anos, cheirando cola e fazendo sapatos, completamente fora de mim. Era uma viagem estranha, cara: nunca senti algo parecido desde então. É um pouco como o efeito do ácido: você tem alucinações e ouve vozes.

Num certo ponto, lembro de ter cheirado tanta cola que acabei vendo o meu pai. Ele estava parado na porta, diante de mim, e fui à loucura. Ele estava puto comigo; era coisa séria e vi aquilo como um sinal, que dizia: “Pare com esta porra ou você vai morrer.”

Deixamos aquele emprego. Depois daquilo, Iggor e eu trabalhamos numa loja de discos por alguns meses, como vendedores, e aquele foi o nosso último emprego. De certa forma, a vida estava nos dizendo: “Aceitem a perda.” Não havia escolha. Não poderíamos esperar mais para lidar com aquilo. A vida dizia: “Lidem com esta porra agora! Não importa a idade de vocês ou se estão preparados. Não dou a mínima. Não têm escolha e precisam seguir adiante. Ele está morto, foi embora e vocês estão quebrados. A vida está toda fodida. Bem-vindos ao mundo.” Aquele foi o nosso estalo.

Era quase como se aqueles anos que passamos com ele, quando tínhamos dinheiro, não fizessem parte do mundo real. Aquela parte do nosso mundo sofreu um colapso em 1979 e o mundo real bateu à nossa porta, perguntando: “Estão prontos para mim?”

2
1981-1983: Crânios, colégios e pirocas de ratos

Embora a morte do meu pai tenha sido algo terrível, trazendo uma mudança total no estilo de vida da nossa família, ela nos fez encontrar um propósito. Sempre digo a mim mesmo que, se ele não tivesse morrido, talvez nunca tivéssemos nos tornado músicos — hoje, provavelmente, estaríamos em casa, trabalhando com ele na embaixada, com o cabelo curto e vestindo paletó e gravata, e nada disso teria acontecido. A morte dele teve muito a ver com o que aconteceu na minha vida depois, até os dias de hoje. Tudo nasceu da morte dele.

É algo grande demais para ser colocado assim em palavras, numa página. Toda a minha rebeldia quando era jovem, a incapacidade de compreender por que Deus tinha tirado o meu pai de mim, naquela idade e naquela época, deu origem à anarquia e à antirreligião dos primórdios do Sepultura.

A banda era totalmente contra a Igreja e a religião. Eu tinha raiva de Deus, embora continuasse a seguir um caminho espiritual com a minha mãe. Eram tempos confusos: a música era a minha salvação e foi o que evitou que eu terminasse nas ruas, envolvido com crimes e drogas. Os dois estavam bem próximos de nós; vivíamos no limite. Tínhamos amigos em Belô que entraram para a vida da criminalidade e acabaram morrendo de overdose; sabíamos daquela porra. Mas a música era uma coisa fantástica e acabou nos salvando.

A minha mãe era muito dedicada ao meu pai e não se casou outra vez. Que eu saiba, saiu com apenas dois caras depois da morte dele, e ambos foram relacionamentos ligeiros, pois ela nunca achou uma pessoa como o meu pai. Ela foi bastante clara com a gente em relação àqueles caras: chegou até nós e perguntou se víamos algum problema caso ela saísse com alguém, uma vez que se sentia muito sozinha. Eu e o meu irmão falamos: “Claro que entendemos, mãe. Se quiser casar outra vez, pode ir em frente. Tem a nossa permissão, não queremos vê-la sozinha.” Mas ela nunca o fez. O meu pai era uma pessoa muito especial.

A minha irmã Kira passou algum tempo com ele, mas acho que não se lembra de muita coisa. Ele a adorava: ficou muito feliz em ter uma filha e poder levá-la à praia para brincar. Acho que Kira era pequena demais para se lembrar dele como eu e Iggor nos lembramos.

A minha atração inicial pelo heavy metal surgiu por causa da situação em que me encontrava. Estava puto da vida e então a música assumiu o controle, falando diretamente à minha alma. Estava furioso e, de início, ouvia música apenas como uma válvula de escape. Depois, quando descobri que poderia me expressar com guitarra, vocais e letras, tudo mudou, cara. Ganhei uma arma. Ganhei uma voz. Ganhei uma nova maneira de pensar.

Depois que o meu pai morreu, fui até a sua coleção de vinis para ver o que ele escutava e encontrei uma cópia de *Led Zeppelin IV* e do primeiro disco do Black Sabbath. Era incrível. Ele nunca tinha botado aquele disco para nós, mas fazia parte da sua discoteca: deve ter ganhado de presente de alguém ou talvez ouviu dizer que eram bons e comprou para conhecer melhor. Eu já curtia heavy metal quando os encontrei, então pensei: “Meu Deus... o meu pai tinha discos do Led e do Black Sabbath. Que maneiro.”

Foi assim que comecei a gostar de rock. Estávamos em São Paulo nas férias de 1981 e o meu primo tinha ingressos para o show do Queen no estádio do Morumbi no dia 20 de março. O grupo estava em turnê para promover o álbum *The Game* e o espetáculo era imenso: havia sessenta mil pessoas ali. Antes daquilo, pra falar a verdade, eu não tinha muito interesse por música. Gostava mais de futebol, queria ser jogador. Iggor também. Tínhamos visto o Palmeiras jogar naquele estádio um monte de vezes.

O meu primo disse: “Vamos lá, vou levá-los pra ver o Queen. Será algo novo nessas férias e vocês vão poder esquecer um pouco as coisas ruins que aconteceram.” E assim fomos. Eu não tinha ideia do que encontraria.

No momento em que as luzes se apagaram, fiquei arrepiado. A banda entrou no palco e tocou “We Will Rock You” e, cara, foi animal. Eu e Iggor pensamos: “Que parada maneira”, e disse a mim mesmo: “Estou gostando disso de verdade.

Acho que gosto mais disso que de futebol!” Era a mesma energia que sentia numa partida de futebol, só que melhor: era amplificada. As luzes e a música me arrebataram.

Na manhã seguinte, fomos a uma loja de discos, e o meu primo nos disse para escolher uma fita cassete cada. Escolhi *Live Killers*, do Queen, pois ainda estava sob o efeito do show, e Iggor preferiu *Alive II*, do Kiss. Ouvimos aquelas fitas sem parar. Eram os nossos brinquedos favoritos e as levávamos pra cima e pra baixo. Eu conhecia aqueles dois álbuns de cor. Não ouvia música alguma antes daquilo; apenas algumas canções brasileiras que tocavam no rádio. O Queen mudou tudo. Aquele show representou uma virada nas nossas vidas.

De volta a Belô, começamos a procurar outras pessoas que curtissem aquele tipo de música. Tinha um cara no nosso bairro chamado Sílvio. Ele passou um dia com uma série de discos do Ozzy Osbourne debaixo do braço, entre eles *Speak of the Devil* e *Diary of a Madman*. Esbarramos com ele e perguntamos: “Você gosta de metal? Nós curtimos Queen e Kiss.” Ficamos amigos do cara e ouvimos aqueles álbuns. Depois conhecemos outro cara, chamado Wagner Lamounier, que acabou se tornando o primeiro vocalista do Sepultura. Virou um grande amigo meu e do Iggor: passávamos fins de semana na casa dele e dormíamos no sofá da sala.

Uma das coisas mais divertidas que fizemos foi quando nós três — eu, Iggor e Wagner — invadimos um cemitério porque sabíamos de um lugar lá que era cheio de crânios. Wagner me contou aquilo e sugeriu que fôssemos dar uma olhada. Pensei: “Que maneiro!” Assim, num sábado, fomos até aquele cemitério deserto e abrimos uma porta de metal no chão, encontrando uma câmara ali embaixo cheia de crânios, exatamente como ele tinha dito. Aparentemente, pertenciam a pessoas que não tinham dinheiro para o enterro. Daí, jogavam os crânios de qualquer jeito. Alguns eram bastante recentes e ainda tinham cabelo.

Pensamos: “Caralho! Vamos roubar alguns!”, e pegamos três deles. Colocamos nas nossas mochilas, mas no caminho de volta falei pro Wagner: “Não posso levar três crânios pra casa. A minha mãe vai me matar.” Wagner respondeu: “Também não posso aparecer com isso. A minha mãe também vai me matar!” Então eu disse: “Tudo bem, o que vamos fazer com essas porras?” Então decidimos jogá-los do alto de um viaduto na estrada lá embaixo, vendo-os explodirem no asfalto e os carros passarem por cima deles. Era apenas uma brincadeira de adolescente.

Naquela época, Iggor estava se tornando um ótimo grafiteiro. Uma vez o pegaram no flagra, quando desenhou um rato imenso com um pirocão na frente da casa de alguém. Um cara saiu da casa, o agarrou e chamou a polícia. Quando chegaram, eu disse: “Ele é o meu irmão menor, por favor, não o levem. Ele está

arrependido, nunca mais fará isso.” Iggor não foi preso: um dos policiais apenas lhe disse para não fazer mais aquela porra. Era um desenho grande pra caralho; bonito também, muito bem-feito. Para falar a verdade, ficou maneiro. Aquele era o tipo de encrenca em que nos metíamos antes de formarmos uma banda.

A minha mãe tentou nos colocar em três colégios diferentes. Primeiro, numa escola militar. Odiamos aquela porra. Só tinha regras: todo dia tínhamos que vestir um uniforme marrom como o de um policial, com cinto e tudo, e os sapatos deveriam estar engraxados. Toda manhã tínhamos que cantar o hino nacional, uma coisa muito política. Não havia garotas, é claro, o que era uma merda.

Ficamos lá por três anos. Era brutal. Tive uma professora que todo dia, quando chegava à sala de aula, a primeira coisa que fazia era sacar a porra de um revólver calibre 38 da bolsa e colocá-lo sobre a mesa. Aquele era o seu modo de dizer “Não mexam comigo”. Era uma arma enorme, e ela a usava para gesticular enquanto ensinava. Explicava matemática e apontava para os números com a arma! Pensávamos: “Que porra é essa, cara? Melhor não provocar essa mulher.” Ela sempre me causava problemas, também, já que eu sentava nas cadeiras do fundo.

Deixei de me importar com as notas, pois estava puto com a morte do meu pai. Pensei “Foda-se a escola! Não dou mais a mínima para esta porra.” A professora implicava sempre comigo e eu pensava: “Um dia desses vou tomar um tiro.” Ela apontava sempre a arma para mim, mas graças a Deus nunca aconteceu nada. Ela não chegou a atirar em nenhum de nós.

Tudo o que aprendi naquela escola foi a odiar. Passei a detestar policiais ainda mais depois dali. Odiava o abuso de poder e a brutalidade da polícia. Seria fácil virar policial depois de frequentar aquele lugar: na verdade, era o que tentavam fazer; queriam que os alunos seguissem carreira na polícia.

Havia bons alunos ali, mas também uma série de maus elementos, com quem costumávamos andar, então depois de três anos a escola se cansou de mim e de Iggor e fomos expulsos. A minha mãe recebeu uma carta relatando que estávamos convidados a deixar o colégio e disse: “Meu Deus, o que vou fazer com vocês agora?”

Então ela nos colocou num colégio religioso, cujo nome não lembro agora, mas foi outra perda de tempo. Era exatamente como aquele de São Paulo, nos ensinando um monte de merda sobre a Bíblia. Não tínhamos qualquer interesse. Ficamos um ano ali até sermos expulsos, e a última tentativa da minha mãe foi nos matricular numa escola pública no centro de Belô.

Fui expulso de lá porque certa tarde destruímos todos os bebedouros. Pegamos um monte de pedras e enfiamos neles. Tinha água por todos os lados, gente

gritando e fazendo confusão. Todos se molharam, inclusive a gente. O diretor apareceu e, ao nos ver rindo, disse: “Vocês estão fora daqui.”

Este foi o último colégio, pois a partir de então a minha mãe desistiu. Ela disse: “Tudo bem, se não querem ir à escola, não vão. Não me façam perder tempo.” Eu tinha apenas 11 ou 12 anos na época. Ela me aconselhou: “Encontre algo de que goste e lhe darei apoio, mas não fique sem fazer nada: você tem que ter um propósito na vida.”

Enquanto isso, o primo que tinha nos levado para assistir ao show do Queen tentava nos colocar no caminho certo. Tínhamos cabelo comprido, e ele me disse que, se o cortasse, compraria qualquer disco que eu quisesse. Concordei e fui ao barbeiro, sabendo que logo cresceria de volta. Pedi ao meu primo que comprasse *Ride the Lightning*, do Metallica, que ficava na seção de importados da loja e custava bem caro.

Pouco tempo depois, fomos a um show numa cidade chamada Lambari, a oito horas de Belô. Tratava-se de um festival com um monte de atrações pop, mas o último grupo a se apresentar seria o Dorsal Atlântica, uma banda de metal do Rio. Eram brutais, um trio como o Venom. Pareciam-se com o Venom também, usando maquiagem preta nos olhos, cintos de balas e roupas com spikes.

A primeira coisa que o vocalista disse quando pegou o microfone foi: “Somos o Dorsal, do Rio. Se não gostarem de nós, vão tomar no cu! E foda-se Deus!” Pensamos: “Uau! Que porra é essa? Que loucura!” O show começou e uns caras na frente do palco ficaram mostrando o dedo do meio para a banda. O vocalista gritou: “Quero ver você, você e você no estacionamento. Vou ficar esperando. Vamos cair na porrada!” Pensei: “Esse cara é foda!” A música era um metal superacelerado como o do Venom. Mal podia acreditar no que tinha visto.

Conversei com Iggor durante todo o caminho de volta. Eu dizia: “Temos que formar uma banda. Viu só aqueles caras? Eles são daqui e tocam aquela porra, então nós também podemos. Temos que fazer isso!” Iggor já era baterista, tocava na colônia de férias e também na época em que íamos aos estádios de futebol. Na verdade, era um grande baterista — só não tinha uma bateria ainda.

> **Iggor Cavalera:** Para mim, a percussão veio antes mesmo da música: ia ao estádio e tocava, sem nunca pensar em fazer parte de uma banda de rock. Quando decidimos formar o Sepultura, a bateria já era uma parte de mim, então foi natural que Max escolhesse um instrumento diferente.

Encontrei um violão antigo do meu pai, quebrei um espelho e colei os cacos nele para ficar mais maneiro. Praticamente arruinei o violão do meu pai colocando aqueles pedaços idiotas de espelho nele, mas naquele momento

achava legal.

Na época, estava aprendendo um pouco de inglês traduzindo as letras dos álbuns. Me ensinaram alguma coisa na escola, mas, para dizer a verdade, quase tudo veio dos LPs. Passava noites inteiras traduzindo as letras de bandas como Iron Maiden, Black Sabbath e Motörhead. No disco *Another Perfect Day*, do Motörhead, havia uma canção chamada "Dancing On Your Grave". A tradução de "grave" para português é "sepultura". Pensei: "Taí um nome maneiro", então desenhei o logo num caderno, que hoje está no Rock and Roll Hall of Fame.

Agora tínhamos uma banda: eu na guitarra, Iggor na bateria, Wagner nos vocais e um cara chamado Rob no baixo. Rob era um amigo nosso, filho de um pastor canadense da Igreja Batista ou de uma daquelas religiões. Ele tinha um amplificador onde podíamos plugar os nossos instrumentos. Aquele foi o início do Sepultura, em 1983.

Isso foi bem no início do black metal e do thrash metal. Logo passamos a ouvir música cada vez mais pesada: depois do Queen, nos perguntamos o que mais poderia haver. Foi então que conhecemos o AC/DC. Era uma banda de rebeldes e grande parte dos seus fãs tinha cabelo comprido. Assisti ao filme *Let There Be Rock* no cinema e achei do caralho.

Depois conheci o Black Sabbath. A primeira vez que ouvi foi bem estranha, pois sabia que tinha visto aquele nome antes. Foi quando me dei conta de que um dos seus álbuns estava na coleção do meu pai. Voltei à discoteca e encontrei o disco de estreia da banda. Era foda, cara; os riffs de Tony Iommi eram pesadíssimos. Depois do Sabbath, começamos a procurar por bandas ainda mais pesadas e descobrimos Venom e Slayer. Quando ouvimos o Dorsal Atlântica, um grupo brasileiro que soava como aquelas bandas, passei a pensar que poderíamos fazer o mesmo. Eles nos encorajaram.

O meu segundo instrumento depois do violão foi uma merda que todo mundo chamava de "Podrera", já que toda vez que tocava nela uma lasca de madeira entrava no meu dedo, me fazendo sangrar. Era completamente desafinada. Estava caindo aos pedaços, pra dizer a verdade, mas foi o que deu para comprar. Encontrei-a numa loja de penhores, a um preço muito barato. No caminho para casa, pensava: "Não vejo a hora de ouvir essa guitarra!" Quando cheguei e comecei a tocá-la, não entendi por que não fazia aquele sonzão de distorção.

Levei-a de volta à loja e disse para o vendedor: "Acho que tem algo de errado com esta guitarra. Não faz som algum." Ele respondeu: "Precisa de um cabo, um amplificador e um pedal de distorção." E eu disse: "Você tá de sacanagem comigo, cara? Tenho que comprar essa porra toda?" Então economizei um pouco de grana aqui e ali e comprei um amplificador e um pedal. Finalmente a pluguei, e o som era muito melhor...

Nunca fiz aulas. A primeira música que toquei aprendi com um amigo, que também tinha uma guitarra e me mostrou algumas coisas. Era “Heaven and Hell”, do Black Sabbath. Aprendi também “Whole Lotta Rosie”, do AC/DC, e “Smoke On The Water”, do Deep Purple. Todos conheciam aquele riff. Esse cara foi me mostrando mais coisas, e fui aprendendo pouco a pouco.

Mas eu não sabia como afinar a guitarra. Me lembro do primeiro show do Sepultura, num lugar chamado Barroliche, em 1984. Tinha umas cem pessoas lá dentro e um monte de gente com camisas do Motörhead, Iron Maiden, Deep Purple e Jimi Hendrix. Pensei: “Tudo bem, esses caras provavelmente vão gostar do nosso som. Estamos seguros aqui.”

O cara que tomava conta do lugar veio até mim antes do show e perguntou: “Estão prontos para tocar?” Respondi: “Sim!” Ele continuou: “Já afinaram tudo?” Olhei para ele e disse: “Er... Como assim?” E ele: “A guitarra. Afinou a sua guitarra?” E respondi: “Uh… Sei lá!” Não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Ele disse: “Posso dar uma olhada na guitarra?” E todas as cordas estavam completamente desafinadas.

Rob não apareceu naquele show, porque estava marcado para as dez da noite e o seu pai não o deixou sair. Tinha que estar em casa às oito, então ele não foi e tocamos como um trio: eu na guitarra, Iggor na bateria e Wagner nos vocais. Os únicos que gostaram foram os caras com camisa do Motörhead, é claro. Diziam: “Vocês botaram pra foder, cara. Não ouvi a sua guitarra, mas a banda arrebentou.” O resto do público vaiava e gritava: “Vocês são uns bostas! Que som de merda!”

Tocávamos as nossas próprias canções, com Wagner cantando em português. Era um som bem cru e tosco. Éramos como uma versão mais barata do Venom: não tocávamos lá muito bem, e os meus riffs não eram muito bons. Era um heavy metal de principiantes, mas, para mim, a sensação de estar tocando num palco era algo insano: sentia-me possuído. Logo que pluguei a minha guitarra e as luzes se acenderam, senti: “Algo está acontecendo aqui!” Virei outra pessoa, pulando e gritando sem parar. Foi sensacional, embora a maioria do público não tenha gostado, e aquilo nos deu a empolgação de que precisávamos para continuar. Pensamos que provavelmente poderíamos repetir a dose. Adorei a energia de estar num palco, e Iggor também: ele já era um baterista fenomenal. Aquela onda de adrenalina me deixou. Sinto-a ainda hoje, toda vez que subo ao palco.

Ensaiávamos no porão da casa de Rob. De vez em quando, o seu pai aparecia e começava a falar sobre religião para nós. Ele chamava a mim e a Iggor de “loirões”, por causa da cor do nosso cabelo. Me lembro de chegar à porta da casa dele uma vez e o seu pai gritar: “Rob, os loirões imundos estão aqui esperando

por você.” Era verdade, vivíamos sujos, com as calças todas rasgadas.

A música assumiu o controle das nossas vidas. Paramos de ir à escola, e lembrei do que a minha mãe tinha dito. Então, depois do primeiro show, fui até ela e falei: “Mãe, é isso que vou fazer da vida. Vou me tornar músico e levar a coisa a sério. Não vou desistir. Não vou mudar de ideia depois de um mês.” Ela demonstrou bastante tranquilidade, dizendo: “Se é isso o que quer, dou a você o meu total apoio. Vou ajudá-lo da maneira que precisar.” Para mim, foi fantástico.

Sabia que poderíamos chegar lá, mesmo que ainda não soubéssemos tocar bem. Havia uma energia entre mim e Iggor quando subíamos no palco. Foi algo que nasceu naquele primeiro show e permaneceu para sempre: a convicção de que faríamos aquela porra e que faríamos direito. Sempre tivemos aquela confiança, ainda que não soubéssemos o que significava fazer parte de uma banda.

A música parecia a única coisa que eu tinha. Quando passei a curtir um som pesado, como Venom, senti que era uma forma pela qual poderia me expressar, já que estava puto com todas as merdas pelas quais passamos. Aquele tipo de som era perfeito para um moleque enfurecido, então, quando decidi fazer a nossa própria música, empreguei a mesma raiva, a mesma energia e a mesma violência. Era dali que vinha a brutalidade do Sepultura: da morte do meu pai.

Tudo aquilo me afetou na época. Quando a poeira assentou, me dei conta do quanto a minha vida tinha mudado e de que teria de lidar com as coisas naquele instante. Tínhamos que nos tornar homens. Não havia mais tempo para ser garotos. A minha infância e toda aquela merda estavam acabadas. Os tempos felizes tinham ficado para trás. Tive que encarar a vida aos 13 anos. Se quisesse fazer algo do meu futuro, teria de começar ali mesmo. Precisava me erguer e fazer eu mesmo o que devia ser feito. Naquele instante, nem um minuto mais tarde. Tinha que encontrar uma saída, e ela apareceu na forma da música, me dando confiança para seguir em frente.

Lembrando do que passou, percebo que, caso o meu pai não tivesse morrido, a minha transição para a adolescência teria sido mais tranquila, eu ainda poderia ser garoto. Poderia ter feito coisas de adolescente. Mas não tinha mais aquela escolha, especialmente porque me tornei o chefe da família. Era o filho mais velho, e todo o peso estava sobre os meus ombros. Tinha que tomar conta do Iggor, embora os papéis tenham se invertido quando a banda começou, e passei a sair muito mais para curtir. Iggor sempre dizia: “Temos que ficar de olho na bebedeira do Max.” Ele sempre se preocupou comigo.

> **Iggor Cavalera:** Eu era quase careta durante os tempos do Sepultura e uma das razões para isso é que assim eu podia tomar conta do meu irmão. Se

tivéssemos entrado com tudo no estilo de vida do rock ’n’ roll, estaríamos ambos mortos.

Quando Iggor conheceu Gloria, ele disse a ela: “Fico feliz por ter você aqui, agora tenho alguém para me ajudar com Max! Ele é capaz de andar por 15 quilômetros para achar um bar, e depois mais 15 pra encontrar outro... E não pra nunca.”

É verdade. Eu era completamente maluco.

3
1984-1985: “Somos o Sepultura! Vai se foder todo mundo!”

O meu tio não nos deixou ir ao primeiro Rock in Rio, em janeiro de 1985, porque éramos muito novos. Ozzy tocou no dia 19 de janeiro e tinha cem mil pessoas lá. O meu tio era o chefe da família na época e estávamos na casa de campo dele. O show passou na televisão e queríamos muito assistir, mas ele ficava nos provocando — colocava no canal por cinco segundos e então mudava, só pra nos sacanear. Dizíamos: “Pelo amor de Deus, deixa lá! É o Ozzy!” E ele respondia: “Ozzy é o capeta. Não vou deixar que assistam ao capeta na minha casa.” Então perguntávamos: “Tá falando sério? Por quanto tempo vai ficar nos provocando?” Pensei: “Um dia ainda vou me vingar disso... Algo vai acontecer.”

A segunda vez que o Sepultura tocou foi quando as pessoas começaram a prestar atenção em nós. Era um programa de rádio, patrocinado por uma estação FM. Era uma batalha de bandas, com os juízes sentados à frente do palco, um bando de gente velha de óculos. Não tinha como gostarem do nosso som. Quando os vi, pensei: “Que porra de gente é essa diante de nós? É o lugar onde deveriam estar os nossos fãs!” Mas decidimos: “O jogo é esse, temos que seguir as regras. Essas pessoas estão aqui para julgar a nossa música, então é assim que vai ser.”

Quando chegou a hora do Sepultura tocar, fiz exatamente o que tinha visto o

Dorsal Atlântica fazer e disse: “Somos o Sepultura. Vai se foder todo mundo! Se não gostarem, vão tomar no cu!” e coisas do tipo. Tocamos uma música e comecei a falar mais merda no microfone, então percebi que não estava mais funcionando. Os juízes cortaram o som do meu microfone para que eu não pudesse mais falar!

Tocamos então mais uma música e durante todo o tempo acumulei o máximo de cuspe que podia na garganta. Estava guardando tudo especialmente para uma juíza. Sabia que tinha sido ela que pediu para cortarem o microfone, era a que parecia mais enojada com a nossa banda. Ela detestou a porra toda e obviamente nos daria nota zero, então fui até perto dela e dei-lhe um banho de cuspe.

A coisa virou um tumulto! Os seguranças vieram e me agarraram. Um deles me deu um soco. O show acabou ali mesmo. Caos total. A juíza ficou indignada, com o meu cuspe escorrendo na cara, e gritava: “Vou te matar, seu filho da puta!” E nós respondemos: “Vai se foder, piranha!”

Fomos para o camarim e lá conhecemos um cara chamado João Eduardo, proprietário de um selo discográfico chamado Cogumelo, que tinha visto o show. Ele disse: “Não conheço o som de vocês, mas são polêmicos pra caralho e isso me agrada. Vocês têm o espírito do rock ’n’ roll, moçada.” Ele então veio com um papo sobre como aquele tinha sido o momento mais rock de todos os tempos e sobre como nada assim tinha acontecido nos vinte anos em que ele estava na cidade, pois todos os outros grupos eram chatos. Chegamos ali cuspindo e promovendo o caos, e ele tinha adorado.

Ele disse: “Se vocês melhorarem na parte musical, podemos fazer um acordo e lançarei um EP com vocês e mais uma banda.” Ele nos perguntou se já tínhamos ouvido falar do Overdose e respondemos que sim: era o grupo de metal mais popular de Belô naquela época. Eram como o Iron Maiden de Belô: tocavam muito bem, ganhavam uma grana e saíam com todas as gatas. Éramos o oposto deles: sujos, tocando mal e sem garotas. O Sepultura e o Overdose eram como a noite e o dia.

> **João Eduardo (Cogumelo Records):** Na primeira vez que vi um show do Sepultura, estava acompanhando a minha mulher, Pat, que tirava fotos do Overdose. Ainda eram muito jovens, mas o som deles era bastante agressivo e completamente diferente das outras bandas. No ano seguinte, tivemos contato novamente em outro evento e também na nossa loja. Tinham melhorado bastante. Quando planejamos o primeiro lançamento do nosso selo, convidamos o Sepultura, pois tínhamos visto o desenvolvimento da banda desde o underground aqui em Belo Horizonte. Nos orgulhamos de ter lançado o Sepultura e ajudado a banda a dar o passo inicial na sua

carreira.

Voltamos ao estúdio para ensaiar, pensando que tínhamos uma oportunidade. Logo descobrimos que o nosso vocalista, Wagner, estava roubando as paradas da banda bem debaixo dos nossos narizes. Estava vendendo os nossos cabos de guitarra. Íamos ensaiar e não conseguíamos encontrar nada. Pensávamos: “Onde foram parar os cabos das guitarras?” Acho que era cleptomaníaco. Ficamos muito putos e o confrontamos. Fui até a casa dele e, quando cheguei ao seu quarto, encontrei todo o nosso equipamento ali. Falei: “Cara, estas são as nossas coisas! O que estão fazendo aqui?” Ele respondeu: “Sim, eu peguei tudo. Precisava de grana.” E então eu disse: “Você está fora, cara. Não podemos confiar em você. Deveríamos ser como irmãos, compartilhar tudo e fazer tudo pela banda. Não pode roubar!”

Na época, Paulo Jr. tinha acabado de entrar para a banda. Tinha frequentado o mesmo colégio militar que a gente e sempre me lembrava o Menudo. Parecia um deles, um rapaz bonito, então o chamávamos de Menudo, e ele ficava puto. Odiava aquilo. Paulo era como nós, mas um pouco mais bem-humorado: estava sempre rindo e contando piadas. Assim como a gente, também foi expulso da escola.

Ele tinha um baixo novinho em folha. Rob nunca aprendeu a tocar e, apesar de Paulo também não saber, pelo menos tinha um baixo. Assim, ele estava dentro da banda, e Rob, fora.

Dissemos a Rob: “Conhecemos esse sujeito que tem um baixo. Foi mal, cara: queremos manter a amizade.” Rob respondeu: “Tudo bem. Sei que não sou bom e não consigo tocar essa merda. Vocês precisam ir mais longe e estou segurando vocês.” Até hoje somos amigos. Ele mora no Canadá e vai ao show sempre que tocamos em Toronto.

Perguntamos pro Paulo: “Pode tentar aprender as nossas músicas?” E ele respondeu que sim. Mal sabíamos que levaria anos até que aprendesse a tocar a porra do baixo, até o *Chaos A.D.* ser lançado em 1993, quase dez anos depois! Mas não tínhamos opção: ninguém na cidade tocava baixo, e ele tinha um, então aquilo bastava para nós. Pensamos: “Pelo menos ele tem o instrumento. Foda-se, vai acabar aprendendo... assim esperamos!” Acabamos nos tornando amigos: Iggor e eu dormíamos na casa de Paulo, e os pais dele eram legais com a gente. Também fizemos amizade com os seus irmãos e irmãs, e o lugar era como uma segunda casa para nós.

Paulo tinha uma pequena garagem, sem teto, que parecia ter passado pela Terceira Guerra Mundial. As paredes mal se mantinham em pé, mas o seu pai disse que poderíamos usá-la para os nossos ensaios. Aquilo foi excelente, pois

precisávamos de um novo lugar agora que Rob não estava mais na banda. Então aquele se tornou o estúdio de ensaios oficial do Sepultura.

Wagner foi o verdadeiro líder do Sepultura enquanto esteve na banda, mas, depois que foi expulso, assumi os vocais, já que não queria passar por todo o processo de procurar um novo cantor. Iggor me perguntou: “Por que você não canta? Já escreve as letras mesmo. Basta aprender a tocar e cantar ao mesmo tempo e seguimos daí.” Falei: “Tudo bem, posso tentar.” Em pouco tempo, já cantava bem. As pessoas gostavam da minha voz. Percebi que poderia fazer um tipo de voz de monstro se quisesse, e aquilo era maneiro.

O quarto integrante era Jairo Guedes, a quem chamávamos de Jairo T. Era um cara bem alto, que vinha do norte. Era engraçado, também. Os seus pais se separaram, e ele passava a metade do tempo com o pai e a outra metade com a mãe. Aquilo bagunçou as ideias dele, cara: ficou completamente confuso com o divórcio.

> **Jairo Guedes:** Conheci Max e Iggor num bar em Belo Horizonte. Estava bebendo com um amigo meu, guitarrista, quando os vi. Sabia quem eram porque todo mundo se conhece naquela cidade. Foi engraçado, porque eles começaram uma briga naquela noite com uns caras metidos.
>
> Depois da briga, fui até Iggor e disse: “Oi, você é o Iggor, não é?” E ele respondeu: “Não, não sou eu.” Então perguntei: “Mas aquele ali não é o seu irmão, Max?” E ele disse: “Não!” Ele pensou que eu fosse o irmão de um dos caras em quem bateram e ficou preocupado! Quando lhe disse que curtia metal, ele relaxou e admitiu que era Iggor e que Max era seu irmão. Foi um jeito divertido de nos conhecermos.

A mãe de Jairo tinha os seus namorados, e ele nos dizia: “Tem um filho da puta dormindo na minha casa. Vou cortar a garganta dele.” Umas merdas do tipo. Dizíamos: “Calma, cara. Você não quer terminar na cadeia.” Nenhum de nós sabia o que era isso naquele tempo, mas Jairo vinha fazendo terapia havia anos. Eu perguntei: “O que se faz lá?” E ele respondeu: “Ah, você fala sobre os seus problemas.” Então eu disse: “Você se senta lá com um estranho, conta a porra dos seus problemas e ele ainda recebe por isso?” E ele explicou: “Sim, sim, e funciona mesmo!” Disse a ele para esquecer daquela merda e deixar que a música fosse a sua terapia. Mas ele não me deu ouvidos.

> **Jairo Guedes:** Alguns dias depois de nos conhecermos, Max me convidou para um ensaio do Sepultura na casa do Paulo. A música deles era meio confusa: Iggor tocava uma coisa, e Max, outra. Tinham colhido um monte

de frutinhas das árvores do quintal de Paulo e estavam na janela atirando nas pessoas.

Perguntei: “Não querem tocar?” E eles responderam: “Não, vamos tacar essas frutas nas pessoas!” Pensei: “Porra, esses caras são malucos...” Depois, Max me pediu que mostrasse alguns riffs e me disse que era exatamente o que estavam procurando. Perguntou se eu queria entrar para a banda e respondi: “Sim, mas vocês vão ter que levar isso a sério e escrever algumas músicas.”

Jairo era um bom guitarrista: sabia tocar pra valer. Sabia tocar canções do Mercyful Fate e do Slayer e me ensinou alguns riffs. Estávamos ensaiando uma versão de “Black Magic”, do Slayer, e nos saíamos muito bem. Tocar versões de outras canções nos dava experiência como músicos. Fizemos uma cover de “Living in Fear”, do Kreator, e ficou igualzinho ao som deles. As pessoas começaram a nos notar, porque nos parecíamos com as bandas americanas e europeias.

No espaço de um ano, melhoramos muito, musicalmente. A proposta da Cogumelo de fazermos um EP ainda estava de pé, então João nos disse: “Ouvi dizer que estão ficando bons. O que acham de gravar uma demo?” Respondi: “Temos uma canção chamada ‘Necromancer’. Podemos tentar essa se quiser.” Aquela foi a primeira vez que gravamos. João e a sua mulher eram um casal de hippies, não faziam parte do mundo do metal, mas viram que tínhamos futuro.

Não assinamos qualquer contrato pela demo de “Necromancer”, simplesmente nos pagaram. A minha principal lembrança daquela sessão foi quando pluguei o meu pedal de distorção e o engenheiro de som veio até mim e disse: “Desliga essa porra!” E respondi: “O quê? Este é um pedal de distorção. A gente é uma banda de metal, este é o nosso som.” Ele gritou: “Não, vocês têm que gravar as guitarras limpas! Como o Led Zeppelin!” Ao que respondi: “Não, cara, a gente não é o Led Zeppelin!” Daí mostrei a ele umas canções do Venom e continuei: “É assim que vai ser o nosso som.” Ele respondeu: “Aquela música é uma merda, mas tudo bem. Vou gravar vocês com esse bagulho assim mesmo.” Ele usou realmente a palavra “bagulho” ao se referir ao meu pedal de distorção. Falou que não ia colocar o seu nome na demo. A gente disse que estava cagando para aquilo.

Assim, gravamos a demo, e o resultado foi fantástico. Os caras da Cogumelo adoraram: parecíamos uma banda de verdade. “Necromancer” era uma excelente música para a primeira gravação de um grupo estreante. Ensaiamos mais e escrevemos as outras faixas para o EP: “Warriors of Death”, “Antichrist” e “Bestial Devastation”. Um amigo nosso gravou a voz demoníaca da introdução:

aquela era a sua voz de verdade, não havia nenhum tipo de efeito nela. Ele tinha uma voz grave e satânica: nós o chamávamos de “O cara do arroto”, porque a sua voz era tão grave que parecia estar arrotando o tempo todo.

A arte com o demônio abraçando uma igreja na capa de *Bestial Devastation* teve por trás uma história e tanto. O cara que a pintou vinha de uma família de Adventistas do Sétimo Dia, bastante religiosa. Na casa dele, a televisão ficava virada para a parede, para que ninguém pudesse assistir: o seu pai era um maluco, super-religioso, e a mãe também. Mas o garoto era um ótimo artista: ele costumava pintar camisas com as capas de álbuns de bandas como Kreator, Voivod e Slayer, que ficavam exatamente iguais às originais.

Pedimos a ele que fizesse a arte. Ele aceitou, mas não nos disse que, naquela época, o único horário em que podia pintar era às três da manhã, quando todos estavam dormindo. Ele tirava as tintas de baixo da cama e trabalhava no meio da madrugada, depois guardava tudo e retomava na noite seguinte. Levou uma semana até que terminasse. Perguntei se alguém tinha descoberto, já que o seu pai o teria matado, mas ele disse que se safou numa boa. Foi o mesmo cara quem criou o primeiro logo do Sepultura, que ficou meio escroto. Em *Morbid Visions* o deixamos um pouco melhor e finalmente acabamos chegando àquele que usamos em *Schizophrenia*.

Eu tinha 16 anos quando a Cogumelo lançou *Bestial Devastation*, e Iggor, 15. Um monte de gente gostou do disco e achou que o Sepultura tinha potencial. Enviamos cópias para os Estados Unidos e a Europa, que alcançaram alguns poucos fanzines e estações de rádio. A *Kerrang!* publicou um pequeno texto na seção de novidades, acredito. O primeiro show que fizemos para promover o disco foi com o Overdose, que fechou a noite por ser mais popular.

Abrimos o show e praticamente roubamos a cena: o público preferiu o nosso som, pois éramos mais empolgantes e a nossa roda punk era maior. As nossas músicas eram fantásticas. O Overdose era mais como o Iron Maiden, quase uma cópia idêntica: tocavam e se vestiam como eles.

O nosso estilo era novo na época: a maior parte das pessoas não sabia da existência do black metal e do thrash metal, então éramos mais empolgantes que o Overdose por operar num nível diferente de brutalidade.

> **João Eduardo (Cogumelo Records):** A reação geral do público ao Sepultura era de estupefação; em primeiro lugar devido ao nome, mas também por causa do som.

Criamos nomes de palco maneiros, também. Eu era o “Possessed”, Iggor era o “Skullcrusher”, Jairo era o “Tormentor” e Paulo, o “Destructor”. Mas não

pegaram: ninguém jamais nos chamou por esses nomes. Fiquei puto por nunca ter sido chamado de Max Possessed.

Queríamos cintos de balas, como usavam todas as bandas alemãs, mas não tínhamos dinheiro suficiente. Além disso, não poderíamos comprá-los, pois eram proibidos no Brasil. Iggor teve uma ideia brilhante: sugeriu que juntássemos um monte de pilhas pequenas e as pintássemos com spray cinza. Juntamos uma caixa enorme com cem ou duzentas pilhas, pintamos todas de cinza e usamos supercola para grudá-las em correias de guitarra. Quando tirávamos fotos, precisávamos dizer ao fotógrafo para não se aproximar muito ou daria para ver que era tudo falso. Usamos esses cintos em todas as fotos feitas para aquelas sessões, simplesmente porque queríamos ter o mesmo visual das bandas de metal europeias.

Um jornalista me perguntou recentemente por que me interesso tanto por uniformes militares. Respondi que no Brasil não é permitido usar este tipo de traje, a não ser que você faça parte das Forças Armadas. Não era possível comprar e, caso o pegassem vestindo um, levavam você para a cadeia. Assim, quando saí do Brasil e cheguei à Europa, vi todas aquelas roupas de estilo militar e fui à loucura: não acreditava que era permitido usar. Comprei uma série de calças camufladas, incluindo uma em tons de cinza e preto, pela qual passei a ser identificado.

No Brasil, o serviço militar é obrigatório ao se completar 18 anos, a não ser que se tenha algum tipo de desculpa para evitá-lo. Encontrei uma: peguei um monte de documentos de uma casa no interior. Ficava a três horas de qualquer base militar. Cheguei lá com as contas de luz, gás e telefone dessa casa onde morava um amigo meu e disse que não poderia servir o exército porque morava no meio do nada. Eles caíram no papo e escapei do serviço militar. Iggor fez a mesma coisa: usamos a mesma tática e funcionou pra ele também. Alguns dos meus amigos eram mais loucos: diziam que eram gays ou então psicopatas, capazes de matar a qualquer instante.

Passávamos os dias na rua, com a nossa gangue de metaleiros, todos cabeludos, vestindo camisetas de bandas. Por causa disso, nos destacávamos onde quer que fôssemos. A sociedade nos via e perguntava: “Quem são esses caras?” Aterrorizávamos qualquer lugar por onde passássemos. Geralmente íamos à parte rica de Belô: havia uma esquina ali onde ficávamos, tornando a vida dos ricos um inferno.

Sentávamos num bar e bebíamos cerveja e vodca, com toda a gente rica ao nosso redor. Eles ficavam apavorados com o nosso modo de falar alto, com os nossos amigos que encostavam o carro tocando metal com o volume no talo. Era assim que nos comportávamos e às vezes arrumávamos confusão. Aquele se

tornou o nosso lugar habitual para passar as noites de domingo.

Durante o dia, frequentávamos uma loja de discos no centro de Belô, curtindo na frente do lugar sem fazer nada. Passávamos o tempo ouvindo música. Arrumávamos problemas vez ou outra, mas fazíamos amizades e contávamos pras pessoas que tínhamos uma banda chamada Sepultura e onde íamos tocar, tentando tornar a banda conhecida.

Havia só uma coisa que me metia medo: a polícia. Toda vez que víamos os policiais ali, eu começava a tremer e ia à loucura. O Brasil vivia uma ditadura militar durante a minha infância, governada pelo presidente João Batista Figueiredo, embora eu não tivesse me dado conta disto antes da morte do meu pai. Nada daquela merda nos afetou enquanto ele estava vivo, já que tinha boas ligações. Depois que morreu e nos mudamos para Belô, nos deparamos com algo diferente.

Morria de medo da polícia quando era criança. Tinha mais pavor da polícia que do próprio diabo. Eram corruptos de verdade: não havia justiça ou igualdade com eles. As pessoas protestam contra os policiais aqui nos Estados Unidos: não sabem como reclamam de barriga cheia. A polícia no Brasil é completamente escrota. Uma cadeia brasileira não é um lugar onde alguém queira estar — nunca.

Naquela época, ao sair de casa, era necessário estar sempre com a carteira de identidade. Se o pegassem sem identidade, o levavam automaticamente para a prisão. Era assim que funcionava: o colocavam na parte de trás do camburão, a caminho da cadeia, sem que tivesse feito qualquer coisa de errado. Iggor e eu fomos pegos sem identidade uma vez: deve ter sido em 1985. Paulo também não tinha a dele. Não sei por quê; nós três simplesmente saímos sem identidade uma noite.

Os policiais nos pararam e colocaram todo mundo contra a parede — para dizer a verdade, a canção “To The Wall”, do álbum *Schizophrenia*, falava daquilo. Apontaram as armas para as nossas cabeças e diziam um monte de merda, como: “Vão se foder! Vocês estão fodidos! Seus metaleiros filhos da puta do caralho.” Não tínhamos feito nada de errado: estávamos apenas descendo a rua. “Cadê a identidade?”, perguntaram. Respondi: “Não tenho.” E eles me disseram: “Então é isso, você vem com a gente.”

> **Iggor Cavalera:** Estávamos na área onde costumava ficar um monte de skinheads, punks e metaleiros. Os policiais chegaram e pediram pra ver a minha identidade. Não estávamos com elas naquele dia, e, como ainda havia uma espécie de mentalidade da velha ditadura, os policiais iam com tudo em cima daqueles que pareciam minimamente diferentes.

Ao chegarmos à cadeia, nos colocaram numa cela com um monte de bandidos. Eram todos assustadores: estupradores, assassinos e outras merdas do gênero. Pensávamos: “Que porra escrota, cara”, e nos disseram para tirar os cintos e os cadarços. Tínhamos direito a um só telefonema, então Paulo ligou para o pai. Ele conhecia algumas pessoas na polícia, o que foi a nossa salvação.

Ficamos lá por seis horas. Foi horrível; um pesadelo. Então, o pai de Paulo apareceu, conversou com algumas pessoas e fomos liberados, o que foi um milagre. Dissemos um para o outro: “Nunca vamos esquecer as nossas carteiras de identidade outra vez!”

Drogas? Iggor e eu nunca fomos usuários pesados. Nunca gostei de maconha, porque não gostava de fumar. O meu pai fumava muito, e aquilo sempre me incomodou. Vários dos nossos amigos tomavam ácido. Tentei uma vez, mas também não gostei. Olhei para o céu e vi milhares de moscas lançando bombas: foi horripilante, uma verdadeira *bad trip*. Estávamos comendo camarão e pensei que eram vermes. Foi como aquela cena de *Os garotos perdidos*, na qual o cara está comendo comida chinesa e na verdade são vermes. Comecei a cuspir, e os outros me disseram pra ficar frio, mas não consegui, eu achava que eles estavam se mexendo.

Também experimentei cocaína. Gostei durante a primeira hora, que foi ótima, quando todo mundo é o seu melhor amigo. Mas depois você tem que usar mais e chega a um ponto em que já usou tanto que não consegue dormir. Isso não me agradava em relação à coca e ao LSD: o fato de não sossegar mais. Pensava: “Queria poder dormir”, porque estava cansado fisicamente, mas o meu cérebro continuava a funcionar a mil por hora. Temos no Brasil coca de boa qualidade, e os meus amigos a usavam, então de vez em quando me juntava a eles. Nunca se tornou uma rotina para mim, algo que fizesse todo dia: o meu negócio era beber.

Cara, eu gostava de beber pra caralho. Começava cedo, por volta das duas ou três da tarde. Ia a bares com os meus amigos. No Brasil, você tem que ter 18 anos para poder beber, mas todo mundo bebe, até quando tem seis anos. Você pode comprar cerveja com essa idade, é uma piada. Ninguém obedece à lei, então aos 14 eu poderia comprar álcool se quisesse. Eu gostava de rum, coisa pesada. Jamais gostei de cerveja.

Acho que sempre fui uma pessoa de extremos: era tudo ou nada. Esta sempre foi a minha filosofia: nunca me satisfiz com uma cerveja e um baseado, como a maioria das pessoas. Tinha que ser vodca e cocaína ou uísque — ou então nada.

Nunca fiquei em cima do muro; para mim, esse lugar simplesmente não existia.

4
1985-1986: Ultra-Violence

A minha bebedeira teve muito a ver com a perda do meu pai. Servia para preencher um vazio. Quando bebia, eu me sentia diferente: gostava do efeito da bebida. A música soava melhor quando estava bêbado, a comida era mais saborosa. É verdade: ao ouvir um disco quando se está embriagado, aquela porra parece muito foda. As músicas do Slayer soam alto pra valer quando você está bêbado: é fantástico, velho. E, quando ouve a sua própria música, o resultado também é excelente: você pensa: "Não acredito que seja a gente." Eu costumava ouvir *Arise* a todo volume no fundo do ônibus e pensava: "Ouçam só esse vocal. É bom pra caralho!"

O álcool sempre esteve por perto, quando era garoto e na minha vida adulta. Eu gostava especialmente de vodca. Mais tarde, quando me casei, passei da vodca ao vinho, o que me parecia uma boa escolha. Ele me ajudava a relaxar à noite, mas primeiro comecei bebendo uma garrafa e logo já estava em duas. Aquela passou a ser a minha exigência para os camarins, então depois de cada show do Sepultura eu ficava embriagado com duas garrafas daquela porra. Apesar disso, um monte de gente que excursionou comigo nunca chegou a me ver perdendo a linha, exceto em algumas raras ocasiões.

Eu era bem maluco naquela época. Certa vez, me envolvi num acidente de

carro. Eu tinha um Fiat branco, que comprei depois de economizar dinheiro por um ano ou dois. Uma noite saí com o carro e assisti a *Laranja mecânica* num bar em Belô enquanto enchia a cara. Pensava: “Este é o melhor filme de todos os tempos. Quero ser como um desses filhos da puta!” Tinha amado toda aquela violência.

Pendurei na parede um cartaz imenso do filme, ao lado dos meus pôsteres do Slayer, Morbid Angel e Death. A violência tinha me causado um grande impacto. Era um filme heavy metal, basicamente. Fiquei surpreso quando o Sepultura depois veio a gravar um álbum baseado em *Laranja mecânica*, já que os outros caras não o curtiam muito na época. Eu assistia ao filme, mas eles não davam tanta importância. Muito estranho.

Assisti então a *Laranja* e já eram três da manhã, hora de ir para casa. Estava chovendo, e a minha consciência me dizia: “Peça para alguém dirigir pra você.” Mas o lado mau da minha consciência rebateu: “Foda-se! Dirija você mesmo, seu merda.” Dei ouvidos ao mau conselho, ao conselho errado, e logo já estava ao volante, dirigindo em zigue-zague pela rua. Estava muito, muito bêbado: chapado. Ao fazer uma curva, o carro fez um giro de 360 graus e acertou um muro. Olhei pra fora do carro e vi uma igreja enorme, bem ali, olhando pra mim. Eram três da manhã. Fiquei ali parado, com a frente do carro completamente destruída.

Olhei para a igreja e fiquei com raiva dela. Pensava comigo mesmo: “Por que tinha que bater numa igreja? O que caralhos você está fazendo no meu caminho, igreja?” Fiquei a culpando pelo acidente. Pensando agora, até que foi engraçado. Saí do carro e me voltei contra ela, gritando: “Vai se foder, sua filha da puta!” Não tive qualquer ferimento, exceto um sangramento no nariz, mas o carro ficou destruído. Tive sorte, nenhum policial apareceu. Consegui dar a partida e voltar para casa, numa condição lastimável.

Na manhã seguinte, tive que mentir para a minha mãe, o que não era muito legal, já que ela tinha me ajudado a comprar o carro. Disse a ela: “Mãe, estacionei o carro, fui ao bar e, quando voltei, alguém tinha batido nele.” Ela sabia que eu estava mentindo. Eu estava de ressaca, e ela perguntou: “Veio dirigindo para casa ontem à noite?” Respondi: “Sim!” Ela então disse: “E como está se sentindo agora? Como está a cabeça?” No que respondi: “Estou bem, apenas um pouco cansado...” Finalmente, acabei lhe contando que tinha batido. Ela disse que já sabia, porque ninguém poderia acertar um carro estacionado e causar tanto estrago. Me aconselhou a não fazer mais aquilo, pois não queria me ver morto.

Eu pensava que todo mundo tivesse o mesmo estilo de vida que eu. No grupo do qual eu e Iggor fazíamos parte, era daquele modo que nos comportávamos.

Tive problemas para aceitar toda a merda que vinha acontecendo nas nossas vidas. Não tínhamos dinheiro e havia todo esse clima de depressão em casa. Aquilo me fez querer beber. Achava Iggor estranho, pois ele raramente bebia: estava quase sempre careta, embora não saísse contando isso por aí como fazem todas essas bandas. Mas ele era daquele jeito, e aquilo era esquisito para mim.

Mas quando bebia, Iggor era como o Taz dos desenhos animados: significava encrenca. Perdia a cabeça, se envolvia em brigas e dizia um monte de merda. Era um bêbado assustador, e eu lhe dizia: “Cara, é melhor não beber, porque você não é igual a mim. Você é de dar medo quando enche a cara.” Eu era um bêbado feliz: contava piadas e gostava de pregar peças nas pessoas. Mas Iggor não era uma boa companhia quando bebia, então não o fazia frequentemente: nunca soube como ele tinha tanta força de vontade. Era muito decidido. Tudo com o que se importava era a bateria.

Eu me divertia ao beber, nunca vi aquilo como um problema. Algumas das coisas mais engraçadas que fiz foi quando estava bêbado. Tinha um parceiro de copo, um cara chamado Maurinho: era o meu melhor amigo. Ouvia as pessoas dizerem que ele podia bater em dez pessoas e que era um verdadeiro psicopata. Tinha 16 anos quando o conheci, bem no início da banda.

Esse cara adorava tudo sobre o Sepultura e me encorajava o tempo todo, dizendo: “Você vai chegar lá. Tenho certeza que um dia vai ser um grande astro, cara. Estou certo dessa porra. Apenas continue fazendo o que está fazendo.” Costumávamos sair e encher a cara. Também nos metíamos numa série de confusões. Ele era baixinho, mas sabia lutar caratê, taekwondo e outras artes marciais, então era casca grossa. Acabava com caras muito maiores; era divertido estar ao seu lado e fazer parte daquilo.

Eu também era um bom lutador quando bebia: perdia a linha. Certa vez, estávamos num bar e havia um sujeito me provocando. Ficou me chamando de poser e enchendo o meu saco, dizendo: “Você é um poser, cara... É um poser de merda... A sua música é falsa.” E eu dizia: “Seu filho da puta, é melhor parar com isso ou vai se arrepender.”

Mas ele continuou me provocando, até que eu finalmente disse: “Tudo bem, chega dessa merda. Vamos lá pra fora, para a frente do bar. Vamos cair no pau agora mesmo.” Comecei a encher o cara de porrada. Peguei uma pedra do chão e destruí a cabeça dele, abrindo-a. O sangue jorrou pra todos os lados. Os meus sapatos estavam encharcados com o sangue dele quando cheguei em casa. Me lembro de olhar para eles e pensar: “Caralho! Como aquele sujeito ainda está vivo?” Mas foi ele quem pediu. Eu estava na minha, me divertindo com os amigos. O meu amigo Maurinho viu o que aconteceu e me contou depois: “Você deu um jeito no cara.” Maurinho nem precisou se meter.

Isso aconteceu umas poucas vezes. Acho que tinha a ver com a mentalidade sobre a violência que surgiu em mim depois de assistir a *Laranja mecânica*. Em algumas noites, saíamos com um só pensamento em mente: “Espero arrumar confusão hoje.” Era quase como a mentalidade dos *skinheads*. Mas é escroto: talvez estivesse usando aquelas brigas como uma válvula de escape para a minha depressão.

Uma teoria diz que meninos que crescem sem os pais acabam se tornando mais agressivos, já que não têm uma pessoa para mostrar os limites. Essa teoria se aplica totalmente ao meu caso.

Iggor e eu começamos a curtir tatuagens bem cedo. Perguntei a minha mãe se poderia fazer uma, mas ela disse que eu era muito jovem e que me expulsaria de casa se fizesse. Falei: “Mãe, estou juntando dinheiro pra fazer uma tatuagem.” Ela respondeu: “Melhor não fazer isso! Estou falando sério, vou acabar com a sua raça se não me obedecer.” Aquilo foi adiante até o dia em que finalmente fiz uma tattoo. Tinha um cara que visitava Belô e era um tatuador famoso. Ele tinha feito uma tatuagem na barriga de um amigo meu, uma caneca de cerveja com a frase “Cerveja é o meu negócio”. Achei maneiro, então fui até ele.

Em teoria, é necessária a permissão dos pais para se fazer uma tatuagem caso você seja menor de 18 anos. Mas no Brasil isso não importa: se tiver a grana, fazem a porra da tatuagem com ou sem o consentimento da sua mãe. Fiz um dragão no braço direito e, ao chegar em casa, achei melhor escondê-lo da minha mãe. Não queria que ela soubesse, pelo menos naquele momento.

Assim, coloquei uma blusa de manga comprida. Mas lembrei que tinha que trocar a atadura que cobria o dragão: me disseram para passar um pouco de pomada antes de dormir aquela noite. Fui ao banheiro fazer isso, mas, esperto que só eu, acabei deixando a atadura ensanguentada na pia.

Claro que a minha mãe enxergaria aquilo a quilômetros de distância. Ela entrou no banheiro, viu a atadura cheia de sangue e soube exatamente o que eu tinha feito. Foi até o meu quarto, acendeu a luz e perguntou: “O que é isso? Você fez uma tatuagem, não fez?” Respondi: “Não, não... foi um acidente, eu me cortei!” Ela olhou para a atadura na sua mão e disse: “Não, senhor. Tem tinta aqui! Sangue e tinta! E meio que parece com um dragão! Me deixa ver o seu braço.” Mostrei a ela o braço esquerdo e, obviamente, não tinha nada. Ela gritou: “O outro braço, imbecil!” Então eu mostrei.

Ela ficou furiosa. *De verdade*. Não era normal, não conseguia entender por que ela tinha enlouquecido daquele jeito. Eu disse: “Mãe, fica fria, é só uma tatuagem. Não é nada importante.” Ela gritou: “É importante, sim! Falei pra não fazer! Você me desobedeceu! Vá dormir na varanda. Hoje não vai dormir em casa.” Respondi: “O quê? Não vou dormir na varanda, mãe.” Mas ela rebateu:

“Vai dormir na varanda, sem travesseiro nem nada. Vai dormir no chão.” Eu não tinha a menor ideia de por que ela tinha ficado zangada daquele jeito. Acho que estava tentando cuidar de nós e ser uma boa mãe. Ainda éramos muito novos, afinal. Assim, naquela noite dormi lá fora, na porra do chão frio, pensando: “Caralho! Isto não é justo.”

O mais engraçado é que três anos depois a minha mãe fez uma tatuagem do Sepultura no braço. Disse a ela: “Eu deveria fazer você dormir na varanda, mãe!”

Iggor também fez uma tatuagem, além de desenhar a segunda que fiz: uma caveira segurando uma espada que atravessa a sua cabeça. Essa foi feita em Santos, perto da praia, pelo cantor de uma banda de thrash metal chamada Vulcano. Um sujeito enorme, que também era tatuador. A minha paixão pela tatuagem só aumentou e fui fazendo mais e mais, até chegar ao ponto de sair à procura de bons tatuadores enquanto excursionava com o Sepultura. Alguns eram fãs da banda, como Paul Booth, um bom amigo até hoje.

Não tive muitas namoradas. Havia uma garota chamada Rose, que frequentava a escola pública próxima ao escritório da Cogumelo, e eu ia buscá-la todos os dias. Íamos pra casa dela pra namorar e tal. Ela também ia pra minha casa, mas a minha mãe não gostava dela, dizia: “Não acho que essa Rose seja a menina certa para você.” Eu respondia: “Tá viajando, mãe? A gente tá bem junto.” A minha mãe disse: “Tenho uma sensação estranha quanto ao relacionamento de vocês.” Ela estava certa.

Não tive muitas relações depois de Rose: ficava com uma garota à noite, mas no dia seguinte a dispensava. Não entrei em nenhum relacionamento sério até os tempos do Sepultura, quando então conheci uma menina que tocava guitarra numa banda de metal. A gente gostava um do outro e se via todo dia. A relação foi evoluindo e ficando mais séria. Ficamos juntos por alguns meses, um assistia aos shows da banda do outro, e era maneiro. A mãe dela também gostava de mim. Mas essa garota fodeu comigo: ela me deixou mal. Foi ao norte do Brasil e começou a sair com outro cara enquanto eu estava em casa. Descobri por meio de um amigo e fiquei sem entender nada. Aparentemente, a coisa era séria: ela e o sujeito se gostavam de verdade.

Fiz uma fogueira enorme com tudo que ela tinha me dado — cartas, fotografias e umas outras merdas — e depois dancei ao redor do fogo como a porra de um índio, completamente bêbado, enquanto a xingava e gritava: “Apodreça no inferno, sua piranha!” Foi uma cena estranha, com todos os vizinhos olhando para mim e dizendo: “Que porra esse cara tá fazendo? Que maluco!” A minha mãe e o meu irmão ficaram ali perto, me dando apoio: “Melhor pra você, cara. Melhor para você! Ela já foi tarde!” Foi bem difícil, na

verdade; a rejeição me machucou bastante. Depois daquilo, passei a ter mais cuidado com quem me envolvia e não me liguei mais a ninguém. Aquela foi a única vez em que alguém partiu o meu coração e me deixou puto e triste.

Não havia muitas meninas interessadas em nós. As pessoas tinham medo por causa da nossa aparência, então não faturávamos muitas gatas. Se fôssemos rapazes bonitos, de boa aparência e tocássemos bem, talvez tivéssemos mais sucesso, porque o Brasil é cheio de mulheres lindas. Algumas delas gostavam de nós, para dizer a verdade: as loucas que curtiam caras perigosos como a gente. Para nós, estava bom: tinham que ser um pouco doidas para sair conosco. Não como as garotas normais.

Às vezes, tentava sair com garotas normais e acabava sendo um desastre completo: ia conhecer o pai da menina vestindo camiseta do Slayer e calças jeans camufladas e rasgadas; o sujeito ficava de boca aberta. Um deles perguntou à filha, bem na minha frente: "Por que está saindo com este lixo?" Chegou ao ponto em que uma menina dizia "Venha conhecer os meus pais", e eu respondia "Não acho que seja uma boa ideia".

Éramos párias: a sociedade nos rejeitava. Mas eu gostava. Aquilo me atraía e até hoje me atrai. Curto a ideia de não me encaixar nos padrões. Mesmo atualmente, desperto olhares de estranheza nas pessoas. Foi por isso que fiz uma tatuagem no pescoço: depois dela, não havia como retornar à sociedade normal e ter um trabalho normal. Nunca mais poderia ser um cara normal. Fiz um pacto comigo mesmo para não retroceder jamais e fazer os outros cagarem de medo com a minha tatuagem no pescoço. Adorava sair em bando, tocando o terror, e ir a bares para ouvir música. Era divertido. Bons tempos.

Ouvi dizer que garotos que não têm pai muitas vezes se voltam para o heavy metal por ser algo masculino. Eles precisam disso por não ter um pai em casa. Em relação à minha vida, faz sentido: eu e Iggor embarcamos nessa pra valer. Para mim, nada mais existia depois que ouvi pela primeira vez Slayer, Venom, Sodom e Possessed. Eu precisava daquela música agressiva. Costumava dormir com *Black Metal*, do Venom, nos fones de ouvido; aquelas eram as minhas cantigas de ninar enquanto a maior parte das pessoas coloca alguma merda mais leve para adormecer. Eu e Iggor tínhamos uma *boombox* no quarto e colocávamos *Black Metal* ou *Show No Mercy*, do Slayer, e dormíamos ouvindo aquela porra. É loucura mesmo. Também o ligávamos assim que acordávamos! Bem-vindos a mais um dia nas trincheiras…

O espírito de gangue era algo que me atraía. No início, curtia bastante Motörhead, pois parecia que eles viviam juntos e faziam tudo uns com os outros. Eles eram uma gangue. Eu pensava: "Quero ter a minha própria gangue e parecer doidão daquele jeito." Eram assustadores, não uns rapazes bonitinhos:

Lemmy era feio pra caralho, mas um filho da puta durão de verdade. Era uma inspiração.

Também adorava “Philthy Animal” Taylor, o baterista: em todas as fotos aparecia fazendo algo de insano. Ouvi dizer que era maluco. Era o meu baterista favorito e parecia um pistoleiro mexicano. Eu amava a capa do LP *Ace of Spades*: se você visse aqueles caras na rua, era melhor sair correndo.

A música salvou a minha vida, de verdade. Não fosse ela, as minhas opções teriam sido bem sombrias e tristes. Provavelmente me envolveria com drogas ou com o crime, levando-se em consideração a área onde morava e as merdas que curtíamos. Teria sido bem fácil me tornar um traficante de drogas, até conheci alguns deles.

A minha mãe saiu com um chefe do tráfico boliviano por alguns meses. Eu o achava demais. Sempre nos dava presentes e tinha um monte de dinheiro, ainda que não falasse português muito bem. Ele nos levava a um bar de strip-tease dele, e eu e Iggor víamos todas aquelas mulheres peladas. Ele dizia: “Não vou trazer a sua mãe aqui, mas vocês podem vir quando quiserem!”

Uma vez perguntamos com o que ele trabalhava e pedimos que nos contasse a verdade, já que estava saindo com a nossa mãe. Então ele disse: “Vou ser sincero com vocês, sou um grande traficante de drogas na Bolívia.” Pensei: “Que merda...”

Para falar a verdade, ninguém mexia com a gente quando ele estava por perto. Andava sempre armado. Dizia: “Se alguém mexer com vocês, me contem.” Perguntou também se tínhamos algum inimigo ou alguém de quem queríamos nos livrar. Respondi: “Não, estou tranquilo!” E ele disse: “Tudo bem, mas, se tiverem qualquer problema, podem deixar comigo. Estão protegidos.”

A minha mãe terminou com ele alguns meses depois, mas foi muito louco fazer parte daquele mundo por algum tempo. Chegamos a cheirar algumas carreiras de coca juntos. Ele perguntou: “Tem idade para cheirar? A sua mãe não se importa?” Respondi: “Eu sei me cuidar.” Aquela porra era a mais pura coca boliviana. Uma loucura, você viajava muito com aquilo: eu voltava pra casa ligadão.

A minha mãe sabia o que eu fazia: nunca consegui esconder nada dela. Era como se tivesse um sexto sentido, mas sempre foi tranquila em relação a tudo, mesmo quando eu estava envolvido nos mais diversos tipos de problema. Era como se ela pensasse: “Sei pelo que você está passando. Sei que sente falta do seu pai e é por isso que faz essas merdas. Precisa tirar toda essa raiva da sua alma.” Queria apenas que tivéssemos cuidado.

Voltava pra casa às duas da manhã com as pupilas enormes, completamente dilatadas, e ela dizia: “Sei que está sob o efeito de alguma coisa.” No que eu

respondia: “Sim, cheirei um pouco de coca.” É engraçado, mas a única coisa que a tirou mesmo do sério foi a tatuagem, quando me fez dormir do lado de fora.

Apesar de ter usado cocaína, percebi ainda jovem que a música também era uma droga — uma droga poderosa e influente, que pode representar um grande papel na sua vida. Ela está sempre lá para ajudá-lo. Se tiver um dia ruim, a música está lá. Pode contar com ela. Quando você está tocando num palco, aquele momento é seu: ninguém pode abalar você e essa é uma sensação incrível. Dá para sentir a eletricidade atravessar todo o ambiente, conectando as pessoas por meio da música.

Nada chega perto dessa sensação — nada.

5
1986-1987:
Bestial Days, Morbid Times

Estava na hora de gravar o EP conjunto com o Overdose que a Cogumelo nos tinha pedido. Tínhamos algumas canções em português, que passamos para o inglês. Dessa forma, “Anticristo” se tornou “Antichrist”, e assim por diante. A mudança para o inglês foi uma decisão de momento, quando nos perguntamos em que língua cantar. Todos os nossos ídolos cantavam em inglês, então foi isso o que fizemos, embora as bandas brasileiras cantassem em português.

Éramos únicos naquele sentido. Pensei que seria aquela a maneira de nos destacarmos se quiséssemos nos tornar grandes. Eu já tinha uma visão para o futuro da banda: sabia que ela se desenvolveria e cresceria, então o inglês era o caminho certo.

Ao ouvir hoje as canções do EP, intitulado *Bestial Devastation* e lançado em 1985, a musicalidade me parece primitiva, mas a essência da nossa fúria estava ali. Há algo de empolgante naquela música e que obviamente apontava para o início de uma coisa maior, ainda que fosse bastante influenciada por outras bandas. Dá para identificar Slayer, Sodom, Kreator e Hellhammer ali no meio; todas as bandas que escutávamos na época.

Eu não falava inglês muito bem naqueles dias, então as letras foram tiradas de diversas fontes: “Bestial Devastation”, por exemplo, vinha de “Eternal

Devastation”, do Destruction. Mas era divertido. Quando o EP saiu, surpreendeu muita gente. Em São Paulo não acreditavam que havia uma banda brasileira tocando aquele tipo de som. Ficaram completamente estupefatos. Havia uma ou outra banda de thrash metal que seguia o estilo do Exodus, como Korzus e Vulcano, além do Dorsal Atlântica, é claro. Tinha também uma cena punk, mas nada além disso.

Depois do EP, a Cogumelo disse que deveríamos gravar um álbum. Mas antes disso fizemos mais shows, incluindo um no Recife, no Nordeste do Brasil. A viagem de ônibus levava 64 horas e fomos bebendo uísque pela estrada. Estávamos chapados e cercados de pessoas, galinhas e cães. Tocamos o terror: quase fomos expulsos em certa altura, quando o motorista foi até os fundos e nos disse: “Parem com essa porra agora ou vou tirar vocês daqui.” Todos nós começamos a gritar: “Ah, vai se foder, a gente é uma banda de metal!”

Quando chegamos lá, o filho do prefeito de Recife estava organizando o show. Tinha ouvido falar do Sepultura e virou fã, mas não tinha qualquer experiência com a organização de shows, então não havia alto-falantes. Dissemos a ele que precisávamos dos alto-falantes, pois só tínhamos levado os nossos amplificadores e o show era numa pequena arena para cinco mil pessoas. Ele perguntou: “O que é alto-falante?” Respondemos que era um sistema de caixas de som e ele saiu para procurar. Ele achou e alugou as caixas em algum lugar de Recife e, quando voltou, nos levou ao camarim, que era na sua casa.

Lembro que estávamos ali sentados, esperando a hora do show, e do nada entrou um sujeito. Ele nos perguntou: “O que estão fazendo na minha casa?” Respondemos: “Somos uma banda de rock, este é o nosso camarim.” Ele disse: “Camarim é o caralho! Podem dar o fora daqui!” e então pegou uma espada enorme pendurada na parede. Ele nos perseguiu pela casa, balançando a espada. Foi uma comédia, mas assustador ao mesmo tempo. Seguimos para o local do show e ficamos por lá mesmo até o momento de tocar. Depois dormimos sob o palco, porque não tínhamos outro lugar pra ir. No dia seguinte, demos início à jornada de 64 horas de volta pra casa. Acha que recebemos cachê? Mas é claro que não! Foi um desastre total.

Depois disso, o nosso guitarrista, Jairo, decidiu que queria se parecer com um *skinhead*, então raspou a cabeça e passou a usar suspensórios e botas de combate, o que era estranho, já que todos nós na banda tínhamos cabelo comprido. Até que era maneiro, pois parecíamos ainda mais assustadores com aquele careca alto e magrelo na banda. As pessoas nos viam e diziam: “Que porra é essa?” Ele era alguns anos mais velho que a gente e todos nós o respeitávamos: era o único que podia dirigir, então era como o paizão da banda.

Paulo ainda não sabia tocar, então mantivemos o volume do seu instrumento

bem baixo. Tentávamos incentivá-lo, dizíamos: “Estamos ficando populares, cara, seria uma boa ideia se você aprendesse a tocar essa porra”, mas ele era meio devagar, bem devagar. Não praticava muito e sempre estava de bobeira, fazendo outras coisas.

Comecei a usar apenas quatro cordas na guitarra logo após *Bestial Devastion*. A minha corda quebrou durante um ensaio e tínhamos um roadie, Sílvio, que depois se tornou cantor de uma banda chamada Mutilator. Ele disse: “Não temos muito dinheiro sobrando, então só dá pra comprar um conjunto novo de cordas ou mais bebida.” Respondi: “Foda-se a corda, nunca uso mesmo. Vamos encher a cara.” E ele disse: “Por que não tira a corda de mi grave também e deixa só quatro?” Respondi: “E por que não?” Acabei me acostumando e aquilo virou a minha marca registrada. Nunca aprendi a tocar guitarra solo e até hoje é algo que não sei fazer. Poderia até aprender se me esforçasse e quisesse fazer um solo simples e lento, mas sempre quis tocar apenas guitarra rítmica. Queria levar a criação de riffs a um novo patamar.

O equipamento era sempre um problema para nós naqueles tempos, porque não tínhamos grana. Tem uma história boa por trás do nosso primeiro microfone. Precisávamos de um, mas não podíamos comprar, então pensamos em roubar um. Estava acontecendo um show pop no centro de Belô e toda a gangue do Sepultura foi até lá. Segundo o nosso plano, os caras me arremessariam no palco, eu pegaria o microfone e daríamos o fora dali.

Acreditem ou não, funcionou como mágica: esperamos o momento certo e eles me jogaram no palco. Ali estava eu, com a banda *new wave* olhando para mim e pensando: “Quem é esse cara?” Peguei o microfone, enfiei na calça, do lado do pau, me joguei na plateia e demos no pé. Foi um dia grandioso, então decidimos ir ao bar para celebrar a nossa vitoriosa empreitada. Tínhamos conseguido!

Parecia que a banda tinha dado um grande passo junta. Era um ótimo microfone: um Shure SM58, que era e ainda é o padrão na indústria fonográfica. Tínhamos a sensação de que éramos uma gangue, tal e qual o Motörhead, e isso era demais. Pensamos em roubar outras merdas de shows diferentes, mas achamos melhor não, ou acabaríamos na cadeia.

Fazíamos um show por mês àquela altura. Tínhamos tocado em São Paulo uma vez ou outra e também fizemos alguns shows locais com o Overdose quando o EP foi lançado. Num dos shows, duas mil pessoas apareceram e acabamos com o Overdose: éramos mais entrosados, loucos e o nosso som era mais pesado que o deles, embora eles fossem a atração principal.

Tínhamos uma cruz invertida em chamas atrás da bateria, algo que ninguém jamais tinha visto antes: o pai de Paulo era mecânico automotivo e havia sempre

pilhas de metal por perto, então lhe perguntamos se poderíamos usar dois pedaços para fazer uma cruz invertida e queimá-la no palco. Ele disse: “Sim, mas tenham cuidado.” Assim, enrolamos com panos duas peças de metal e jogamos um pouco de gasolina. O nosso roadie teve que acender a cruz e quase se queimou. Era um artifício maneiro pra caralho pra uma banda nova, e certamente mais maneiro do que o que as outras bandas brasileiras tinham na época. Fazíamos tudo ao nosso alcance para impressionar as pessoas.

Nesse meio-tempo, o nosso ex-vocalista, Wagner, formou uma nova banda chamada Sarcófago com outros caras, entre eles alguns dos nossos amigos — amigos da onça, em quem não se pode confiar. Você os cumprimenta quando os vê, mas não confia neles. Quando Wagner formou o Sarcófago, eles se tornaram oficialmente nossos inimigos. Wagner os voltou contra nós e assim teve início uma guerra entre as duas bandas. Ele falava um monte de merda sobre a gente. A nossa resposta era: “Ele que se foda, até o nome da banda foi chupado do Sepultura. Somos os originais!”

Num show no centro de Belô, Wagner estava lá e ficou dizendo todo o tipo de merda sobre nós. O nosso roadie, Sílvio, também estava presente, e os dois começaram a brigar. Sílvio encheu Wagner de porrada e acabou com a raça dele, que ficou largado na calçada, todo ensanguentado. Isso fez com que calassem a boca por um tempo, já que ele tinha levado uma surra.

Olhando pra trás, hoje vejo que éramos apenas moleques fazendo merda, mas na época parecia algo sério. Era tudo muito infantil e baseado em inveja, especialmente da parte dele, porque Wagner pensava assim: “Fui expulso do Sepultura. Eles que se fodam, vou formar a minha própria banda!”, igual ao Megadeth e ao Metallica. Mas a briga foi pra valer, e ele levou uma lição.

Mas a difamação nunca teve um fim de verdade. O meu irmão me falou de um documentário chamado *Metal em Belô* ou *Belô Metal: os primeiros anos* ou algo assim, no qual um dos caras do Sarcófago afirma que o Sepultura tinha um pacto com o mercado internacional que dizia que apenas uma banda brasileira poderia se tornar famosa. Era uma teoria absurda. Iggor ria ao me contar isso e perguntou: “Dá pra acreditar? O cara disse que tínhamos um pacto com o mercado internacional e que este foi o único motivo pelo qual a banda se tornou grande.” É a história mais louca que já ouvi.

A cena em Belô cresceu pra valer depois que as pessoas ficaram sabendo da Cogumelo. Era a novidade do momento, uma banda poderia ser contratada pelo selo, e eles lançariam o seu álbum. Lançaram um disco da banda de Sílvio, o Mutilator, e havia também outros grupos, como o Holocaust, o Chakal e mais alguns.

A Cogumelo lançou depois uma compilação em LP que incluía a nossa demo

para “Necromancer” e uma outra canção do Sepultura. Nos pediram para escrever material para um álbum completo, *Morbid Visions*, e entramos de cabeça. Começamos a trabalhar duro nas novas canções.

Era uma época boa da banda: a composição vinha fluindo e o relacionamento entre nós era excelente. “Troops of Doom” foi a grande canção daquele álbum, e tínhamos ainda “Morbid Visions” e “Crucifixion”. “Funeral Rites” também não era ruim, mas “Troops of Doom” estava num nível diferente se comparada ao resto do disco. É uma canção muito melhor que as outras e foi a primeira coisa que escrevemos que nos deixou realmente orgulhosos de nós mesmos. Tem aquele começo fantástico *à la* Black Sabbath, antes de entrar na parte de thrash metal. É potente e misteriosa. Ainda a toco hoje em dia.

Fomos ao Studio Vice-Versa, em São Paulo, para gravar *Morbid Visions*, porque a Cogumelo não queria que gravássemos no JG Studios, em Belô, que tínhamos usado para *Bestial Devastation*. Eu achava que deveríamos ter usado o mesmo estúdio, já que o EP tinha sido gravado ali com muito sucesso, mas o Vice-Versa produzia mais discos. Nos sentimos um pouco desconectados naquele lugar: São Paulo nos parecia estranha, Belo Horizonte era a nossa cidade e lá estavam todos os nossos amigos. Não tínhamos a nossa gangue por perto e isso se refletiu no álbum.

Iggor sempre brincava, dizendo que havia um botão vermelho escrito “não toque” no meio da mesa de som do Studio Vice-Versa e que um dia o acionamos e o álbum acabou virando uma merda. É engraçado, mas havia um motivo real para o disco soar daquele jeito. Embora algumas pessoas achem que isso contribuiu para a sonoridade do álbum, o fato é que a minha guitarra e a de Jairo não estavam afinadas em sincronia. Eu não dava a mínima para a afinação nem mesmo checava isso. Jairo não estava por lá, ou teria afinado. Eu dizia: “Foda-se, vamos gravar!” Obviamente, deveria ter sido mais cuidadoso. Assim, quando se ouve o álbum, em toda parte em que há uma nota aberta dá pra perceber que a guitarra está meio tom acima ou abaixo.

De certa forma, o disco soava mais pesado: o baterista do Napalm Death me disse que *Morbid Visions* é o seu álbum preferido por causa da desafinação. Para ele, outras bandas deveriam gravar daquele jeito. Mas foi completamente acidental. Tínhamos um produtor chamado Zé Luiz, mas acho que ele estava ali apenas para ser pago. Dizia: “O que vocês quiserem fazer está bom pra mim.” Não expressava qualquer opinião em relação às composições ou à maneira como tocávamos.

Abrimos para o Venom quando eles tocaram em Belô, para uma plateia de vinte mil pessoas. O meu amigo João Gordo, do Ratos de Porão, me convenceu a subir no palco e falar um monte de merda sobre o Venom, pra jogar o público

contra eles e fazer daquele o nosso show, onde nós éramos os ídolos. Ele disse: “Fode com eles, vai ser do caralho!” Foi o que fiz. A primeira coisa que eu disse ao entrar no palco foi: “Fodam-se esses gringos!” Foi loucura, mas funcionou. Fizemos um show fantástico.

O mais engraçado é que Paulo veio até mim antes do show e disse: “Você tem que falar umas merdas sobre esses caras no palco.” Ele era completamente a favor de queimar o filme deles, e perguntei por quê. Respondeu: “Cronos, o vocalista, dormiu com a minha namorada ontem à noite!” Paulo não deveria estar com aquela garota; ela dormia com todo mundo.

Eu podia ter me dado mal: Cronos tinha deixado Tom Araya com um olho roxo no ano anterior, quando o Venom saiu em turnê com o Slayer. No entanto, mal chegamos a vê-los, exceto por cinco segundos, quando passaram por nós no hotel. Posso ter ficado bem perto de levar uma surra, contudo. Cronos estava em boa forma e teria acabado comigo. Felizmente, não falava português. Mas, se ler este livro, provavelmente vai me chamar e dizer: “Vamos resolver este assunto!” Na época, senti um pouco de culpa, porque era um grande fã do Venom. Mas que se dane, eu era só um garoto.

Passamos então a trabalhar na banda em tempo integral, fazendo grana da maneira que podíamos. Não queria voltar a ter um emprego normal: a prioridade era a banda. Vendíamos camisetas e, por vinte dólares, vendi também o autógrafo que Mille Petrozza, do Kreator, me enviou pelo correio.

> **Mille Petrozza:** Ele vendeu o meu autógrafo por vinte dólares? Vale pelo menos trinta! Mas se os vinte paus o ajudaram a comprar cordas de guitarra para criar alguns riffs do caralho, fico contente.

Sofremos um grande choque de realidade quando Jairo deixou a banda. Estávamos nos saindo bem e as coisas estavam ficando empolgantes, tínhamos cada vez mais shows pela frente. No entanto, o nosso tipo de som não era mais o que ele queria tocar. Jairo passou a curtir bandas glam como Poison e nos disse que queria tocar hard rock, não thrash metal.

Aquilo me deixou devastado. Queria saber: “Como pode preferir glam ao nosso tipo de música, cara?” Ele passou por uma mudança completa de personalidade da noite pro dia. Eu não conseguia entender: era como se alguém tivesse feito vodu para ele.

> **Jairo Guedes:** Deixei a banda por diversos motivos. Estava tentando levar um relacionamento sério com a minha namorada na época e queríamos ter filhos. Além disso, eu estava trabalhando, e a minha mãe estava doente. Ela

morreu depois disso. Eu era muito jovem e não conseguia organizar as coisas na minha cabeça: precisava abrir mão de algo, então decidi deixar a banda. Tomei a decisão certa: se tivesse negligenciado a minha mulher, os meus filhos ou a minha mãe, nunca poderia me perdoar.

O legal foi que nunca brigamos: ainda tenho amizade com todos da banda. Tenho orgulho também de ter sido o cara que pediu a Andreas Kisser pra entrar para o Sepultura. Ensinei a ele as canções enquanto fazíamos o álbum *Schizophrenia*.

Andreas Kisser foi o meu roadie quando tocamos em São Paulo. Eu o vi tocar uma canção de Randy Rhoads durante a passagem de som, e ele era impressionante. Na época, tinha uma banda de thrash metal chamada Pestilence, com músicas ótimas. A banda tinha gravado uma demo muito bem-feita e a técnica de guitarra de Andreas era excelente, então Iggor, Paulo e eu pensamos em chamá-lo para o Sepultura. O visual dele também era do caralho: parecia um cara do metal. Sabíamos que ele se encaixaria bem, mas o que não sabíamos era se a coisa funcionaria, já que ele morava em São Paulo e nós, em Belo Horizonte. Decidimos perguntar diretamente a ele se queria entrar para a banda.

Um dia fui até ele e disse: “Temos uma vaga no Sepultura, Jairo está deixando a banda. Achamos que você se encaixaria perfeitamente. Estamos evoluindo, melhorando.” Menti e disse que Paulo estava tocando bem o baixo. Falei ainda que tínhamos algumas canções novas, como “To The Wall” e “From The Past Comes The Storms”, prontas para o próximo álbum, que chamaríamos de *Schizophrenia*. Ele respondeu: “Me deem 24 horas pra pensar.” Aquelas foram as 24 horas mais longas de todos os tempos, porque não conhecíamos nenhum outro guitarrista, muito menos um que tocasse tão bem quanto Andreas.

No dia seguinte, Andreas telefonou e disse: “Tô nessa. Vou me mudar para Belô.”

Agora estávamos prontos para dar o próximo passo.

6
1988-1989: The Remains of America

A minha mãe preparou o quarto de visitas para Andreas, e ele acabou morando com a gente por alguns anos. Ela não se incomodou nem um pouco: sabia que era pela banda. Eu disse à minha mãe que ele era um grande guitarrista e que aquela era uma oportunidade excelente, já que ele ajudaria a melhorar o nosso som. Falei para Andreas que ele moraria com a gente e seria como um irmão.

O nosso primeiro ensaio foi fantástico, pura magia. Parecia que tocávamos juntos havia uma eternidade. Tocamos “Troops Of Doom” e “Necromancer”, e Andreas foi perfeito. Ele vinha de uma família da classe média, com mais dinheiro, mas se adaptou perfeitamente a nós. Pra dizer a verdade, na primeira vez que o vi, ele estava dirigindo um conversível com duas gostosas. Pensei: “Que filho da puta sortudo!” Usava óculos Ray-Ban e tinha um visual ultrafoda: parecia um astro do rock.

Se alguém me dissesse naquele dia que aquele seria o nosso próximo guitarrista, eu não teria acreditado. Ele era um metaleiro de verdade: adorava Randy Rhoads, Eddie Van Halen e Yngwie Malmsteen, e o Metallica era a sua banda favorita. Ele trouxe algumas dessas influências para o Sepultura, o que foi bom, nós precisávamos de um som novo e revigorado depois de *Morbid Visions*.

Tínhamos que nos expandir e era isso que o nosso álbum seguinte,

Schizophrenia, tinha: um toque de Metallica. As canções se tornaram mais técnicas e difíceis de tocar. Tínhamos faixas como “Inquisition Symphony”, complicada, com um monte de partes. É quase como uma ópera: complexa e cheia de seções diferentes. Andreas levou grande parte daquilo para a banda, que até então era crua.

Voltamos ao JG Studios em Belô para gravar *Schizophrenia*. Deveríamos ter gravado *Morbid Visions* ali, já que era um grande estúdio e nos sentíamos em casa, junto dos nossos amigos. O cara do Chakal, Vladimir Korg, apareceu por lá e escreveu a letra de “To The Wall” comigo. Tínhamos um monte de canções maneiras, como “Septic Schizo”, “Rest In Pain” e “From The Past Comes The Storms”, que tinha o nome original de “From The Past Reborns The Storms”. Descobrimos depois que esse título não fazia sentido em inglês, mas tinha definitivamente a pegada do metal.

Schizophrenia foi um passo gigantesco para nós. A produção da Cogumelo era inacreditável. Fizeram uma capa dupla, com uma imensa foto colorida do Sepultura. O nosso visual era fantástico: como a porra de uma banda de verdade, como todos os grupos que crescemos ouvindo. Éramos metal pra caralho. Até a capa do álbum era maneira: pedimos para um cara desenhar um espelho quebrado e um sujeito numa camisa de força, amarrando o conceito do título. Alguém tinha me dito muito tempo atrás que eu era esquizofrênico — embora não estivesse falando sério — e aquilo me veio do nada, enquanto tentava encontrar um título para o álbum. Pensei: “Esse nome é maneiro, vamos criar um conceito a partir dele.”

Se você pegar os álbuns do Sepultura, vai perceber que cada um deles tinha algo a mais a oferecer. Cada álbum dava um passo adiante e proporcionava uma nova experiência ao público, ainda com a velha potência e a fúria do thrash metal, mas sempre com algo de novo. Quando *Morbid Visions* foi lançado, me lembro das pessoas dizerem: “Foda-se o Sepultura! Eles não são mais death metal.” Depois, quando saiu *Schizophrenia*, a onda era dizer: “Ah, agora eles são como o Metallica! Vendidos!” Tivemos que suportar aquilo, mas não importava, nós acreditávamos na nossa música e a negatividade dessas pessoas não nos incomodava. Sabíamos exatamente aonde estávamos indo e tivemos autoconfiança o bastante para seguir em frente. Foi ótimo.

Quando Andreas se juntou a nós, a banda se tornou melhor, mais potente e entrosada. Conseguíamos escrever canções melhores e nos tornamos mais profissionais em todos os aspectos. *Schizophrenia* era o álbum perfeito para a época. Não tenho qualquer tipo de arrependimento: aquele foi o álbum que nos fez assinar um contrato com a Roadrunner.

Não tínhamos um empresário naquela época. Tudo era feito por nós e pela

minha mãe, que cozinhava para a gente e para os amigos que apareciam para passar um tempo com a gente. Às vezes, havia trinta pessoas lá em casa, na maioria amigos que vinham de São Paulo para nos ver tocar. Dormiam na cozinha e no banheiro. Era uma casa de loucos. A minha mãe sabia que o amor que eu e Iggor sentíamos pela música era enorme, então nos apoiou imensamente: fez tudo o que podia por nós. A maior parte dos jovens odeia o que os pais fazem e se rebela contra eles. Na nossa família foi diferente.

Todos tínhamos as nossas funções: Iggor, por exemplo, pintava à mão as camisetas da banda e as vendia. Eu era o responsável por enviar os álbuns para fora do Brasil, rumo aos Estados Unidos e à Europa. Uma das pessoas que recebeu o álbum foi Monte Conner, da Roadrunner, em Nova York. Também enviei um para Borivoj Krgin, jornalista, e outro para Don Kaye, que tinha um programa de rádio.

> **Monte Conner (diretor de elenco e repertório da Roadrunner):** Três pessoas em Nova York — eu, Don Kaye e Borivoj Krgin — promoveram o Sepultura no início da sua carreira. Borivoj escrevia para a *Metal Forces*, do Reino Unido, e tinha também um fanzine chamado *Violent Noize*, para o qual Don e eu colaborávamos. Don também escrevia para a *Kerrang!* e outras revistas.
>
> Basicamente, éramos como melhores amigos, metaleiros da pesada em Nova York, e curtíamos pra valer as cenas emergentes de speed, thrash e death metal. Líamos todos os fanzines do underground para descobrir sobre novas bandas — estávamos sempre em cima do lance. Estávamos entre as primeiras pessoas em toda a área de Nova York a descobrir novas bandas maneiras.
>
> O Sepultura foi descoberto por Don, que recebeu uma fita de um dos seus contatos no Brasil. Esse cara enviou a ele uma compilação de demos feita por seis bandas. Na fita estavam as cinco canções do EP *Bestial Devastation,* e Don presumiu que fossem apenas demos. Pelo que sei, ninguém digno de nota fora do Brasil tinha ouvido o Sepultura antes de Don receber essa fita. Ele foi à loucura e mostrou a mim e a Borijov. Também amamos o que ouvimos.
>
> Embora tenha sido Don quem me apresentou o Sepultura, foi Borivoj quem manteve um contato mais próximo com Max e foi ele o primeiro a me dar uma fita de *Schizophrenia*. Apesar de ser um grande fã do Sepultura, eu era um pouco cético quanto ao seu valor em termos de mercado antes de ouvir *Schizophrenia*. Ainda que *Bestial Devastation* não fosse uma gravação ruim, o som de *Morbid Visions* não era muito bom: Max gosta de

contar como as guitarras em *Morbid Visions* foram gravadas desafinadas. Mas *Schizophrenia* representava um progresso gigantesco para a banda e me arrebatou de vez.

Com Andreas na banda, Max tinha agora o seu guitarrista solo: o seu braço direito. Andreas foi extremamente importante para o desenvolvimento dos caras do Sepultura como compositores e músicos e era possível ouvir esse progresso em *Schizophrenia*.

Fiz alguns arranjos para viajar a Nova York e conhecer Monte. Tínhamos um amigo em São Paulo, chamado Roberto, cujo negócio era vender discos importados. Era dono de uma lojinha e estava envolvido com a empresa aérea Pan-Am. Me disse que eu poderia viajar a Nova York de graça, comprar um monte de discos com o dinheiro que ia me dar e trazê-los de volta. Teria que voar como funcionário da Pan-Am, então precisava de um terno. Amarrei o cabelo, ele me deu uma passagem, e eu tinha algum dinheiro que a minha mãe me deu. Era oficial: eu estava elegante pra caramba!

Quando cheguei em Nova York, Borivoj Krgin e Don Kaye me pegaram no aeroporto. Visitei um monte de selos fonográficos com Borivoj, que não tinha muita paciência e caminhava sempre um quarteirão à minha frente, porque eu andava meio devagar — assim, ele não viu quando fui assaltado. Um cara afro-americano colocou uma faca na minha garganta no meio de Manhattan, na rua, em plena luz do dia. Tinha cinco dólares comigo e pensei: “Meu Deus, tô fodido.” Ainda falava mal inglês nem mesmo sabia as palavras certas para dizer a ele, então falei em português: “Aqui está, é tudo que tenho.” Dei os cinco paus, e ele foi embora. Fiquei pensando: “Fiz toda esta viagem, vindo de um país violento como o Brasil, e me colocam uma faca na garganta em Nova York?”

Alcancei Borivoj e disse: “Cara, você me deixou pra trás e colocaram uma faca na minha garganta!” Ele perguntou: “Meu Deus, você tá bem?” Respondi: “Sim, tô bem, seu babaca!”

Eu tinha trinta cópias de *Schizophrenia* comigo e fui entregando os discos por onde passava. Deixei um na Noise Records e outro com Monte, que me disse que *Schizophrenia* parecia ótimo.

Monte Conner: Quando Max chegou aqui, em fevereiro de 1988, Don e Borijov o encontraram no aeroporto JFK. Diferentemente da história que surgiu ao longo dos anos, eu já vinha mantendo contato com Max e estava interessado em assinar um contrato com o Sepultura antes mesmo da sua chegada a Nova York. Aquela viagem foi apenas uma formalidade — uma maneira de conhecer Max pessoalmente, já que ele tinha aquelas passagens

grátis. Na verdade, Max chegou com um pedaço de papel que listava os preços do estúdio Nas Nuvens, no Rio, onde *Beneath The Remains* seria gravado.

Max só esteve em Nova York por três dias: Borijov o trouxe ao escritório da Roadrunner e conversamos por algumas horas. Depois disso, foram ao escritório da Noise Records, a alguns quarteirões do nosso, pois Don trabalhava lá na época, na área de publicidade. Borijov também levou Max à famosa loja Slipped Disc, em Valley Stream, onde coincidentemente esbarraram com C.D. Hartdegen, que trabalhava na SPV US na época, e lhe deram uma cópia de *Schizophrenia*. Não fiquei preocupado, porque, como já disse, a negociação entre mim e Max já estava bem avançada e eles não foram alvo de qualquer interesse sério de outros selos.

Depois de três dias, peguei o voo de volta pra casa. Tinha visitado alguns selos e deixado o LP com eles, que disseram que entrariam em contato — típica lenga-lenga de gravadora. Acho que o fato de o Sepultura vir do Brasil era exótico para eles: alguns fanzines tinham escrito sobre nós, então havia um certo burburinho sobre os quatro malucos brasileiros que tocavam metal. Tínhamos tocado apenas em Belô, Rio e São Paulo.

Monte Conner: Dado que o metal é uma coisa global hoje em dia, as pessoas se esqueceram, ou não se deram conta, de que assinar com uma banda do Brasil naquela época era algo grandioso. Aquele era o apelo comercial mais singular do Sepultura: eles eram exóticos. Vinham do Brasil! A mídia foi à loucura com aquilo, e ninguém poderia acreditar em quantas portas se abriram nas mais diversas facetas da mídia. Sei disso em primeira mão, já que eu também era o divulgador deles nos Estados Unidos na época.

O nosso objetivo sempre foi a América: não me importava se tivesse que vestir um terno para conseguir. Estava cagando, sabia que eu mesmo teria que ir lá e entregar o álbum a eles. Sabia que seria melhor conhecer os caras da gravadora pessoalmente e que aquilo tornaria as minhas chances maiores do que se apenas enviasse o disco pelo correio.

Por três meses, ninguém nos telefonou. Ficamos bastante ansiosos e decepcionados, fomos desanimando aos poucos. Até que um dia a porra do telefone tocou e era Monte.

Monte Conner: Mostrei o disco deles ao dono da Roadrunner, Cees

Wessels, e expliquei a ele que o Sepultura tinha dado um passo criativo enorme em relação a *Morbid Visions*. Garanti que, caso dessem outro passo adiante no terceiro álbum, poderiam definitivamente se transformar num nome grande do mundo do metal.

Seria legal poder afirmar que tive a capacidade de prever que eles se tornariam uma das maiores bandas de metal do planeta depois de ouvir *Schizophrenia*, mas eu estaria mentindo. Ninguém, nem o mais competente caçador de talentos, poderia ter escutado aquele álbum e previsto que depois viriam *Chaos A.D.* e *Roots*. Ainda assim, eu tinha um pressentimento bom em relação a eles.

Monte queria nos contratar. Disse que a Roadrunner tinha gostado do álbum e da banda e que escolheriam um produtor americano, o enviariam ao Brasil, encontrariam um estúdio e gravariam um disco. Pensamos: “Meu Deus... Aquilo que desejamos por tanto tempo finalmente vai acontecer.” Não dá pra explicar a energia e a empolgação que tomaram o ambiente assim que terminei de falar com ele.

Percebemos de imediato que precisávamos de novas canções, então começamos a escrever material para o álbum que acabaria se tornando *Beneath The Remains*. Estávamos tão empolgados por saber que o nosso álbum seria lançado em todo o mundo que encaramos aquilo como um desafio: “Não podemos perder essa oportunidade. Temos de fazer um disco melhor que *Schizophrenia*.” Estava dentro de todos nós: sabíamos que tínhamos que melhorar, ninguém precisava dizer nada um ao outro.

Ensaiamos feito loucos: nos isolamos e tocamos sem parar até que as músicas ficassem boas e soassem como deveriam. Levou oito meses para que ficassem prontas. Precisávamos que estivessem realmente bem-feitas, pois sabíamos que o produtor seria profissional e queríamos estar preparados para quando eles chegassem.

Gravamos as demos de “Beneath The Remains” e “Inner Self” em fita cassete: a gravação foi feita ao vivo com um só microfone, então o som ficou uma merda. A Roadrunner estava assumindo um grande risco com a gente sem ter ouvido nem mesmo uma nota além do LP *Schizophrenia*. Simplesmente torciam para que pudéssemos fazer um bom álbum.

O produtor original seria Jeff Waters, do Annihilator. Estávamos quase fechando a negociação com ele quando Monte veio do nada com Scott Burns e disse: “Tenho um cara diferente, do Morrisound Studios, em Tampa, Flórida. Ele é muito bom e está disposto a viajar ao Brasil.” Acho que Jeff não queria vir ao nosso país: talvez preferisse que fôssemos ao Canadá, mas isso não era possível,

já que seria muito caro deslocar toda a banda. Assim, aceitamos trabalhar com Scott.

> **Monte Conner:** Scott Burns era desconhecido na época. O único motivo pelo qual eu tinha ouvido falar dele foi porque ele gravou *Slowly We Rot*, do Obituary. Borijov lançou um selo chamado Godly Records e contratou o Obituary quando ainda se chamava Xecutioner. O selo não foi adiante, mas Borijov já havia bancado a gravação de *Slowly We Rot*, no qual Scott foi responsável pela engenharia de som e pela mixagem, e foi assim que o conheci, além de ter visto o seu nome como engenheiro no disco *Leprosy*, do Death. Assim, a escolha de Scott para produzir *Beneath The Remains* — o seu primeiro trabalho como produtor — definitivamente representava certo risco. Mas eu tinha um grande pressentimento em relação a ele e adorava o seu entusiasmo. Ele estava pronto para fazer o que fosse necessário.

Quando fomos buscar Scott no aeroporto, estávamos esperando um produtor profissional americano, mas ele chegou de short e sandálias. Pensamos: “Esse é o cara errado; não pode ser ele.” Perguntamos: “Você é Scott Burns?” Ele respondeu: “Sim, estou aqui para gravar o álbum com vocês.” Pensamos: “Caralho, esse cara parece um turista!”

Mesmo assim, estávamos empolgados. Pensávamos: “Qualquer coisa serve a essa altura, vamos fazer isso funcionar.” Tocamos as demos para Scott, e ele adorou. Fomos ao Rio para gravar: me lembro bem do primeiro dia. Scott ligou para o meu quarto, naquela merda de hotel duas estrelas, e me acordou. Disse: “Max, toda a minha bagagem foi roubada do quarto.” Respondi: “Você só pode estar de sacanagem.”

Alguém tinha entrado no quarto enquanto ele dormia e roubado as suas malas, com todas as roupas dentro e um toca-fitas que ele tinha trazido. Não sobrou nada, então fizemos uma vaquinha para comprar calças, camisas, pasta de dente e coisas do gênero. Ele ficou muito puto: não foi mesmo um bom início. Eu disse: “Ei, Scott, bem-vindo ao Brasil! Você não está mais nos Estados Unidos.” Mas lamentei que aquilo tivesse acontecido, pois era uma maneira escrota de ser recebido no país.

Mas Scott era um soldado: logo passou por cima disso e seguiu em frente. Não se importava. Dizia: “Estou aqui para gravar um disco com vocês, essa merda não vai me abalar. Vamos fazer um puta álbum.” Gravamos no estúdio Nas Nuvens, lugar onde foram feitos discos pop de enorme sucesso. Era um local mítico, pelo menos para nós, brasileiros, e estar ali era um privilégio.

Só podíamos gravar durante a noite: o estúdio estava disponível de meia-noite às sete da manhã. O álbum inteiro foi gravado à noite, o que era uma maneira estranha de se trabalhar: dormíamos durante o dia e nos levantávamos e nos preparávamos às onze, prontos para uma madrugada inteira de metal. Adoramos a experiência. Scott estava se divertindo pra valer.

Mas uma coisa o fez enlouquecer: na parede havia uma fotografia de dois astros pop brasileiros, Gilberto Gil e Caetano Veloso, se beijando nos lábios. Scott disse: "Não posso trabalhar com isso aqui. Mandem tirar!" Respondemos: "Relaxa, cara. É só uma foto!", mas ele mandou o engenheiro de som tirá-la. O engenheiro ficou puto da vida, dizendo: "Esses artistas são celebridades aqui no Brasil. Quem esse cara pensa que é?" Argumentamos: "Sentimos muito, mas não dá pra você tirar a porra do quadro pra gente poder gravar o álbum?"

Nesse meio-tempo, eu vinha lendo alguns livros e descobri Michael Whelan, um artista que fazia capas. Tinha visto um desenho dele que adorei. Acabou virando a capa de *Cause of Death*, do Obituary, mas originalmente deveria ter sido usada para *Beneath The Remains*. O que aconteceu foi que a Roadrunner entrou em contato com Whelan e ele lhes enviou dez pinturas diferentes, entre elas uma com a caveira preta e vermelha que acabou sendo utilizada no nosso álbum.

Monte preferia a pintura da caveira à que foi usada em *Cause of Death* e a sugeriu pra mim. Era fantástica e eu achava mesmo que tinha um design melhor. A imagem era bastante poderosa, exótica e maneira. O animal dentro da caveira é um morcego, um lobo ou algo assim. Michael sempre acrescenta esses detalhes, é um gênio. Conheci Michael muito tempo depois, quando fiz o álbum *Dark Ages*, do Soulfly, e ele é um cara legal de verdade.

Beneath The Remains foi gravado à noite e tem todo este clima soturno: as pessoas foram ao delírio quando ouviram o álbum, que até hoje é considerado um clássico. Monte não poderia ter ficado mais contente: ele adorou *Beneath The Remains*. Nos chamou e disse que o som era parecido com Slayer, o que era fantástico para nós. Os caras do Slayer eram nossos ídolos, então foi um grande elogio.

> **Monte Conner:** Pensei que seria fantástico se conseguíssemos vender trinta mil cópias de *Beneath The Remains*. Eu era muito jovem na época e novo no mundo dos negócios. Era simplesmente um grande fã de música, com bons instintos e um ouvido aguçado.
>
> Foi só quando Scott Burns apareceu com as gravações brutas de *Beneath The Remains* que percebi como tivemos sorte e como havia muito mais potencial no grupo do que qualquer um pensava. O Sepultura mostrou a que

viera com aquele álbum e estabeleceu o padrão que acabaria aperfeiçoando em *Arise*.

"Inner Self" foi o primeiro vídeo que fizemos: foi tudo feito em São Paulo, porque eu, a minha mãe e Iggor tínhamos nos mudado para lá pouco antes de *Beneath The Remains* ser gravado. Achávamos que a cena rock era melhor ali e, como a banda ficava cada vez maior, precisávamos estar na metrópole. Sabíamos que faríamos mais shows e que estávamos nos tornando populares, então a minha mãe disse pra fazermos as malas e nos mudarmos pra cidade grande. Encontramos um apartamento no centro, e Andreas voltou para o subúrbio da cidade. Paulo foi morar com ele, então a banda toda estava em São Paulo. Tínhamos um local pra ensaiar perto de casa e foi lá que escrevemos *Beneath The Remains*.

Foi uma época insana da minha vida, pois estava saindo bastante com o meu melhor amigo naqueles tempos, João Gordo, do Ratos de Porão. Frequentávamos uma boate punk no centro de São Paulo. Ele usou uma das minhas frases ("Vivendo cada dia mais sujo e agressivo") num dos seus álbuns. O primeiro show de metal e punk que aconteceu em São Paulo foi quando o Sepultura e o Ratos de Porão tocaram juntos no teatro Mambembe: toda a galera estava se cagando de medo dos *skinheads*, que eram bastante populares e violentos em São Paulo.

Quando saímos, aconteceu um incidente. Iggor caiu numa emboscada de um bando de *skinheads* e levou uma surra. Ficou com o olho roxo e o rosto todo machucado. Os *skinheads* eram um porre naquela época: um monte de gente não ia aos shows por medo deles. Mas estávamos unindo os metaleiros e os punks com aquele show: havia apenas cem pessoas ali. Uma pena, era pra ter sido um grande show.

Lembro que o organizador — que era o dono da Woodstock Discos em São Paulo, onde eu costumava comprar LPs quando era criança — carregava um velho trezoitão durante todo o show. Dizia: "Se algum *skinhead* aparecer, estou protegido. Deixa que venham! Vão provar do próprio veneno." Eu pensava: "Que doideira!" Ele sacudia a arma dentro do camarim, dizendo: "Ei, Sepultura! Olhem só o que eu tenho. Não se preocupem! Se os *skinheads* se aproximarem de vocês, vou acabar com eles" etc. e tal.

John Tardy, do Obituary, e Kelly Schaefer, do Atheist, apareceram como convidados em *Beneath The Remains*: os dois estavam de bobeira no Morrisound quando fui até a Flórida mixar o álbum. Não tive tempo para terminar os vocais no Rio, então precisei finalizá-los em Tampa. Fiquei hospedado na casa de Scott e gravei o restante dos vocais. Foi quando conheci os

caras do Obituary e do Atheist, que fizeram vocais de apoio em “Stronger Than Hate”. O título “Inner Self” veio de Kelly: ele tinha esse título, do qual gostei, e perguntei se poderia usá-lo. Ele respondeu que sim.

Havia algo naquela canção que capturava bem o espírito de *Beneath The Remains*, embora eu ache que o álbum inteiro seja ótimo. “Walking in these dirty streets/ With hate in my mind...” (Caminhando pelas ruas imundas/ Com ódio na mente). Aquilo era como um diário da minha vida: e era eu dizendo exatamente como era a minha vida naquela época específica. As ruas eram sujas, e eu estava puto. “No conformity in my inner self” (Nenhuma submissão em meu eu interior): todas aquelas coisas sobre ser um pária e me sentir rejeitado. A levada de bateria é fantástica, é uma faixa épica de thrash metal, com andamentos diferentes, mudando o tempo todo. Por isso, pensamos em lançá-la como o primeiro single.

Tínhamos um amigo numa produtora de vídeo que fazia comerciais e ele veio nos ver tocar em São Paulo: há registros do show no vídeo, assim como de momentos em que estávamos de zoeira. Há uma cena com um bêbado pela rua, bebendo pinga, um destilado brasileiro da porra que é como a nossa versão da tequila. É uma bebida muito forte, com uns sessenta por cento de teor alcoólico, e apareço no clipe bebendo uma dose com o cara. Depois tem uma cena da banda andando pelas ruas de São Paulo como uma gangue e outra em que um skatista salta sobre nós quatro. Aquilo foi ideia do Iggor: ele curtia skate e queria que aquele mundo fizesse parte do Sepultura. A gravação foi divertida: não tínhamos ideia do que era fazer um vídeo, então mesclamos registros do show com filmagens da banda zoando pela cidade. Acho que ficou bem maneiro, levando-se em conta que era a nossa primeira experiência.

Na mesma época, gravamos também uma versão de “A hora e a vez do cabelo nascer”, dos Mutantes, para um álbum de artistas brasileiros celebrando a Tropicália original, que foi um período em que uma série de músicos partiu do Brasil em direção a Londres ou aos Estados Unidos por causa da repressão do governo. Arnaldo Baptista era o líder dos Mutantes, um grupo bem popular no Brasil durante os anos 1970. Ele pirou completamente e o trancaram num asilo pra doentes mentais.

Um amigo meu pensou que seria legal fazer um álbum com músicas dos Mutantes. Escolhemos essa faixa porque soava como rock. Tinha uma vibração maneira. Parecia um pouco com Metallica, especialmente a canção “Breadfan”, do Budgie, para a qual eles fizeram uma versão em 1988. Ensaiamos e gravamos a música num estúdio de São Paulo como um favor pra esse amigo, e a faixa depois foi incluída numa reedição de *Beneath The Remains*.

Monte Conner: Pouco depois de partir do Rio e retornar ao Morrisound, em Tampa, Scott Burns me enviou a mixagem bruta de *Beneath The Remains* em fita cassete. Quem conhece o funcionamento dos cassetes sabe que eles não reproduzem os agudos com precisão se o alinhamento do cabeçote de gravação estiver incorreto ou se o cabeçote da mesa de reprodução estiver alinhado diferentemente.

Não sabia daquilo na época, devido à minha falta de experiência no que dizia respeito aos processos de gravação e mixagem. Assim, quando recebi a fita e não consegui ouvir os pratos da bateria, disse a Scott que queria que ele colocasse muito mais pratos nas canções. Não me dei conta que não podia ter confiado na precisão de uma fita cassete.

Scott — ainda novo naquela função e disposto a agradar — voltou com uma mixagem em que os pratos estão extremamente altos. Por isso, se você escutar *Beneath The Remains*, vai perceber um chiado constante de pratos. É um álbum bastante barulhento. Tentei diminuí-los um pouco quando o remasterizamos em 1997, mas era algo difícil de ser corrigido, já que, uma vez incluídas frequências altas na masterização, os outros instrumentos também são afetados. É desnecessário dizer que ninguém se importou ou reclamou, embora eu tenha recebido uma carta de um fã certa vez.

Ensaiamos bastante nos dois anos seguintes a *Beneath The Remains* e fizemos uma série de apresentações ao vivo, incluindo shows em Brasília e novamente no Nordeste do Brasil, além de Manaus, na Amazônia: aquele foi o primeiro show de thrash metal ali e havia um monte de índios na plateia. Foi impressionante. Eram muito simpáticos e nos trataram muito bem. Foi o meu primeiro contato com eles, que acabou dando origem a *Roots*.

Lá conheci um sujeito que me disse: “Quer dar uma volta pela floresta comigo?” Respondi: “Adoraria, mas tenho um show amanhã.” Então ele disse: “Tudo bem, vamos beber uma parada que vai transformar você numa árvore.” Perguntei: “Se eu beber isso, vou conseguir tocar amanhã?” E ele respondeu: “Não! Você vai estar na floresta, transformado numa árvore.” No fim, não bebi. Disse: “Obrigado pela oportunidade, mas vou ter que deixar pra próxima. Tenho um show amanhã.” Ele falou: “Se um dia quiser voltar aqui, será bem-vindo.” Aquilo ficou marcado na minha mente.

Estava fora de mim em Manaus. Usei tanta cocaína na noite antes do show que, às quatro da manhã, subi no telhado do hotel e cantei *Beneath The Remains* inteiro, palavra por palavra, tocando *air guitar*, enquanto via o sol se erguer sobre a Amazônia. Depois, me senti um merda, mas coca e *speed* definitivamente são drogas thrash metal. Você usa e num minuto está

pronto pra cagar no pau!

A primeira coisa que fizemos depois do lançamento de *Beneath The Remains* foi uma turnê europeia, abrindo para o Sodom. Para nós, foi ótimo: tocamos no Marquee, em Londres, e em muitos outros lugares fantásticos. O primeiro show internacional que fizemos foi em Viena, na Áustria, e foi espetacular. Não sabíamos o que esperar. O Sodom era uma banda muito popular e os ingressos para a maioria dos shows estavam esgotados. Fiquei surpreso ao ver a quantidade de fãs do Sepultura. Não sabíamos que havia tantos até chegarmos à Europa e vermos centenas de pessoas vestindo camisas da banda. Pensávamos: "Meu Deus, está acontecendo de verdade." Foi uma turnê perfeita.

Conheci Lemmy quando estivemos em Londres. Fui a um bar e ele estava lá, jogando fliperama sozinho. Eu disse ao Iggor: "Olha ali, cara, é o Lemmy! Vou lá falar com ele!" E Iggor respondeu: "Não pode!" E eu disse: "Foda-se, cara, preciso cumprimentá-lo, é o Lemmy!" Assim, fui até ele e comecei: "Como vai, Lemmy?" E ele respondeu: "Numa boa!", e continuou jogando. Eu estava meio bêbado, então continuei falando: "O meu nome é Max, sou do Brasil e tenho uma banda chamada Sepultura. Somos grandes fãs de vocês, cara! Adoramos Motörhead."

Do nada, Lemmy pegou o seu copo e derramou uísque na minha cabeça. Não sei se ele queria que eu fosse embora, tipo "Dê o fora daqui", mas ainda assim foi demais. Voltei pra mesa e disse a todo mundo que tinha acabado de ser batizado por Lemmy! Era um batismo heavy metal, e eu estava nas alturas. Não tomei banho nem lavei o cabelo por alguns dias depois desse episódio. Nunca contei isso a Lemmy quando o encontrei mais tarde.

O único problema naquela turnê foi o empresário do Sodom, que não foi com a nossa cara desde o início. Na minha opinião, ele pensava que éramos muito bons e que o Sodom encontraria dificuldades para nos superar. Eles tinham dificuldade para despertar na plateia a mesma reação que nós e acho que aquilo o irritava. Ele cortava a nossa luz pela metade e diminuía o volume do nosso som. Chegava até mesmo a ficar parado diante de nós quando tocávamos, o que era bem estranho. Certa vez, nos disse: "Se continuarem a tocar bem, vou tirar as luzes de vocês até ficarem no escuro." Pensamos: "Que babaca."

Percebi que esse cara era superlimpo: era o sr. Limpeza, tomava três banhos por dia e vestia sempre camisas impecavelmente brancas. Estávamos todos no mesmo ônibus, então pensei em sacaneá-lo e não tomar banho por toda a turnê. Falei pros caras da banda aguentarem as pontas, porque queria perturbar o sr. Limpeza o máximo que pudesse. Depois da primeira semana, eu estava fedendo. Quando eu passava, o meu fedor era perceptível e o ar ficava impregnado. Aquilo deixou o cara puto da vida, até que um dia ele estourou: "É melhor vocês

fazerem ele tomar banho ou não vai mais viajar no mesmo ônibus que a gente! Tá fedendo que nem a porra de um macaco!” Eu estava adorando. Pensava: “Vai se foder! Mexeu com a gente, aqui está o troco.”

Mantive a promessa: não tomei banho até o fim da turnê. Saía do palco com as roupas suadas, ia dormir sem me trocar e as vestia de novo no dia seguinte — todo dia. Era um inferno para mim: o meu cabelo estava uma bagunça, imundo de suor, mas queria encher o saco daquele cara, então aguentei firme.

Quando voltamos ao Brasil, a história sobre a falta de banho se espalhou, e Jô Soares, o Jay Leno brasileiro, ficou sabendo e nos convidou para aparecer no seu programa de televisão, o *Jô Soares Onze e Meia*, que tinha um milhão de telespectadores. Fomos ao estúdio de TV para gravar.

A primeira coisa que ele perguntou foi: “É verdade que você passou um mês na Europa sem tomar banho?” Respondi que sim. Ele continuou: “E hoje, tomou banho?” E eu disse que sim e expliquei a história do empresário do Sodom. Então ele disse: “Ah, está explicado. Mas ainda bem que eu não estava no ônibus com vocês.” Ficamos completamente surpresos por termos sido convidados pelo programa e pela história do banho ter causado tanta controvérsia. Até a minha avó ficou sabendo e me telefonou, perguntando: “Por que você não tomou banho?”, e tive que me explicar.

Não houve muita zoeira naquela primeira turnê. Iggor raramente bebia, mas eu enchia a cara direto, como de costume. Já em relação a drogas, rolava pouco: Andreas fumava um baseado de vez em quando no camarim, mas era só isso. Também não demos muita sorte com as *groupies*, o que era compreensível, já que eu estava fedendo e as meninas não queriam se aproximar de mim.

Daquela turnê, seguimos para os Estados Unidos, onde excursionamos com o Faith or Fear. Eles eram uma banda nova na época, então alternávamos o posto de atração principal durante os shows. Estávamos todos na mesma van: me lembro do motorista, um cara louro, que costumava tomar três ácidos toda noite, antes de dirigir. Aquilo me deixava apavorado: Pensava: “Meu Deus! Ele vai bater com essa porra!” Perguntei como conseguia dirigir daquele jeito e ele disse que dirigia melhor sob o efeito do ácido. Era mesmo um bom motorista, acreditem ou não. Uma doideira.

Foi uma grande turnê: tocamos numa série de casas pequenas por toda a América, incluindo o nosso primeiro show em Nova York, que foi numa boate sadomasoquista. Fizemos apresentações fantásticas em Chicago e na Filadélfia e voltamos a Nova York pra tocar no Ritz, onde abrimos pro Sacred Reich e o King Diamond. Aquele show foi gigantesco: tinha umas quatro mil pessoas por lá, já que o King Diamond era bastante popular na época. Foi nesse show que conheci Gloria.

Gloria Cavalera: No começo de 1989, a Roadrunner me perguntou se eu poderia assumir as bandas deles que ainda não tinham empresário. Eu ri e disse que não, porque não curtia muito as versões satânicas do metal e tinha algumas bandas no selo voltadas para o "Lado Negro". Depois, me ofereceram o Sepultura. Pra mim, era algo completamente inaceitável, já que nem nos conhecíamos. Apenas tinha ouvido falar da banda por meio do meu amigo, Danny Lilker, que deu ao meu filho, Dana, uma fita cassete dele.

Por coincidência, o Sacred Reich, do qual eu era empresária, foi convidado a abrir pro King Diamond na noite de Halloween em 1989, no Ritz, em Nova York. O Sepultura e o Pestilence também faziam parte das atrações de abertura. Considerei aquela uma boa oportunidade para conhecer os rapazes e assistir ao show deles. Quando cheguei, vi que tinha diversos outros empresários que estavam ali para avaliar o Sepultura. Foi estranho, porque a maioria deles me chamou num canto e disse para não assumir a banda. Achei um tanto esquisito.

Assim que o show deles começou, a adrenalina me acertou em cheio. Me sentei ao lado de Cees Wessels e disse: "Quero esta banda." Cees simplesmente sorriu. Durante a noite, nos conhecemos no camarim e eles me perguntaram sobre a possibilidade de empresariá-los. Disse que poderíamos conversar melhor quando tocassem em Phoenix.

Quando chegaram a Phoenix, algumas semanas depois, fui ao show e fiquei surpresa ao ver como eram rudimentares em termos de produção. Paulo tinha só uma palheta, toda lascada, e a banda não contava com garrafas d'água ou toalhas no palco, o que, para mim, era uma necessidade para eles. Notei que alguém estava filmando o show e ouvi dizer que era o chefe de turnê deles. Pensei: "Vão passar a perna nesses caras." Ajudei-os durante a apresentação e depois fomos ao hotel deles para uma reunião rápida. A gente se entendeu rapidamente e o resto faz parte da história do metal.

Até aquela altura, Borivoj Krgin vinha sendo uma espécie de empresário pra banda. Viajava com a gente, mas na verdade não queria fazer nada pra gente: quando pedíamos um pouco de água, ele respondia: "Peguem vocês a porra da água! Não sou seu escravo." Pensávamos: "É esse o nosso empresário?" Era uma situação bem estranha. Ele reclamava de tudo que pedíamos. Éramos amigos desde os tempos em que o conheci em Nova York, então ele se considerava mais como um camarada do que um empresário. Nunca o levamos a sério como empresário e acho que ele também não. Na maior parte do tempo,

ficava filmando os shows.

Percebemos que logo precisaríamos de um empresário de verdade. Quando conhecemos Gloria, ela vinha trabalhando com o Sacred Reich e gostou do que viu no nosso show. A minha guitarra quebrou durante a última música, então pulei na plateia com o microfone na mão e cantei nos braços da galera. Foi tudo um caos, muito rápido e insano.

Encontramos Gloria depois, e ela disse: “Achei o show de vocês fantástico. Foi muito maneiro o jeito como terminou a apresentação no meio do público.” Ela contou que era empresária do Sacred Reich, o que nos deixou impressionados, porque a banda vinha se saindo bem, excursionando pela Europa e pelos Estados Unidos. Gloria se ofereceu para trabalhar com a gente por um ano, sem receber, só pra ver se gostávamos do jeito que ela trabalhava e cuidava dos negócios da banda. Pensamos: “E por que não?”, já que não tínhamos nada a perder. Perguntamos: “Um ano inteiro, sem ser paga?” E ela disse: “Sim. Se não ficarem satisfeitos depois de um ano, dou o fora. Me deixem tentar.”

Ela nos disse que uma das primeiras providências seria renegociar o nosso contrato, para deixá-lo mais justo, já que cada um de nós estava vivendo com dez dólares por semana, o que era ridículo nos Estados Unidos. Gloria nos disse que precisávamos de mais dinheiro e achamos uma boa ideia. Assim, passamos a trabalhar com ela.

Depois disso, voltamos pra casa. Era hora de começar a trabalhar no nosso próximo álbum, *Arise*.

7
1990-1991: Arising

Gravar as canções do Sepultura e tocá-las ao vivo era a melhor sensação do mundo. É difícil descrevê-la, mas é como a droga mais potente que existe. Você sofre os efeitos toda noite e, a cada show, recebe uma nova dose. Todos nós amávamos isso. Normalmente, sou uma pessoa tranquila, de fala mansa, mas no palco passo por uma transformação completa: eu viro o diabo. É uma coisa meio o Médico e o Monstro.

Eu costumava ler resenhas negativas sobre o Sepultura pra me motivar antes dos shows. Algum babaca escreve uma merda sobre a banda e você pensa: “Ah, é, seu filho da puta? Vou mostrar pra você! Veja só isso.” Na verdade, esse tipo de crítica acaba sendo boa. Você pode usar para se fortalecer. O que não me agrada são as críticas vindas de pessoas que não têm a menor noção sobre esse gênero de música nem qualquer envolvimento com ela. Simplesmente falam merda sem ao menos ouvir as canções.

Dá pra saber quando um jornalista não prestou atenção na música. Isso me deixa puto, porque é jornalismo da pior qualidade. Não estou dizendo que todos os críticos devam ser fãs da minha banda, porque se fosse assim todas as resenhas seriam positivas. Mas deveriam ao menos saber mais sobre o que estão falando.

É com sinceridade que digo que me sinto possuído por essa música: talvez me remeta às possessões que vi no candomblé e por isso tenha me atraído. Você perde o controle e se transforma em outra pessoa: eu realmente sentia essa conexão ao fazer um show de metal. O meu irmão fazia a bateria soar como trovões, eu podia atacar riff atrás de riff como um maníaco, e Andreas era um guitarrista incrível.

Foi bem-documentado o fato de Paulo não ter participado de verdade da gravação de nenhum álbum até *Chaos A.D.* Antes disso, eu e Andreas nos dividíamos no baixo. Mas foi ele quem gravou o solo de baixo no final de "Stronger Than Hate": era o seu momento de glória. Andy Wallace, responsável pela nossa mixagem, certa vez teve que responder qual tinha sido o maior desafio da sua carreira. A resposta foi: gravar Paulo. Andy tinha uma paciência de Jó. Passava dez horas gravando o baixo apenas para uma parte de uma faixa. Nós acabávamos saindo depois de meia hora: não dava pra aguentar. Tenho que dar crédito a Andy por ter feito Paulo tocar o baixo em *Chaos A.D.* Em grande parte dos shows, deixávamos o volume do seu instrumento bem baixo. Mesmo assim, o deixamos na banda, afinal, éramos amigos e também conhecíamos a família dele.

Gravamos *Arise* no Morrisound, na Flórida, estúdio lendário onde Morbid Angel, Obituary, Deicide e outras bandas famosas tinham trabalhado. Toda a cena do metal tinha começado ali e Morrisound era o seu templo. Se você fizesse parte daquele mundo, Morrisound era o estúdio onde gostaria de gravar e Scott era o seu produtor. Ele nos disse que o Sepultura era uma prioridade para ele, pois fomos o grupo com o qual deu o pontapé inicial na sua carreira. Dessa vez, tínhamos o estúdio disponível durante todo o dia — não apenas de madrugada — e estava tudo à nossa disposição. Era um grande modo de se trabalhar.

A primeira canção que escrevemos para *Arise* foi "Murder". Era uma porrada. Depois veio "Dead Embryonic Cells", que era uma faixa foda, com andamento moderado. A banda estava a todo vapor, cara: estávamos crescendo e fazendo uma música melhor. Era muito empolgante.

O título, *Arise*, deveria ser o oposto de *Beneath The Remains*: era a ação contrária se você parar pra pensar. Fazia uma referência ao passo seguinte no desenvolvimento da banda. Entramos em contato com Michael Whelan para conversar sobre a capa do álbum, e ele deu uma série de ideias: a única coisa que tive que mudar foi o cérebro na capa. Originalmente tinha desenhado um ovo, o que não parecia muito heavy metal. O ovo acabava com todo o clima.

Eu não queria ser o responsável por dizer a ele para mudar a arte, mas o resto da banda dizia: "Vai lá, cara!" Ele me explicou que o ovo era um símbolo religioso que significava o nascimento do mundo e por isso o tinha desenhado —

mas que não via problema algum em tirar. Perguntei se poderia fazer algo mais metal do que um ovo e ele propôs então um cérebro. Eu concordei, porque cérebros são completamente heavy metal.

A banda estava ficando mais popular: vimos o seu progresso do underground até se tornar um nome grande em todo o mundo. A música também estava mudando. Eu escrevia riffs mais ritmados e estava cada vez mais entrosado com Iggor. Fazia parte do amadurecimento: eu sentia que não precisávamos tocar a cem mil quilômetros por hora o tempo todo e que o ritmo tinha a sua importância

A sintonia entre mim e Iggor era bastante poderosa: tínhamos um ritmo natural juntos, que era contagiante e ótimo para tocar. Eu queria mais, então tiramos o pé do acelerador. Estávamos crescendo como compositores.

> **Monte Conner:** Com *Arise*, o Sepultura deu outro salto gigantesco. *Arise* foi onde o Sepultura moderno de fato nasceu. *Beneath The Remains* ainda mostrava a banda tentando encontrar o seu som e se definir, mas *Arise* foi quando aquele som ganhou foco, e eles descobriram quem eram.
>
> Max tinha melhorado bastante a sua técnica vocal: em *Beneath The Remains*, ele tentava encaixar o máximo de palavras possível em cada verso, mas em *Arise* as letras eram mais minimalistas, o que permitia que cantasse de modo mais rítmico e com uma pronúncia mais clara. O salto na clareza da sua voz foi monumental.

A Roadrunner nos deu um orçamento muito maior dessa vez, então a banda toda voou para gravar no Morrisound, na Flórida. Foi uma experiência e tanto. Tínhamos um apartamento com piscina, onde nadávamos pela manhã, e alugamos um conversível para dar umas voltas. Escutávamos as fitas ao voltar do estúdio para o hotel e nos sentíamos no topo do mundo. Passeávamos pelas ruas de Tampa como reis, pensando: “Esta cidade é nossa!”

Gloria estava com a gente para a gravação de *Arise* e adorou as canções. Tudo estava se encaixando: o primeiro vídeo que fizemos foi para “Dead Embryonic Cells”, dirigido por Billy Henderson. Gravamos algumas cenas no Arizona, em meio a ruínas indígenas, num lugar chamado Montezuma Castle, e numa cratera lunar com um monte de rochas vulcânicas. O resto foi filmado em Los Angeles, diante de um pano de fundo.

Decidi gravar uma versão para “Orgasmatron”, do Motörhead, uma das obras-primas de Lemmy. A letra é fantástica, perversa, contando a história de um tirano que viaja pelo mundo, fodendo com tudo. É uma grande canção, com um ritmo

assassino, e a fizemos nossa: é um clássico cover do Sepultura, e tocá-la era demais. Eu ainda tive a audácia de roubar a luz verde que o Lemmy sempre usa quando canta essa música. Disse ao meu técnico de som: “Quero debaixo de mim a mesma porra de luz verde que o Lemmy usa quando canta ‘Orgasmatron’.”

Fiquei completamente bêbado quando gravei a música. Levei uma garrafa de rum e disse: “Vou gravar que nem o Lemmy! Tenho que encher a cara!” Na minha cabeça, aquilo era a coisa certa a ser feita. Bebi metade da garrafa e não me lembro de terminar os vocais. Me lembro apenas de acordar no dia seguinte e ter que fazer uma sessão de fotos para a contracapa de *Arise*. Estava com tanta ressaca que mal conseguia abrir os olhos. Se olharem para aquela foto, verão que os meus olhos estão meio fechados, porque a minha cabeça doía pra valer.

> **Monte Conner:** Quando Scott Burns terminou a mixagem de *Arise*, não achei que estivesse à altura do que esperávamos. Afinal, havia grandes expectativas para aquele álbum. Tinha que ser o melhor lançamento da banda até então. Na minha opinião, a mixagem estava pouco refinada e ainda crua. Depois de ir a Tampa e tentar, sem sucesso, ajustar a mixagem com Scott, decidi chamar Andy Wallace para remixar o álbum.
>
> Andy tinha acabado de trabalhar em *Seasons In The Abyss*, do Slayer, além, é claro, de ter mixado *Reign In Blood* e *South Of Heaven*. Mas tudo isso foi antes de *Nevermind*, do Nirvana, quando a sua carreira explodiu; então, ele ainda não era o engenheiro famoso e requisitado que viria a ser. Aquilo o deixava disponível e dentro das nossas possibilidades financeiras. A banda e eu brigamos como loucos: era como a Terceira Guerra Mundial. Ficaram bastante ofendidos com a minha decisão de não usar a mixagem que tinham feito. Scott também não se mostrou muito contente.
>
> Praticamente me tornei um inimigo do Sepultura: estávamos em guerra àquela altura. Eles não quiseram mais participar da mixagem — e, de todo modo, estavam em turnê pela América do Sul —, então me sentei com Andy durante todo o processo de mixagem, representando o que pensava serem as opiniões da banda. Quando finalmente ouviram a nova mixagem, ficaram mais tranquilos e perceberam que Andy não arruinaria o álbum. Um ano mais tarde, admitiram que eu tinha tomado a decisão certa e escolheram Andy tanto para a produção quanto para a mixagem do seu novo trabalho.

Quando tocamos no segundo Rock in Rio, em 23 de janeiro de 1991, *Arise* estava para ser lançado. Estávamos programados para a mesma noite que o Guns

N’ Roses e o Megadeth. O local do evento era o maior estádio de futebol do mundo: o Maracanã. Subimos ao palco às duas da tarde. O sol brilhava, fazia 49 graus, muito, muito quente, e estávamos todos de preto. O público se agitava: a galera ia à loucura, era uma reação inacreditável. Receberam aquilo que pediram.

Depois da nossa apresentação, me deitei atrás do palco e olhei para o céu. O público ainda gritava. Me sentia nas nuvens. Não tinha bebido e também não tinha droga alguma no meu corpo: estava completamente careta, mas ainda assim viajando. Pensei: “Esta é a maior onda de todas, nenhum tipo de droga poderia provocar o efeito que estou sentindo agora. Esta provavelmente é a melhor sensação que vou ter na vida.” Era como se estivesse atingindo uma espécie de ápice.

Foi um momento e tanto. Pensei: “É pra isso que vivo. Vou viver por isso e morrer por isso.” Tudo o que tínhamos feito, todo o trabalho que tivemos, todas as noites dormindo debaixo do palco, todas as coisas pelas quais passamos, tudo tinha valido a pena por aquele único instante. O vazio dentro de mim tinha sido preenchido. Não dá pra comprar uma sensação dessas.

Havia um artista pop chamado Lobão, que devia tocar depois de nós, mas se deu mal: as pessoas jogaram um monte de merda nele, que só tocou meia canção. Lobão é um grande astro e pediu pra tocar depois do Sepultura. Subiu ao palco vestido de soldado, porque achou que seria legal parecer um metaleiro. O nosso público pensou: “Vai tomar no cu! Esse filho da puta vai ver só. Não pode tocar depois do Sepultura e fingir ser metal.” Fizeram uma chuva de cuspe, copos de mijo e garrafas plásticas. Do meu camarim, podia ouvir o público vaiando. O Faith No More veio e tomou o lugar dele.

O mais engraçado foi que naquela noite acabei indo a uma festa na casa do Lobão. Pedi desculpas pelo meu público e ele respondeu: “Ah, fica tranquilo! Foi divertido! Tem uns arruaceiros do caralho na galera de vocês. São os seus soldados: estão ali por vocês, cara. Eu não tenho isso. Tenho todos esses álbuns de ouro e sou um astro pop gigantesco, mas não tenho todo esse respeito. O dinheiro não compra esse respeito.”

Quando ele disse aquilo, me senti poderoso. Levei anos pra perceber o quanto era importante aquela merda que ele disse, mas, quando entendi, decidi que aquela seria a minha estrada. Provavelmente será uma empreitada sem fim e farei isso até morrer, mas por mim está tudo bem: continuarei trabalhando e fazendo algo relevante.

Sinto que este é o caminho ao qual estava destinado. Correr aqueles riscos era a essência daquilo tudo e eu os correria de novo se fosse preciso. Fico muito feliz por não ter permitido que ninguém mudasse a minha cabeça e por ter

seguido com tudo em que acreditava.

Depois, pegamos a estrada com o Sadus e o Obituary na primeira turnê que Gloria agendou para nós. Demos a ela o nome de SOS tour, usando as iniciais das três bandas. Foi uma turnê fantástica, e os shows estavam cada vez mais cheios de gente. Conhecemos o grande jogador de futebol brasileiro Pelé, em 1990, em Nova York, porque a mãe de um amigo brasileiro nosso era um grande nome nos eventos sociais e também dona de uma boate frequentada por ele, que era amigo dela. Ele ficou sentado num canto, bebendo uísque e cumprimentando as pessoas durante a noite toda, como um papa ou um rei.

Seríamos apresentados a ele, mas tivemos que esperar até que acabasse de falar com os seus convidados. Lá pelas duas da manhã, veio nos conhecer e perguntou o nome da banda. Dissemos que era Sepultura, e ele ficou louco, perguntando: “Meu Deus, que tipo de nome é este?” Respondemos que era uma banda de heavy metal e ele disse que não conhecia bem o gênero, mas que estava feliz por nos conhecer. Era um cara muito legal. O seu apelido, Pelé, significa “bola de meia”, porque, quando era criança e não tinha dinheiro pra comprar uma bola de verdade, montou uma só com meias.

Quando voltamos ao Brasil, conhecemos um cara chamado Alberto, que tinha uma loja onde vendia roupas da Vision, uma marca para skatistas. Ele sugeriu que fizéssemos um show gratuito em São Paulo para promover *Arise*. Assim, conseguimos a licença da prefeitura, e ele montou um palco inteiro pra nós. Investiu uma boa grana naquele show, e foi bem maneiro. Seria em frente a um estádio de futebol e não tínhamos ideia de quantas pessoas esperar, mas estimávamos que cinco mil seria um número possível.

Cinquenta mil pessoas apareceram. Foi gigantesco. A MTV gravou “Orgasmatron” e nos deu um prêmio por ela. Tempos depois, fui a uma festa da MTV em Los Angeles e lá conhecemos o Metallica. Acabei batendo papo com James Hetfield e ele me disse: “Adoro o clipe de ‘Dead Embryonic Cells’. Vi na MTV.” Disse: “Você viu o nosso vídeo?” Achava que ele não tivesse ideia de quem fôssemos. Fiquei pensando: “James Hetfield conhece a banda, viu o nosso clipe e disse que curte o nosso som. Provavelmente estamos fazendo a coisa certa...”

Não sabia disso então, mas aparentemente houve um tumulto no show gratuito. Vimos uma confusão no meio do público: parecia uma roda punk ou uma espécie de caos generalizado. Não sabíamos do que se tratava, então continuamos tocando. Descobrimos depois que um *skinhead* tinha ido ao show com uma machadinha e assassinou um fã do Sepultura durante a nossa apresentação, bem ali no meio do público. O cara que ele matou ficou com a cabeça e o peito completamente abertos.

Foi um crime terrível e brutal, e, obviamente, os jornais de São Paulo foram à loucura ao publicar a história na manhã seguinte. As manchetes diziam: “Sepultura causa morte em show gratuito”, culpando totalmente a banda. Pensávamos: “Meu Deus, como isso foi acontecer? Não fizemos nada, apenas tocamos!”

Acontece que o *skinhead* queria simplesmente matar alguém. Sabia que não seria revistado, já que era um show gratuito e não havia portões. Ele conseguiu escapar e nunca foi pego. Fomos culpados por tudo o que aconteceu.

Saímos em turnê depois daquilo, deixando pra trás essas manchetes nos jornais brasileiros, o que era uma merda. Não dava pra acreditar que a imprensa tinha distorcido os acontecimentos e culpado a nossa música por tudo o que aconteceu. O assassino não se importava com a música, não estava ali para ver a banda. Estava ali apenas para matar alguém. Aquele episódio deixou uma nuvem negra sobre as nossas cabeças por algum tempo.

Voltamos a trabalhar com Billy Henderson no clipe de “Arise”. A minha ideia era colocar três caras usando máscaras de gás e vestidos como Jesus, pregados em cruzes. Billy decidiu gravar num pequeno esconderijo no deserto. Os rumores eram que o local tinha servido de refúgio para a família Manson no Vale da Morte, o que era uma dimensão completamente nova para nós: estar ali era soturno.

Fazia calor de manhã e frio à beça de noite, como acontece em qualquer deserto, e senti pena dos caras pendurados nas cruzes, porque tinham que ficar ali por um período de seis a oito horas, enquanto gravávamos uma cena após a outra e passávamos a música sem parar. No final, demos a eles um monte de coisas autografadas, já que eram fãs da banda. O vídeo ficou bem legal.

Gloria mentiu para a Roadrunner em relação ao vídeo: pensavam que estávamos filmando um clipe normal. Quando descobriram sobre a família Manson e os caras vestidos de Jesus usando máscaras de gás, quase tiveram ataques cardíacos. Sabíamos como aquilo era chocante e era por isso que estávamos gravando: queríamos balançar algumas pessoas, entrar nas suas mentes e fodê-las um pouco.

Agora estávamos nas capas das maiores revistas e na MTV, por causa do prêmio que ganhamos. Tocávamos pra cinquenta mil pessoas no Brasil e éramos populares pra caralho. Nos paravam nas ruas para tirar fotos e, quando íamos ao aeroporto pegar um voo, todos na alfândega nos conheciam.

O sucesso era uma coisa estranha. Eu pensava que ser famoso seria legal — afinal, sonhávamos com aquilo desde crianças —, mas alguns anos mais tarde nos tornamos grandes demais. Foi por volta de *Chaos A.D.*, quando não conseguia ir ao shopping sem ser cercado por gente. Sentia saudades da minha

antiga vida.

Gloria vinha fazendo um ótimo trabalho. O dinheiro começava a aparecer: Iggor comprou a sua própria bateria, já que antes sempre alugava uma ou pedia emprestada a alguém. Era o baterista mais fantástico e não tinha o seu próprio instrumento. No entanto, ainda nos sentíamos como no underground: ainda éramos caras normais. Ser reconhecido no mundo do metal era ótimo. Nos disseram que tínhamos alcançado o número 112 na parada da Billboard, nos Estados Unidos: para uma banda de metal como a nossa, isso era gigantesco.

No Brasil, a imprensa ficou sabendo que *Arise* tinha estreado nas paradas britânicas na frente do New Order, que eram como deuses para os jornalistas do país. Quando isso aconteceu, houve um estardalhaço: todas as revistas e jornais disseram que o Sepultura tinha expulsado o New Order das paradas no seu país de origem. Ninguém jamais tinha alcançado esse feito, mas a nossa banda tinha conseguido.

A imprensa brasileira engoliu aquilo, cara, e aos olhos dela passamos da pior banda do mundo, como nos chamaram no início, ao ponto em que todos na mídia queriam nos entrevistar. Eu não conhecia nem uma só canção do New Order. Curtia mais a música gótica britânica, como The Mission, e bandas como Killing Joke e New Model Army.

Nunca fui de me gabar durante entrevistas. Era humilde em relação à minha música, sempre fui. Na minha opinião, música não é uma competição. Gosto de tocar com os meus ídolos, como Tom Araya, do Slayer, e com os meus amigos, como os caras do Korn, Morbid Angel, Deftones e Dillinger Escape Plan. Nunca vi aquilo como uma guerra, mas sim como uma maneira amigável de, juntos, lutarmos por algo. Tinha orgulho de ser metaleiro e ainda tenho. Uso o meu uniforme todos os dias: as camisetas das bandas de que gosto, o cabelo comprido, as calças camufladas e as tatuagens. Com esse uniforme, estou a postos.

As calças camufladas brancas e pretas que ainda uso até hoje surgiram quando fui à Europa e comprei algumas. Faríamos uma apresentação no Dynamo Festival, na Holanda, e estava quente pra cacete, no auge do verão. Na noite anterior, eu tinha encontrado Mitch Harris, do Napalm Death, e um amigo nosso tinha toneladas de coca, então acabamos cheirando a madrugada inteira. Invadimos o quarto de hotel onde estava uma garota que conhecíamos e passamos geleia vermelha na parede pra parecer sangue. Uma atitude completamente retardada: estávamos fora de nós.

Mitch e eu costumávamos sair pra curtir sempre que nos víamos e geralmente nos metíamos em alguma encrenca. Em outra ocasião, cheirei um monte de cocaína com o Napalm Death e decidi saltar sobre a bateria, girando no ar.

Acabei aterrissando num dos pratos e quebrei a clavícula. Grande ideia, não é mesmo?

Não dormimos um só minuto naquela noite. Na hora do show, fazia tanto calor que decidi cortar as pernas da calça camuflada e transformar numa bermuda. Fui em frente, fiz o show e passei a vesti-la todos os dias a partir de então, porque gostei dela.

Uma vez, no ano seguinte, olhei pela janela do ônibus, em algum lugar da Europa, e devia ter umas trezentas pessoas usando o mesmo tipo de calças camufladas cortadas — em pleno inverno! Aquilo me assustou um pouco: não percebia a influência que exercia nas pessoas. Gloria tentou registrar aquele design no meu nome, mas bati o pé e disse: “Não posso fazer isso, não seria maneiro. Não é nada metal!” Mas ela provavelmente estava certa.

Na minha opinião, o mais impressionante em relação ao metal é o impacto que provoca nas pessoas. Tenho centenas de cartas de fãs e algumas delas são bem tristes: vêm de pessoas que perderam a mãe ou o irmão e que relatam como a música do Sepultura e do Soulfly as ajudou a superar esses momentos. Também recebo cartas de soldados que estão em guerra no Oriente Médio e ouvem *Beneath The Remains* e *Arise*, levando aquela música com eles durante o combate.

Recentemente, recebi uma carta de um soldado no Afeganistão: ele tinha ido a um pequeno vilarejo e comprou um velho instrumento afegão, feito de couro de cabra, que enviou pra mim. Estava numa caixa oficial da USO (United Service Organization, instituição que apoia as tropas militares norte-americanas e as suas famílias) e pensei: “Que porra é essa?” Dentro tinha uma carta dizendo o quanto a minha música era importante para ele e que tinha o símbolo do Soulfly no seu capacete.

Isso é muito louco. A música viaja por todos esses lugares que eu sequer poderia imaginar quando a componho num quartinho na minha casa. Costumava compor bastante na cozinha, mas agora tenho um trailer estacionado fora de casa, que chamamos de Caverna Max. Foi um presente de Gloria: ela o comprou e o decorou com coisas dignas de Max, como bandeiras do Brasil e todos os meus álbuns e CDs. Vou lá e componho. É bem maneiro.

Em seguida, saímos em turnê com o Sacred Reich e o Heathen, mas não tenho muitas lembranças, porque estava bebendo pesado. Entornava meia garrafa de vodca ou mais numa noite tranquila. Mas, se saísse com os amigos pra curtir, bebia muito mais. Fazia aquilo pra me divertir, mas também pelo nervosismo antes dos shows. Além disso, acho que estava começando a lidar com a pressão do sucesso. Estávamos dando mais entrevistas e muitas pessoas nos reconheciam, o que me assustava, porque não esperava que isso acontecesse tão

rápido.

Eu também achava que os shows seriam melhores se eu estivesse meio mamado, já que muitas das canções do Sepultura são aceleradas e fazem você querer pular sem parar. Sempre fiz aquilo, mas não tinha nada a ver com o álcool. Fazia até durante os ensaios e me irritava com Paulo, que ficava sentado numa cadeira, com um chapéu idiota e o cabelo preso. Não se movia nem um centímetro! Eu pulava que nem doido, como se estivesse no meio de um show: corria por todo o estúdio, indo à loucura, embora não tivesse mais ninguém ali além de nós.

Eu dizia: “Paulo, você deveria mostrar mais entusiasmo, cara. Vamos tocar essa porra ao vivo.” Ele sempre respondia: “Vou me mexer quando tocarmos ao vivo. Não tem ninguém aqui.” E eu rebatia: “E daí que não tem ninguém? Toca a música, sente a música — essa merda é do caralho!” Andreas batia cabeça e Iggor também entrava no clima, tocando a bateria como fazia ao vivo, mas Paulo, não. Tínhamos esse tipo de discussão o tempo todo.

Parando pra pensar, Paulo sempre foi meio babaca. Me lembro de uma famosa sessão de fotos do Sepultura numa favela, com galinhas e crianças ao nosso redor: uma das fotos apareceu no EP *Third World Posse*, que foi lançado na Austrália em 1992. Foi uma sessão fantástica, e as pessoas nos receberam de braços abertos, pois eu tinha ido ao local um dia antes para conhecer, mas Paulo estava se cagando de medo de ir até lá.

Perguntei: “Dá pra você entrar no clima pra gente poder ser uma banda?”, mas ele foi bastante negativo, dizendo: “Vão roubar todo o nosso dinheiro!”, e esse tipo de merda. Eu disse a ele que tinha conversado com aquelas pessoas e que a nossa presença ali as deixava contentes, porque mostraríamos para o mundo um lado do Brasil que a maior parte das pessoas não conhecia e isso era importante. Aquela era a nossa missão.

8
1991-1992: Emputecendo Lemmy… Vomitando em Eddie Vedder

A banda vivia a sua era de ouro. Gosto de recordar aqueles tempos, mesmo depois de tantos anos.

Na condição de músico, adorava a minha conexão com Andreas. Era especial. Várias canções maneiras, como “Kaiowas” e “Territory”, saíram das jams que fazíamos no meu quintal. Também fomos a Sedona, um lugar lindo no Arizona, a cerca de duas horas de Phoenix, e compusemos muita coisa em meio ao cenário de Red Rocks, diante de uma vista panorâmica alucinante. Eu e ele nos dávamos muito bem. Andreas escreveu diversas letras para *Arise*, muito interessantes e bem diferentes das minhas. Esse tipo de envolvimento da parte dele fez do Sepultura uma banda melhor. Por volta do fim de 1991, ele fodeu o braço num acidente de jet-ski e tivemos que excursionar com um guitarrista diferente por um tempo.

Em dezembro daquele ano, fizemos uma turnê na Alemanha com o Motörhead e o Morbid Angel. “Orgasmatron”, do Motörhead, costumava fazer parte do nosso show, então, quando chegamos na Alemanha, fomos perguntar à banda se viam algum problema se a tocássemos. Lemmy disse que sim e ficamos tentando entender. “Por que caralhos não podemos tocá-la? É uma homenagem ao Motörhead.” Ficamos bastante decepcionados.

Nós tínhamos uma sessão de fotos com Lemmy para a *Kerrang!*, ou a *Metal Forces*, ou uma daquelas revistas europeias. Bebi durante a tarde, porque sabia que a sessão com Lemmy se aproximava, e eu estava ficando nervoso, então queria relaxar. Quando chegou a hora, estava bem chapado e, ao mesmo tempo, viajando e cheio de energia. Havia uma garrafa de vinho tinto na mesa de Lemmy. Quando o fotógrafo tentou nos juntar para a foto, eu disse: "Foda-se essa porra, me dê a garrafa de vinho!"

Comecei a sacudi-la por todos os lados. O vinho atingiu as câmeras e o casaco militar de Lemmy. Ele estava ficando puto, tipo: "Que porra é essa? Se controle!", mas eu dizia: "Yeah! Rock 'n' roll, cara, rock 'n' roll! É assim que se faz uma sessão de fotos heavy metal — pura anarquia!" Estava agindo feito um idiota. Lemmy não ficou nem um pouco contente. Para ele, eu era apenas um desordeiro, me comportando de maneira completamente antiprofissional. Quando as fotos foram publicadas, dava para ver as gotas de vinho no ar. Estou com a aparência chapada, e Lemmy parece em choque.

Continuei insistindo com ele sobre tocar "Orgasmatron" e, no final, ele disse: "Quer saber por que não podem tocar 'Orgasmatron'? Porque você a canta da garganta. Precisa vir do estômago." Ou alguma merda desse tipo. Fiquei pensando: "E o que quer dizer essa porra? Estou cantando da garganta?" Ainda hoje eu não entendo.

Sei que acabo parecendo um idiota nessas estórias, mas, lembrando aquele tempo, eu não era um bêbado ruim. Irritava algumas pessoas, mas não arrumava brigas ou coisa assim. Na minha cabeça, pensava que tinha que ser rock 'n' roll pra andar com caras como Lemmy.

Mas o último dia da turnê tinha chegado e decidimos nos vingar do Motörhead por não nos deixar tocar "Orgasmatron". Durante a última canção do show deles — acho que era "Ace of Spades" — todos nós corremos para o palco. Alguns de nós — mas não eu! — estavam nus, com uma meia pendurada no pau, como fizeram uma vez o Red Hot Chili Peppers. Havia dez de nós correndo, contando banda e equipe. Éramos um bando de brasileiros retardados.

Lemmy parecia absolutamente estupefato. Não conseguia acreditar. Fui até o guitarrista deles e derramei um copo de rum e coca sobre a sua cabeça. Pelo olhar, vi que queria me matar. A bebida caiu na sua pedaleira e ele começou a gritar: "Filho da puta! Os meus pedais!" Eu comemorava: "U-hu! É isso aí!" Estávamos completamente descontrolados.

Voltamos ao camarim e pouco depois Gloria bateu na porta, dizendo: "Er, Max? Lemmy quer falar com você e ele está bem puto da vida..." Respondi: "Não vou falar com ele porra nenhuma, cara. Diga que fui embora e que não estou mais aqui." Aquela foi a última vez que vi o Motörhead até uma festa de

premiação da *Kerrang!* em 1996.

Não passei muito tempo com o Morbid Angel nessa turnê, mas conhecemos a banda quando estávamos gravando *Arise*, na Flórida, porque dividíamos o mesmo estúdio de ensaio. Lembro que fazia muito calor, uns 43 graus, no auge do verão, e tocávamos de bermuda e sem camisa.

Já o Morbid Angel aparecia para ensaiar com o seu traje de show completo: jaquetas de couro, calças de couro e botas de combate. Só podiam estar de brincadeira. Perguntei se iam mesmo ensaiar vestidos daquele jeito e eles disseram: "Sim! Somos o Morbid Angel, seu filho da puta!" Achei aquilo bem heavy metal, pois fazia muito calor. Não estávamos nem perto de sermos metal como eles.

Fui a uma festa no centro de Tampa com o baterista e o vocalista, Pete Sandoval e David Vincent, e foi maneiro. São caras legais. Eu costumava trocar coisas por correspondência com o guitarrista, Trey Azagthoth, quando era adolescente, no Brasil: recebi pelo correio a minha primeira camiseta do Morbid Angel, enviada por ele, e lhe mandei um pôster que fiz de três caveiras e uma cruz invertida. Mais tarde, ele fez uma tatuagem com aquela imagem no seu braço, o que foi demais.

Em 1992, abrimos para o Ministry. Foi uma turnê fantástica. Eles vinham se tornando bem populares e o seu álbum *Psalm 69: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs* era um grande sucesso nos Estados Unidos. Os shows eram em pequenas arenas, capazes de receber públicos entre cinco e dez mil pessoas, já que a banda era grande demais para tocar em clubes noturnos. Para nós, era uma maneira incrível de expor a banda. O show em Nova York, por exemplo, foi no Madison Square Garden, que eu tinha visto no filme *The Song Remains The Same*, do Led Zeppelin. Tiramos fotos ali na frente, apontando para ele, como se disséssemos: "O Led Zeppelin gravou um filme aqui, cara. Não acredito que estamos tocando aqui!"

No entanto, uma coisa terrível aconteceu durante a nossa apresentação. O público todo deveria ficar em poltronas, o que não me agradava. Havia grandes cartazes, dizendo "Proibido fazer rodas punk. Proibido saltar do palco". Eu conhecia os meus fãs e sabia que não aceitariam aquilo. Eu também não apoiaria tais imposições. Depois de tocarmos algumas músicas, um garoto subiu no palco e o segurança o agarrou com força e o jogou longe. Fiquei puto com aquilo e disse a ele: "Trate-os com respeito, cara, são os meus fãs! São leais a mim, então não mexa com eles!"

Durante uma das últimas músicas do show, pensei: "Foda-se essa porra!", e decidi me jogar do palco. Dei um salto e caí no meio da galera. Uns seguranças enormes me agarraram por trás, ergueram os meus braços e me

sufocaram. Quase desmaiei. Um deles dizia: “Vou acabar com você, cara!” Eu tentava explicar que fazia parte da banda, esperando que ele pensasse melhor antes de me atacar. O roadie que cuidava da minha guitarra viu o que aconteceu, pulou do palco e disse ao segurança que eu era o vocalista, então ele finalmente me soltou.

Essa foi a minha aventura no Madison Square Garden. Foi bem escrota. Eu estava animado pra caramba por tocar ali, mas depois fiquei completamente decepcionado e puto, pensando: “Foda-se o Madison Square Garden, nunca mais vou tocar aqui!”

As coisas às vezes saíam do controle. Naquela mesma turnê, fomos tocar em Seattle, e o Ministry tinha uma série de convidados, como Eddie Vedder, do Pearl Jam, e os caras do Soundgarden. Acho que Timothy Leary, o cara do LSD, também estava por lá. Comecei a beber antes do nosso show. O Sepultura tocou bem pra caralho e continuei a beber depois de sair do palco. Fui até o ônibus do Ministry: ninguém tinha me convidado, simplesmente apareci ali de penetra. Fui até os fundos e comecei a me enturmar com o pessoal.

Um monte de gente estava usando heroína e passando seringas um para o outro. Perguntaram se eu era usuário; respondi que não, o meu negócio era bebida, mas gostaria de ficar ali com eles do mesmo jeito. Eles disseram que não tinha problema, então, fiquei por lá, bebendo rum puro direto da garrafa e enchendo a cara. Quando dei por mim, estava sentado ao lado de Eddie Vedder.

Dei um gole na bebida... e tudo voltou pra garganta, cara. Vomitei na porra da perna do Eddie!

Ele disse: “Que merda é essa, cara?” Olhou para a perna e fez “Argh!”, mas depois foi bem compreensivo e falou: “Está tudo certo.” Perguntou se eu me sentia bem e respondi: “Acho que sim, mas tô chapado. A propósito, a minha irmã é uma grande fã do Pearl Jam. Poderia autografar isso pra ela?”, e então lhe entreguei uma caneta e um pedaço de papel. Logo depois de ter vomitado nele! E ele assinou.

Enfiei o autógrafo no bolso e continuei a zoar. Quando a festa acabou, me recusei a ir dormir. Pra falar a verdade, não quis sair do ônibus do Ministry até que ele partisse para o próximo show. Continuei bebendo até que o chefe de turnê deles tentou me fazer parar. Disse: “Você já bebeu o bastante. Me dê a garrafa de rum!” Respondi: “Você não vai tirar a garrafa de mim, seu filho da puta!” e o acertei no rosto com ela. Ele caiu e o sangue se espalhou por todos os lados. Tivemos que levá-lo à emergência, onde recebeu dez pontos na testa.

Acho que estraguei a festa de todo mundo.

Na manhã seguinte, acordei e me perguntei onde estava. Sabia que não estava no ônibus do Sepultura. Vi o passaporte de Al Jourgensen sobre um banco e me

dei conta de que devia estar no ônibus do Ministry. Fui até a frente do veículo e o chefe de turnê estava lá com um band-aid enorme na testa. Perguntei: “O que aconteceu, cara?” Ele respondeu: “Não se lembra?” E eu disse: “Não. Sofreu algum acidente ou algo assim?”

Ele falou: “Você quebrou uma garrafa na minha cabeça, seu filho da puta!” Eu perguntei: “Eu fiz isso?” E ele disse: “Sim, seu filho da puta! Você estava fora de si ontem à noite. Foi um pesadelo. Te dei três Valiums e ainda assim você levou duas horas pra dormir.”

Fiquei muito constrangido. Pedi desculpas a ele.

Chegamos à nossa parada seguinte: São Francisco. O resto do Sepultura estava preocupado comigo. Pensaram que tinham me deixado pra trás. Cheguei com um sorriso escancarado no rosto, perguntando: “E aí, pessoal?”, e todos queriam me matar. Perguntaram: “O que estava fazendo, porra? Podia ter morrido!” O meu irmão ficou me dando sermão: “O que pensa que está fazendo, seu filho da puta?” Respondi: “Tive uma noite bem interessante...” E então contei o que aconteceu. Todos riram quando contei que vomitei em Eddie Vedder.

Foi uma noite memorável. Nem todas as noites eram loucas assim, felizmente, mas foi uma turnê formidável. A gente se dava muito bem com os caras do Ministry. Al gostava bastante de nós. Há fotos das duas bandas confraternizando nos camarins, com ele vestindo uma camisa do Sepultura. Aquela excursão serviu como uma grande exposição pra gente.

A bebida agora era uma companhia constante pra mim. Num show no Omni, em São Francisco, subi ao palco totalmente bêbado. O Metallica e o Faith No More estavam lá e foi uma apresentação excepcional. Todos começamos a beber *mudslides*, um coquetel de vodca, Kahlúa e alguma outra merda. Enchi a cara e, quando subimos ao palco, anunciei a mesma canção duas vezes. Iggor se levantou e disse: “Já tocamos essa música, idiota!” Na mesma noite, Robb Flynn, do Machine Head, também estava por lá, totalmente chapado, e caiu sobre um dos nossos monitores.

As coisas vinham mudando na minha vida pessoal. Gloria e eu nos dávamos muito bem. Tínhamos uma ligação e pouco a pouco vínhamos nos aproximando. Começamos a passar mais tempo juntos, curtindo, bebendo e nos divertindo. Gostávamos bastante um do outro, mas, à medida que a relação foi avançando, decidimos esconder do resto da banda. Mesmo assim, as pessoas começaram a perceber que havia algo no ar. Certo dia, o meu irmão entrou no meu quarto de hotel quando eu tinha esquecido a porta destrancada. Gloria estava ali comigo, e ele disse “Uou!”, meio que chocado.

Assim, tive que contar sobre mim e Gloria. Na verdade, tivemos uma reunião

da banda para tratar do assunto. Todos nos sentamos, e eles perguntaram: “O que está rolando entre Gloria e você?” Disse a eles que nos amávamos e que estávamos juntos. Eles disseram: “Que maneiro.”

Conheci o filho de Gloria, Dana Wells, num show do Sepultura. Era um garoto bacana, por volta dos seus 14 anos, e gostei bastante dele. Ele adorou as músicas e ficou na plateia durante todo o show. Depois, foi ao camarim, todo suado e exausto: um metaleiro de verdade.

Sempre busquei uma pessoa como Gloria, alguém com quem pudesse me comprometer. Estava cansado de ficar com garotas por apenas uma noite, ainda que isso não tivesse acontecido tantas vezes assim: só uma fã aqui ou ali. Nunca curti aquilo, pois estava sempre bêbado. Pra falar a verdade, ninguém na banda era muito de sair com as fãs. Me lembro de uma noite em que eu e dois dos caras levamos três garotas para o nosso motel em Austin, no Texas, quando estávamos dividindo o quarto. Cara, aquilo foi hilário. Foi uma loucura, mas não acontecia com frequência. Além disso, quando comecei a namorar Gloria, parece que todos fizeram o mesmo: o meu irmão conheceu Monika, e Andreas começou a sair com Patricia. Todos passaram a namorar sério.

O Sepultura estava ficando grande. Gloria abriu mão do Sacred Reich para trabalhar com a gente em tempo integral, o que foi ótimo para nós — porque, àquela altura, todos os promotores de eventos queriam nos contratar e a imprensa nos procurava muito. Eu vinha passando cada vez mais tempo na casa de Gloria, em Phoenix, e ia pra lá sempre que podia. Em 1991, tinha me mudado de vez pra casa dela.

> **Christina Steever-Newport:** Logo que começaram a sair, Max se encontrou com Gloria no aeroporto e rasgou a camisa ali mesmo. Tinha escrito no peito “Gloria, eu te amo”, bem grande. Com uma caneta de tinta permanente. Ela morreu de rir.

Foi duro deixar o Brasil? Sim e não. Foi difícil, porque estava acostumado ao jeito brasileiro de fazer as coisas e ao estilo de vida que levava. Mas, ao mesmo tempo, procurava algo novo. Os Estados Unidos eram um lugar diferente, especialmente Phoenix, da qual eu gostava. Todos compramos casas na cidade, exceto Paulo, que não curtia o calor e queria morar perto do mar, já que gostava de surfar. Então ele se mudou para San Diego, a uma hora de voo de Phoenix. Tínhamos um estúdio perto do aeroporto, que é meu até hoje. Paulo podia dirigir ou pegar um avião até lá e tudo era fácil. Tudo era perfeito.

A minha mãe e a minha irmã também se mudaram para Phoenix: a minha mãe tinha um apartamento a cinco minutos da minha casa, com fotos do Sepultura

por todas as paredes. Já minha irmã, Kira, não gostava do calor. É algo que pode afetar de verdade as pessoas: a temperatura é inacreditavelmente alta, podendo chegar a 49 graus. Ela costumava ter dores de cabeça tremendas. Mas, quando o verão acaba, Phoenix se torna um lugar lindo para se viver e uma espécie de refúgio para turistas vindos de Nova York e de outros lugares frios, querendo escapar do inverno.

Em 1992, tocamos com Ozzy Osbourne. Foi maravilhoso nos convidarem pra abrir o show dele. Eu sabia que seria algo gigantesco. Me lembro de uma noite em que tocamos numa arena imensa e todas as pessoas na primeira fila estavam sentadas. Eram uns motoqueiros gordos e barbudos, vestindo camisas do Ozzy, bebendo cerveja e olhando pra mim como se eu fosse de outro planeta, porque eu tocava rápido demais. Chegava a ver os lábios deles se movendo, dizendo: "Calma aí! Tá tocando rápido demais!" Podia sentir aquela vibração vindo deles. Não estavam entendendo nada da nossa música.

Atacamos com "Arise", "Beneath The Remains", "Infected Voice", todas velozes, e então peguei o máximo de água que consegui e joguei neles. Todos ficaram ensopados. Deixei todo mundo puto na primeira fila.

Mais ao fundo, dava pra ver uma roda punk e a poeira subindo pelo ar. A galera lá atrás adorava o Sepultura, então foi um show esquisito, com toda aquela gente enfurecida na frente e o pessoal no fundo se divertindo como nunca. Geralmente é ao contrário.

Conhecemos Ozzy e Sharon, que me convidaram, com a Gloria, para jantar num restaurante chique de Los Angeles. Estava todo empolgado por se tratar de Ozzy, pensando: "Não posso acreditar que estou aqui com o meu ídolo", e vi no menu que eles tinham um drinque de nome estranho — algo como "Cucaracha". A bebida era servida como um coquetel flamejante, o que significa que havia fogo no copo. É preciso usar um canudo e sugar rapidamente, para que o fogo se apague assim que você beber. Era assim que deveria ser feito, pelo menos: eu nunca tinha bebido aquela merda na vida. Pedi um para impressionar Ozzy. Disse: "Me dê um Cucaracha! Sei o que estou fazendo." Ozzy me alertou: "Tenha cuidado, o drinque vem pegando fogo." Menti: "Tudo bem, já bebi isso antes."

A porra do drinque chegou à mesa e fiquei bastante nervoso. Havia fogo saindo do copo e todos me olhavam. O restaurante inteiro esperava pra ver o que eu ia fazer. Não sabia que deveria usar o canudo, então me inclinei e comecei a beber, e, ao chegar na metade, o meu cabelo estava em chamas. Peguei o guardanapo e derramei a bebida na mesa. Todo mundo estava rindo e gritando: "Que porra é essa?" Por fim, consegui apagar o fogo no meu cabelo e levaram o drinque embora. Ozzy perguntou: "Nunca bebeu isso, não é mesmo?" Sabia que

tinha sido pego na mentira.

Pedimos ao garçom pra tirar uma foto nossa, mas ele não conseguia fazer a minha câmera funcionar. O mesmo aconteceu com outro garçom. Então, Ozzy disse: “Me dê a câmera!”, fez alguma coisa e a consertou. Eu disse: “Você é o cara. Fez a minha câmera funcionar!” Foi uma noite ótima, embora quase não tenhamos comido, porque era um daqueles restaurantes de alta classe. No meu prato tinha apenas um pedacinho ridículo de costela de cordeiro. Depois, Gloria e eu fomos comer no Denny’s.

Pra mim, uma das coisas mais maneiras na turnê com Ozzy era a passagem de som. Ozzy passava o som com o Sabbath e tocava clássicos como “Iron Man”, com o painel do Sepultura atrás deles. Ainda não tinham colocado o do Sabbath e fiquei ali viajando, sentado numa das poltronas, vendo enquanto tocavam com o nosso atrás deles. Pensava: “Não dá pra ficar melhor que isso. Isso sim é vida boa!”

> **Sharon Osbourne:** Gloria e eu sempre tivemos um ótimo relacionamento. Fazemos aniversário no mesmo dia e temos um monte de outras coisas em comum. Ambas somos mães que tentam manter as nossas famílias unidas. Ozzy respeita Max como homem e como músico, então o nosso relacionamento nasceu naturalmente.

Depois disso fomos à Indonésia, numa turnê gigante e louca. Um empresário indonésio chegou até nós por meio do nosso agente. O Deep Purple tinha sido a última banda a visitar o país, 15 anos antes, e algumas merdas aconteceram, como um roadie assassinado e o exército fazendo a segurança com cães policiais, que atacaram a plateia. Ouvimos aquelas histórias, como uma espécie de aviso sobre onde estávamos nos metendo. As coisas poderiam ter melhorado desde o show do Deep Purple, ou então ter continuado um tanto estranhas.

Gloria cuidou de todos os preparativos e assim partimos para Jacarta em julho. A primeira coisa que fizeram quando chegamos lá foi recolher os nossos passaportes, o que nos deixou assustados. Gloria perguntou por que faziam aquilo e disseram que era um procedimento padrão e que os devolveriam no dia seguinte.

Depois tivemos que participar de uma reunião com uns mandachuvas: caras da inteligência militar, políticos ou o que quer que fossem. Queriam algumas informações sobre o show para que pudessem permitir a sua realização. Foi bizarro, cara, parecia coisa de filme do James Bond. Perguntaram: “O que a sua música provoca nas pessoas?” Respondi: “Elas batem cabeça.” O sujeito disse: “Me mostre como se bate cabeça.” E eu disse: “Andreas, você tem o cabelo mais

comprido que o meu. Vá em frente e bata cabeça.” Então Andreas se levantou e bateu cabeça por um minuto, com o cabelo indo pra cima e pra baixo, e depois se sentou — e todos começaram a aplaudir! Pensamos, “Caralho, que coisa mais estranha...”

A observação seguinte foi: “Vemos que vocês têm tatuagens. Não poderão exibi-las. São consideradas ilegais na Indonésia e vocês não podem estimular o público deste país a fazê-las.” Por isso, parte do contrato dizia que tínhamos que tocar com camisetas de manga comprida. Fizemos um acordo ali mesmo em que todos cobriríamos as nossas tatuagens. Não queríamos, mas era o país deles.

No dia seguinte, fomos convidados para a casa de um milionário local chamado Setiawan Djody. Ele estava dando uma festa de arromba em nossa homenagem e fomos todos até lá. Ficava numa rua de merda no meio de Jacarta, com galinhas e cães por toda parte. Havia um portão enorme na frente da casa, como se fosse a mansão de Pablo Escobar ou algo do gênero. Era um palácio em meio a uma vizinhança absolutamente pobre.

Atravessamos os portões; o lugar era imenso. Lá dentro havia um zoológico privado, com girafas e elefantes. O sujeito tinha também uma sala de instrumentos, com umas quarenta guitarras penduradas na parede, autografadas por Eddie Van Halen, Steve Vai e Eric Clapton, além de uma das guitarras originais de Jimi Hendrix. Tinha até mesmo uma sala de ensaio com amplificadores, uma bateria e tudo mais. Ele disse: “Ok, pessoal, toquem uma música!” Perguntamos: “Agora?” E ele disse: “Sim! Tenho todo o equipamento aqui. São os meus convidados, então toquem uma das músicas que farão no show de amanhã!” Tocamos “Troops of Doom” e “Arise” só pra ele e um punhado de indonésios sentados ali. Eles adoraram. Foi como um show particular do Sepultura.

Depois daquilo, voltamos pra festa no jardim e havia uma mulher por lá, preparando um drinque esquisito. Gloria e Andreas queriam experimentá-lo. Pra mim, eles eram loucos. Pude ver a mulher cortando a cabeça de serpentes e as jogando embaixo da mesa, então me ajoelhei e vi umas dez cabeças indo pra cima e pra baixo, ainda se movendo. Saltavam. Enquanto isso, a mulher espremia o sangue da serpente num copinho e misturava com álcool.

Andreas pegou um copo e disse: “Vamos nessa!”, e então bebeu. Olhava pra mim e dizia: “Desce difícil, cara. Queimando!” Depois foi a vez de Gloria. Ela estava grávida, então alertei: “Não sei se devia beber sangue de cobra.” Como é uma pessoa destemida, ela foi em frente e virou a bebida.

Esperem até ouvir o que aconteceu em seguida. Foi o ritual mais louco que já vi. Havia um cara com um monte de agulhas imensas, que usava pra atravessar o seu rosto e partes do corpo. Não sentia dor alguma, como se estivesse possuído.

Depois, um menino de dez anos apareceu e se sentou. Colocaram uma toalha na sua cabeça e atearam fogo nela. Em seguida, trouxeram um ovo e o cozinharam na sua cabeça. Pensávamos: “Meu Deus!” Depois, um outro sujeito mastigou um coco inteiro com os dentes. Eu nunca tinha visto uma merda daquelas. Era como se todos estivessem possuídos. Estavam todos aplicando agulhas e correntes nos próprios corpos, como num circo de aberrações. Era o suficiente pra provocar pesadelos. Completamente insano.

No dia seguinte, nos deram um disco de ouro pelas vendas das fitas cassete de *Arise*, pois, na época, praticamente só vendiam fitas na Indonésia. É o único disco de ouro que tenho por vendas de fitas cassete. Devia ter sido um evento particular, apenas com a gente e o pessoal da gravadora, mas havia três mil fãs ali. Não tinha ideia de como ficaram sabendo, mas descobrimos que o itinerário que Gloria tinha enviado aos promotores, com todos os detalhes da nossa viagem, tinha sido publicado pela revista *Rolling Stone* da Indonésia. Todo mundo sabia exatamente o que faríamos. Sabiam os voos e os hotéis onde nos hospedaríamos. Isso se tornou um problema, cara, com gente aparecendo em todo lugar.

Não estou brincando quando digo que aquele foi o único show em que reclamamos por haver muita divulgação. Tinha cartazes demais. Dirigindo por Jacarta, tudo o que se via nos muros era Sepultura, assim como no hotel e nos jornais. Dissemos a eles que deveriam ter anunciado menos: era algo fora de proporção. Estávamos dentro do carro e, se uma senhora de noventa anos nos visse, gritava: “Sepultura!” A porra do país inteiro estava sabendo da nossa visita. Era impressionante.

Éramos como os Beatles; foi assim que me senti por cinco dias. Não podia abrir a porta do quarto, que encontrava cinquenta garotos ali com câmeras fotográficas. Descobriram que o hotel não os deixava entrar com camisetas de heavy metal, mas não tinham problemas se usassem camisas sociais e gravatas. Assim, tinha todos esses garotos metaleiros de gravata pra cima e pra baixo no hotel. No café da manhã, uns trinta deles ficavam ali nos vendo comer. Era bizarro, cara. Paulo ficou tão paranoico que não quis sair do quarto. Ficou trancado o tempo inteiro. Gloria e eu queríamos visitar algumas atrações e não nos importávamos se as pessoas nos seguissem, então saímos para ver alguns templos em Bali.

A hora do show finalmente chegou e foi algo insano, com quarenta mil pessoas num estádio de futebol. Os camarins eram uma merda e pareciam cabanas de bambu. Assustadores, davam a impressão de que podiam desabar a qualquer instante. Também havia soldados por todos os lados: quando passamos o som, pudemos ver uns duzentos militares por ali. Chamei todos ao palco,

porque queria tirar uma foto. O visual deles era alucinante, pra dizer a verdade, com os seus uniformes camuflados, embora parecessem querer o nosso sangue. Pensei que aquela seria a fotografia mais fodona de todos os tempos. Ali estava eu, com a minha guitarra BC Rich branca e cinquenta guardas armados ao meu redor.

Algo de insano aconteceu durante o show. O público estava muito agitado, então as autoridades desligaram a energia elétrica. O que vi em seguida foi a coisa mais bizarra: os guardas à frente do palco carregavam enormes porretes de bambu e começaram a descer a porrada nos fãs, fazendo todo mundo sentar. Fizeram dez mil pessoas se sentarem num minuto. O lugar inteiro ficou quieto. Olhei para Andreas e perguntei: “Caralho, que merda tá acontecendo?” Nos disseram para voltar para o camarim.

Tentamos manter a calma. O lugar era deles e, se quisessem usar as suas técnicas de controle de massa daquela maneira brutal, nada poderíamos dizer. Então, um sujeito finalmente surgiu e disse: “Podem continuar a sua apresentação agora.” Como uma banda pode retornar ao palco depois daquilo? O clima tinha sido completamente arruinado. Quando enfim retornamos, o local estava em absoluto silêncio, como a porra de uma igreja. Era uma loucura, mas prosseguimos e terminamos o show, embora não tenha sido a mesma coisa. Algo tinha mudado. Os policiais estragaram tudo e isso me deixou com ódio. Não queria que o mesmo acontecesse no segundo show, em Surabaya.

Deixar o estádio foi um verdadeiro caos. Tivemos que nos deitar no chão de um ônibus para que não vissem que estávamos saindo. Estiquei a cabeça para ver que porra estava acontecendo. Vi um ônibus de cabeça para baixo, em chamas, com pessoas dançando ao redor como se estivessem na porra de uma festa, gritando: “U-hu!” Era como ver cenas de um motim na CNN. Ainda lembro claramente de tudo.

O show em Surabaya foi melhor, sem aquelas merdas de bambu. Durante as três últimas músicas, decidi: “Fodam-se esses caras. Vou tirar a camisa pra que todos possam ver as minhas tatuagens. Se quiserem me colocar na cadeia, que me coloquem. Tô cagando!” Toquei as últimas três músicas sem camisa e, ao voltar para o camarim, disse à Gloria: “Fique atenta. Vai dar merda e vou acabar sendo preso.” Mas ninguém disse uma só palavra. Fiquei me perguntando se todo aquele papo sobre as tatuagens era apenas lero-lero e o que teria acontecido se tivéssemos tocado o tempo todo com camisas de manga curta. Queriam apenas exercer a sua autoridade sobre nós.

Depois, descobrimos que precisávamos de vistos pra deixar a Indonésia e não os tínhamos. Demorou quatro dias depois do segundo show para que os conseguíssemos, o que deixou todo mundo maluco. Fomos enlouquecendo

pouco a pouco. Saímos algumas vezes pra fazer compras, mas na maior parte do tempo ficamos esperando no hotel. Havia fãs por todos os lados. Nunca paravam de chegar, sempre em hordas. Fiquei bêbado todas as noites.

Lembro que o líder líbio, general Gaddafi, estava no país na mesma época que o Sepultura. Ele participaria de uma cerimônia em que ordenharia um camelo e beberia o seu leite diante de milhares de pessoas numa praça. Gloria perguntou sobre aquilo a um sujeito, que lhe disse: “Sim, Gaddafi está aqui e trouxe o seu próprio camelo.” Ela perguntou: “Ele trouxe o seu próprio camelo?” E o cara disse: “Sim, o trouxe lá da Líbia! Nós o amamos, pois se opõe ao poder americano!”

Juro que é verdade; ninguém poderia inventar uma merda dessas.

9
1992-1993: Magia no castelo galês

Em 1992, buscávamos um lugar pra gravar o nosso álbum seguinte, *Chaos A.D.* Já tínhamos um bocado de canções prontas, como “Propaganda” e “Refuse/Resist”. Pela primeira vez, eu vinha fazendo uma série de gravações sozinho, usando um gravador de quatro canais e uma bateria eletrônica. Fiz algumas fitas demo e as levei para os ensaios, e então as transformamos em canções.

Foi a primeira vez que compus da maneira como faço hoje em dia, com uma bateria eletrônica enorme e riffs. Adoro compor assim; fico completamente envolvido. Às vezes, quando estou no trailer, Gloria tem que ir até lá e bater na porta porque já é uma da manhã. A música é algo sagrado para mim: acordo com ela e vou dormir com ela. Graças a Deus, tenho uma mulher que entende isso: Gloria dá total apoio à minha música.

A banda passava por uma nova fase e todos estavam animados. Eu vinha compondo com Andreas, coisa que eu adorava fazer, e tocar com o meu irmão sempre foi fácil, porque conseguíamos ler a mente um do outro, musicalmente. Fizemos inúmeras reuniões com Cees Wessels, da Roadrunner. Gloria e eu voamos para Nova York e ele nos disse: “A banda de vocês está crescendo e quero tirar proveito disso. Quero que o som do grupo se torne mais profissional

e, pra isso, quero que trabalhem com um produtor de nome no próximo álbum.”

O primeiro nome que nos sugeriu foi o de Garth Richardson, que tinha produzido o álbum de estreia do Rage Against The Machine. Garth pegou um voo para Phoenix e nos viu ensaiando. Ouviu as músicas e gostou delas, mas algo não bateu: por algum motivo, não sentíamos que era o cara certo para nós.

A opção seguinte foi Andy Wallace, que também foi a Phoenix. Chegou para nos ver com um caderninho e disse: “Toquem as suas músicas. Vou ficar aqui sentado, anotando as minhas observações.” Achamos aquilo meio estranho, mas tudo bem. Se era o que queria fazer, não víamos problema. Começamos a tocar e percebi que ele estava escrevendo uma página após a outra. Pensei: “Que merda esse cara tá escrevendo?” Fiquei intrigado. Quando acabamos, pedi que me mostrasse o que tinha escrito. Ele disse: “Mas é claro. Senta aí. A primeira música que tocaram tem uma introdução boa, mas precisa de algo que a deixe mais potente. Podem fazer melhor. A que tocaram depois tinha só dois refrões, quando deveria ter três.”

Fiquei perplexo com aquilo. Andy tinha realmente estudado a nossa música, o que era algo inédito pra nós. Ninguém tinha dissecado as nossas composições desse jeito antes. Era animador. Queríamos seguir as suas sugestões, pra fazer as músicas crescerem e se tornarem melhores. Dissemos a Andy que tínhamos gostado dele e que o queríamos como produtor do álbum. Ele disse que adorava a Europa e perguntou o que achávamos de gravar por lá. Respondemos: “Também amamos a Europa, vamos nessa!” Ele então sugeriu o Rockfield Studios, no País de Gales. Bandas como Queen e Black Sabbath, entre outras, tinham gravado lá. Achamos uma boa ideia. Sugeriu que fizéssemos a mixagem em Bath, não muito longe dali.

Assim, terminamos de compor, e Andy foi anotando as suas impressões. Quando chegamos ao estúdio, ele tinha um caderno completo. Um fato engraçado foi que ele sugeriu que Paulo gravasse as partes do baixo pela primeira vez. Dissemos ao nosso colega para se preparar, pois gravaria no estúdio. Até então, Paulo tinha feito apenas uma ou outra parte aqui e ali, como o solo de baixo no final de “Stronger Than Hate”, em *Beneath The Remains*. A propósito, sempre foi ideia do próprio Paulo que eu e Andreas gravássemos o baixo: ele pedia que fizéssemos isso, já que não se sentia pronto.

Paulo ficou bastante nervoso, mas o desejo de Andy era que finalmente nos tornássemos uma banda de verdade, com todo mundo tocando. Queria dar uma chance a ele e passaram horas e horas trabalhando juntos. A gente saía do estúdio e ia ao *pub* para que eles pudessem se acertar.

Rockfield foi uma experiência incrível. Fiquei no mesmo bangalô onde Robert Plant, do Led Zeppelin, tinha se hospedado, e vi o piano que Freddie Mercury

usou para gravar “Bohemian Rhapsody”. Era um local isolado, o que era bom pra música. Não havia nada pra se fazer, então tínhamos que nos concentrar no trabalho. Andy sabia que aquela seria a melhor atmosfera pra nós, sem qualquer distração. Às vezes, gravávamos por toda a noite ou começávamos bem cedo. Mas não trabalhávamos nos fins de semana. Geralmente, Gloria e eu íamos a Londres visitar algumas atrações, beber em bares e coisas assim.

Observar Andy trabalhando era fantástico, porque ele é um mestre no que faz. Nunca tínhamos visto tamanho profissionalismo antes. Ele conhecia em detalhes cada trecho das nossas músicas. *Chaos A.D.* é uma obra-prima por causa do esforço que Andy dedicou a ele.

A faixa “Biotech is Godzilla” conta com a participação do vocalista do Dead Kennedys, Jello Biafra. Convidá-lo foi uma ideia que eu tive, pois queria acrescentar um toque de punk à nossa música. Conhecemos Jello alguns anos antes, quando fizemos uma jam com ele no Brasil e tocamos algumas canções do DK e do Lard. Era uma lenda. Não queríamos usá-lo como vocalista, mas sim como letrista. Eu adorava o humor negro em canções como “Holiday in Cambodia”. Os seus versos eram bem sarcásticos.

Consegui o seu telefone e lhe perguntei se poderia escrever algumas letras. Ele me pediu pra enviar uma fita cassete. Escreveu alguns versos e os cantou sobre a música, a qual chamou de “Biotech is Godzilla”. Curtimos de imediato. Fala sobre uma cidade brasileira chamada Cubatão. Ele é um cara bem inteligente: quando foi ao Brasil, falou sobre todos os presidentes que o país já tinha tido até então; eu nunca tinha ouvido falar de metade deles. Ninguém que conheço sabe dizer o nome de todos os presidentes de Brasil: Jello é um cabeçudo.

Jello me enviou uma gravação com vocais pra mostrar o modo como a canção deveria ser cantada, para que eu pudesse imitá-lo. Havia ali um rugido, algo como um “Rrraaarrr!”, que tiramos da fita original que recebemos e usamos na música. Quando o encontrei depois que o álbum foi lançado, ele estava puto e disse que teria feito um rugido melhor se tivéssemos pedido. Expliquei que queríamos preservar o som original da fita e ele compreendeu a nossa decisão.

> **Sean Lennon:** A primeira vez que ouvi Max Cavalera foi no álbum *Beneath The Remains*, do Sepultura. Eu estava sempre procurando heavy metal que fosse pesado pra valer, mas, surpreendentemente, nos anos 1990, quando havia uma imensidão de bandas de metal, a maioria delas parecia formada por bundões, se comparadas ao que o Slayer fizera em *Reign in Blood*. O som do Sepultura era incontestavelmente pesado, mas tinham um estilo de escrever letras único. A maior parte das letras do Slayer parecia sair de um moleque rabugento de 14 anos, lendo a sinopse de um filme de

terror ruim. Max cantava sobre companhias de biotecnologia na Amazônia. As letras eram tão pesadas quanto a música. Era fantástico.

Outra coisa que fizemos foi uma versão para “The Hunt”, do New Model Army. Queríamos surpreender alguns fãs do Sepultura, que provavelmente pensaram: “Que porra é essa de New Model Army?” Todos na banda os adoravam. Sempre foram um grupo cult e amávamos os seus discos. Andy tinha feito a mixagem de um dos seus álbuns e já os conhecia. Mas foi uma versão difícil de se fazer, porque o New Model Army tinha vocais melódicos e essa não é uma das características da minha voz. Tive que dar o máximo e acho que, no fim, ficou legal. Aqueles éramos nós dizendo ao mundo todo do que gostávamos e que não nos importava se as pessoas não entendessem; teriam que aceitar.

Pela primeira vez na carreira do Sepultura, a bateria apresentava toques tribais. Tinha um pouco a ver com uma celebração da nossa identidade, pois era uma época na música em que muitos brasileiros estavam vendo a si mesmos como realmente eram. Estavam escavando as suas raízes e descobrindo uma nova sonoridade própria. As canções também eram um pouco mais lentas. Não que não gostássemos mais de thrash metal ou algo do gênero, mas sim porque a música assumiu aquela forma durante o nosso amadurecimento como compositores. O melhor riff que já compus foi o de “Refuse/Resist”, ao lado de “Eye For An Eye”, que surgiu depois, com o Soulfly. “Refuse/Resist” é música para motins; se você estiver no meio de uma manifestação, aquela deve ser a canção tocando no fundo.

Tive a ideia pra “Kaiowas” quando um amigo me mostrou alguns artigos e fotografias sobre a tribo Kaiowá, que preferiu cometer suicídio em massa em vez de permitir que o governo tomasse as suas terras. Foi uma história muito triste: a tribo inteira morreu. Eu disse a Andreas que deveríamos gravar uma faixa instrumental em homenagem a eles. Iggor criou uma levada de bateria usando ritmos brasileiros, Andreas e eu tocamos violões, e Paulo, um baixo acústico. Ficou excelente quando a tocamos no estúdio de ensaio.

Depois, tive outra ideia: a canção não ficaria incrível se a gravássemos num castelo? Todos riram e disseram: “Max, você está sonhando.” Mas fui até Andy e perguntei se ele podia tornar aquilo possível. Ele respondeu que o Castelo de Chepstow ficava ali perto, então fomos todos até lá no fim de semana para dar uma olhada. A mente de Andy já elaborava um plano. Estava pensando em quantos metros de cabo precisaria e coisas assim. Olhou para mim e disse: “Dá pra fazer, Max.” Respondi: “É isso aí, cara! É isso que gosto de ouvir.” Esse era o Andy. Bastava eu sugerir algo completamente louco e ele encontrava um modo de colocar a ideia em prática, em vez de dizer “Isso não vai funcionar” e não

tocar mais no assunto.

Assim, Andy alugou um monte de cabos e fomos lá uma tarde com o equipamento e uma minimesa de som que levamos do estúdio pra gravar "Kaiowas". Foram necessárias quatro ou cinco tentativas para alcançarmos o resultado que queríamos. Dá para ouvir ao fundo as gaivotas que voavam ao redor do castelo. O som era incrível, porque não havia teto no lugar. Era um grande desejo meu que o conceito de gravar num castelo fizesse parte da história do álbum. Quero dizer, uma banda brasileira gravando uma faixa acústica num castelo galês é algo original pra caralho, não é mesmo?

Chaos A.D. era mais político do que o nosso material anterior. Escrevemos sobre a guerra de classes e sobre problemas que poderiam ser considerados relevantes em muitos países. Fomos até Israel para gravar o clipe de "Territory", que não trata especificamente daquele país, mas poderia facilmente se encaixar no contexto de israelenses e palestinos.

A nossa ideia original era gravar no local em Jerusalém onde Cristo foi crucificado, mas não conseguimos permissão. Por isso, rodamos a maior parte do clipe fora de Jerusalém e próximo ao Mar Morto. Havia muita lama ali, e a esfregamos no rosto. Lembro que eu estava com um corte na perna, bem do lado do saco, e senti uma dor terrível quando entrei no mar, porque a água era bastante salgada. Quando me veem gritando no vídeo, é pra valer: eu estava sofrendo de verdade!

Originalmente, o álbum ia se chamar *Propaganda*, mas no fundo eu sabia que aquele não era um título com bastante impacto. No último instante, me veio em mente a ideia de uma era do caos e então sugeri *Chaos A.D.* Todos adoraram. Chamamos Michael Whelan novamente para fazer a capa e, pela primeira vez, ele criou um desenho especialmente para nós. Teve acesso às canções antes de todo mundo e sugeriu a ideia de um corpo dentro de um saco, pendurado de cabeça para baixo, que achamos do caralho. A canção "Clenched Fist" tinha bastante distorção eletrônica, e "Manifest" continha ruídos de máquinas, então gostamos da inclusão de elementos eletrônicos na arte da capa.

> **Michael Whelan (capista):** Fiz quatro peças para as capas de Max. Geralmente, ele me perguntava: "Consegue tornar este desenho ainda mais extremo?", o que é ótimo, porque me faz expandir os meus limites. Por exemplo, a capa de *Chaos A.D.* me permitiu usar diferentes materiais, como fotocópias, que degradei o máximo possível pra causar um efeito. A ideia por trás daquela capa era retratar a tecnologia nas raias da loucura. "Biotech is Godzilla" foi uma grande inspiração.

Terminamos o álbum e voltamos pra casa. Um acontecimento grandioso, que mudaria a minha vida, foi quando o meu filho, Zyon, nasceu, em 13 de janeiro de 1993. Sempre disse a Gloria que queria ter um filho, porque o meu sonho era ter alguém para dar continuidade à minha vida. Sempre sonhei com isso. Na noite em que conversamos sobre isso, ela engravidou. Foi algo insano. Me lembro de lhe dizer: “Seria legal se o nosso filho tivesse covinhas.” Quando Zyon nasceu, tinha covinhas enormes. Era fabuloso. Demos a ele o nome do meu pai, Graziano, como nome do meio.

Um momento bacana foi quando tive a ideia de gravar as batidas cardíacas de Zyon durante o ultrassom, antes dele nascer, e usá-las na abertura de “Refuse/Resist”. Fui à clínica com um gravador portátil, fones de ouvido e um microfone, parecendo um lunático. Ali estava eu, entre médicos e enfermeiras, segurando o microfone próximo ao estetoscópio.

Que emoção incrível foi segurar Zyon pela primeira vez nos meus braços... Olhei nos seus olhos e senti algo extraordinário, cara. Foi um momento indescritível, uma sensação maravilhosa. Nós o levamos para casa e o nosso amigo Kevin Estrada, que é fotógrafo, tirou uma foto de nós três. Escrevi o seu nome nos nós dos dedos com uma caneta e depois acabei fazendo uma tatuagem no mesmo lugar. Escolhemos o nome Zyon de um livro de nomes de anjos e locais sagrados que eu tinha. É uma palavra judaica, mas não somos judeus. Troquei o “i” por “y” pra que ficasse um pouquinho diferente. Gostei daquele nome desde o início, pois era curto e poderoso. Gloria também adorou.

Eu mesmo nunca deixei de ser um moleque. Mas quando você se torna pai é preciso ser responsável, pois tem que cuidar do seu filho, o que é um trabalho e tanto. Assim, fomos bastante atenciosos em relação a tudo. Fiz todas as coisas que um pai deve fazer, levando-o para passear no seu carrinho e assim por diante. Tinha tanto orgulho — era o pai mais orgulhoso do mundo. Zyon era um menino gracioso, com lindos olhos grandes e as covinhas enormes que encomendei a Gloria com bastante antecedência. Missão cumprida.

Sete dias depois do nascimento, o Faith No More veio tocar na nossa cidade e fomos ao show, porque eram meus amigos. Não tínhamos alguém que pudesse tomar conta de Zyon em casa, então levamos Roxanne junto — ela tinha apenas 15 anos na época. Alugamos uma limusine e a deixamos, junto com o motorista, que já conhecíamos, cuidando de Zyon dentro do carro, no estacionamento, enquanto assistíamos ao Faith No More.

Fui ao camarim e disse ao vocalista, Mike Patton, que o meu filho estava no estacionamento. Ele subiu ao palco e introduziu a canção “Kindergarden” dizendo: “Esta é dedicada ao filho recém-nascido de Max, Zyon!” Fiquei arrepiado quando ele fez aquilo. Obviamente, fiquei empolgado e comecei a

beber, o que me fez convidar Mike e o baixista do FNM, Billy Gould, para irem com a gente até em casa. Disse: “Vamos comemorar lá em casa! Tem um monte de bebida.”, e eles responderam: “Vamos!”, então lhes dei as orientações.

Fui pra casa e fiquei esperando que aparecessem quando, de repente, dois policiais surgiram diante da minha porta. Eram duas da manhã e não entendia por que estavam ali. O que aconteceu foi que Mike e Billy se enganaram e terminaram a duas casas da minha. Estavam espiando pela janela, gritando: “Max! Max! Estamos aqui!”, e o vizinho chamou a polícia, porque achou que eram ladrões.

Fui até a rua e disse: “Ei, caras, tudo bem? A minha casa é aqui.” No meio da confusão, os policiais começaram a fazer perguntas a Mike e Billy, do tipo: “Quem são vocês?” Eles responderam: “Somos de uma banda de rock chamada Faith No More.” Os policiais disseram: “Ouvimos falar do Faith No More. Maneiro!” Então Dana apareceu e tirou algumas fotografias, que ainda temos, de todos nós com os policiais.

Eu estava meio chapado e tentei convencer os policiais a ficar e curtir com Billy e Mike na minha casa, mas obviamente eles recusaram o convite. Logo foram embora, e os meus amigos entraram. Adivinhem o que aconteceu? Eu não tinha uma só gota de álcool em casa. Me senti um completo idiota. Disse: “Desculpem, caras, mas estou sem bebida.” Todas as lojas estavam fechadas, então não daria para comprar mais. Ficamos conversando por uma hora e eles foram embora. Foi uma noite muito louca.

Zyon dormiu o tempo todo. Ele se acostumou àquele estilo de vida bem rápido.

Me casei com Gloria no dia 6 de junho de 1993. Optamos por uma cerimônia casual no nosso quintal, com um juiz de paz e um padre presentes. Convidamos um monte de gente da indústria musical, como Cees Wessels e Monte Conner, da Roadrunner, e os caras da Blue Grape Merchandise. A presença de Cees significou bastante para mim, já que ele era conhecido por não participar de nada desse tipo. Nem mesmo ia a shows, exceto por uma ou outra apresentação do Sepultura.

A cerimônia foi fantástica. Paul Booth e Jonathan Shaw, dois famosos tatuadores, compareceram — tinham feito algumas tatuagens em mim e em Gloria. Cees ficou sabendo que Jonathan estaria no casamento e lhe pagou para que tatuasse a mim e a Gloria na noite anterior, como uma forma de presente. Fizemos um “M” e um “G” nos nossos pescoços, formando um coração. No dia seguinte, tatuamos também alguns pontos nas mãos, no local onde o polegar fica repousado quando se está segurando a mão da outra pessoa, simbolizando união e parceria. Essas foram feitas durante a parte da cerimônia em que se trocam os

anéis.

Foi um dia inesquecível, com um monte de gente legal presente. Houve apenas um acontecimento estranho. Foi algo bizarro: a cerca em volta da piscina caiu no meio da festa e todos começaram a gritar: “Ahhh, cuidado! A cerca está caindo!” Todos dançamos e bebemos. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Decidi me tornar o padrasto dos cinco filhos de Gloria: a mais velha era Christina, seguida por Dana, Roxanne, Richie e Jason. Eles já me conheciam havia bastante tempo, desde que eram pequenos, e alguns deles começaram a me chamar de “papai”. Se acostumaram a me ver como um segundo pai e todos mudaram oficialmente os seus sobrenomes pra Cavalera.

Tentei, à minha maneira, ser como um pai pra eles. Não quis forçar nada. Não pedi que me chamassem de “papai”. Começaram a chamar por vontade própria, e eu gostei desse gesto. Nunca os pressionei, dei sermões ou coisas do gênero. Eram bons meninos, de qualquer forma, e jamais precisaram disso. Ajudei-os como podia. Viajávamos juntos e nos divertíamos. Tinham uma vida boa, pois estávamos ganhando bastante dinheiro e cuidávamos bem deles. Podíamos pagar boas escolas e tirar férias. A vida era ótima.

Eu amava aquelas crianças e adorava passar o meu tempo com elas. Curtia bastante a companhia de Dana. Tornamo-nos bons amigos: eu era mais como um amigo do que um pai pra ele. Conversávamos sobre música por horas: eu tocava algumas demos do Sepultura pra ele, que ia à loucura porque eram muito maneiras. Dizia: “Não acredito que sou a primeira pessoa a ouvir isso. Você não disse mesmo a ninguém que tem uma música nova chamada ‘Territory’?” Eu respondia: “Não, você é o primeiro.” E ele dizia: “Oh, meu Deus!”

Chaos A.D. foi lançado em 2 de setembro de 1993, e a Roadrunner deu uma festa no castelo de Chepstow. Cees Wessels levou um grupo de dançarinas do Brasil para o evento e dava pra perceber que o álbum causaria um grande impacto.

Cees sempre me pedia pra fazer um álbum de música brasileira, com letras em português. Costumava perguntar: “Como vai o meu álbum brasileiro?” quando nos encontrávamos. Era uma ideia maneira, pra falar a verdade, contanto que eu conseguisse achar os músicos certos com quem trabalhar. Alguns dos melhores percussionistas do mundo são brasileiros, então esse departamento não seria um problema. Desde que a música fosse autêntica, seria um projeto maravilhoso.

Um dia o farei. Precisarei passar um tempo no Brasil e gravar por lá pra que saia do jeito certo. Será um projeto gigantesco e ajudará a colocar tanto o Brasil quanto a mim mesmo de volta no mapa, da mesma maneira que *Roots* fez. Será algo bem diferente de tudo que já fiz. Haverá bastante heavy metal, é claro, mas

também uma boa parcela de música tradicional.

Fizemos uma turnê com o Paradise Lost numa série de lugares para três ou quatro mil pessoas, pois a banda tinha certo destaque, assim como nós, o que rendia uma boa atração dupla. Mas nem tudo foi tranquilo: depois de um show na Alemanha, em outubro, fomos parados pela polícia. O motorista do nosso segundo ônibus tinha nos dito que a sua mulher passaria por uma cirurgia e que precisava voltar pra casa. Na verdade, achamos que ele viu alguém cheirar cocaína no seu ônibus — pode ter sido algum convidado — e ligou pra polícia em Berlim, dizendo que o Sepultura não era uma banda, mas sim traficantes de drogas vindos do Brasil. Uma estória maluca, que os policiais engoliram. Por isso, foram até o nosso ônibus, com dez viaturas e camburões, prontos pra prender todo mundo.

> **Gloria Cavalera:** Eles nos pararam enquanto percorríamos uma rua tranquila. Não disseram uma só palavra. Um deles simplesmente entrou pela porta de trás e apontou uma arma pra cabeça do Iggor. Andreas, Zyon e eu estávamos no andar de cima. Não sei onde Max e Paulo estavam, mas me lembro de todos dizerem que tinha uma arma apontada pra cabeça do Iggor. Um policial também entrou pela porta da frente, subiu as escadas, nos viu com Zyon e disse: “Um bebê?”

Lembro que eu estava no lounge dos fundos com Iggor e o ônibus parou. Ficou ali por alguns instantes, e eu me perguntava por quê. Só o que me lembro depois foi de ter visto um cara gritando em alemão e apontando uma arma pra cabeça do Iggor. Fiquei maluco, porque achava que estávamos sendo roubados por aquele bando de alemães, mas vi os distintivos e percebi que eram policiais.

> **Gloria Cavalera:** Todos pensamos que o ônibus estivesse sendo assaltado, pois os policiais estavam dirigindo um carro pequeno normal e vestiam roupas civis. Eles nos fizeram sair do ônibus imediatamente e esperar do lado de fora, sob um frio tremendo. Era por volta de uma ou duas da manhã. Tínhamos acabado de sair do local do show e os ônibus da nossa equipe e do Paradise Lost ainda estavam estacionados lá. Foram vasculhados ao mesmo tempo que o nosso. Depois que todos saíram, a polícia chegou em três equipes diferentes e fez uma busca minuciosa com cães.

Vasculharam cada centímetro do ônibus. Retiraram a cozinha, revistaram as camas e chegaram até a provar o leite em pó de Zyon. Aquilo durou três horas, entre idas e vindas, até que finalmente desaparecessem sem dar explicação,

deixando o ônibus todo quebrado pra que o arrumássemos. Pensamos: “Que porra foi essa?”

> **Gloria Cavalera:** Revistaram todos nós do lado de fora, mas não encontraram nada, porque não tínhamos nada. Foram embora às quatro da manhã. O nosso motorista entrou no ônibus e chamou o seu colega no outro veículo pelo rádio. Os policiais que vasculharam os outros ônibus contaram a eles o que tinha acontecido com o motorista e foi assim que descobrimos o que tinha se passado.

Felizmente, incidentes como aquele não eram comuns. A gente se dava bem com o pessoal do Paradise Lost e a música deles era demais. Pela primeira vez, tínhamos o nosso próprio serviço de *catering*, umas garotas inglesas que nos tratavam muito bem e escutavam New Model Army a todo volume enquanto cozinhavam. O nosso palco também era muito maneiro, tridimensional, com uma reprodução da múmia da capa de *Chaos A.D.* pendurada por uma corrente diante do painel, que era o restante da capa do álbum. Tínhamos um maquinário insano em frente aos amplificadores e uma rampa de aço diante da plataforma da bateria, que eu usava para saltar quando estava turbinado de vodca.

Eu adorava aquela rampa. Ia lá dizer oi para o Iggor e depois pulava dali.

A minha vida era maravilhosa naquela época. Relembrando hoje, eu não mudaria nada.

10
1994-1995: Nailbomb ou como detonar o Dynamo

Eu não estava procurando um projeto paralelo naquela altura da carreira do Sepultura, mas me deparei com um mesmo assim.

A minha primeira lembrança de como começou o Nailbomb foi quando ouvi o álbum *Hate Songs In E Minor*, do Fudge Tunnel. Adorei o disco, virou um dos meus favoritos. Não conseguia compreender como alguém podia tocar riffs tão pesados. Eu conhecia Digby Pearson, dono da Earache Records, pois ele costumava ir aos shows do Sepultura e nos dava caixas com material da sua gravadora. Uma dessas caixas continha o álbum do Fudge Tunnel, que era completamente diferente de qualquer outra coisa que eu já tinha escutado. Aquela se tornou uma das minhas bandas prediletas e eu ouvia o tempo todo.

Tivemos a oportunidade de levá-los numa turnê europeia com a gente no verão de 1992. Lembro que, durante os primeiros shows, tocaram de costas para o público, que não apreciou a atitude. Assim, eu e Gloria fomos um dia até o camarim deles e dissemos ao vocalista, Alex Newport: “Ei, Alex, talvez não seja uma má ideia olhar pra plateia de vez em quando ou até mesmo falar com ela.” Na apresentação seguinte, o baixista foi ao microfone e disse: “Sepultura?”, e a galera gritou: “Aaaargh!” Aquilo era tudo o que ele dizia, em cada intervalo entre as canções. No último show, Iggor desenhou cartazes enormes, com

caralhos gigantescos, da altura de duas pessoas, em ambos os lados da plataforma da bateria deles.

Em algum ponto daquela turnê, Alex conheceu Christina, filha mais velha de Gloria, que nos acompanhava e ajudava na lojinha da banda. Os dois começaram a sair juntos. Quando me dei conta, ele tinha se mudado pra Phoenix pra morar com ela e nós dois nos conhecemos melhor. Eu tinha amigos em Phoenix, mas não eram músicos. Agora finalmente tinha alguém com quem podia tocar. Ele visitava a nossa antiga casa em Corrine Street, pegava a guitarra e me mostrava alguns riffs de *Hate Songs In E Minor*.

O mais engraçado é que nos mudamos daquela casa e hoje ela pertence a um grupo de surdos. Toda vez que passo por ali e vejo a placa com o nome da organização, começo a rir, lembrando que o Nailbomb, a banda mais barulhenta do mundo, foi criada naquele lugar.

Certo dia, Gloria foi até o quarto onde Alex e eu estávamos tocando e sugeriu que formássemos uma banda. Demos risadas e dissemos: “Você só pode estar de brincadeira, não é?” Mas ela continuou: “Vamos lá, o Sepultura tá de férias. Por que não?” Ela estava certa. Alex e eu gostávamos de música industrial, como Godflesh, Ministry, Nine Inch Nails, Big Black e Einstürzende Neubauten, então concordamos em tentar.

Criamos alguns riffs e compramos um sampleador numa loja de instrumentos com o fundo que Gloria criou para o Nailbomb. Alex dominava aquele troço: aprendeu tudo sobre ele e descobriu os seus truques em uma semana. Não queríamos depender de bibliotecas de som, então decidimos fazer tudo nós mesmos. Pra produzir um ruído industrial, enchemos de pancada uma máquina de lavar roupas. Está ali em algum momento do álbum.

Também queríamos o som do guincho de um pneu quando um carro freia repentinamente. Entrei no Camaro branco que tínhamos na época — não era o melhor carro pra uma família com crianças, mas era o que tínhamos — e desci a Corrine Street a 145 km/h enquanto Alex me esperava com o microfone. Pisei fundo no freio e conseguimos o som que buscávamos.

O Nailbomb era divertido por causa daquele tipo de coisa. Não havia qualquer tipo de pressão pra sermos bons. Não dávamos a mínima se ninguém ligasse para o nosso som, porque nós o adorávamos. Com o Sepultura, éramos sempre pressionados a fazer um álbum melhor que o anterior. Tínhamos que ser cada vez mais originais e apresentar algo de novo. Nunca deixei de atingir aquele objetivo, mas era difícil. Felizmente, os meus melhores trabalhos surgem quando estou sob pressão.

Vendemos a ideia do Nailbomb para Cees e Monte na Roadrunner, explicando que o projeto seria o filho bastardo do Sepultura e do Fudge Tunnel. Eles

amaram. Toquei algumas das canções para Monte — “Wasting Away”, “Cockroaches”, “World Of Shit” e outras. Várias delas tinham como tema o ódio e a violência, porque era aquela a realidade do Nailbomb. Queríamos deixar todo mundo puto da vida.

A capa do nosso álbum fez com que parecêssemos uma banda política, o que não era verdade. Disse a Monte que queria usar uma imagem relacionada à guerra, então ele me mandou algumas fotografias pra que escolhesse. Quando vi a foto da mulher vietnamita com uma arma apontada para a cabeça, disse a ele que tínhamos a nossa capa bem ali. Era uma coisa brutal. O verso da fotografia tinha algumas informações sobre a mulher, relatando que ela estava sendo interrogada pelo exército americano. Deixaram-na ir embora logo depois que a foto foi tirada. A maioria das pessoas acha que explodiram os miolos dela em seguida, mas, na verdade, ela sobreviveu. Isso fez com que me sentisse melhor em relação a usar a imagem.

A Roadrunner, no entanto, estava um pouco apreensiva quanto à utilização da foto e nos perguntou se não havia nada mais que nos agradasse. Dissemos: “Não, é esta mesma.” Participamos também de uma sessão fotográfica em que eu e Alex cobrimos os nossos olhos com bandanas, como se fôssemos criminosos refugiados ou vítimas de sequestro. Os nossos braços estavam arqueados para trás, como se estivéssemos algemados. Os cartazes ficaram muito maneiros, especialmente na parte que dizia “O filho bastardo de Max Cavalera e Alex Newport”.

Na verdade, há uma história legal sobre esse cartaz. Danny Marianino, do North Side Kings — que ganharia fama por nocautear Glenn Danzig —, é um velho amigo meu e um italiano da pesada. Ele me disse que tinha o poster do Nailbomb pendurado na parede e que certa noite o seu pai voltou do trabalho e entrou no seu quarto. O pai disse: “Posso aturar muita coisa. Não dou a mínima pra sua música punk e rock. Mas este pôster não vai ficar na parede!” E o fez retirar o cartaz. Pra mim, era aquela a razão de ser do Nailbomb. Fiquei tão contente quando ele me contou aquilo! Éramos uma banda com uma atitude: mandar todo mundo se foder.

Criamos o álbum todo em casa. Usamos o quartinho da babá mexicana das crianças pra armazenar as nossas coisas. Ocupamos o seu cômodo por alguns meses. Pobre senhora! Toda noite, quando ia dormir, se via cercada por guitarras, aparelhos de som e fitas. Ela tinha uma imagem enorme de Jesus Cristo na parede, o que pra mim era hilário, cercada pelo material do Nailbomb. Por algum motivo, era perfeito.

Nunca quisemos sair em turnê com o Nailbomb. Alex não gosta do barulho do público, o que é estranho, já que ele tem uma banda. É um cara de estúdio.

Demos a ele o apelido de sr. Ódio, pois ficava realmente puto algumas vezes e sempre parecia nervoso. Conheci um lado completamente diferente de Alex, porém, e a minha relação com ele foi sempre boa. Compusemos uma série de canções com uma bateria eletrônica, que ficaram ótimas, e, em certa altura, conseguimos batizar a banda. De início, não tínhamos um nome; chamávamos simplesmente de Hate Project. Depois, por um tempo, nos tornamos Sick Man, nome do qual gostamos.

De certa forma, eu era um cara doente. Foi nessa época que tive uma overdose de analgésicos. Estávamos tocando no Canadá, onde dá pra comprar Tylenol com codeína no balcão da farmácia sem necessidade de uma receita médica. Comprei o maior frasco que tinham, com duzentos comprimidos, saí da farmácia, enfiei cinquenta deles na boca e fui ao pub beber. A última coisa de que me lembro foi de pedir uma dose de rum e coca. Em seguida, tudo ficou negro. Foi o mais perto que já estive de morrer.

Quando acordei, estava no hospital, com tubos nos braços. A enfermeira foi bem grossa. Perguntei: “Onde estou?”, mas ela mal falava comigo. Disse apenas: “Você quase se matou na noite passada e por isso o trouxemos aqui. Ingeriu um monte de Tylenol com codeína e misturou com álcool, mas agora está estabilizado.” Pensei: “Que merda... Grande notícia.” Depois daquilo, dei um tempo nos comprimidos e nunca mais ingeri uma quantidade como aquela.

Acho que foi Alex quem sugeriu o nome Nailbomb. Pra nós, a ideia de uma bomba que explode e estraçalha tudo com pregos daria um ótimo nome para uma banda. Impossível ser mais hardcore ou furioso do que isso. Tinha a vibe punk que eu buscava, em vez de outro nome de banda de heavy metal.

Obviamente, eu sabia que aquilo chocaria as pessoas. Descobri posteriormente que o IRA usava bombas de pregos na Irlanda. Uma vez estava no aeroporto de Heathrow e carregava comigo uma câmera, dentro de uma bolsa coberta de adesivos do Nailbomb. Estava dentro de uma sacola. Fomos a uma loja de presentes e esqueci a sacola ali. Quando me dei conta, voltei ao quiosque e lá estava a bolsa da câmera. Um policial perguntou: “Isto lhe pertence, senhor? O que tem aí dentro? Alguma arma?”

Uma vez compostas as canções para o álbum, que intitulamos de *Point Blank*, fomos a um belo estúdio, chamado Chaton, nas montanhas próximas a Phoenix. No estacionamento, saindo do estúdio, você vê a Camelback Mountain bem na sua frente. Tinha também uma piscina, além de ser um ótimo estúdio. Muitos artistas country gravam ali, como Willie Nelson. Uma fotografia de Paul McCartney com o proprietário enfeitava uma das paredes. O dono do lugar viveu uma história triste: a sua única filha morreu num acidente aéreo quando era adolescente. Ficamos sentidos quando ele nos contou aquilo.

Fomos ao estúdio e chamamos alguns amigos para nos ajudar. Iggor tocou bateria em algumas das músicas enquanto Andreas tocou guitarra. Não queria que se sentissem ameaçados pelo Nailbomb, porque eu não sairia em turnê com a banda ou algo assim. Acho que ficaram um pouco enciumados, porém: num certo ponto, Andreas veio até mim e disse: “Seu filho da puta! Todos esses riffs poderiam estar em canções do Sepultura e você os desperdiçou nesse projeto.”

Respondi: “Ei, Andreas, eu tenho mais riffs. Tenho riffs saindo pelo cu. Vou criar uma série de riffs novos pro próximo álbum do Sepultura. Fica tranquilo, cara.” Mas ele estava puto. Eu podia entender. Foi por isso que os convidei pra participar do Nailbomb, pra que não se sentissem excluídos.

Alex e eu produzimos *Point Blank*. Um produtor profissional o teria deixado polido demais e o Nailbomb deveria ser brutal e furioso. Caso contrário, todo sentido teria se perdido. Mantivemos a sua crueza. O álbum terminava de maneira tão pesada que me deixava arrepiado.

A minha canção preferida é “Sum Of Your Achievements”: a essência do Nailbomb está ali. O mais engraçado é que Alex vinha trabalhando naquela canção enquanto eu gravava *Chaos A.D.* Eu estava no Rockfield Studios, no País de Gales, quando ele me ligou e disse que tinha uma faixa ainda incompleta, porque faltavam os meus vocais. Falou que eu precisaria cantar a letra ali mesmo quando não houvesse mais ninguém no estúdio e colocou um alto-falante próximo ao telefone, com um microfone. Ouvi a música e comecei a gritar os versos pelo telefone. Funcionou bem. Captamos o espírito do Ministry e do Godflesh sobre o qual falei antes. Foi uma vitória para mim.

Fizemos também uma versão para “Exploitation”, do Doom. Queria uma sonoridade crust punk para a faixa e entrei no clima passando numa loja de conveniências e comprando uma garrafa de rum. Bebi uma dose atrás da outra até ficar completamente chapado e sentir que estava pronto para entrar na cabine de gravação. No final, gritei: “Feels good to be a punk loser!” (É bom ser um punk de merda!) simplesmente porque as palavras me vieram à cabeça. Ficou perfeito e sintetizava bem a pegada crust do Nailbomb. Gloria me deu uma bronca, apenas mais uma de muitas. Eu teria que fazer uma lista de pessoas para quem pedir desculpas... Outra vez.

Pra mim, no entanto, era sério. Até hoje, quando gravo os vocais, faço o meu melhor para chegar à verdade daquela canção. Em “Downstroy”, do álbum *3*, do Soulfly, por exemplo, soquei o meu peito com tanta força que fiquei com hematomas. Pra mim, faz parte da busca por algo que tem que ser revelado na posição de artista. O meu trabalho é fazer essa porra sair, de um jeito ou de outro, mesmo que seja à força, naturalmente ou por causa de algum acidente no estúdio, coisa que eu adoro. Sei que essa minha história de ficar bêbado é

engraçada, mas faço isso pra valer. Me tornei o verdadeiro dono daquela música agindo daquele jeito. Não era fingimento. Não dá para fingir ser punk rock, de jeito nenhum. Tem que ser verdadeiro. E eu era verdadeiro.

Dino Cazares também tocou no álbum do Nailbomb. Éramos amigos fazia anos. Dino me contou uma história engraçada pouco tempo atrás. Ele disse: “Cara, você se lembra de quando nos conhecemos?” Respondi: “Pra falar a verdade, não!” Foi quando nós dois dávamos uma mijada no banheiro de uma boate rock.

> **Dino Cazares:** Estávamos no Foundations Forum, uma convenção de música num grande hotel próximo ao aeroporto de Los Angeles, em 1991. Eu disse a Max que queria lhe dar uma fita demo das canções do Fear Factory, mas ele falou: “Tá, mas vamos dar uma mijada antes de subir pra ouvir.”
>
> Os últimos remanescentes da cena do glam metal podiam ser vistos naquela convenção. Quando fomos ao banheiro público, vimos um cara vestindo calça de lycra, cabelo fofo enorme e botas femininas. Ele estava num mictório entre mim e Max. Olhávamos um para o outro, como se disséssemos “Olha só este cara!”, nós estávamos de calças jeans rasgadas e com o cabelo todo bagunçado. De repente, Max mijou na perna do cara. Pensei “Caralho!” e comecei a rir. O mais engraçado é que o cara também estava bêbado então nem percebeu o que aconteceu. Não tinha nem ideia de que alguém tinha mijado nele.
>
> Depois, fomos ao quarto de Max e ele começou a escutar a minha demo no seu walkman. Ele disse: “Tô curtindo!” Depois de alguns instantes, pedi a fita de volta. Ele respondeu: “Não, esta é minha!” Argumentei, dizendo que era a única, e na realidade era a fita máster. Mesmo assim, ele continuou: “Vou ficar com ela, gostei pra caramba.” Tive que me engalfinhar com ele e pegar o seu walkman pra conseguir a fita de volta.

Point Blank foi lançado em 8 de março de 1994, algumas semanas antes de Kurt Cobain, do Nirvana, se matar. Me lembro disso porque, na semana em que Kurt morreu, o Sepultura se apresentou em Seattle. Dave Grohl, baterista do Nirvana, esteve no show e deixou um bilhete com o motorista do nosso ônibus, dizendo lamentar por não poder ficar mais tempo, mas tinha que sair dali porque tinha muita loucura acontecendo. Escreveu: “Queria apenas que soubessem que a música de vocês sempre esteve presente nas nossas turnês.” Gloria ainda tem o bilhete. Ele é um cara muito bacana e é uma honra pra mim que tenha escrito o prefácio deste livro.

Uma lembrança mais alegre vem do verão de 1994, quando estávamos em turnê com o Pantera e todos tínhamos ingressos para a final da Copa do Mundo de Futebol, no Rose Bowl, em Los Angeles, no dia 17 de julho. Fomos com o ônibus da turnê para o jogo e, quando o Brasil derrotou a Itália nos pênaltis, depois da prorrogação, comemoramos e partimos do estádio para o local do show. Tocamos três canções e então começamos a fazer uma grande jam, que acabou se tornando uma roda de samba, com todos vestindo camisas amarelas. Os caras do Pantera estavam com camisas do Brasil. Foi um grande dia.

O Nailbomb nunca voltou a gravar um álbum de estúdio. Não quisemos: assassinamos deliberadamente a banda com o nosso disco ao vivo, gravado quando fomos convidados como atração principal do festival Dynamo, na Holanda, no dia 3 de junho do ano seguinte. Os boatos diziam que aquele seria o maior Dynamo de todos. Quando chegamos lá, cento e vinte mil pessoas estavam presentes: foi maravilhoso fazer parte daquilo.

Montamos uma banda só para aquele show. Tínhamos três bateristas: Iggor, DH Peligro, do Dead Kennedys, e um cara mais velho chamado Barry, do Tribe After Tribe, uma banda sul-africana. Ele era um músico mais voltado pro jazz, mas decidimos usar três bateristas assim mesmo. Dividimos o show entre os três. Convidamos Dave Edwardson, do Neurosis, para ficar no baixo, porque ele era de uma das minhas bandas favoritas e nos dávamos bem. Rhys Fulbers, do Frontline Assembly, assumiu o sampleador, já que Alex estava na guitarra. Era uma banda fantástica. Fizemos dois ensaios em Phoenix e todos ficaram hospedados em hotéis. Também fizemos uma jam improvisando sobre a base de “Police Truck”, do Dead Kennedys.

Tínhamos dois shows programados: um festival num clube pequeno, com capacidade para quatrocentas pessoas, e a apresentação no palco principal no dia seguinte. O show no local menor foi insano. Até hoje não consigo acreditar como foi alucinante. Conheci pessoas que assistiram às duas apresentações e disseram que o show na boate foi dez vezes melhor. Não sei por quê. Talvez o Nailbomb fosse uma banda punk que não foi feita para tocar para grandes públicos. A sensação de se apresentar para poucas pessoas era maravilhosa. Foi eletrizante e apenas quatrocentas pessoas puderam assistir.

Antes de entrar no palco no dia seguinte, Dave Edwardson entrou em pânico e vomitou no banheiro, pois nunca tinha tocado para tanta gente. Ele disse: “O Neurosis se apresenta pra quinhentas pessoas, talvez mil, quando estamos com sorte. Tem 120 mil pessoas ali, cara, você tá de sacanagem comigo?” Ele estava tão nervoso que tocou com o baixo desafinado durante todo o show, e Alex teve que regravar o instrumento para o álbum ao vivo. Convidamos Evan Seinfeld, do Biohazard, e ele tocou “Sick Life” no final da apresentação. Foi uma experiência

fantástica.

O show do Dynamo aconteceu logo antes do meu segundo filho, Igor, nascer, no dia 2 de julho de 1995, quando mais uma vez me enchi de orgulho paterno. Sempre quis ter outro filho, para que fossem dois garotos, como Iggor e eu. Pensei também que seria legal para Zyon ter companhia e não ser filho único. Quando Igor se juntou a nós, revivi toda a empolgação que senti quando Zyon nasceu. De repente, eu era pai de dois filhos. Estava muito orgulhoso.

Quando o álbum ficou pronto, precisamos de um título. Enquanto esperávamos o seu lançamento, vínhamos trabalhando em algumas músicas para o disco seguinte do Sepultura, que soavam bem diferente de tudo que tínhamos feito antes, como contarei adiante. Monte Conner as ouviu e nos enviou um memorando por fax, dizendo: “Se lançarem este álbum, estarão cometendo suicídio comercial.”

Adoramos aquilo e chamamos o disco ao vivo do Nailbomb de *Proud To Commit Commercial Suicide*. Foi lançado em 24 de outubro de 1995. Usamos na capa uma fotografia dos cadáveres do Massacre de Jonestown. No encarte, havia uma imagem de um motoqueiro dando um soco no rosto de um membro da Ku Klux Klan; na contracapa havia a imagem de um policial espancando um negro; e no CD em si havia o desenho de um cara da KKK com uma mira sobre o rosto. Usamos essa última imagem como painel para o show no Dynamo. Gravamos duas novas canções para o álbum ao vivo: uma chamada “While You Sleep I Destroy The World”, que era uma citação de Charles Manson, e outra intitulada “Zero Tolerance”, sobre os neonazistas nos Estados Unidos e como eles são um bando de merdas.

Há uma gravação no álbum que fizemos quando passamos um trote pro Danny. Dá para ouvir quando ele atende o telefone e diz o nome da loja de móveis do seu pai. Fiz uma respiração pesada, como se fosse um psicopata, e fui em frente interminavelmente. Ele não desligava o telefone. Só dizia: “Quem é? Vamos lá! Não tenho tempo pra brincadeiras, seu idiota!” Foi perfeito. No final, ele diz: “Vamos lá, machão! Fale!”

Tínhamos uma lista de pessoas para passar trotes e pretendíamos usar todas as gravações, mas no fim a ligação pro Danny ficou tão boa que utilizamos apenas aquela. Não avisei a ele que colocaríamos o trote até o álbum ser lançado. Quando lhe dei uma cópia de presente, disse para ouvir até o fim e não pular nenhuma faixa. Ele me ligou no dia seguinte, perguntando: “Seu babaca... Então era você?”

Aprendi bastante sobre a indústria musical com o Nailbomb e continuo a aplicar esse conhecimento hoje em dia. Tem um ditado que diz que a primeira ideia é sempre a melhor, e outro diz que você sempre estraga as coisas quando

tenta consertá-las. Acima de tudo, às vezes a abordagem punk é a melhor de todas.

Apliquei aquelas ideias a algumas das novas músicas que estariam no álbum seguinte do Sepultura — um álbum que se tornou maior do que qualquer um de nós poderia imaginar.

11
1995-1996: Aventuras na selva

No Brasil, somos criados sabendo que existem tribos indígenas vivendo na floresta, mas não temos muitas informações sobre elas. Na verdade, existe um outro país dentro do nosso, com a sua própria língua, os seus costumes e o seu estilo de vida. Ouvimos falar disso e aprendemos um pouco por meio da televisão e de livros, mas não temos conhecimento de quantas centenas de tribos vivem ali.

Desde a música "Kaiowas", em *Chaos A.D.*, em 1993, eu vinha me perguntando se seria possível entrar na selva e conhecer os índios. Eles possuem uma história riquíssima e nenhuma banda de rock tinha tentado fazer algo parecido antes. Mas seria uma empreitada perigosa: eles matam os brancos e estão sempre em guerra com os fazendeiros da região.

O conceito por trás de *Roots* veio de um filme. Um dia, eu estava bebendo vinho em casa e fiquei meio chapado, mas não muito, me sentindo bem pra caramba. Assisti a um filme underground chamado *Brincando nos campos do Senhor*, desconhecido para muitas pessoas. É um filme excelente, com John Lithgow e Tom Waits.

Na história, dois mercenários americanos ficam presos na Amazônia. Um deles é um guerreiro de sangue Sioux. Eles vão até lá e o governo brasileiro quer

que os índios voltem para a floresta, porque estão ocupando muitas terras, então eles aceitam uma proposta para lançar algumas bombas e assustar os indígenas.

Estavam prontos para lançar a bomba, mas Tom Berenger, que interpreta o índio, enlouquece e dá meia-volta com o avião. O personagem de Tom Waits fica puto, porque aquela era a chance de deixarem o Brasil, já que os seus documentos estão todos fodidos. Mas ele se recusa a lançar a bomba e os dois retornam à aldeia. Naquela noite, alguns garotos dão a Berenger uma bebida bastante forte, feita com umas paradas da floresta. As pessoas o avisam que aquela merda é alucinógena, mas ele bebe uma garrafa inteira. Depois, entra no avião, no meio da noite, sobrevoa a floresta até encontrar a tribo e salta de paraquedas, deixando o avião se estraçalhar.

Em seguida, encontra os nativos, que o prendem e começam a interrogá-lo. Ele não fala a língua deles e, por ter caído do céu, acham que ele é um deus. Cortam o seu cabelo e lhe dão comida e trajes indígenas, e assim ele se torna um deles. Nesse meio-tempo, alguns missionários chegam à aldeia com o intuito de encontrar os índios e convertê-los ao cristianismo. Quando acham a tribo, lá está Berenger, como uma divindade.

O filme termina com um grande confronto entre os missionários, o exército e os indígenas. A aldeia é incendiada, e um monte de gente morre. Por alguma razão, a parte do filme em que Tom Berenger se lança de paraquedas me deu a ideia para *Roots*. Por causa daquilo, pensei: “Vamos lá gravar um disco com a tribo. Seremos a primeira banda a fazer isso.”

Contei a Gloria sobre a minha ideia de gravar com os índios brasileiros. Ela quase teve um ataque do coração, dizendo: “Sabe quanto isso vai custar? Vocês não são como Michael Jackson, não têm um orçamento ilimitado.” Respondi: “Eu sei, mas temos que tentar. Lembra quando gravamos no castelo para *Chaos A.D.*?” E continuei insistindo sem parar. No final, ela disse: “Tudo bem, vou ver o que posso fazer. Enquanto isso, pode começar a procurar alguns contatos.”

Hoje em dia, no Brasil, existem algumas pessoas brancas que vão à floresta para trabalhar com as tribos. Conheci uma senhora, Angela Pappiani, que faz isso. Sem ela, *Roots* não teria acontecido. Ela trabalhava no Departamento de Assuntos Indígenas; encontrei o seu nome na lista telefônica e liguei para ela. Expliquei a minha ideia. Ela tinha ouvido falar do Sepultura e adorou.

De início, eu queria trabalhar com uma tribo chamada Caiapó, que é muito violenta: odiavam os brancos. Mas Angela me disse que não permitiriam a nossa presença e que seria melhor esquecer a ideia de contar com eles, porque nem mesmo ela conseguia se aproximar. Sugeriu então a tribo Xavante, que considerava perfeita para a minha proposta. Eles não viviam na floresta, mas fora dela. O primeiro contato dos xavantes com o homem branco tinha ocorrido

havia apenas cinquenta anos, e Angela trabalhou com o seu líder, Cipassé, um sujeito de mente bem aberta. Segundo ela, Cipassé concordaria com a oportunidade, que renderia boa fama aos xavantes.

Angela me enviou algumas fotografias da tribo e um livro sobre a história dos índios brasileiros, que me deixou maravilhado. Existem cerca de setecentas tribos no Brasil. Ela achou que conseguiria explicar o que eu pretendia fazer com os xavantes e pedi que me enviasse gravações da música produzida por eles. O som era bastante poderoso. Na minha opinião, se conseguíssemos gravar com eles, chegaríamos às raízes da música brasileira. Era uma música feita quinhentos anos antes do samba ou da bossa nova, e voltaríamos ao âmago e às origens da musicalidade do meu país.

Quando contei a Cees Wessels, da Roadrunner, que queríamos trabalhar com os índios, ele pensou que estivéssemos loucos. Perguntou: “O que o heavy metal tem a ver com um bando de índios pelados?” Respondi: “Você vai ver. Tenho um plano e, quando todas as partes estiverem juntas, você vai ver. É algo que nunca foi feito antes. Você vai ter que confiar em mim.” Ele disse: “Tudo bem, mas, pra mim, parece uma compilação de reggae. Não sei se os fãs de metal vão curtir.” Rebati: “Me deixe tentar.”

Começamos a elaborar as novas músicas enquanto o plano de visitar os Xavantes ganhava forma. A primeira que compusemos foi “Straighthate”, bem no estilo do Nailbomb, com uma pegada punk e diversas modulações. O início é complicado, com o baixo e a bateria tocando um *loop* e as guitarras fazendo ruídos de distorção. Queria criar um *crescendo*, de modo que, quando o riff principal surgisse, fosse bastante pesado e barulhento. Tinha certo toque tribal e era bastante empolgante. Soubemos naquele instante que havia algo de novo no ar.

Também começamos a experimentar novos tipos de afinação. Foi a primeira vez que usamos a afinação em si. Não queria utilizar uma guitarra de sete cordas, então passei a usar cordas mais grossas. Andreas não queria um som tão grave, mas consegui convencê-lo, argumentando que o nosso som se tornaria mais pesado e que até o Black Sabbath tinha feito aquilo. Toquei a demo que tinha feito para “Roots” e ele se amarrou, então passamos à nova afinação.

“Roots” fazia a terra tremer. Eu fechava os olhos e via cem mil pessoas pulando ouvindo a música. Tive aquela sensação desde os primórdios da composição. Sabia que seria uma grande faixa para tocar em festivais, porque continha uma alta dose de energia. Estávamos experimentando com o ritmo, pois sabíamos que sempre poderíamos tocar canções rápidas de thrash metal se a gente estivesse a fim. A pergunta era: o que mais éramos capazes de fazer? Que outras cartas poderíamos colocar na mesa? Que tal algo realmente pesado?

“Roots” era uma faixa de abertura bastante diferente em relação aos nossos álbuns anteriores, principalmente pelo andamento. Ela tem um *loop* hipnótico, com o riff se repetindo o tempo todo, e uma levada de bateria contagiante criada por Iggor. Ele usou uma caixa do tipo *piccolo,* o que mudou completamente a canção e a tornou grandiosa. Sabíamos que tínhamos nas nossas mãos algo de especial. Íamos nos reformular e nos transformar num Sepultura diferente, mais ainda do que aquele de *Chaos A.D.* As regras do jogo estavam sendo completamente reescritas.

O produtor que usamos no álbum *Roots* foi Ross Robinson, uma sugestão de Monte Conner. A nossa ligação com Ross vinha de uma demo do Fear Factory que ele tinha gravado alguns anos antes: eu era um grande fã da música “Big God”, porque era bem pesada. Ele tinha trabalhado também numa demo do Deftones e, é claro, no primeiro álbum do Korn, que saiu em 1994, um disco que tinha nos impressionado bastante. Queríamos empregar aquela mesma energia bruta em *Roots*. Ouvimos dizer que ele agia no estúdio como um animador de torcida e que curtia se juntar à banda e enlouquecer. Aquilo nos parecia legal. Não conversamos com nenhum outro produtor além dele.

Tudo o que diziam sobre o sujeito acabou se mostrando verdade. Quando Ross veio nos ver ensaiar, começou a bater cabeça com a gente. Era como tocar para um fã, porque ele tinha adorado o material novo: ele o considerava potente e violento. Disse pra mim: “Vou fazer essas canções soarem ainda mais pesadas! Confie em mim, cara. Você vai adorar esse álbum, prometo.” Sentimos uma vibração boa desde o início.

Fomos ao Indigo Ranch, em Malibu, onde Korn, Megadeth e outras bandas haviam gravado. Era um belo estúdio no alto da montanha, com o oceano como pano de fundo. O proprietário era Richard Kaplan, que tinha uma série de equipamentos antigos espalhados por lá: amplificadores dos anos 1960 e pedais *vintage* por todos os lados. Se parecia com Jerry Garcia, do Grateful Dead, e surgia de vez em quando para dizer: “Vocês estão detonando, caras!”

Um famoso percussionista brasileiro, Carlinhos Brown, se juntou a nós. Entramos em contato com ele porque queríamos que fizesse parte do álbum. Ele é um grande astro no Brasil, então foi bem legal conseguir trabalhar com ele, que recebia convites para tocar com um monte de artistas famosos. Foi ele o responsável pela percussão para o filme infantil *Rio,* lançado em 2011. Ligamos para o seu empresário e entramos em acordo.

Ross fez um trabalho fantástico com a gente no estúdio. A banda estava elétrica. Estávamos tão empolgados durante aquelas sessões que a energia era contagiante: dava para senti-la no ambiente. Todos estavam envolvidos pra valer. Paulo superou o seu medo de gravar e, embora tenha levado incontáveis horas

para que ele e Ross conseguissem chegar ao resultado esperado, deu certo. Funcionou bem porque o som do baixo em *Roots* é alto e potente. Não ficava enterrado sob as guitarras, como nos anos 1980. O tom-tom de Iggor e o baixo de Paulo, juntos, soavam imensos. Ross fez um belo trabalho.

Pouco a pouco, a ideia de ir à floresta para gravar com os índios foi ganhando corpo. Fizemos um acordo com Angela para que os xavantes fossem pagos pela colaboração. Eles precisavam de fundos para construir uma escola para os seus filhos, e o dinheiro os ajudaria a alcançar aquele objetivo. Pela faixa que gravariam com a gente, receberiam também *royalties* que valeriam para sempre.

Planejamos uma viagem de três dias para conhecer os xavantes. Todos tivemos que ir ao hospital tomar vacinas contra malária antes de entrarmos na selva. O nosso grupo era composto pela banda, Gloria, Ross, Angela e um fotógrafo da revista *Time*. Ninguém mais.

Em Curitiba pegamos um velho teco-teco que parecia um fusca por dentro. Era possível abrir a porta e saltar se alguém quisesse. Era um tanto assustador, porque parecia velho e não muito seguro. Mas os pilotos demonstravam muita confiança e disseram que haviam feito aquele percurso um monte de vezes. Olhei para fora e só o que consegui enxergar foi a selva lá embaixo. Não era a floresta em si, mas ainda assim era mato. Em seguida, vimos uma pequena pista de pouso próxima a uma enorme cabana tribal e então aterrissamos. Era um pedaço mínimo de terra: se tivéssemos passado um pouco, teríamos batido.

Fomos recepcionados por Cipassé e toda a tribo Xavante. A maioria deles falava português, exceto os membros mais velhos. Cipassé fez um ótimo discurso, nos dando as boas-vindas, e presenteou a todos com colares. Sentimos uma vibração fantástica de imediato. Cerca de uma hora depois de termos pousado, Angela me disse: “Max, acabei de conversar com Cipassé e ele colocou uma condição para seguirmos em frente. Se, por algum motivo, eles acharem que as coisas não estão indo bem, devemos interromper tudo e partir.”

O que eu poderia dizer? Era a terra deles, éramos apenas convidados, então lhe disse que aceitava aquela condição. Depois, ela disse: “Mais uma coisa: nada de álcool ou drogas.” Respondi que todos também respeitariam aquilo. Seriam apenas três dias, de qualquer forma: poderíamos ficar caretas durante aquele tempo. Valeria a pena para alcançarmos o objetivo da nossa viagem. Tivemos bastante cuidado para não irritar ninguém: nos comportamos da melhor maneira possível.

Montamos acampamento com o nosso equipamento. Na primeira noite, havia tantos insetos debaixo da terra que dava para escutá-los enquanto se moviam. Era horripilante. Gloria ficou horrorizada, dizendo: “Meu Deus, o que é isto? Vão nos comer vivos!”

No dia seguinte, nos reunimos com a tribo, e eles cozinharam pra gente. Comemos anta, uma espécie de porco selvagem. Gostei de Cipassé. Era um sujeito bacana, por volta dos seus quarenta anos, em grande forma. Todos os índios jogavam bola debaixo do sol. Devia fazer uns 43 graus, e sentávamos na sombra, reclamando do calor. Eram muito ligados à floresta e ao que ela lhes oferecia, pintando os seus corpos e caçando para se alimentarem.

Então, Cipassé quis ouvir o nosso som. Foi a jam mais bizarra que já fizemos. Havia um público de cerca de trezentos índios xavantes sentados diante de nós. Andreas e eu tocamos violões, enquanto Paulo e Iggor tinham tambores. Tocamos "Kaiowas", do álbum *Chaos A.D.*, e, quando terminamos, eles começaram a repetir umas palavras, que descobrimos que significavam "Queremos mais!". Cipassé veio até nós e pediu para que continuássemos, o que foi um bom sinal.

Os xavantes são completamente isolados do resto do Brasil. São agricultores e caçadores, é basicamente isso o que fazem o dia todo. Uma vez, fomos pescar com eles: levaram uma rede gigante ao rio e nadamos com eles. Aquilo era o paraíso. As criancinhas nadavam perto de nós e brincávamos com elas, fingindo sermos tubarões que as atacavam. Foi bem legal.

Antes de começar a gravar, pintamos os nossos corpos, porque queríamos entrar de cabeça na experiência indígena. Nos pintamos de preto e vermelho, como fazem os xavantes. O processo foi insano. Dois velhotes misturavam cuspe com a tinta: na verdade, o ingrediente principal era saliva. Esfregaram aquilo na gente. Ross detestou e ficou enlouquecido, embora o cuspe fosse bem limpo e não nos incomodasse. Nós o convencemos a não ser um bundão e estragar tudo por nojo da saliva. Gloria também foi pintada. O cara que me pintou devia ter uns oitenta anos, mas era bem forte e atlético: parecia que tinha saído de uma academia de ginástica.

Finalmente chegou a hora de gravar. Ligamos o gravador de oito canais num gerador. O nosso tempo era limitado e tínhamos que fazer tudo antes que acabasse o combustível do gerador: se não alcançássemos o resultado antes disso, estaríamos ferrados. Não dava pra saber quando o gerador pararia de funcionar, então acho que isso foi um pouco estressante pro Ross. Passamos a canção duas vezes antes de ligar o gravador.

A faixa que escolhemos para gravar foi "Itsári", que na língua xavante significa "raízes". A música foi composta pela tribo e lançada por Angela em CD, então eles já a haviam cantado muitas vezes e sabiam exatamente o que estavam fazendo. O trabalho que nos coube foi acrescentar as nossas partes e fazer a nossa música se encaixar com a deles. Aquele era o desafio e foi por isso que primeiro ensaiamos com eles.

Seguimos as vozes dos índios com violões e bateria, embora ninguém soubesse exatamente quanto tempo durava a música, já que não tínhamos cronometrado e também porque cada vez a cantavam de um modo diverso. Ross cronometrou o tempo uma vez e a canção durou cinco minutos, mas logo em seguida a duração foi de sete minutos. Ele disse: “Max, eles não cantam sempre da mesma forma. Vai ser uma loucura!” Respondemos: “Vamos gravar!”, e não nos preocupamos se ficaria perfeito.

Ross apertou o botão e começamos a tocar. No meio da gravação, ele decidiu que queria mais entusiasmo dos índios e começou a correr ao redor do círculo como um louco, assim como fazia com a gente no estúdio, tentando levantar o clima. Ele estava a toda velocidade e olhávamos para ele, pensando: “Que porra esse cara tá fazendo?” De repente, ele tropeçou num pedaço de madeira e caiu de bunda no chão. Os índios todos caíram na gargalhada. Dá para ouvir os risos na gravação.

Depois da sessão, conversamos com os xavantes por um tempo. Lembro que as nossas tatuagens os deixaram hipnotizados. À noite, um garoto veio correndo e nos disse que um avião de mantimentos estava chegando. Achamos estranho, pois não ouvimos barulho algum. Dez minutos depois, o avião aterrissou com mantimentos para Cipassé e outros. Fiquei embasbacado ao ver que uma criancinha podia perceber a chegada da aeronave antes de qualquer um do nosso grupo. Aquilo me fez perceber melhor as diferenças entre nós: eles tinham sentidos apurados que nós, na condição de habitantes da cidade, não possuíamos mais. Eles têm um terceiro olho, que nós não temos.

Tiramos um monte de fotos com os xavantes e decidimos doar os nossos instrumentos para a tribo. Brinquei com Cipassé, dizendo que poderia formar uma banda de rock, e ele riu. Me disse que tinha sentido uma afinidade com a gente, pois éramos como eles: párias em relação ao restante da sociedade brasileira. Por esse motivo, se sentia próximo de nós. Fiquei muito orgulhoso por ouvir aquelas palavras da boca de Cipassé. Ali, ninguém nos julgou pela nossa aparência. Nos aceitaram exatamente como éramos, desde o momento da nossa chegada.

A experiência como um todo foi alucinante. Ninguém jamais tinha feito algo parecido. Quando voltamos pra casa pra terminar o álbum, tínhamos consciência de ter feito algo que permaneceria para sempre com a gente, não importava por quanto tempo vivêssemos.

Gravar o restante das músicas de *Roots* foi uma grande diversão. A ideia para “Ratamahatta”, lançada como single, veio de Carlinhos Brown. Ele viajou para Los Angeles com um monte de instrumentos de percussão, como pedimos. Levou um fuldu, uma cuíca e um berimbau. Este último consiste de uma cabaça

e um fio de aço. No Brasil, geralmente é tocado por negros, não é um instrumento para brancos. Por isso eu me sentia atraído por ele. Achei que seria algo diferente se conseguisse aprender a tocá-lo. Estava dentro da proposta de experimentação geral pela qual estávamos passando. Assim, ele levou aquilo tudo e entramos no estúdio: havia equipamento por todos os lados. Os instrumentos de percussão estavam em todo lugar; era como um playground.

Carlinhos era demais. Sabia como tudo funcionava, então fomos experimentando os instrumentos com ele. O meu irmão tocou um pouco de percussão e ficou do caralho. Improvisamos tudo desde o início. Eu tinha um riff, e Iggor começou a me acompanhar. Dali, a canção foi crescendo e Carlinhos começou a gritar: “Ratamahatta-mahatta-mahatta...”

Acho que ele estava falando sobre Manhattan na canção, já que também dizia “Hello uptown, hello midtown, hello downtown”. Pelo que entendi, a música era sobre as suas aventuras dirigindo um táxi por Manhattan e a parte principal tinha a ver com um rato na cidade. Ou alguma coisa assim, nunca lhe perguntei. Ross estava adorando, porque Carlinhos tinha muita energia. Era como uma lata de Red Bull em pessoa.

Uma coisa muito legal aconteceu no início de “Ratamahatta”, quando eu estava cantando “Ahhh...”. Foi como se Carlinhos e eu tivéssemos entrado num transe. Estávamos juntos na cabine de gravação e começamos a entoar um cântico indígena, criando tudo na hora. Ficou muito maneiro. Surgiu do nada, sem motivo algum; estávamos apenas verificando os níveis dos fones de ouvido. Ross foi bem esperto, pois gravou tudo. Disse: “Max, ouça só isso: temos que usar isso!” De maneira simples, estava pronta a nossa introdução.

A ideia para o vídeo de “Ratamahatta” foi inspirada nos clipes “Sober” e “Prison Sex”, do Tool, feitos com animação em massinha. Adorávamos aquele visual e pedimos para que o mesmo cara trabalhasse com a gente. Se chamava Fred Stuhr e morreu em 1997. Achamos que seria maneiríssimo fazer uma versão brasileira daquilo, na selva, com uns lances de vodu, então lhe enviamos a canção, e ele adorou. Expliquei o que queria: criaturas bebendo pinga — um monte de pessoas pobres enchem a cara com ela. Eu também gosto de pinga.

Mudamos algumas coisas antes do corte final — como a inclusão do mapa do Brasil, sobre o qual fazemos um zoom no início —, mas não havia muito a ser acrescentado. A letra era simples: eu cantava o nome de Zé do Caixão, um famoso diretor brasileiro dos anos 1960, que fazia filmes de zumbis, como um Hitchcock de filmes-B. Ainda está vivo e é fã do Sepultura. No Brasil, ele é visto como um mito e por isso pensamos em incluí-lo na música. Depois cito o nome de Zumbi, o escravo mais famoso do país. Ele liderou uma revolta de escravos em Recife, no Nordeste, e reconquistou um monte de coisas dos escravocratas,

criando uma comunidade enorme chamada Quilombo dos Palmares. Todo mundo o conhece e muitas pessoas fazem canções sobre ele.

Conseguimos capturar um monte de momentos legais como aquele. Havia uma gigantesca ravina próxima ao estúdio, com cerca de trezentos metros de profundidade, e Ross e eu pensamos que ali seria um bom lugar para uma jam com instrumentos de percussão, onde poderíamos utilizar o eco natural. Fomos até lá e tocamos por cinco horas com Carlinhos. Os microfones estavam apontados para o vale, para captar o eco. Carlinhos fumou um pouco de maconha e eu bebi vinho pra entrar no clima, porque era uma sessão hipnótica e durou bastante tempo. No álbum, utilizamos apenas 13 minutos do que foi gravado. Dá pra ouvir também o barulho estranho de um disparo no início do disco, que foi provocado quando Carlinhos jogou um dos seus instrumentos na ravina.

Foi um período ótimo. Não tínhamos qualquer preocupação, apenas as montanhas de um lado e o oceano do outro. Estávamos gravando um álbum colossal, no qual levávamos muita fé desde o princípio. *Roots* era o disco certo a ser feito. O design da capa saiu da fotocópia que fiz de uma nota de dez reais. Tinha uma roda com motivos tribais nela, que acabou estampada no próprio CD. Aquela era a minha visualização da ideia.

O rosto do índio na capa também foi tirado da nota: é uma imagem de domínio público, qualquer um pode usá-la. Depois a enviamos para Michael Whelan, que trabalhou sobre ela. Não precisou fazer muito. Ainda tenho a nota com a imagem original.

> **Monte Conner:** O Sepultura reescreveu as regras do jogo outra vez com *Roots*. Passaram por uma mudança de estilo absurda. Quando ouvi as demos de “Roots Bloody Roots” e “Dusted”, com Max balbuciando as palavras, já que as letras ainda não estavam prontas, fiquei chocado e preocupado.
>
> Achei que o som era completamente anticomercial e disse a Max: “Acho que estão cometendo suicídio comercial.” — que foi de onde ele tirou o título para o segundo álbum do Nailbomb, *Proud To Commit Commercial Suicide*. Depois de ouvi-lo melhor, obviamente, acabei captando a ideia e dei todo o meu apoio, mas de início achei a mudança um tanto drástica. Essas duas demos estão disponíveis numa coletânea do Sepultura, lançada mais tarde.

Nem tudo era perfeito, é claro. Pequenas discussões começaram a acontecer entre nós de vez em quando. A certa altura, Andreas ficou bastante incomodado

porque a imprensa queria falar apenas comigo, já que eu era o vocalista. Mas não me disse nada: conversou apenas com a Gloria. Ela ouviu a sua queixa e combinou com a imprensa para que as entrevistas fossem divididas por todos.

Fiquei satisfeito. Eu era o cara que estava à frente, mas sentia que todos fazíamos parte da coisa. Andreas era o guitarrista solo e tinha a sua parcela da fama. As pessoas também gostavam de vê-lo. A mesma coisa valia para o Iggor, que era um baterista fantástico. Paulo era o único que não tinha muitos atrativos, mas, ainda assim, era um de nós.

Acho que eu era mais procurado por ser o vocalista, o que, pra mim, era natural. No Metallica, todos querem falar com o James Hetfield: é uma coisa de banda, não dá para mudar. O único grupo que não é assim é o AC/DC, no qual Angus Young se tornou o membro mais famoso por causa do seu uniforme. Mas é muito raro: na maioria das bandas, o vocalista é o cara principal.

Havia alguns problemas desse tipo. A pressão vinha de todos os lados. A cada álbum que gravávamos, o público queria que fizéssemos outro melhor ainda, então nos sentíamos pressionados ao entrar no estúdio. Os discos não só tinham que ser melhores, mas também diferentes. A banda se tornou bastante popular e isso me incomodou um pouco, principalmente no Brasil.

Uma vez, eu e Gloria fomos cercados num shopping. Havia umas cem pessoas na entrada, vindo de todas as lojas. Tive que voltar para o hotel e aquilo me fez enlouquecer. Pensava: “Não consigo ir a lugar algum. Que merda! Não posso mais ter uma vida normal…” Senti como se a minha privacidade não existisse mais. É legal, mas ao mesmo tempo é foda. Você não consegue fazer o que quer: eu queria apenas passear com a Gloria e dar uma olhada nas lojas, como uma pessoa normal. Mas não podia.

Muito daquilo era *hype*, porque o Sepultura estava em destaque. Eu diria que setenta por cento das pessoas no shopping não eram fãs da banda. Estavam apenas curiosos. Era como se Michael Jackson entrasse ali: não é preciso ser fã para dizer: “Ei, o Michael Jackson está aqui, vamos lá vê-lo! Não gosto dele nem tenho os seus discos, quero apenas vê-lo.”

Era isso que me levava à loucura. As pessoas queriam apenas me ver, como se eu fosse um animal no zoológico ou numa feira de aberrações. De tempos em tempos, ainda sou parado por fãs em busca de um autógrafo ou uma foto, coisa que gosto de fazer, mas hoje em dia é diferente. Sempre tenho tempo para os fãs, mesmo quando estou com a minha família. Já ouvi dizer que alguns artistas não dão autógrafos quando estão comendo, por exemplo. Eu não sou assim, isso não me incomoda.

Na época, no entanto, era estranho pra mim ser tão reconhecido. É claro que quando *Roots* foi lançado, em 20 de fevereiro de 1996, as coisas se tornaram

muito, muito piores. O Sepultura estava chegando ao seu ápice, embora ainda não soubéssemos.

12
1996:
Tragédia e traição

Fiquei surpreso ao ver como *Roots* se tornou grande. Sabia que era um álbum forte e imaginava que a música “Roots” pudesse ser impactante quando a tocássemos num festival, levando o público ao delírio — o que, de fato, aconteceu. Toda vez que a tocávamos, as pessoas começavam a pular. Depois, acrescentamos uma improvisação de percussão, algo que tínhamos começado a fazer durante *Chaos A.D.* A primeira vez que tentamos foi em Donington, em 1994; depois, passou a fazer parte do show. Andreas, Paulo e eu tocávamos tambores extras e aquilo se transformou no improviso que faço até hoje no Soulfly, embora de maneira diferente: agora, trago alguém da plateia para tocar comigo. É bem divertido.

Sempre curti reggae e artistas como Peter Tosh e Bob Marley. Queria me aproximar daquela cena, então, quando pintaram umas férias naquele ano, fomos à Jamaica ver o lugar com os nossos próprios olhos. Faço bastante isso com o Soulfly: estive na Sérvia, na Escandinávia, na Turquia e em outros países, porque acho que é preciso ir até lá para vivenciar os lugares. É necessário estar lá fisicamente, tocar o país, sentir os seus cheiros e conhecer o local.

Passei a usar *dreadlocks* durante o álbum *Roots*. Pintei o meu cabelo de preto e vermelho depois de visitar os índios na Amazônia, mas ainda era liso. O meu

amigo Mark tinha *dreadlocks* e perguntei: “Como se faz isto, cara?” Ele então me explicou como retorcer o cabelo e deixar os *dreads* crescerem. Fiz *dreads* na cabeça inteira. Tem um pouco a ver com a minha paixão pelo reggae: gosto da energia da cultura *dreadlock* e da sua natureza antissocial.

Assim, saímos de férias, apenas eu e Gloria, e fomos à Jamaica. Mark morava lá e conhecia muita gente. Ele pediu a alguns dos seus camaradas para nos pegarem no aeroporto e nos mostrarem o lugar.

Quando atravessamos o portão de chegada, um cara segurava uma placa que dizia “Gloria with the *gren* hair” (Gloria do cabelo verde): tinha escrito a palavra “green” errado. Ele disse: “Estou aqui para pegar vocês.” De maneira bizarra, um policial veio até nós próximo ao portão e nos levou pra fora, evitando que passássemos pela imigração e pela alfândega. Entramos na van do sujeito e fomos à cidade.

Era de dar medo, cara. Tudo fodido. Mais ou menos como em *Balada sangrenta*, aquele filme com Jimmy Cliff. Havia um monte de jamaicanos assustadores por todas as partes, além de toca-fitas a todo volume promovendo o caos. Decidimos ir ao hotel e convidamos dois dos caras que foram nos buscar pra nos acompanhar. Achávamos que eram amigos de Mark... Mas é claro que não eram. Só descobrimos mais tarde.

Enquanto isso, estávamos curtindo com aqueles caras, que pensávamos serem boa companhia. Mas, quando chegamos ao hotel, não queriam permitir que eles entrassem, pois as normas de segurança eram bastante rígidas. Usando um pouco de charme, Gloria convenceu o segurança a deixar que eles fossem com a gente até o quarto.

A primeira coisa que achei estranho foi quando passei o controle da televisão para um dos caras e ele não sabia o que era. Ficou olhando para aquilo, sem a menor ideia do que era tal objeto. Então o deixou de lado, e perguntei: “Não assiste TV?” Ele respondeu: “Sim, cara, assisto.” Liguei o aparelho para ele. Isso me deixou alarmado. Outra coisa esquisita foi quando o cara começou a perguntar o valor de tudo que tínhamos ali. Viu uns alto-falantes caros que eu tinha levado comigo e ficou perguntando: “Quanto vale isso, cara?” Respondi: “Sei lá. Uns seiscentos dólares, talvez.” Depois, perguntaram: “Quanto vale o CD player?”, e eu disse: “Não sei!” Em seguida: “Quanto vale esta câmera? Quanto vale isto? E aquilo?” Achei tudo muito bizarro.

Na hora de dormir, Gloria e eu fomos para o nosso quarto e os outros dois caras ficaram no segundo quarto. Às nove da manhã, o telefone tocou. Eu estava na sala com os dois, então Gloria atendeu no segundo quarto. Era o sujeito que deveria ter ido nos pegar no aeroporto no dia anterior.

> **Gloria Cavalera:** Ele me disse que aquelas pessoas no nosso quarto tinham espiado pela janela do escritório dele e anotado todas as nossas informações. Na manhã em que o nosso guia deveria nos encontrar, aqueles dois sujeitos atropelaram o seu filho. Obviamente, ele teve que ir ao hospital, e os dois homens então apareceram pra nos pegar no aeroporto e, provavelmente, nos roubar. O cara me disse que estávamos em grande perigo, então fui ao outro quarto e chamei Max. Uma vez sozinhos, vimos o botão de pânico na parede e o acionamos. A segurança chegou imediatamente na nossa *villa* e prendeu os dois.

Eu e Gloria tivemos que ir à prisão preencher alguns documentos e declarar que aqueles caras basicamente haviam nos sequestrado pelas 24 horas precedentes. Vimos quando os levaram para a cela e o mais estranho é que não se irritaram: pareciam ter aceitado aquilo sem ficarem putos com a gente por termos os entregado à polícia. A delegacia era um lugar sinistro, como algo da Idade Média: era toda escura e cheia de prisioneiros gritando: “Rastaklaat! Bambaklaat!”, e outras merdas assim.

Escapamos por pouco. Aquilo poderia facilmente ter acabado mal para nós dois. Os caras vinham falando sobre alugarmos um carro, então quem sabe o que poderia ter acontecido? Talvez levassem todo o nosso dinheiro. Ou poderiam nos assassinar e ninguém teria descoberto.

Em seguida, visitamos a casa de Bob Marley em Trenchtown, onde vi um reggaeiro famoso, Buju Banton, cantando e tocando violão. Cumprimentei-o e me apresentei como um cantor vindo dos Estados Unidos, mas ele nunca tinha ouvido falar do Sepultura. Era um mundo completamente diferente. Mesmo assim, foi legal. Também vi Ziggy Marley e alguns dos seus familiares.

Voltei à Jamaica depois com uma revista alemã chamada *Rock Hard*, que publicou um artigo especial sobre “Max Cavalera na Jamaica”. Estivemos lá por 24 horas, viajando só para fazer uma sessão fotográfica. Visitamos o Studio One, onde Bob Marley tinha gravado.

Ao voltarmos para casa, o Sepultura saiu em turnê pelos Estados Unidos e depois foi à Europa tocar nos festivais de verão. Me lembro de Tom Warrior, do Celtic Frost, aparecer num show na Suíça. Ele queria tocar com a gente “Procreation (Of The Wicked)”, da sua banda, porque tínhamos gravado uma versão. Dissemos que não sabíamos como tocá-la na afinação original, mas que ele poderia tocar na nossa. Ele concordou e teve que reaprender a sua própria música! Usávamos uma parte completamente diferente da guitarra. Ele perguntou: “Vocês a tocam aqui? Geralmente eu uso esta parte!” Foi estranho, mas fantástico. O público foi à loucura quando ele entrou no palco, pois era o

herói local. Foi uma noite e tanto.

Infelizmente, os bons tempos não duraram.

Viajamos para a Inglaterra no dia 17 de agosto para tocar no festival Monsters of Rock, em Donington, que tinha Ozzy como atração principal. Me lembro da chegada no hotel, quando percebi de imediato que havia algo de estranho no ar. Eu sempre carregava na bolsa um cordão religioso que a minha mãe me deu: durante a inspeção na alfândega, percebi que ele tinha se rompido. As contas tinham se espalhado por todos os lados. Não dei muita importância, embora tivesse ficado um pouco espantado, já que carregava aquele cordão para todos os lados, e ele nunca tinha quebrado. Fiquei meio chocado quando o vi destruído, mas fechei a bolsa e fomos para o hotel, que ficava próximo a Donington.

> **Gloria Cavalera:** Estava no quarto do hotel e ouvi alguém bater à porta. Era Andreas. Estava com um olhar bastante sério no rosto. Pediu pra que eu fosse ao corredor e disse: “Sinto muito lhe dizer, mas o seu filho, Dana, sofreu um acidente.” Falei: “Por favor, não me diga que ele morreu.” E ele disse: “Receio que sim.” Eu me senti mal por ele ter que me dar aquela notícia. Comecei a gritar, voltei ao quarto e contei a todos.

Quando Gloria nos contou o que aconteceu, fiquei atordoado, fui à loucura. Não podia acreditar. Gloria começou a chorar. Foi horrível. Estávamos ali, naquele quartinho de hotel. O que se pode dizer numa hora como aquela? Eu não encontrava palavras. Ela disse: “Preciso ir pra casa. Preciso ver meu filho.”

Fui ao estacionamento do hotel, e o vento soprava forte. Senti a presença de Dana. Foi um momento espiritual: fiquei arrepiado. O vento batia contra mim com toda força, podia senti-lo bem ali. Dana estava comigo.

Algo bizarro aconteceu um mês antes de Dana morrer. A minha mãe sempre pedia a uma mulher no Brasil para me abençoar — alguém do candomblé, a nossa religião. Ela cuidava de mim espiritualmente: nos falávamos ao telefone a cada seis meses e ela me abençoava.

> **Gloria Cavalera:** Três dias antes de partirmos para a turnê do Sepultura, Max e eu estávamos na cozinha da nossa casa, em Phoenix. O telefone tocou e era a senhora do Brasil, ligando para abençoá-lo antes da viagem. Ela disse: “Alguém tentará matar um dos seus filhos. Não volte até depois de 6 de setembro.”
>
> Quando Max desligou, olhou pra mim e falou: “Não posso acreditar no que ela me disse, temos de tirar as crianças da casa.” Respondi: “Não podemos fazer isso, as aulas recomeçam na semana que vem, e estamos

saindo em turnê.” Chegamos à conclusão de que aquilo não poderia ser verdade. Dana estaria ali pra cuidar das crianças e tomar conta do escritório enquanto estivéssemos fora. Assim, eu e Max conversamos com ele e a sua namorada e dissemos que a senhora brasileira havia telefonado, então queríamos que tivessem atenção especial com os meninos.

Ao mesmo tempo, não podíamos acreditar que fosse verdade. Eu não conseguia imaginar que alguém pudesse saber que algo assim estava pra acontecer. Era incrível.

Pensamos que ela estivesse falando sobre as crianças pequenas. Zyon iria com a gente para a Inglaterra e os outros ficariam em casa com a babá. Não imaginamos que pudesse estar falando de Dana. Paramos de pensar no assunto e seguimos com a nossa vida. Não se pode parar tudo por uma coisa desse tipo.

Quando voltei ao quarto, Gloria estava tremendo, aos prantos. Foi horrível, cara: não desejo isso a ninguém. É o maior pesadelo que se pode ter: estar longe de casa quando uma coisa assim acontece. Tudo o que ela queria era voltar para Phoenix.

Gloria Cavalera: Quando ficamos sabendo, liguei para o agente Rod McSween, responsável pelas atrações para o show de Donington. Disse-lhe: “Não sei o que fazer. Acabei de sair do avião e chegar em Donington depois de quatro horas na estrada.” Ele respondeu: “Já ligo de volta.” Quando ligou, disse: “Sharon Osbourne tem um avião, que levará vocês até Londres, onde ela os encontrará.”

Assim, fomos a Londres e encontramos Sharon, que me deu algum dinheiro, uma cruz e passagens aéreas pra mim, Max, a minha filha Christina e o nosso filho Zyon. Ela tinha cuidado de tudo. Viajamos pra Los Angeles, e Sharon tinha reservado um jatinho particular pra nos levar a Phoenix. Sou infinitamente grata a ela pelo que fez por nós.

Sharon Osbourne: Todos nos aproximamos e nos demos forças. Max e Gloria precisavam de ajuda e queríamos ajudá-los no que fosse necessário. Eu sabia que precisavam voltar pra casa e pra sua família, então fizemos tudo o que podíamos para que conseguissem chegar lá. Era hora de fazer todo o possível para aliviar o sofrimento dos nossos amigos.

Gloria Cavalera: Estávamos no avião, que, naquela época, tinha uns telefones de plástico com os quais era possível ligar pra terra firme. A minha filha, Christina, telefonou para o necrotério, dizendo: “Não acredito

que o meu irmão esteja aí. Poderia verificar? Não acredito que seja verdade.” A atendente então disse: “Dana Wells? A irmã dele acabou de retirar o corpo.”

Christina disse: “O que você tá falando? Eu sou a irmã dele e tô num avião.” A mulher perguntou: “O quê? Alguém acabou de ligar pra cá e dizer que transfeririam o corpo para um mortuário.” Christina disse: “Você precisa impedir isso”, e a atendente respondeu: “Oh, meu Deus!” Ela então disse a Christina que, se o corpo de Dana tivesse sido removido do prédio, aquilo seria considerado um delito.

Era uma história absurda. Pensamos: “Por que alguém faria algo assim? É muita crueldade.”

Gloria Cavalera: O que aconteceu foi o seguinte. A mulher de um integrante do Sepultura ligou pra uma amiga e disse a ela que tínhamos pedido pra que começasse a fazer os preparativos para o funeral de Dana enquanto voltávamos pra casa. Ela argumentou que daquele jeito as coisas levariam menos tempo. Assim, a amiga telefonou para o escritório do médico legista, dizendo que era irmã de Dana e queria retirar o corpo.

Se Christina não tivesse telefonado do avião, não sei o que teria acontecido. Achamos que essa mulher fez isso para que pudéssemos voltar, jogar o corpo de Dana num buraco e retomar a turnê.

Quando chegamos em casa, ficamos sabendo o que tinha acontecido com Dana. Ele estava na cidade havia uma semana, mais ou menos — na época, ele morava em Venice, na Califórnia. Tinha ido a um bar e jogado sinuca com uns garotos que conheceu por lá. Por volta das duas da manhã, ficou cansado e quis ir para casa dormir, então se despediu. Pouco tempo depois, os garotos foram até a nossa casa e perguntaram se ele poderia dar uma carona pra eles, porque o carro deles não estava pegando. Como eles moravam a poucos quarteirões, Dana aceitou.

Entrou no carro e começou a dirigir. Alguns minutos depois, se viu em meio a um pega, perdeu o controle e bateu contra uma árvore. Morreu na hora. Os outros dois garotos sobreviveram, mas alegaram sofrer de amnésia. Dana estava no lugar errado, na hora errada.

Gloria foi interrogada algumas vezes pelos policiais, que pareciam não dar a mínima. Ela teve que identificar o corpo: eu fui com ela e, cara, foi difícil vê-lo daquele jeito. Para retirar o corpo do carro, tiveram que usar aquelas serras que cortam metal, de tão fodido que o carro estava.

Na noite antes do funeral, Jason Newsted, do Metallica, veio nos visitar, porque era um amigo da família e conhecia Dana desde garotinho. Sentei com ele e juntos fizemos uma fita com as canções preferidas de Dana: tinha Sepultura, Flotsam and Jetsam, Fudge Tunnel, Beastie Boys, Luscious Jackson, um monte de bandas diferentes.

Compramos um pequeno toca-fitas e o colocamos dentro do caixão de Dana, deixando a música tocar ininterruptamente enquanto o caixão era enterrado: a ideia era que as suas canções preferidas o acompanhassem até que a pilha esgotasse. Depois, Andreas e Jason fizeram uma belíssima jam acústica com violão e baixo, que foi fantástica.

Durante o funeral, Gloria ainda estava em estado de choque. Foi horrível, cara, um período muito difícil. Vocês não têm ideia do que ela passou. Por um ano inteiro, vestiu apenas preto. Perdeu bastante peso e começou a fumar. É muito errado uma mãe ter que enterrar o filho: não deveria ser assim. Eu nem mesmo era o pai de Dana e fiquei profundamente abalado.

Foi a segunda vez que recebi a visita da morte. Conhecia pessoas que tinham morrido, é claro, mas, quando alguém próximo se vai, você fica atordoado.

Pergunto a mim mesmo o que Dana faria se estivesse vivo. Sei que trabalharia com música, provavelmente como diretor de elenco e repertório, já que adorava descobrir novos tipos de som. Foi ele a primeira pessoa a me dar uma cópia da demo dos Deftones. Chegou em casa e disse “Ouve só isso!”, e perguntei “Uau! Quem são? É maravilhoso”. Era completamente novo, nunca tinha ouvido. Também me deu a demo do Korn, e perguntei: “Que tipo de nome é esse?”, mas a música era fantástica e inovadora. Dana estava sempre na vanguarda no que dizia respeito à música. Era um ótimo garoto. Não ia muito a festas nem bebia tanto. Só o que fazia era fumar maconha.

Ainda tenho as nossas lembranças. Uma das coisas mais divertidas que a nossa família fez foi visitar a floresta no Brasil. Ficamos num hotel em Manaus e, de lá, pegamos um barco para outro hotel, mata adentro. Ficava no meio do nada e não havia energia elétrica, então era possível viver a experiência da floresta. Ficamos lá por cinco dias e vimos muitos animais silvestres: aranhas, macacos, piranhas. Nadamos bem onde estavam as piranhas. O cara que estava nos acompanhando disse: “Há crocodilos e piranhas por aqui, mas, se vocês não os incomodarem, eles não incomodarão vocês.” Em seguida, pulou na água e nadou um pouco para nos mostrar que não havia problema. Eu não entraria ali se ele não tivesse entrado antes.

A capa do primeiro álbum do Soulfly é uma fotografia de Dana no meio da floresta amazônica. Lembro que ele queria comprar um macaco e levá-lo para casa. Eu disse: “Cara, não se pode fazer isso. Não é permitido.” Ele respondeu:

“Eu sei, mas quero um macaco de verdade!” Talvez porque já tivesse um lagarto em casa — uma iguana enorme. Eu tinha medo daquela coisa. Ela era bem tranquila e nunca mordeu ninguém, mas era assustadora pelo tamanho. Na maior parte do tempo, ficava no quarto dele. Dana colocava música pra ela. A iguana morreu um mês depois dele, o que foi estranho: acho que sentia a sua falta. Nós a enterramos no cemitério, bem ao lado dele.

Dana também tinha um papagaio verde. O bicho era louco. Dana o ensinou a repetir coisas, como “Vai tomar no cu, filho da puta”. Você entrava no quarto e, do nada, o papagaio o xingava. Às vezes, eu fazia churrasco do lado de fora da casa, ouvindo música e, por algum motivo, o pássaro detestava isso. Tentava gritar mais alto que a música, então eu borrifava água nele com uma garrafa. Dizia: “Cala a porra da boca, sua ave idiota!” Depois de um tempo, o doamos ao zoológico de Phoenix, pois era muito difícil tomar conta dele. Ainda está por lá e provavelmente manda os visitantes tomarem no cu.

As coisas nunca voltaram ao normal depois da morte de Dana. Algo assim não desaparece: também nunca voltei completamente ao normal depois da morte do meu pai. É muito traumático. Mas com o tempo, a dor vai se aplacando: hoje, vejo Gloria rir e curtir a vida novamente. A morte de Dana também aproximou a nossa família: sentimos que éramos fortes e que superaríamos aquilo. Sentimos que poderíamos continuar a fazer as coisas de que gostávamos, como uma família, e que tudo ficaria bem.

Mas não foi o que aconteceu com a banda.

Um dia depois do funeral de Dana, literalmente no dia seguinte, os outros três caras me convocaram. De vez em quando fazíamos reuniões, e eram um saco: eu odiava essas reuniões, eram a coisa mais estúpida do mundo. Tratavam sempre de coisas idiotas. Por exemplo, uma vez fizemos uma reunião quando comecei a sair com Gloria. Quiseram fazer uma reunião pra esclarecer aquilo. “Oh, o que vamos fazer agora?” “Como assim? Não vamos fazer nada. Estou com ela, ela é a nossa empresária, e a vida continua!”

Assim, fui chamado para essa reunião e sabia que não vinha coisa boa pela frente, porque seria no dia seguinte ao funeral. Cheguei lá e estavam todos sentados: éramos só nós quatro. Andreas e Iggor disseram: “Sabemos como se sente em relação a Dana e lamentamos muito, mas, você sabe, precisamos seguir em frente, cara. Temos que sair em turnê dentro de algumas semanas.” Respondi: “Não posso fazer isso agora: a situação lá em casa tá bem difícil. A minha mulher tá em frangalhos, não posso deixá-la. Acabou de perder o filho, precisa de mim.”

Gloria Cavalera: Enterrei Dana às onze horas na manhã do seu funeral e

> às nove da manhã seguinte eles me ligaram. Max já estava de volta a caminho de casa. Andreas e Iggor estavam ao telefone e disseram: “Vocês tiveram bastante tempo, agora precisamos voltar pra estrada.” Perguntei se já tinham conversado com Max sobre aquilo, e eles responderam: “Max não tá mais aqui.” Provavelmente, já tinham lhe avisado como seriam as coisas.

Se soubesse na época o que sei hoje, teria sugerido que tirássemos um ano de folga. Deveríamos todos ter ido a algum lugar para relaxar. Depois de um ano, poderíamos retomar o trabalho. Teria sido a atitude mais lógica e racional que banda poderia tomar. Com todo o sucesso que o Sepultura tinha alcançado, um ano longe do caos teria sido magnífico. Mas eles não queriam saber disso: tudo o que desejavam era voltar pra estrada. Também não sugeri que tirássemos uma folga: eu estava confuso.

> **Gloria Cavalera:** Depois daquela ligação, disse a Max que o meu contrato terminaria em 16 de dezembro e que não continuaria a trabalhar com a banda a partir de então. Esperava que ele continuasse com o grupo, pois o Sepultura era como um filho para Max, e também porque eu podia cuidar de um milhão de bandas se eu quisesse. Afinal, tirei o Sacred Reich do nada e tirei também o Sepultura do nada: sou uma empresária, esse é o meu trabalho. Não escolhia simplesmente começar a trabalhar com uma banda que já era grande. Nunca tinha feito isso. Assim, nunca me preocupei com a minha própria carreira. Mas, quando você faz parte de um grupo, a decisão é sua, e foi por isso que pensei que ele continuaria com o Sepultura. Mas ele me garantiu que não permaneceria na banda sem mim.

Isso nos levou à turnê europeia no outono de 1996 — a nossa última. Naquela turnê tinha uma banda de hardcore chamada Strife abrindo para nós. Eram amigos do Iggor. Os shows eram enormes: na Holanda, tocamos para dez mil pessoas. Finalmente tive a chance de me desculpar com Lemmy pelo meu comportamento em 1991, quando invadi o palco do Motörhead e joguei bebida nos pedais do guitarrista.

Estávamos numa cerimônia de premiação em Londres. Lemmy também estava lá, então fui até a mesa dele e disse: “E aí, cara?” Pedi desculpa pelo que tinha feito naquela turnê. Disse que lamentava por ter enchido a cara durante a sessão de fotos e por subir no palco enquanto tocavam. Ele disse: “Quer saber de uma coisa? Tá tudo numa boa.” Depois, acrescentou: “Soube da morte do seu enteado. Sinto muito. Gostaria de lhe dar os meus pêsames, de todo coração.” Aquilo foi bem legal da parte dele. Perguntei se estava tudo bem entre nós e ele

respondeu: “Tá tudo fantástico entre a gente.” Não houve qualquer rancor ou sensação de estranheza depois disso.

A turnê foi extremamente bem-sucedida, mas dentro do ônibus era um inferno. Durante o tempo todo, os outros três não falavam com Gloria. Foi terrível, cara. Eles sempre ficavam juntos, não conversavam mais comigo. Eu me senti completamente isolado. Tentei me aproximar do meu irmão, mas ele não queria muito papo. Foi bem estranho... O meu próprio irmão. Foi foda.

O último show aconteceu no dia 16 de dezembro, na Brixton Academy, em Londres — um show gravado e lançado seis anos mais tarde sob o nome de *Under A Pale Grey Sky*. Não sabíamos que estava sendo gravado. A Roadrunner fez aquilo pelas nossas costas. Organizaram todo o registro e ninguém jamais ficou sabendo. Precisávamos lançar um disco ao vivo em um determinado ponto, mas ninguém disse nada a Gloria ou a nós. Ninguém tinha ideia também de que aquele seria o meu último show com o Sepultura. Talvez o tivessem gravado porque Brixton é uma casa de shows famosa.

> **Monte Conner:** Eu vinha ouvindo rumores de uma tensão crescente na turnê europeia por Borijov Krgin, que mantinha contato constante com Iggor e a sua mulher, Monika. Mas nunca fiquei sabendo de nada diretamente pela banda, ou por Max e Gloria, por isso usei a palavra “rumores”.
>
> Diante do possível surgimento de graves problemas dentro do grupo, achei que seria uma boa ideia gravar um ou outro show daquela turnê, caso as coisas viessem a piorar. O show em Brixton, em Londres, atraía muitos holofotes e acabou sendo o que gravamos — e, como se viu depois, os rumores infelizmente se mostraram verdadeiros e aquela foi a última apresentação da banda.

Foi um show fantástico — tocamos bem rápido, de modo entrosado. Não dava pra dizer que havia algo de errado com a banda, pois a nossa atuação foi perfeita. Os problemas estavam fora do palco.

Os outros caras queriam se livrar de Gloria, porque desejavam um empresário com um escritório e uma agência grandes. Pra mim, a coisa era mais especial do jeito que estava, pois Gloria trabalhava apenas com a gente e assim tinha tempo para cuidar de todos os detalhes. Ela tinha um plano para nós e se esforçou muitíssimo para colocá-lo em prática. Eu via aquilo, porque morava com ela. Telefonava para a Europa às três da manhã, tentando arranjar as coisas para a banda. Não conheço mais ninguém que teria feito isso por nós. Uma grande companhia de agenciamento certamente não colocaria alguém para passar a noite

em claro fazendo coisas pela gente. Seríamos os últimos na lista de prioridades deles e não dispensariam a nós a atenção de que precisávamos.

Mas o resto da banda não queria saber disso.

> **Gloria Cavalera:** Depois do show fui ao ônibus, sabendo que o meu contrato estava encerrado. Pensava: "Aleluia!" Max me disse: "Os caras estão esperando você no camarim." Eu disse: "É mesmo?" Fui até lá, e eles me deram uma folha de papel com apenas uma frase escrita. Basicamente, dizia: "Não queremos mais trabalhar com você."
>
> Estava rindo por dentro, mas disse apenas: "Tudo bem." Saí pensando: "Não ia mesmo oferecer um novo contrato a vocês, então quem se importa?" E foi Max quem me mandou lá, sabendo que estavam esperando por mim. Por sorte, sou uma pessoa que sabe perdoar! Mas entendo: ele estava de luto pela sua banda enquanto eu estava de luto por Dana.

Expliquei a Gloria que havia recebido um ultimato: deveria escolher entre ela e o Sepultura. Escolhi ficar ao lado dela. Não tinha a menor ideia do que faríamos a seguir. Lembro que o show da banda no Big Day Out, na Austrália, no mês seguinte, teve que ser cancelado. Enviei um comunicado à imprensa por fax. Não consigo me lembrar das circunstâncias em que o escrevi, mas sei que falava sobre como me sentia traído.

> **Gloria Cavalera:** Max quase foi preso no aeroporto aquele dia, porque estava muito bêbado. É louca a história. Fomos deixados no aeroporto de Gatwick e Max estava chapado. Zyon estava comigo — tinha quase quatro anos na época. As outras crianças tinham viajado com a babá em outro voo, graças a Deus. Deixei Max sentado no chão com Zyon e lhe disse para ficar ali enquanto eu recolhia as malas do ônibus. Quando fui pegar as últimas coisas, vi que o ônibus havia desaparecido — com as nossas passagens e tudo o mais.
>
> Assim, ali estava eu no aeroporto com o pequeno Zyon, Max numa condição lastimável e sem as passagens aéreas. Fui ao balcão de assistência e consegui passagens de primeira classe. De repente, um policial cutucou o meu ombro. Perguntou: "Aquele senhor está com você?", e apontou para Max, que passeava pelo terminal com Zyon. Em seguida, disse: "Na Inglaterra, é errado tomar conta de uma criança quando se está bêbado." Respondi: "Sou responsável por ele, vou buscá-los!" Fui até lá e os trouxe para perto de mim, mas Max começou a xingar o policial, que disse: "Vou prendê-lo!"

No final, nos expulsaram da primeira classe e nos colocaram na última fileira da classe econômica num voo que partiu seis horas mais tarde. Agora pode até ser engraçado, mas naquele momento quase tive um ataque do coração.

O meu mundo estava aos pedaços. Tinha entrado em colapso quando Dana morreu, mas pelo menos eu tinha a banda pra me ajudar a seguir em frente. Agora não tinha mais nem isso. Não tinha nada.

Sharon Osbourne: Quando se separou, o Sepultura estava perfeitamente pronto pra se tornar o próximo Metallica. Foi bem triste.

Tudo estava uma merda. Perdi o meu enteado, o meu irmão e a minha banda num intervalo de poucos meses.

Ali, cheguei ao fundo do poço.

13
1997-1998:
O nascimento do Soulfly

Foi um período estranho pra mim. Tudo tinha ido tão bem com a banda. Era como se a minha mente estivesse dividida ao meio.

Fiquei bastante deprimido. Me isolei em casa, sem querer ver ninguém. Pensava: “O que faço agora?” Porra, o Sepultura era o meu bebê. Ou melhor, o meu filho adolescente. Na minha cabeça, a banda nunca deveria se separar. Deveríamos crescer e crescer, cada vez mais, então, quando cada um foi pra um lado, a minha vida virou de cabeça pra baixo.

Iggor e eu nunca nos despedimos oficialmente. A última vez em que o vi foi depois do show na Brixton Academy, em Londres. A minha mãe ficou muito mal, é claro, ao saber que nós dois tínhamos seguido estradas diferentes. Ela sempre quis que estivéssemos juntos, mesmo quando éramos garotos. Teve até uma vez em que saí com a minha namorada, e ela fez Iggor me acompanhar. Eu pensava: “Que merda... estou com a minha namorada bem aqui!” Mas ela era assim.

Agora, ela fazia as vezes de interlocutora. Contava ao meu irmão como eu estava e vice-versa. Era terrível. Ela dizia: “Iggor está bem, eles acabaram de ter um bebê.” E eu respondia: “Que legal.” Na verdade, nunca gostei da mulher de Iggor: era uma piranha. Finalmente estão divorciados agora, graças a Deus.

Quando a conheci, ela deu em cima de mim, mas eu não quis nada com ela. Algumas semanas depois, estava saindo com o meu irmão. Achei meio estranho, como se ele fosse a segunda opção ou algo assim. Aquilo sempre me incomodou. Mas ele estava apaixonado por ela, o que eu podia fazer?

Eu me irritava com o jeito como ela falava com o meu irmão. Dizia coisas do tipo: “O meu pai é rico, pode me dar uma casa enorme e uma vida de sonhos. É melhor você conseguir fazer melhor.” E falava na frente de todo mundo. Eu não a suportava. E ainda não suporto. Depois, descobri que se tornou empresária da banda. Ela queria e no fim assumiu o trabalho de Gloria. E ela era assistente de dentista! Como pode uma assistente de dentista se tornar empresária? Inacreditável.

Pode-se dizer que o declínio do Sepultura esteve, de certa forma, ligado às esposas — pela influência que exerciam sobre eles, dizendo: “Ah, vocês podem seguir em frente sem o Max; não precisamos dele. Vocês não precisam da Gloria.” Eu achava aquilo estranho, já que estávamos nos saindo muito bem com Gloria. Nunca tivemos qualquer tipo de dificuldade por ela trabalhar num escritório pequeno. Fazíamos todas as turnês que queríamos e os nossos negócios eram bem-administrados. Produtos, contratos, gravações: tudo era feito com perfeição. Ela fazia aquilo exclusivamente pra nós, sem se preocupar com qualquer outra banda.

A viagem de ônibus de Brixton para o aeroporto foi a última vez em que vi os caras. Passou-se um mês, depois seis e, quando percebi, já havia um ano que não nos falávamos. Quanto mais o tempo passava, mais difícil era fazer contato.

Então formei uma nova banda.

O Soulfly começou como um projeto de jam sessions. O conceito original nunca foi o de criar um grupo permanente, como tinha sido o Sepultura. Na minha cabeça, a ideia sempre foi a de continuar mudando os integrantes e acrescentando novos elementos, tornando as coisas mais interessantes. Eu seria a única coisa que continuaria ali enquanto tudo ao meu redor se transformaria.

Era um conceito único, um modo legal de formar um grupo, bastante diferente da maioria das bandas, que têm integrantes permanentes. Sentia que aquilo nunca tinha sido feito antes, aquela troca de músicos de tempos em tempos. As pessoas trazem consigo novas ideias e um novo entusiasmo e isso faz a música continuar a se desenvolver sempre.

O nome Soulfly veio de uma faixa que fiz com os Deftones no álbum *Around The Fur*, de 1997, chamada “Headup”. Eu tinha composto um riff que acabou sendo usado na abertura: era grandioso, eu o adorava. Era especial, um dos melhores riffs que já fiz. Eles me ligaram e explicaram que queriam fazer uma música comigo, então eu lhes disse que tinha um riff especial para a banda e que

iriam adorar.

Assim, fui a Seattle, onde Terry Date estava produzindo o disco, e começamos a trabalhar. Eles adoraram o riff e gravamos a música, que falava sobre Dana e o seu assassinato.

> **Terry Date:** Conheci Max durante a gravação de "Headup", pra *Around The Fur*. Foi ótimo, nos entendemos bem desde o início. É uma das pessoas com quem mais gosto de trabalhar e sempre aprecio quando ele vem ao estúdio e ouve a minha mixagem, porque os seus comentários são bastante construtivos. Ele dá espaço para que você faça o que for preciso. Para mim, o mundo da música sempre girou em torno da personalidade dos músicos. Escolho os meus trabalhos com base nessas personalidades e, por Max ser do jeito que é, sempre gostei de colaborar com ele.

Na letra de "Headup", escrevi as palavras "soul fly". O refrão diz: "Soul fly, fly high, soul fly, fly free" (Alma, voe/ Voe alto/ Alma, voe/ Voe livremente). Eu não tinha ideia, naquela época, de que aquele seria o nome da minha nova banda: até onde sabia, estava apenas compondo uma música.

Um ano depois, voltei à canção e soube imediatamente que o nome da minha nova banda seria Soulfly. Inventei aquilo, juntando as duas palavras e usando um conceito que se refere a uma antiga crença comum a muitas tribos, que acreditam que, ao fazer música, estão evocando os seus ancestrais. Por meio dela, conseguem falar com os mortos. Pra mim, era um conceito poderoso, devido às mortes do meu pai e de Dana. Achei que isso me aproximaria de estabelecer um contato com pessoas que não estão mais aqui em carne e osso, mas sim em espírito.

Soulfly era o nome perfeito. Desde *Roots*, me aproximei mais do modo de pensar das tribos. Adorava o modo como tratavam a natureza, Deus e os assuntos espirituais. Ali nasceu o Soulfly, em 1997, embora eu ainda não soubesse. Foi o pontapé inicial na minha nova carreira e no meu renascimento como Max. Já estava acontecendo quando fui a Seattle, e eu nem tinha consciência. Era o destino, então só me restava aceitá-lo.

Contei a Gloria que tinha um novo nome para a banda. Estávamos em Paris, gravando um programa de televisão no qual toquei "Headup" com os Deftones. No final da canção, conversei com o entrevistador e fiz o anúncio para o mundo inteiro, ao vivo. A Roadrunner não sabia de nada. Depois, ligaram pra mim. Estavam possessos, dizendo: "Ficamos sabendo do nome da sua nova banda na internet!"

Foi nessa época que voltei a compor e gravar demos. As primeiras músicas

que fiz foram “Eye For An Eye” e “No”. Precisava de alguns músicos para formar o Soulfly, então pedi ao cara que cuidava da iluminação na época do Sepultura, Marcello Dias, para assumir o baixo. Era um instrumentista foda e um velho amigo, então foi o primeiro que recrutei.

Depois, ouvi falar de Roy Mayorga, um baterista fantástico de Nova York, que tinha tocado numa banda de hardcore chamada Nausea. Ensaiei com Roy, e ele me deixou espantado. Eu estava em busca de um baterista vigoroso como Iggor, que pudesse tocar o material do Sepultura, e o encontrei em Roy. Eu, Marcello e Roy começamos a ensaiar e a compor em Phoenix.

No entanto, eu ainda precisava de um segundo guitarrista. Em 1997, fui convidado a ir ao Brasil e fazer uma jam session com a Nação Zumbi, uma banda muito maneira cujo cantor, Chico Science, tinha acabado de morrer num acidente de carro. Foi bem triste: eu tinha me comunicado com Chico por fax no ano anterior e um dia recebi a ligação. Foi terrível, porque eu adorava a banda: para mim, eram os melhores músicos que haviam surgido no país nos últimos vinte anos.

Fiquei impressionado com Lucio Maia, guitarrista da Nação Zumbi. Era fantástico. Eu estava obcecado com o seu jeito de tocar. Fiz uma jam com eles num festival e nos tornamos bons amigos. Em certa altura, pensei até em chamá-los para se juntarem à minha banda e criarmos algo completamente novo. Mas não eram heavy metal o bastante: havia algo de metal na música deles, mas misturavam com funk, hip-hop e ritmos brasileiros.

Queria Lucio como meu guitarrista. Telefonei para ele e disse que estava gravando um álbum e o convidei para fazer parte. Ele ficou superanimado e disse sim imediatamente. A sua banda não vinha fazendo muita coisa, já que ainda estavam se recuperando da morte de Chico, então ele se juntou a nós. Lucio pegou um voo do Brasil, e todos os integrantes do grupo ficaram hospedados na casa de amigos, aqui em Phoenix.

Começamos a ensaiar e moldamos o primeiro álbum em poucos meses de trabalho. Foi tempo suficiente para que a parte principal do disco ficasse pronta. Convidei outros dois caras da Nação Zumbi para tocar percussão, pois tínhamos uma conexão bacana. A banda era metade brasileira, comigo, Marcello e os outros caras, então havia diversos elementos do meu país no Soulfly.

Levamos duas faixas demo ao escritório da Roadrunner em Nova York e dissemos para que as tocassem bem alto. Todos acharam as novas músicas do caralho.

> **Monte Conner:** Nunca houve dúvida alguma de que a Roadrunner ofereceria um contrato ao Soulfly. Acreditávamos cem por cento em Max e

lhe demos o mesmo orçamento para o disco do Soulfly que seria oferecido ao álbum seguinte do Sepultura, caso tivessem permanecido juntos. Max gravou a estreia do Soulfly sem que eu tivesse ouvido nada mais do que as quatro faixas demo que ele e Gloria me mostraram em Nova York. Nem sequer deixaram uma cópia dessa gravação comigo, mas o que ouvi foi suficiente para me convencer, mesmo naquela forma inacreditavelmente rudimentar.

Uma das músicas que ouvi naquele dia foi “Eye For An Eye” e aquela exata versão foi lançada posteriormente como faixa-bônus numa edição especial de *Soulfly*, que celebrava o vigésimo quinto aniversário da Roadrunner, em 2005. Uma outra foi “Primitive”, que depois se tornaria a faixa-título do segundo disco da banda.

Depois de assinado o contrato e reservado o tempo de estúdio no Indigo Ranch, em Malibu, onde tínhamos gravado *Roots*, o nosso comboio caiu na estrada, percorrendo a Califórnia. Era muito empolgante, todos nós seguindo a estrada. Paramos em lugares bacanas, onde filmamos e tiramos fotos. Eu estava um pouco nervoso por formar uma nova banda, mas ao mesmo tempo tinha enorme confiança na música.

Sabia que aquela porra seria tão boa quanto o Sepultura. Eu tinha que estar certo, porque a minha vida dependia disso. Pra mim, “Eye For An Eye” está no mesmo nível de qualquer música do Sepultura. Eu sabia também que estava em companhia de ótimos músicos, então me sentia muito bem.

Ross Robinson produziu *Soulfly*. Eu tinha me divertido bastante com ele em *Roots*, e todos nós confiávamos no seu talento para que o trabalho fosse bem-feito. Ele me ajudou de diversas formas, não apenas na música. Por exemplo, “Eye For An Eye” continha versos pesados sobre os caras do Sepultura, falando sobre como tinham roubado tudo de mim e perguntando como podiam ter feito aquilo. Dizia: “Stole what I create/ Playing with my fate/ Integrity is not a game…” (Roubaram o que criei/ Brincando com o meu destino/ A integridade não é um jogo). Palavras duras, mas verdadeiras.

Conversei com Ross sobre a letra, e ele me disse que soava amargurado, como se eu ainda estivesse com raiva deles. Ele perguntou: “Quer mesmo dizer estas coisas sobre o seu irmão?”, e basicamente me convenceu a reescrever a letra, e foi o que eu fiz. A nova versão falava mais sobre acreditar em si mesmo: “I am what I create/ Believing in my fate/ Integrity is my name...” (Eu sou o que crio/ Acredito no meu destino/ Integridade é o meu nome). Era como se nada do que fizeram comigo tivesse me atingido, porque eu ainda acreditava em mim mesmo. Eu era forte o bastante para seguir em frente.

Acho que a letra reescrita ficou melhor que a versão amargurada e depreciativa que originalmente era. A mensagem nova era mais positiva. A versão final contou com a participação de Burt, Dino e Christian, do Fear Factory. Um dia eles estiveram no estúdio e perguntei se topavam gritar umas maluquices na música.

> **Roy Mayorga:** Carrego sempre no coração aquele período em que gravamos o primeiro disco do Soulfly. Foi uma experiência que mudou a minha vida. Cresci muito como músico trabalhando com Max e Ross Robinson. Os dois me transformaram num baterista melhor. Ross cobrava muito de mim, era como o meu Obi-Wan Kenobi! Ele me ensinou a usar as minhas emoções para tocar bem. Sempre fui um baterista emotivo, de qualquer forma, mas ele me mostrou o caminho, e nunca mais olhei pra trás.

A ideia de contar com vários convidados surgiu à medida que o tempo foi passando. Ross sugeriu a participação de Fred Durst, do Limp Bizkit, em *Soulfly*. Eles ainda não tinham estourado, embora estivessem começando a ganhar popularidade. Havia uma parte lenta e pesada na canção “Bleed”, que falava sobre o assassinato de Dana, e Ross me disse que conhecia o cara perfeito para encaixar um rap ali. Expliquei a Fred como Dana tinha morrido e ele levou tudo a sério. O trabalho que fez foi fantástico.

Depois foi a vez de Chino Moreno, do Deftones, participar de “First Commandment”, uma outra música pesada. Era inspirada em “Firestarter” e “Breathe”, sucessos da banda The Prodigy em 1996. Mas não usamos recursos eletrônicos: nós mesmos tocamos tudo. Aquela também era uma música sobre Dana, e Chino se saiu muito bem.

O convidado seguinte foi Benji Webbe, do Dub War, antes dele se juntar ao Skindred. Eu adorava Dub War; eram únicos e os seus vocais eram completamente originais e diferentes. Tinham uma canção chamada “Strike It” no seu primeiro álbum, *Words Of Dubwarning*, que cantei com eles quando se apresentaram em Nova York durante a turnê da Vans.

Tínhamos uma espécie de ligação e Benji curtiu bastante o Soulfly. Ele adorou a energia e me puxou num canto, para dizer: “Max, você tem algo especial nas mãos, cara. Este material é fantástico, as pessoas vão ficar de queixo caído.” Ele participou de uma música nossa chamada “Quilombo” e depois de outra, uma jam experimental com oito minutos de duração, intitulada “Prejudice”. Havia também “Karmageddon”, baseada numa fita de gaitas de fole escocesas indo à guerra que eu tinha. O ritmo da bateria era como o de uma marcha militar e

traduzimos o som das gaitas de foles para guitarra.

Recrutamos ainda Mario Caldato, produtor dos Beastie Boys, para trabalhar em “Umbabarauma”. Era uma versão divertida para uma velha canção de Jorge Ben Jor. Como era em português, me senti bem à vontade para cantar. Além disso, os outros caras estavam na cabine comigo, o que trazia um clima de partida de futebol. O riff de guitarra era fantástico, e eu sabia que poderíamos acrescentar guitarras pesadas e bateria. Mario fez um excelente trabalho de produção.

Pra ser sincero, foi um pouco esquisito contar com Ross e Mario no estúdio ao mesmo tempo. Era uma situação estranha, porque Mario não sabia ao certo se podia assumir a mesa de controle com Ross ao seu lado, enquanto Ross se perguntava: “Quem é esse cara?” Mas Mario é brasileiro e tinha trabalhado com os caras da Nação Zumbi, então tudo correu bem. “Umbabarauma” foi uma espécie de canção não oficial na Copa do Mundo de 1998. Foi usada na Europa, principalmente na França, onde fizeram bolas de futebol especiais do Soulfly e uniformes.

Antes de enviarmos o material para a Roadrunner, fiz algo muito bizarro. Por algum motivo, decidi enterrar as fitas-máster por 24 horas. Fizemos buracos enormes na areia, próximo ao estúdio, e as enterramos ali. Eu devia estar doidão aquele dia, cara, e não sei por quê, mas achava que o Soulfly precisava ser abençoado pela terra por um dia.

Todo mundo perguntava: “Está louco? E se as fitas forem arruinadas?” Bati o pé e disse: “É uma coisa minha, temos que fazer isso. É para dar sorte. Quero que o álbum comece com o pé direito.” Era loucura. Ross estava preocupado com possíveis danos à qualidade das fitas, mas eu disse que era uma decisão minha. Nós as embalamos antes de enterrar, mas ainda assim ficaram sujas.

No dia seguinte, fizemos uma cerimônia bacana para desenterrá-las. Foi bem divertido. Todos tínhamos pás e eu dizia: “As fitas estão voltando do túmulo!”

Nós as enviamos a Andy Wallace para a mixagem. Ele nos ligou na manhã seguinte do seu escritório, perguntando: “Que merda é essa sobre as fitas?” Havia um pouco de terra sobre elas, embora, graças a Deus, a qualidade não estivesse comprometida. Contei a história de como as enterramos e ele disse: “Humm. Bem original...”

Em 1997, começamos a fazer shows em homenagem à memória de Dana. O nome que demos para a série de shows foi “D-Low Memorial Shows”, usando o apelido de Dana. Desde então fazemos isso todos os anos, seja com o Soulfly ou com o Cavalera Conspiracy. Fica sempre lotado, e as pessoas levam cartazes com o nome de Dana. É sempre um show bacana e com isso arrecadamos recursos para uma fundação que mantemos para a diabetes, porque o meu filho,

Igor, tem a doença desde os dois anos. As pessoas de Phoenix podem comprar aparelhos para o tratamento com aquele dinheiro e isso lhes dá esperança. Os shows não têm nenhum custo e não tomam muito do meu tempo, então é algo fácil de ser feito e me sinto bem, porque passamos o diabo com a diabetes. Vi Igor ter sérios problemas quando o nível de açúcar no seu sangue ficava muito alto ou baixo e não desejo isso a ninguém.

É uma doença foda. Me lembro de uma ocasião no Rock City, em Nottingham, na Inglaterra. Eu estava prestes a fazer um show, mas Igor desabou e entrou em coma. Os médicos chegaram, deram-lhe uma injeção e ficou tudo bem, mas foi um grande trauma. Fiquei tão preocupado que o meu corpo tremia todo. Faz muito tempo que ele não tem uma crise como aquela e espero que nunca volte a ter.

Soulfly foi lançado em 21 de abril de 1998 e ganhou disco de ouro nos Estados Unidos e na Austrália. Pra mim, a energia e o amor colocados no álbum foram a chave do seu sucesso. E também a honestidade. Eu estava falando do fundo do meu coração para aqueles que me ouviam, pedindo que me aceitassem de volta, agora como Max.

> **Monte Conner:** Para a Roadrunner, ver a sua maior atração se separar era uma grande perda, mas eu sabia que aquilo era irreconciliável. No entanto agora tínhamos duas bandas, em vez de uma. Dito e feito, o primeiro álbum do Soulfly foi praticamente tão grande quanto *Roots*. Os dois ganharam disco de ouro nos Estados Unidos.

Ouvindo-o hoje, vejo como *Soulfly* era experimental. Tínhamos Lucio, que podia tocar bossa nova, jazz ou rock hendrixiano, misturado aos meus riffs pesados, sobre os quais ele colocava o seu próprio estilo. Convidados como Chino e Fred também acrescentaram os seus toques pessoais. Ross mixou o álbum de maneira incrivelmente crua. Dá pra sentir o som saindo das guitarras e saltando na direção do ouvinte.

Em “Eye For An Eye”, descemos a afinação para o lá, mais grave até que uma guitarra de sete cordas normal. E havia ainda a música “Soulfly”, saída de uma bela jam acústica criada fora do estúdio. Decidi então que todo álbum do Soulfly teria uma faixa melódica com o nome da banda, para revelar o âmago do Soulfly. Por isso, seria jovial, pura e cristalina.

Juntando todos aqueles elementos, *Soulfly* passava uma impressão de loucura. Atacava em todas as direções, o que refletia o meu estado emocional durante a gravação. Eu vivia num mundo de dor. O meu melhor amigo tinha morrido e perdi a banda que formei quando era moleque. Isso me machucava e precisava

ser expelido em forma de música, a melhor maneira para expor os meus sentimentos.

A dor do primeiro álbum vinha da sucessão de mágoas que eu estava atravessando. Aquilo me ajudou a descobrir como prosseguiria com a minha vida. É preciso se perder para poder se encontrar e foi isso o que fiz com *Soulfly*. Por isso, é um marco na minha carreira. Nunca haverá outro igual. Foi algo muito especial, e o enterro das fitas o torna ainda mais enigmático.

A última coisa que se ouve no disco é um canto de candomblé, sugerido pela minha mãe, como forma de expressar o meu agradecimento pela sua orientação espiritual. É por isso que na contracapa está escrito "Dedicado a Deus", embora aquilo depois tenha se tornado um pouco incômodo pra mim. As pessoas não compreendiam ou me acusavam de ser um fanático religioso, tentando impor a minha fé sobre os outros, o que não era absolutamente a minha intenção.

Acredito que Deus tenha me ajudado durante aquele período e foi por isso que coloquei a dedicatória. Mas um monte de gente perguntou: "Que porra é essa de Deus?" Mesmo assim, ainda é algo que considero importante: é um reconhecimento sincero de um poder superior, que cuida de mim, e ainda o coloco em todos os meus álbuns.

Estou cagando para as opiniões negativas das pessoas.

O interesse pelo novo grupo foi gigantesco, muito maior do que eu ousava sonhar. Marcamos shows pelo resto de 1998, entrando em 1999. Convidamos Logan Mader, que tocou no Machine Head, para se juntar à turnê do Soulfly, já que Lucio tinha voltado ao Brasil.

> **Logan Mader:** Toquei guitarra no Soulfly durante o ciclo do primeiro álbum. Sempre fui fã do Sepultura, antes mesmo de tocar no Machine Head. Eles me influenciaram como guitarrista e estão entre as bandas que me fizeram perceber que a Roadrunner era um selo maneiro.
>
> Gloria me telefonou e perguntou se eu gostaria de fazer um teste pra banda. Foi quando conheci Max. Ensaiar com eles foi um barato. Tocar ao lado de Roy, um dos melhores bateristas de rock e metal, era o máximo.

Naquele ano, nos apresentamos no palco principal do Ozzfest, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Era estranho tocar depois de grandes bandas, como Slayer e Pantera. Gostei muito de ter a oportunidade de dar um novo passo e mostrar aos fãs o que a minha nova banda era capaz de fazer.

> **Logan Mader:** O verão do Ozzfest, em 1998, foi o melhor da minha vida! As atrações eram incríveis e tinha muita camaradagem entre as bandas.

> Incubus, System Of A Down, Snot e Coal Chamber se apresentaram no segundo palco e começavam a chamar a atenção, então foi demais fazer parte daquilo, fazer novas amizades e conhecer toda essa rapaziada.

Ninguém sabia que o Soulfly seria uma banda bem-sucedida. Quando um músico deixa uma banda para formar outra, em noventa por cento dos casos, o grupo novo fracassa. É uma estatística assustadora.

As probabilidades estavam contra mim, mas eu tinha que tentar. Música é a minha vida. É por ela que vivo. Sem ela, estou morto.

14
1999-2000: Voltando ao estado primitivo com o Probot

O primeiro álbum do Soulfly era muito importante para nós, e foi um grande alívio ver o seu sucesso e saber que tinha agradado às pessoas. Na verdade, fiquei surpreso com a sua recepção, mas havia ali certa magia e um sentimento de redenção. Naquele disco, eu estava dizendo: “Este sou eu, aqui está tudo sobre mim. Estou me abrindo, quer gostem ou não.” Não tinha tempo para pensar em fracasso. Tudo o que passava pela minha mente era: “Vamos nessa, sem demora, fazer o nosso trabalho bem-feito.”

E tinha que ser bem-feito, pois era precedido por *Roots*. Como superar um álbum como aquele, que foi uma viagem incrível? Na época, eu achava que *Roots* era melhor do que qualquer coisa que eu fizesse com o Soulfly, mas ao menos tinha a possibilidade de tentar algo diferente com a minha nova banda que apontasse um caminho para o futuro. Por isso o *Soulfly* continha elementos de *Roots* e de tudo que eu tinha feito anteriormente. Era um disco bem honesto e verdadeiro. Assim, quando retornei a Phoenix em 1999 e chegou o momento de gravar o nosso segundo álbum, *Primitive*, eu sabia que tinha que construir em cima do que o primeiro disco havia deixado.

Eu tinha uma banda muito boa para *Primitive*: Mike Doling, do Snot, na guitarra; Joe Nunez, na bateria; e Marcello Dias dando um repeteco no baixo.

Me deixem explicar como essa formação foi reunida.

Vínhamos nos apresentando com Logan na guitarra, mas a coisa não funcionou muito bem, porque ele enfrentava alguns problemas pessoais. Hoje, fazemos piada sobre o assunto, dizemos: “Cara, você era bem doidão!”, porque ele não dormiu quando estivemos no Ozzfest. Ele tocava bem, e os shows foram fantásticos, mas você acordava no meio da noite para ir ao banheiro e dava de cara com Logan, sentado como um zumbi no lounge. No final, ele não aguentou e deixou a banda.

> **Logan Mader:** Perdi um pouco o controle, não é segredo algum. Estava sempre saindo pra curtir, com mulheres, bebida e o que mais viesse pela frente. Chegou um ponto em que eu mesmo estava ficando pra trás e aquele ritmo começou a cobrar o seu preço, afetando as minhas capacidades de percepção e de julgamento. Foi um momento de virada na minha vida. Tive que me recompor e recomeçar do nada.

Felizmente, Logan se tornou um grande engenheiro de som e produtor e trabalhamos juntos muitas vezes ao longo dos anos.

Roy Mayorga era um ótimo baterista, mas queria fazer outras coisas e por isso deixou a banda. Foi então que conheci Joe Nunez. Eu estava dando uma olhada nas fitas enviadas por alguns bateristas e me deparei com Joe, que tinha gravado um vídeo muito engraçado, parecia um idiota. Tinha cabelo curto e a sua aparência era completamente o oposto do que eu estava procurando. Mas havia algo nele de que eu gostava: acho que era a sua sinceridade e a paixão pelo metal. Na fita, dizia que era um grande fã de thrash metal e que adorava Celtic Frost, entre outras bandas das quais eu também gostava. Achei que não poderia ser assim tão mau se tínhamos os mesmos gostos musicais.

Ensaiei com Joe e ele tocou muito bem, o único problema é que deixava cair as baquetas o tempo todo. Eu brincava com ele, dizendo: “Vamos ter que pregar a baqueta na sua mão”, porque ele a deixava cair durante cada uma das músicas. Eu perguntava: “Meu Deus, cara, será que você não consegue segurar as baquetas por mais de uma música?” Era inacreditável. Talvez ele suasse bastante nas mãos ou algo do gênero. Aos poucos foi melhorando, mas no início era assim.

Outro reforço foi Mikey Doling, do Snot. A sua entrada na banda foi bem legal, porque o seu estilo na guitarra era diferente do meu. Além disso, ele conhecia bastante gente, o que ajudou a promover o grupo. Não era um grande guitarrista, mas tudo bem, era capaz de fazer o que precisava ser feito. Tinha uma pegada mais punk. Já Marcello fez um ótimo trabalho no baixo, como no

primeiro álbum.

Eu estava com muita raiva quando gravei o primeiro disco do Soulfly, pois o Sepultura era o meu filho, a minha criação. Fui eu quem escolhi o nome. Pensava: “Como puderam fazer essa merda comigo?” Já nas sessões de *Primitive* o meu humor estava diferente. Agora eu estava trabalhando com pessoas que eu amava.

Por algum motivo, o segundo disco contou com ainda mais participações especiais que o primeiro. Não foi planejado, aconteceu naturalmente. Ainda o chamo de “o álbum dos convidados”. Lá estavam Grady Avenell, do Will Haven, Sean Lennon, Tom Araya, do Slayer, Corey Taylor, do Slipknot, e uma série de outros músicos, incluindo Larry McDonald, percussionista que tocou com Bob Marley, e Gil Scott-Heron.

> **Corey Taylor (Slipknot):** Gravei a minha parte para os vocais de “Jumpdafuckup” enquanto estávamos na estrada divulgando o nosso álbum de estreia. De repente, passei a receber um monte de convites pra participar de músicas de outros artistas. Eu pensava: “O quê? É verdade isso?” Eu era um grande fã do Sepultura e também do primeiro álbum do Soulfly, então, quando Max me perguntou se gostaria de participar de *Primitive*, respondi: “Caralho, mas é claro que sim!” Eu o conheci, com a sua família, quando nos esbarramos num show, eles foram muito legais, então não quis perder a oportunidade.
>
> Recebi um CD com a parte instrumental da música. Tive em mente que Max e eu estávamos colaborando, então escrevi a minha parte e deixei espaços livres pra que ele usasse pras suas ideias. O mais louco é que, ao entrarmos no estúdio, tudo o que tínhamos composto se encaixava perfeitamente. Era o destino, cara. Levou exatamente duas horas para que fizéssemos tudo.
>
> Sempre foi uma curtição tocar aquela música ao vivo, especialmente porque o registro é bem grave e posso usar o que chamo de “minha voz de Johnny Cash”. Depois vem o final, completamente despirocado e barulhento, numa espécie de libertação.

O envolvimento de Tom Araya foi muito importante pra mim. Houve uma história no início dos anos 1990 sobre uma inimizade entre Sepultura e Slayer — uma guerra que começou na mídia. Tudo começou quando fomos convidados pra fazer uma turnê com o Slayer. Estávamos prontos para partir, mas cancelaram a nossa participação no último instante. Dei uma declaração à imprensa, dizendo algo do tipo “Foi muito escroto o que fizeram com a gente:

nos convidaram para tocar e depois nos tiraram da turnê". Acho que também disse algo como "O Slayer deve estar com medo de nós!".

Kerry King rebateu as minhas declarações na TV francesa, dizendo: "O Sepultura é um bando de boqueteiros. Acham que temos medo deles? Somos o Slayer, não temos medo de ninguém. Podem chupar o meu pau." Foi terrível. Pensamos: "Que merda, Kerry King nos odeia!" Depois que formei o Soulfly, encontrei o Slayer na Inglaterra e nos entendemos. Disse a eles que estava com uma banda nova e que os adorava, o que era verdade — sempre amei o Slayer. Mesmo quando falei aquelas coisas sobre a turnê, continuava sendo fã.

> **Gloria Cavalera:** Quando o Sepultura se separou, Kerry King enviou uma carta belíssima a Max. Escreveu: "Sei pelo que você está passando." Foi bem legal da parte dele.

Convidei Tom para gravar uma faixa comigo em *Primitive*, chamada "Terrorist", e ele aceitou de imediato. Teve que vir a Phoenix duas vezes, porque não conseguimos terminar os vocais numa só sessão. Gravamos o dia inteiro, mas não fizemos tudo e ele tinha um voo já marcado. Faltava cantar a parte acelerada da música, então pedi que voltasse e fizéssemos outra sessão. Ele voltou duas semanas depois.

Foi então que o surpreendi com a ideia de inserirmos alguns versos clássicos no final da música: ele cantaria "Night will come and I will follow/ For my victims no tomorrow" (A noite virá e a seguirei/ Para as minhas vítimas não existe amanhã), de "Criminally Insane", do Slayer, e eu cantaria um verso de "Inner Self", do Sepultura. Acho que Tom não curtiu muito. Dizia "Por que estamos fazendo isso?", e também estava preocupado com a palavra "kill" — matar — que lhe pedi para repetir na parte final. Ele perguntou: "Max, tem certeza de que quer que eu diga 'kill'?" Respondi: "Sim, é do caralho!" Eu me lembrava de como ele repetia aquela palavra infinitamente em "At Dawn They Sleep".

Na verdade, ele queria cantá-la, mas temia que os fãs entendessem mal, especialmente depois dos problemas que Ozzy e o Judas Priest enfrentaram por causa das suas letras. Tom tentou me convencer a desistir, mas não funcionou. Eu estava decidido. Disse: "Tem que cantar!" O barulho do público no final da canção vinha do show de Bob Marley na cerimônia de independência do Zimbábue, em 1980. Dá para ouvir os tiros de canhão enquanto a bandeira era erguida.

Tom subiu ao palco com a gente no Ozzfest de 2001, na Inglaterra. Não tirava a mão dos bolsos, porque se sentia pouco à vontade sem o seu baixo. Só fui falar

com ele uma hora antes do show. Disse: “Você vai cantar ‘Terrorist’ comigo hoje!” Ele respondeu: “O quê? Não sei se posso...” Rebati: “Você pode, Tom, e vai cantar! Vai ser foda!” Foi a única vez que tocamos essa música juntos.

Outra participação fantástica naquele álbum foi a de Sean Lennon, em “Son Song”. Conheci-o no avião, a caminho da Austrália. Sentamos juntos durante as 15 horas do voo. Dei pra ele uma cópia de *Soulfly,* e ele desenhou a capa no seu diário. Conversamos a viagem inteira, era um cara muito legal.

Quando chegamos à Austrália, os nossos camarins eram um do lado do outro — mais uma coincidência — e também compartilhamos o ônibus que nos levava ao festival. Essas coincidências continuaram a acontecer, e Sean foi então assistir ao nosso show. Peguei o seu número de telefone e disse: “Um dia vamos fazer algo juntos, cara.”

Quando chegou o momento de gravar *Primitive*, liguei para ele e o convidei. Ele não queria se hospedar num hotel, preferia ficar na nossa casa, se não nos incomodássemos. Respondi: “É claro que sim, se conseguir suportar os meus filhos acordando cedo e gritando, além do latido dos cães.” Ele não se importava: não gostava de hotéis, por isso pediu para ficar com a gente.

> **Sean Lennon:** Eu tinha acabado de lançar o meu primeiro álbum, *Into The Sun*, e me vi fazendo parte do festival Big Day Out, excursionando pela Austrália com uma série de outras bandas, incluindo o recém-formado Soulfly. Sem dar nome aos bois, digamos que diversos artistas ali não eram muito de se enturmar. Posso até dizer que alguns deles eram babacas.
>
> A mais simpática e receptiva de todas as bandas era de longe o Soulfly, que nós achávamos que devoravam bebês antes dos shows e coisas do gênero. Mas a nossa banda e a deles estavam na mesma sintonia.
>
> Logo ficamos amigos e aquela acabou sendo uma das melhores turnês da minha vida. A minha lembrança mais vívida é a de Max batendo o microfone contra os dentes e cuspindo sangue para todos os lados, enquanto a sua equipe agia como se tudo fosse absolutamente normal, como quebrar uma corda de guitarra ou algo assim. Foi bem divertido.
>
> Max e eu nos demos tão bem que ele me convidou pra participar do seu segundo álbum. Nem preciso dizer que adorei a ideia. Sempre fui fã do Sepultura e, depois do Big Day Out, estava curtindo à beça o Soulfly. Fui a Phoenix e fiquei na casa de Max, Gloria e os seus filhos. Jogamos bastante pebolim. Lembro que o tempo estava bom e que Max gostava de beber Pepsi antes de gravar os vocais. Começamos a tocar juntos e chegamos na base pra uma composição em poucas horas. Foi bem rápido e inspirador.

Sean e eu fomos à casa que tenho na montanha e compusemos a música. Ele fez o riff principal, melódico, estilo Beatles. Fiz o outro riff e os encaixamos. Ele também tocou teclado na parte final e ficou muito bonito.

O produtor de *Primitive*, Toby Wright — que tinha trabalhado com Alice In Chains, Ozzy e Metallica —, estava passando por um mau momento por causa do seu divórcio e teve que viajar para casa no fim de semana em que gravamos "Son Song", então Sean acabou produzindo a música. Ele assumiu a mesa de som e sabia exatamente o que fazer. Sean queria que o título fosse "Stardust", mas pensei: "Não podemos chamá-la assim."

A letra de "Son Song" fala da perda dos nossos pais. Sempre quis escrever uma música sobre o meu pai. Quando tive a oportunidade de fazer isso com alguém como Sean Lennon, sabia que seria algo insuperável. Ele passou pelo mesmo que eu quando criança: ambos perdemos os nossos pais. Ele tinha cinco anos, e eu, nove.

> **Sean Lennon:** Max e eu tínhamos uma espécie de ligação pela perda dos nossos pais quando éramos crianças. Acho que, de certa forma, aquilo encontrou forma na música. Me lembro de criarmos um riff que alternava entre 7/8 e 6/8 e depois Max inventou outro, bem cativante, para o refrão. Na parte final, toquei um teclado Rhodes.
>
> De todas as canções nas quais trabalhei, algumas das recepções mais positivas vieram por "Son Song". Eu era parado na rua o tempo todo e as pessoas a mencionavam. Muitas vezes era gente que normalmente não escutava o meu som, o que era bacana.
>
> Max é um artista raro. É bem aberto pra expandir a sua música. Quando faz uma colaboração, não é simplesmente pelo caráter de novidade, mas também porque está realmente aberto a se comunicar e compartilhar. A maioria dos artistas é insegura demais pra isso. Tive uma experiência fantástica trabalhando com o Soulfly e o faria novamente, sem sombra de dúvida.

Primitive foi lançado em 26 de setembro e imediatamente recebeu uma série de críticas. Alguns jornalistas não gostaram da ideia de termos muitos convidados e falaram mal do álbum por isso, o que me incomodou, porque *Primitive* é um bom álbum. Não achava justo que o julgassem de maneira negativa só porque tinha muitas participações especiais: aquilo não deveria ser importante. Se um disco é bom, então é bom, independentemente de quem participa dele. Fiquei chateado, mas, de qualquer forma, as músicas são ótimas para serem tocadas ao vivo. Algumas delas são clássicas.

Outros críticos rotularam *Primitive* como um álbum de nu-metal, talvez pela presença de artistas desse subgênero musical. Na minha opinião, sou apenas Max e apenas metal. Metal novo, velho, seja qual for o nome, é tudo heavy metal pra mim.

A capa do disco foi feita pelo capista de Bob Marley, Neville Garrick. Eu adorava o trabalho dele e um dia me perguntei se ainda estaria vivo. A Roadrunner entrou em contato com a Island Records, que tinha o telefone de Neville. Liguei para ele e disse: “Olá, me chamo Max Cavalera e toco numa banda de heavy metal chamada Soulfly. Antes eu era do Sepultura.” Claro que ele não tinha ideia de quem eu era, porque vivia no mundo do reggae. Mesmo assim, veio a Phoenix e nos tornamos bons amigos.

Excursionamos com o Ozzfest no verão de 2000. Sharon Osbourne viu que estávamos nos saindo bem e telefonou para Gloria, nos oferecendo o posto de atração principal no segundo palco, o que foi ótimo. Era muito empolgante. As outras bandas eram demais: fizemos amizade com o Disturbed, cujo cantor, David Draiman, cantou “Bleed” comigo algumas vezes.

Ozzy Osbourne aparece no final do vídeo de “Back To The Primitive”, dizendo a palavra “Primitive”. Estávamos filmando ao vivo no Ozzfest e pedi ao produtor que incomodasse Ozzy para dar uma palavrinha no vídeo. Ele foi até lá explicar o que queríamos, e Ozzy concordou, o que foi bem legal.

O ano passou voando, e em 2001 encerramos o ciclo de turnês de *Back To The Primitive*. No outono, gravei os vocais para uma faixa de *Probot*, projeto de Dave Grohl. A minha música se chamava “Red War”. Um dia, estávamos em casa e Gloria recebeu um telefonema explicando que Dave estava trabalhando num álbum de metal com os seus vocalistas favoritos e queria que eu fizesse parte. Ele me enviou um CD com algumas faixas, e eu poderia escolher a que me agradasse. Era um CD bem maneiro, ainda o tenho. Ao lado de cada música estava o nome do vocalista que ele gostaria que cantasse. Ninguém havia gravado os vocais ainda.

Escolhi “Red War” porque gostei da vibração: a bateria no início me lembrava “Territory”. Era bem pesada e agressiva, a curti logo de cara. Falei com Dave ao telefone e disse: “A música é animal. Vou trabalhar no meu estúdio e enviar os vocais pra você me dizer o que acha.” Ele respondeu: “Legal. Confio em você!”

Fui então ao estúdio e comecei a gravar os vocais sobre a base instrumental. A letra foi inspirada num filme chamado *O homem que queria ser rei*, com Sean Connery e Michael Caine. É um dos meus filmes preferidos. Eles têm de atravessar o Afeganistão, lutando contra os rebeldes, e passam por um dos lugares mais perigosos do mundo, o Passo Khyber.

Uma das falas de Michael Caine é: “Quer matar todos os seus inimigos? Vou

dar a eles uma guerra vermelha!” Achei que daria um bom nome para uma música. Foi tirado diretamente do filme. Isso foi antes dos Estados Unidos invadirem o Afeganistão, era quase como uma premonição. A letra era brutal: fiquei bem contente com ela, então fui ao estúdio e cantei com todo o meu coração.

Eu estava muito orgulhoso de fazer parte de *Probot*. Era uma seleção dos vocalistas favoritos de Dave, então eu também estava em meio aos meus cantores prediletos. Lá estavam Lemmy, King Diamond e outros caras fodas. Dave brincou comigo, dizendo que o apelido do projeto era “FedEx”, porque ele mandava as músicas para todo mundo pelo correio. Adorei também a capa, feita pelo cara do Voivod, Away, quando o CD enfim foi lançado, em fevereiro de 2004. É um álbum realmente muito bom.

Pra dizer a verdade, fiquei com inveja de Dave, porque pensei em fazer algo semelhante, mas ele foi mais rápido. Gostaria de um dia poder gravar um álbum com os grandes vocalistas do trash metal: Mille Petrozza, do Kreator, Tom Warrior, do Celtic Frost, Schmier, do Destruction, Tom Araya. Seria bem legal.

Um monte de gente não sabia que Dave curtia heavy metal e que ele cresceu ouvindo aquele tipo de música. Foram as músicas que ele ouviu na infância e que o incentivaram a tocar bateria. Dá pra sentir o amor que ele tem pelo metal. Ele me disse que, na opinião dele, o heavy metal pode ser dividido em antes e depois de *Roots*: pra ele, o álbum redefiniu o gênero. Foi muito maneiro ouvir isso vindo dele.

Eu o conheci quando fizemos uma turnê com o Queens Of The Stone Age, quando conversamos um pouco, e também numa premiação da *Kerrang!* em Londres. Ele estava com Jaz Coleman, vocalista do Killing Joke, que olhou para mim e perguntou: “Como vai a sua ereção hoje?” Pensei: “Que porra esse cara acabou de dizer?” Foi muito engraçado.

No final de 2001, começamos a pensar no nosso terceiro álbum. A banda foi bem-sucedida nos dois anos anteriores, e as pessoas estavam começando a curtir o Soulfly de verdade. As canções que compus para esse trabalho foram altamente influenciadas pelo que vinha acontecendo ao nosso redor e uma tragédia em particular ganhou destaque na minha mente.

Me lembro de acordar em Phoenix em 11 de setembro de 2001 e começar a planejar o dia, mas a minha mulher me chamou à sala, dizendo: “Max, você precisa ver isso. Estamos sendo atacados.” Cheguei lá e vi o que estava acontecendo. Era surreal. Pouco a pouco, descobrimos o que estava se passando. Tínhamos retornado de Nova York dois dias antes, onde Gloria e eu tivemos uma reunião com a Roadrunner.

Uma coisa muito louca aconteceu conosco no 11 de setembro, duas horas

antes do primeiro avião atingir a torre. Um cara ligou para o número pessoal de Gloria. Ele tinha um sotaque árabe e deixou uma mensagem muito assustadora. Falava que a cidade viria abaixo e que haveria cadáveres. Aquilo foi exatamente duas horas antes dos ataques. Gloria ainda tem a mensagem: a gravou em CD e traduziu tudo o que o sujeito disse. Ficamos viajando com aquele telefonema.

Continuamos a trabalhar no terceiro álbum do Soulfly, chamado *3*, que contou com a volta de Roy Mayorga à bateria. Sem qualquer tipo de desrespeito a Joe, que é um bom amigo, mas eu queria tocar com um grande baterista, e Roy era definitivamente melhor que ele.

> **Roy Mayorga:** Adoraria trabalhar com Max novamente um dia. Já conversamos sobre isso. É um cara incrível e tem uma energia fantástica quando sobe ao palco, explosiva e intensa. Gloria também é excepcional: não leva desaforo pra casa e é um dos motivos do sucesso deles.

Cara, tinha algumas músicas brilhantes naquele álbum. “Enterfaith” era muito vigorosa. Adorei “Last Of The Mohicans”, um hino do thrash metal. Para mim, é uma música épica. Tem também “Tree Of Pain”, é claro, na qual trabalhei por três semanas. Começa com uma cítara elétrica, que uso uma vez ou outra ao longo dos anos, em momentos especiais do Soulfly, e depois a deixo de lado até surgir outra ocasião, além de usar uma bateria eletrônica, o que é bem maneiro. Foi uma viagem fazer essa música. No meio dela, Richie canta sobre o irmão dele: ele era muito jovem na época e cantou do fundo do coração. Passei-lhe o microfone e disse pra mandar bala.

> **Richie Cavalera:** A música ficou foda. Max facilitou as coisas pra mim, pois sempre cantei “Bleed” com ele e “Cockroaches” com o Nailbomb. Já curtia metal antes mesmo de Max entrar na minha vida: sou um dos garotos na capa de *Violent By Nature*, do Atrophy. Ele é um cara bem tranquilo, completamente diferente do que se vê no palco. A nossa casa é sempre caótica, e ele absorve todo aquele caos, liberando-o no palco, em vez de ser um pai babaca. É sempre legal. A minha mãe é quem faz o papel de durona!

Nessa música, também estou falando sobre o meu pai. Digo “I punch your grave” (Dou um soco no seu túmulo), o que de fato ocorreu quando fui ao Brasil. Fiquei doidão depois de beber uns martinis ou algo assim, dirigi até o túmulo do meu pai e passei a noite no cemitério. Em certo ponto, fiquei com raiva e comecei a encher o túmulo de porrada, até as juntas dos dedos sangrarem. Quis colocar parte daquela experiência na canção.

“Tree Of Pain” era perfeita para aquela proposta, pois o tema era Dana e o meu pai, falava sobre como era perder pessoas queridas e tentar lidar com a dor. A cantora Asha tinha uma bela voz, que mesclava soul e gospel, e o seu irmão tinha cometido suicídio um ano antes, então ela também foi atingida por uma tragédia semelhante, e as palavras brotavam de um lugar especial. “Tree Of Pain” representava um capítulo à parte em relação ao resto do álbum.

Deixei também uma faixa em silêncio como um gesto de respeito às vítimas do 11 de setembro. Na época, diversos artistas estavam compondo sobre o ocorrido, especialmente músicos country. Todos escreviam canções, então achei mais apropriado deixar um minuto de silêncio no álbum. Coloquei o título de “9/11/01” e um monte de gente curtiu: era um modo original de prestar uma homenagem àqueles que tinham perdido a vida. Mas não inserimos simplesmente um minuto de intervalo entre as faixas: deixamos todos os instrumentos e microfones do estúdio ligados e ninguém tocou, esperando o tempo passar. Era mais genuíno daquele jeito.

O meu único arrependimento em relação a *3* foi o título, que hoje considero preguiçoso. Sei que há o *Volume 4* do Black Sabbath e os álbuns numerados do Led Zeppelin e, na verdade, foram eles que me influenciaram a chamá-lo de *3*, mas, pensando agora, preferiria tê-lo batizado com o nome da primeira faixa, “Downstroy”. Tínhamos feito um design pra capa com uma colagem do World Trade Center, com as explosões e o fogo, mas achamos que aí seria passar do limite. Em vez disso, usamos o símbolo indiano do *om*, que lembra o número três, feito mais uma vez por Neville Garrick.

Mais uma coisa sobre *3*. O álbum tem uma versão para “Under The Sun”, do Black Sabbath. Eu a adorava e sabia que poderia fazer uma versão do caralho para ela. O melhor de tudo foi que, depois, o próprio Ozzy me enviou uma carta. Dizia que tinha ouvido o meu CD depois de encontrá-lo na sua correspondência e que tínhamos feito um ótimo trabalho em “Under The Sun”. Ele tinha gostado pra caramba.

É engraçado, porque você nunca sabe se os artistas ouvirão a sua versão da música deles. Hoje, ouço outras bandas tocando as minhas músicas, como o Children of Bodom fazendo “Mass Hypnosis”, e o Hatebreed, com “Refuse/Resist”. É uma sensação ótima. Retratam o seu trabalho pela visão deles, o que é muito legal.

Receber uma carta de aprovação de Ozzy Osbourne era como tirar um dez com louvor na escola. Eu não conseguia acreditar.

15
2001-2005: Prophesying The Dark Age

Agora que o Soulfly já está na ativa há algum tempo, as pessoas volta e meia me perguntam se a formação original do Sepultura, isto é, eu, Iggor, Andreas e Paulo, poderá algum dia se reunir. Fazem essa pergunta até hoje, é algo que não tem fim!

Dou agora a minha resposta, de uma vez por todas, levando em consideração o modo como me sinto em relação a isso em meados de 2013, enquanto escrevo estas palavras.

Em primeiro lugar, não tenho nada contra a ideia de voltar a tocar com aqueles caras. Gostaria de fazer isso pelos fãs, que querem nos ver juntos, e pelos meus filhos, que também adorariam ver a formação original. São os outros integrantes que se recusam. Andreas disse algumas vezes que eu insisto nesse assunto, mas não é verdade. Eu não fico insistindo nisso, mas, se as pessoas continuam a perguntar, sou obrigado a responder. Na verdade, já cansei dessa história, de tanto falar nela, então não vou tentar fazer a coisa funcionar.

Para ser sincero, tentei reunir a banda em 2010. Telefonei para Andreas e falamos um pouco sobre o assunto. Foi uma boa conversa. Ele disse que gostava da ideia, o que foi bacana, mas nada aconteceu.

Os promotores de eventos perguntam a Gloria sobre esse reencontro o tempo

todo. Recebemos algumas propostas excelentes, como a possibilidade de nos apresentarmos como atração principal desse ou daquele festival. Poderia ser algo grandioso. As pessoas sabem como eu gostaria de fazer isso pelos fãs, simplesmente para mostrar a todos como a banda era boa. Também seria divertido tocar com os caras novamente: traria de volta algumas lembranças.

Mas a essa altura já deixei isso de lado. Se acontecer, bom; se não, tudo bem. Não está mais nas minhas mãos.

No meio-tempo, tinha trabalho a fazer; em particular o quarto álbum do *Soulfly*, que eu queria chamar de *Prophecy*. Dessa vez, o clima era diferente por vários motivos. Em primeiro lugar, viajei para o exterior em busca de inspiração. Na turnê de *3*, estive na Sérvia para tocar: fizemos um grande show num estádio em Belgrado para quatro mil pessoas. Adoram a minha música por lá. Conhecemos um monte de gente, e Christina, filha da Gloria, começou a sair com um sérvio.

Depois disso ela começou a passar bastante tempo no país, até acabar se mudando pra lá. Ela nos convidou para visitá-los, então eu e Gloria fomos pra lá e conhecemos uma série de artistas, como uma banda chamada Eyesburn, da qual gostei de verdade. Faziam uma mistura diferente de reggae e metal, um pouco como Bad Brains, e tinham lançado alguns CDs no underground. Por algum motivo, não eram populares, embora fossem muito bons. Tinham uma energia única, e o vocalista, Coyote, tocava trombone.

Quando voltamos pra casa, eu disse à Gloria que queria gravar com eles uma canção de reggae-metal, unindo os dois estilos para ver o que acontecia. Combinamos de gravar quando voltássemos à Sérvia, então compusemos a música, e eles escreveram as suas partes. Depois, fomos até lá e passamos uma semana ensaiando. Montamos a música pouco a pouco e a chamamos de “Moses”, pelo seu tema espiritual. O clima no estúdio era fantástico.

O tio de Coyote era professor de música na Universidade de Belgrado e sabia tudo sobre os antigos instrumentos da Era Medieval, então fiquei curioso para conhecê-lo. Nós o convidamos ao estúdio e ele levou algumas gaitas de fole antigas, que cheiravam a couro velho, e também algumas flautas bem esquisitas. Pedi para que as tocasse, com a ideia de acrescentar aqueles instrumentos às novas faixas.

Voltei da Sérvia com bastante material gravado, o que tornou o álbum mais rico. Pra mim, aquela era uma ótima maneira de se fazer um álbum: você grava toda a parte principal nos Estados Unidos e depois viaja com as bases para algum lugar e lá acrescenta outros elementos. Desde então venho repetindo essa fórmula, que se tornou uma marca registrada do Soulfly e deixa a banda mais exótica.

Queria seguir nessa direção, porque via o Soulfly como um tipo diferente de banda heavy metal. A nossa intenção não era ser apenas mais um grupo, mas propor novas vibrações e sonoridades. O Soulfly leva o heavy metal sempre alguns passos além. Visitamos países que ainda não estão no mapa do metal e os confrontamos com outros sons para ver no que dá. A missão de expandir a nossa música começou bem ali, na Sérvia.

Formei uma banda completamente nova para *Prophecy*, porque Marcello, Roy e Mikey quiseram sair ao mesmo tempo. O problema foi que, pouco a pouco, aconteceu com eles o que acontece a todos os artistas: foram enfeitiçados pelo dinheiro e queriam cada vez mais. Disse a eles: "Ei, não somos o Sepultura. Ainda não estamos ganhando tanta grana assim e por isso não posso pagar o que vocês acham que o seu trabalho vale. Adoro ter vocês comigo, mas, se acham que podem ganhar mais em outro lugar, vão em frente." Simples assim. E eles partiram.

Isso foi um golpe para mim, pois estava novamente sozinho e tinha que formar outra banda do zero. Foi desagradável, mas o lado positivo é que conheci Marc Rizzo, um guitarrista foda pra caralho. Ele tinha acabado de deixar a banda Ill Niño, e acho que Gloria o encontrou por meio da Roadrunner. Me lembro de ter visto o Ill Niño antes de um show e todos eles estavam fazendo flexões, o que, pra mim, foi meio estranho. O camarim parecia uma academia de ginástica, todos os integrantes eram fortões. Era como uma escola para gladiadores ou algo do gênero.

Marc e eu nos tornamos grandes amigos e somos bem próximos até hoje. Ele era o guitarrista que eu sonhei em conhecer por toda a minha vida. Tinha uma coisa engraçada: Marc usava uma mochila no palco e ninguém sabia o que havia dentro. Era o seu grande segredo. Todo mundo queria saber o que tinha ali. Alguns anos atrás, ele deu a mochila a um fã e disse que não precisava mais dela. Ainda assim, não conta a ninguém o que tinha lá dentro.

Marc me defendeu em público algumas vezes, pelo que sou bastante agradecido. Me lembro de uma ocasião em que um integrante da sua antiga banda, Ill Niño, estava falando umas merdas sobre mim por algum motivo. Foi ao vivo, no palco, o cara dizia que os caras do Soulfly eram estrelinhas, que tinha muita pompa em torno da banda e que não nos misturávamos com ninguém. Certa noite, Marc brigou com ele e aparentemente o encheu de porrada. Os policiais apareceram e perguntaram o que tinha ocorrido. Marc explicou e eles disseram: "Tudo bem, parece que a situação está resolvida agora", e foram embora!

Marc Rizzo (Soulfly): Conheci Max em 2003, quando começamos a gravar

Prophecy. A nossa ligação musical vinha do fato de eu ser um grande fã do trabalho de Max no Soulfly e no Sepultura, então, quando entrei pra banda, já sabia tocar muitas das suas músicas. Complementamos um ao outro por sermos bem-entrosados na guitarra, seguindo a escola clássica do thrash metal.

Joe Nunez também voltou para a gravação. Eu disse a ele: “Volte, você faz parte da família. Sei o que esperar de você. Sei que vai deixar as suas baquetas caírem, mas retorne à tribo.” Depois, encontramos um novo baixista, Bobby Burns, que tocou numa banda chamada Primer 55. Nós o conhecemos no Ozzfest. Ele tinha bastante influência do punk, e eu sabia que seria legal para a banda contar com todos esses caras de estradas diferentes.

O grupo estava completamente reformulado, e o resultado foi que *Prophecy* se tornou um grande álbum. Foi lançado em 30 de março de 2004 e é um dos meus discos preferidos do Soulfly. Há algo nele que me encanta, da música à capa, um Leão de Judá desenhado por um artista francês, que enviou um monte de imagens de leões para que escolhêssemos. É uma imagem que remete ao reggae e, até onde sei, nunca tinha sido usada no mundo do metal. Reggae é o meu segundo gênero de música preferido, depois do heavy metal. Volta e meia, me vejo pensando em gravar um álbum de dub, mas teria que ser algo tão bem-feito que eu precisaria de bastante tempo para encontrar as pessoas certas, provavelmente na Jamaica. Vou esperar mais um tempo e fazer isso quando estiver mais velho, mas é algo que tenho em mente.

As músicas novas eram fantásticas. Adorei “Living Sacrifice” e “Mars”, com uma improvisação de flamenco que Marc fez no estúdio. Eu o vi tocando aquela porra e disse que tínhamos que gravá-la, porque o som era foda. A capacidade de Marc de tocar diferentes estilos é fenomenal. Se eu poderia tocar como ele? Claro que não! É muito difícil e requer mais concentração do que consigo dispensar.

David Ellefson, cofundador do Megadeth em 1983 e hoje novamente com eles, estava fora da banda na época e tocou baixo em *Prophecy*. Queríamos que continuasse com a gente, mas não se encaixava no nosso orçamento. Mesmo assim é um cara muito legal e mandou muito bem nas músicas que gravou. Participou do clipe de “Prophecy” e se apresentou com a gente em shows por algumas semanas. O público o adorava e havia no ar a sensação de estarmos numa superbanda. É um baixista fantástico, com quem adorei tocar. Dá pra saber quando se está trabalhando com um profissional e ele sempre se comportou como tal: era um músico de verdade.

David Ellefson (Megadeth): No início de 2003, o meu nome foi sugerido como um possível baixista para o Soulfly. Fui vê-los no Marquee Theater, em Tempe, no Arizona, e tocaram muito bem. Eu disse à Gloria que ficaria feliz em gravar com a banda se precisassem de mim e ela então decidiu que eu e Bobby Burns participaríamos do álbum *Prophecy*. Foram sessões bem divertidas, é ótimo tocar com o Max.

Aquelas foram as sessões de metal mais tranquilas das quais participei. Max não impôs que eu tocasse como ele queria: me contratou pra fazer o meu trabalho e permitiu que eu tomasse as rédeas do que estava fazendo. Eu tinha liberdade total pra elaborar as linhas de baixo e usei toda a minha criatividade nelas. Ficou bem pesado e havia uma grande identificação musical e senso de camaradagem entre nós. Tocamos muito bem juntos.

Gravamos o vídeo de "Prophecy" com Ellefson numa reserva Navajo em Monument Valley. Ficou incrível, um dos melhores clipes que já fiz. Conseguimos capturar totalmente o espírito do lugar: a fotografia é excelente. Os navajos foram muito receptivos e permitiram que visitássemos locais sagrados, vetados para turistas. O chefe da nação Navajo estava ali e, como era fã do Soulfly, liberou a nossa entrada. Gravamos até algumas cenas com os navajos fazendo uma dança de guerra.

Acima de tudo, *Prophecy* era um álbum duro, e o início do meu retorno ao thrash metal clássico. Continha uma série peso-pesado de músicas, incluindo uma versão para "In The Meantime", do Helmet, que sempre foi uma das minhas bandas favoritas.

Prophecy foi muito bem-recebido, mas eu queria fazer algo ainda mais pesado, então foi naquela direção que parti no nosso álbum seguinte, lançado apenas um ano e meio depois. Disse a Marc: "Vamos detonar nesta porra! Quero que o Soulfly volte a ser uma das bandas mais pesadas do planeta."

Passamos um tempo em 2004 montando um DVD para a Roadrunner chamado *The Song Remains Insane*, que saiu em março do ano seguinte. Tinha alguns clipes e um documentário sobre o Soulfly, que basicamente contava a história da banda até aquele momento. Mas foi tudo feito às pressas: não tínhamos muito tempo para dedicar a ele. O cara que o fez era bem legal, mas seria preciso mais pesquisa para que ficasse mais profundo. No final, ficou bacana.

Embora tenhamos trabalhado e viajado bastante em 2004, hoje em dia me lembro daquele ano mais pelos tristes episódios que aconteceram no seu final. Em dezembro, estávamos planejando o sucessor de *Prophecy* e gravando algumas faixas de guitarra no Saltmine Studios, em Phoenix. Eu já tinha escrito

a música “I and I”, da qual gostava porque, na parte rápida depois da introdução, faço um “Ugh!” como Tom Warrior, do Celtic Frost. Foi uma ideia de Joe Nunez, pra ficar totalmente metal.

Voltei do estúdio no dia 9 de dezembro de 2004 e, quando entrei em casa, Gloria me disse: “Ficou sabendo do que aconteceu com Dimebag ontem à noite?” Respondi que não e ela me contou que haviam atirado contra a equipe e alguns integrantes do Damageplan. Pensei: “O quê? Peraí, não pode ser verdade.” Aparentemente, um louco abriu fogo num show do Damageplan em Ohio e matou todo mundo. Algumas horas depois, ficamos sabendo que Dimebag tinha morrido, mas parte da equipe que tinha sido alvejada estava viva. Eu ainda não conseguia acreditar.

Tenho ótimas lembranças de Dimebag. Curtimos bastante juntos quando o Sepultura e o Pantera fizeram uma turnê nos anos 1990. Ele costumava vir ao nosso ônibus e beber Blacktooth Grin com a gente (um drinque que mistura uísque e Coca-Cola, criado pelo guitarrista). Enchemos a cara juntos muitas vezes. Eu assistia ao show do Pantera depois de beber e era maravilhoso. Não sei como não morremos por intoxicação alcoólica. Se bebia muito naquela turnê — era uma loucura.

Fiz outra turnê com ele quando eu já estava no Soulfly e não era mais tão doidão. Mesmo assim, Dimebag tentava me convencer a beber com ele às onze da manhã, a caminho do local do show. Eu dizia: “Temos que tocar hoje à noite, cara!” E ele respondia: “Foda-se! Vamos beber!”

Lembro que uma vez estávamos em Minneapolis ou algum outro lugar, era o meu aniversário e tínhamos o dia livre, então fomos todos para o bar. Dimebag me deu uma nota de cem dólares autografada por ele. Depois, chegou ao bar com uma calça camuflada verde-brilhante e disse: “Sei que você usa calças camufladas o tempo todo, então comprei esta para você. É de um verde bem brilhante! Não sei se gosta ou se vai usá-la, mas achei diferente.” Foi bem legal da parte dele. Era um cara gente boa. Nunca o vi brigar com ninguém e sempre estava de bom humor, animado e pronto para curtir. Fiquei chocado ao saber que tinha morrido.

O estranho é que o irmão dele, Vinnie Paul, fazia parte da sua banda, assim como Iggor e eu no Sepultura e agora no Cavalera Conspiracy. Não consigo imaginar como Vinnie conseguiu lidar com a morte do irmão, assassinado diante dele: deve ser muito difícil.

Eu mesmo nunca pensei muito sobre a minha segurança. Sei que algo semelhante poderia acontecer comigo, porque ainda há bastante gente com raiva por eu ter deixado o Sepultura e algum lunático poderia facilmente me dar um tiro. Mas não se pode deixar o medo tomar conta da sua vida. Se tiver de

acontecer, não há nada que eu possa fazer. Não posso me esconder do mundo. Você precisa continuar a fazer as suas coisas.

Bem no dia seguinte, 10 de dezembro, recebemos notícias terríveis vindas da Sérvia. Christina nos telefonou e disse que o seu filho, Moses, que era meu neto, tinha acabado de morrer. Aconteceu do nada. Foi muito esquisito: ele dormiu à noite e não acordou mais. Nunca encontraram qualquer explicação médica, mas acharam que poderia ser consequência de algum germe raro que ele pode ter contraído. A saúde dele estava perfeita, no entanto. Foi um episódio muito trágico, que nos deixou profundamente abalados.

Por causa dessas tragédias, decidi batizar o álbum seguinte de *Dark Ages*. Tínhamos entrado de fato numa era de trevas com aquelas duas mortes. Aquele ainda é um período negro na minha vida, por isso *Dark Ages* tem aquela sonoridade. É negativista, mas ainda assim vigoroso, e tanto o título quanto a música são agressivos e potentes. Queria tocar thrash metal outra vez, então gravamos músicas como “Frontline”, “Babylon” e “Carved Inside”.

Tudo isso me fazia bem, apesar da tristeza: era a música que eu queria tocar. Era o estilo que amava e que escolhi tocar nos primórdios do Sepultura, porque me deixava mais feliz. Ainda adoro o metal tribal que fizemos em *Roots* e no início do Soulfly, mas *Dark Ages* era um modo de mostrar às pessoas que o velho Max estava de volta: o Max que compunha no princípio do Sepultura.

Uma das músicas, “Corrosion Creeps”, era dedicada a Chuck Schuldiner, do Death, que morreu em 2001. Não conhecia Chuck pessoalmente, mas trocávamos correspondência na época em que o Sepultura começou. Escrevemos bastante um ao outro, enviando camisetas e fitas demo. A primeira vez que a palavra “Sepultura” foi mencionada fora do Brasil foi no disco de estreia do Death, *Scream Bloody Gore*, lançado em 1987, na mesma época do nosso segundo LP, *Schizophrenia*. Chuck escreveu: “Obrigado a Max e ao Sepultura.” Quando vimos aquilo, Iggor e eu pulamos na nossa casa em Belô. Ficamos muito empolgados.

Aquele ainda é um dos meus álbuns favoritos de death metal. O riff de abertura de “Corrosion Creeps” lembra bastante uma faixa do Death. Quando o escrevi, disse: “Escutem só, parece um riff de Chuck Schuldiner!” Até a chamamos de “a música do Death” antes de lhe darmos um nome de verdade. Tem todo um clima, com as raízes do death metal presentes.

O meu enteado Richie participa da música “Staystrong”: queria lhe dar outra chance depois do que ele fez em “Tree Of Pain”, no álbum *3*. Agora ele estava mais forte, com uma voz mais encorpada, e fez um bom trabalho. Outro convidado foi Billy Milano, que canta em “Molotov”. Eu era fã do Stormtroopers of Death e conheci Billy num dos nossos shows no Texas, onde

ele mora. Tive a ideia de colocá-lo para cantar com o nosso amigo russo, Paul Filippenko, da banda FAQ.

Não conseguimos que Billy viesse ao estúdio, porque ele estava muito longe e precisávamos terminar as gravações, então disse a ele que teríamos que fazer tudo pelo telefone. Tinha ouvido dizer que o Bad Brains fez algo semelhante quando o seu vocalista, HR, estava na cadeia — gravaram os seus vocais por telefone. Foi o que fizemos também. A letra que Billy escreveu era ótima, diferente do tom sarcástico que usa geralmente. Passava uma mensagem positiva, sobre a vida ser uma jornada.

Eu também estava numa jornada — em muitas, para dizer a verdade. Queria expandir a ideia de viajar a outros países e conhecer novas culturas, trazendo a música desses lugares para o Soulfly. Fui à Rússia e gravei as sessões de cordas que usamos no álbum. Paul veio aos Estados Unidos gravar a sua parte e depois fomos à França, onde um amigo meu, de uma banda de dub, adicionou violões em "Soulfly V", a faixa instrumental. Ficou demais.

Segui então para a Turquia e fiz uma gravação no interior de uma mesquita imensa, numa fita DAT. O lugar estava sendo restaurado, as batidas na parede soavam como sinos, e o choque entre metais produzia um grande eco. O som era incrível. Queria encontrar alguns músicos para gravarem comigo, mas não conheci nenhum nos três dias em que Gloria e eu estivemos lá, então passeamos por Istambul e aproveitamos a viagem. Sabia que tinha conseguido o que buscava quando gravei o som da mesquita. Não precisava tocar com nenhum músico local depois daquilo. O material foi usado em "Touching The Void".

Depois de ouvir *Dark Ages*, Monte Conner me telefonou para perguntar: "Que porra você anda fazendo? Este álbum é pesadíssimo. Está no nível de *Arise* e *Point Blank*, é tão pesado quanto eles." Ele adorou o disco, e a Roadrunner o lançou em 4 de outubro de 2005, com uma capa incrível feita por Michael Whelan.

Finalmente conheci Michael quando tocamos em Nova York daquela vez: nunca tínhamos nos encontrado antes, nem mesmo na época do Sepultura. Sempre fizemos tudo pelo telefone. Ele me disse que nunca tinha visto o Sepultura, mas que estava feliz por assistir a uma apresentação do Soulfly. Quando paro pra pensar, Michael teve um papel muito importante na minha carreira, pois deu ao Sepultura um visual diferente das outras bandas de metal.

Dark Ages foi muito bem-recebido. Foi o último álbum do Soulfly antes do iTunes e do compartilhamento de arquivos dominarem o mundo. Ainda acho que é o melhor álbum que a banda fez até hoje. As pessoas me dizem: "Cara, fico tão contente que você tenha retomado o metal agressivo." Acreditem, era algo que eu tinha que fazer.

16
2006:
Reuniões e resoluções

A nossa turnê passou praticamente por todos os lugares depois de *Dark Ages*. Passamos pela América do Norte, América do Sul, Europa, Rússia e Austrália, tocando com Deftones, Korn e um monte de outras bandas. Foi uma turnê longa, mas muito legal.

Tivemos também alguns dramas, é claro. Lembro que estávamos prestes a pegar um trem da Rússia para a Polônia e Gloria tentou encontrar um tradutor e um segurança para nos acompanhar até o outro lado da fronteira, mas ninguém queria aceitar o trabalho. Achamos estranho.

O que não nos disseram foi que atravessaríamos a Bielorrússia, que ainda é um país comunista. Às sete da manhã, a polícia local embarcou e pediu para ver os nossos documentos. Tivemos que sair do trem com os instrumentos, pois disseram que precisávamos de um visto especial. Ninguém nos explicou o que estava acontecendo. A polícia da fronteira ria de nós e fazia piadas na sua língua.

Finalmente, alguém veio conversar com a gente. Explicaram que precisávamos de vistos e teríamos que ir ao centro para obtê-los, num prédio todo fodido da embaixada. A questão era dinheiro, obviamente. Fomos até lá e esperamos por cerca de cinco horas, numa salinha, até pagarmos o que queriam. Em seguida, voltamos à estação e pegamos o último trem. Pensamos: “Graças a

Deus estamos indo embora.” Depois descobrimos que não precisávamos de nenhum visto especial. Ele nos detiveram apenas para arrancar dinheiro.

Quando chegamos à Polônia, beijei o chão ao lado do trem e disse: “Obrigado, Polônia, estamos a salvo!” Foi uma viagem, cara. Um susto e tanto. Pesquisamos na internet e descobrimos que as pessoas são baleadas nas ruas da Bielorrússia e desaparecem sem qualquer explicação. Poderiam facilmente ter nos matado.

Sempre temos problemas quando viajamos, só porque somos metaleiros e a nossa aparência é diferente. Sempre revistam a nossa bagagem nos aeroportos, embora nenhum de nós seja estúpido a ponto de viajar carregando drogas. A sociedade não compreende aqueles que fazem parte do mundo do metal. Mas gostamos de ser párias. Eu tenho orgulho. “A sociedade não gosta de nós? Ótimo!”

No início de 2006, estávamos em turnê pelos Estados Unidos, num clube noturno chamado Jaxx, quando o telefone de Gloria tocou e ela atendeu. Ao voltar ao ônibus, disse que era uma ligação do Iggor. Não pude acreditar. Havia dez anos que não conversava com o meu irmão, desde o meu último show com o Sepultura, em 1996.

Cerca de duas semanas depois, também falei com ele pelo telefone. Ao longo dos anos, fiquei sabendo notícias de Iggor pela minha mãe. Ela me contava o que ele andava fazendo e, certa vez, disse algo que me deixou muito triste. Falou que Iggor lhe revelou que, desde que eu deixei o Sepultura, ele preferia não ter os dois braços, pra ter uma desculpa pra não tocar mais com a banda. Foi difícil ouvir isso.

Falei: “E aí, cara, como vai?”, e ele respondeu que estava bem. Soube que ele tinha deixado o Sepultura e perguntei: “Então finalmente largou aquilo lá?” A sua resposta foi: “Sim, não aguentava mais. Era muito deprimente. Eu precisava parar.” Ele contou que o motivo pelo qual telefonou era que me queria ter como irmão de novo. Achava uma estupidez não nos falarmos, especialmente agora que nenhum de nós dois estava mais no Sepultura. Foi fantástico; o modo como ele falou isso foi bem legal.

Iggor também pediu desculpas à Gloria. Disse: “Sinto muito, muito mesmo. Você nunca fez nada de errado, peço que me perdoe.” Foi um grande passo. Está tudo bem entre os dois agora, ambos deixaram o que passou pra trás. Gloria jamais guardou rancor de ninguém, é uma pessoa que sabe perdoar.

Perguntei ao Iggor como foi fazer parte do Sepultura sem mim, e ele disse que foi horrível. Era como se não houvesse motivação, que estavam fazendo aquilo apenas por fazer. Estavam se afundando cada vez mais. Contou que, muitas vezes, não tinha vontade de tocar. Sem a minha companhia, não era mais divertido.

Eu disse a ele que nada me deixaria mais contente que vê-lo novamente e conversar como irmãos. Ele falou que gostaria de nos visitar, então propus: “O show de Dana está próximo. Por que não vem nos ver?” Até então, não passava pela minha cabeça que tocaríamos juntos naquele show.

O dia então chegou. Fui buscá-lo no aeroporto e estava bem nervoso, porque fazia muito tempo que não nos víamos. Quando ele atravessou o portão de chegada, foi um momento maravilhoso. Vê-lo e abraçá-lo pela primeira vez depois de tantos anos era como afastar uma nuvem negra de mim. Finalmente a coisa que tinha nos causado tanta dor havia terminado. Nunca fui completamente feliz naquele período, sem o meu irmão, e agora a minha vida poderia ser completa outra vez.

> **Iggor Cavalera:** Sempre senti falta de Max. Não pude mais suportar, então parei de fazer música. Deixei o Sepultura e dei início ao meu projeto eletrônico, o Mixhell. A minha vida estava incompleta sem o meu irmão, então decidi telefonar pra ele. Não estava pensando em voltarmos a tocar juntos, queria apenas poder conversar com ele e que os meus filhos pudessem conhecer o tio, assim como queria ser um bom tio para os filhos de Max. Louco por música que só ele, em dez minutos já estava falando de música comigo.

Fomos para casa e Iggor conheceu todas as crianças, sendo que algumas delas lembravam-se dele de quando eram menores. Fizemos um churrasco, conversamos, e as coisas fluíram naturalmente entre nós. Eu disse que não tinha acompanhado o Sepultura nem ouvido os seus álbuns, mas ele não ficou chateado, já esperava isso. Iggor conhecia o Soulfly e gostava da música, o que era bacana.

Quando chegou o momento do show, eu disse a Iggor: “Cara, seria bem legal se tocássemos algumas músicas juntos. O público iria à loucura e oficializaríamos a nossa volta.” Ele respondeu “Vamos nessa!”, e concordamos em tocar “Refuse/Resist” e “Roots”. Ensaiamos durante a passagem de som: as pessoas que assistiram não conseguiam acreditar. Era uma porrada.

Fiz o show com o Soulfly e então chamei Iggor. A reação da galera foi do caralho. Ficaram ensandecidos, foi inesquecível. Depois disso, disse a ele: “Temos que fazer um som juntos.”

Assim nasceu a nossa nova banda, o Cavalera Conspiracy — bem ali no camarim.

Estava muito feliz por voltar a falar com Iggor. Disse a ele que ia compor novas músicas e que seriam fodas. Podíamos tocar também o material antigo se

quiséssemos. Já tinha uma faixa pronta, chamada “Inflikted”, porque vinha trabalhando no novo álbum do Soulfly. Toquei a música para ele, e ele adorou.

Comecei a compor feito louco. Escrevi “Sanctuary”, “Bloodbrawl” e “Ultra-Violent” bem rápido: em um mês, praticamente fiz o suficiente pra um álbum inteiro. De início, pensei em batizar a banda como Inflikted, mas Iggor não curtiu muito. Depois de pensar um pouco mais, tive a ideia do nome Cavalera Conspiracy. Ao ouvir a minha sugestão, ele disse: “Perfeito!”, e fez o design do logo, simples e poderoso, inspirado no Black Flag.

A Roadrunner foi à loucura com o Cavalera Conspiracy assim que ficou sabendo. Monte estava superempolgado. Sabiam que seria um marco histórico para nós e para a gravadora, então nos ofereceram um orçamento e tanto.

Fizemos os arranjos para que Logan Mader produzisse o nosso disco de estreia. Algum tempo antes, pediram ao Soulfly que gravasse uma versão de “The Beautiful People”, de Marilyn Manson, para a compilação de uma revista, e fizemos uma demo animal com Logan, que, àquela altura, tinha se tornado um grande engenheiro de som. Ele havia também trabalhado com a nova banda de Dino Cazares, Divine Heresy, e o resultado foi fantástico. Por isso, decidimos chamá-lo para o álbum do Cavalera Conspiracy.

> **Logan Mader:** Quando Iggor entrou no estúdio, eu já havia preparado a bateria pra que os dois pudessem tocar juntos. A primeira coisa que fizeram foi detonar com “Refuse/Resist”. Era a primeira vez que tocavam juntos num estúdio desde que Max deixou o Sepultura. Dá pra imaginar? Era como se o lugar estivesse pegando fogo. Um momento altamente heavy metal!

Convidamos Marc Rizzo, do Soulfly, para tocar guitarra no Cavalera Conspiracy. Acreditava nele e sabia que tinha os recursos para fazer um trabalho diferente do que fazia na outra banda. Apresentei-o a Iggor, e Marc gostou dele imediatamente.

Ainda precisávamos de um baixista. Queria alguém da Europa, para tornar o grupo um pouco mais internacional. Uma das novas bandas que vínhamos escutando bastante era o Gojira, da França. Assim, entramos em contato com eles e convidamos o baixista. Acho que Joe Duplantier, o guitarrista, ficou sabendo e disse ao baixista que gostaria de ir no seu lugar, já que sempre foi um grande fã do Sepultura. Embora fosse guitarrista, foi ele quem assumiu o baixo como músico de estúdio.

A formação estava pronta. Fiz as demos com uma bateria eletrônica, e Iggor gravou as suas batidas incríveis na versão final. Ele sabia que eu tinha escolhido

os meus melhores riffs para as músicas e estava empolgado por acrescentar a bateria. O som ao ensaiarmos em Phoenix era brutal. Sentimos que algo de muito bom estava surgindo.

Entramos no estúdio com Logan em Los Angeles e Rex Brown, do Pantera, apareceu por lá e gravou o baixo em “Inflikted”. Foi muito foda, porque éramos amigos havia anos. Fizemos também uma versão para “The Exorcist”, do Possessed. Foi bem legal retornar à minha época de death metal, tocando aquele tipo de música novamente ao lado de Iggor. Richie cantou em “Black Ark”. Era a terceira vez que ele participava como vocalista e também a terceira vez numa canção inspirada em Dana, o que era bacana. Gravar aquele álbum foi muito empolgante.

Uma música bem hardcore, “Nevertrust”, praticamente nasceu no estúdio: comecei a tocar os riffs, e Iggor na mesma hora acrescentou uma linha de bateria animal. Uma outra, “Must Kill”, me veio quando vi essas palavras tatuadas nas juntas dos dedos de Sid Wilson, DJ do Slipknot. Achei aquele o título perfeito para uma canção, totalmente metal!

“Hearts Of Darkness” foi inspirada no livro que deu a Francis Ford Coppola a ideia para *Apocalypse Now*, e “Ultra-Violence”, obviamente, era inspirada em *Laranja mecânica*, um dos meus filmes favoritos.

O *timing* foi perfeito: a volta dos irmãos Cavalera deu o que falar na imprensa rock. Diversos artistas me disseram o quanto ficaram contentes. Um deles foi James Hetfield, que falou que era muito legal estarmos tocando juntos de novo. Foi fantástico ouvir isso. Outro a se manifestar foi Mike Bordin, do Faith No More.

O álbum recebeu ótimas críticas, coisa que eu não esperava. Achei que falariam mal de *Inflikted*, comparando-o com discos clássicos como *Chaos A.D.* e *Roots*. Para a minha surpresa, não foi isso que aconteceu. O disco foi muito bem-recebido: acharam que era agressivo e furioso, e era mesmo.

Recebemos bastante apoio de um DJ e apresentador de televisão chamado Jose Mangin, que sempre foi um grande fã das minhas bandas.

> **Jose Mangin (Liquid Metal Sirius XM):** Me lembro da primeira vez que ouvi o Sepultura. Era tarde da noite e eu estava na fronteira entre Arizona e México, assistindo ao *Headbanger’s Ball*, do qual atualmente sou apresentador e produtor. O primeiro clipe deles que eu vi foi “Dead Embryonic Cells”, que imediatamente se tornou a minha música preferida. Mais tarde toquei baixo numa banda cover do Sepultura.
>
> Conheci Max quando eu tinha 16 anos, em Phoenix, no Arizona, num show em que se apresentaram Pantera, Sepultura e Prong. Troquei um

pacote de maconha por passes pro pós-show e tive um encontro rápido com Max e Paulo. Depois, quando trabalhei na Sirius Satellite Radio, em 2000, conheci Max depois de entrevistá-lo. Finalmente pude lhe dizer o quanto foi importante na minha vida, como fã e músico.

Passei a dedicar alguns programas especiais de uma semana às bandas dos Cavalera e, depois de um tempo, eles passaram a me convidar para churrascos na casa deles e por aí vai. Tenho no meu escritório uma bandeira do Brasil que Max me deu de presente em 2008. Sempre apoiarei os seus trabalhos. Até brinquei, dizendo que mudaria o meu nome para Cavalera para faturar mais gatas!

Era como se Iggor e eu jamais tivéssemos parado de tocar juntos e aqueles dez anos separados não tivessem qualquer importância. Nunca perdemos o ritmo, desde o momento em que nos reencontramos, como se estivéssemos retomando tudo exatamente do ponto em que havíamos parado. Isso mudou a minha vida.

Mas sob outros aspectos nem tudo estava bem.

O que estou para contar agora nunca foi mencionado antes. Jamais disse uma só palavra sobre isso a alguém de fora da família, mas, quando decidi escrever este livro, resolvi abordar isso de maneira honesta. Poderia manter esse assunto privado, mas acho que as pessoas devem saber.

Sempre fui de beber muito. Durante a turnê de *Arise*, bebia metade ou até mesmo uma garrafa inteira de vodca todas as noites. Era jovem, então conseguia aguentar, mas sempre odiei as ressacas. Eram um inferno físico e mental para mim. Ficava muito ranzinza e, na maioria das vezes, bebia mais para me livrar delas. Isso sempre me irritou na bebida.

Então, cheguei a um ponto em que aquilo se tornou exagerado e começou a afetar a minha vida normal. Comecei a fazer loucuras. Numa tarde, sabendo que o meu amigo estava fora, invadi a casa dele e acabei com todas as suas bebidas. Depois, apaguei na sala de estar.

Na manhã seguinte, acordei e me deparei com Gloria, que presumiu que eu estivesse ali. Ela entrou e me viu naquele estado, completamente acabado. Foi uma sensação horrorosa, cara. Não era mais algo normal ou sadio. Não estava bebendo para me divertir, mas sim porque precisava. Era terrível.

Em outra ocasião, me levantei de manhã e senti um desejo intenso de beber. Como não tinha dinheiro, fui a uma loja e roubei uma garrafa de vodca. Foi uma atitude idiota e desesperada. Escondi a garrafa sob o casaco, que eu estava vestindo porque já saí de casa com tudo planejado. Mas os donos da loja viram tudo e chamaram a polícia, que me interceptou dois quarteirões depois. Disseram “Abre o casaco, cara!” e viram a vodca. Os policiais telefonaram para Gloria,

que foi me buscar.

Se você chega ao ponto de roubar vodca de uma loja, isso significa que não está bem. Quer dizer que está com problemas sérios, entendem? Foi como um estalo.

Acho que muito da minha bebedeira vem do fato de eu ter passado anos tentando lidar com as coisas. Tive que lidar com o afastamento de Iggor. Tive que lidar com a morte do meu pai. Tive que lidar com a separação do Sepultura, que nunca saiu da minha cabeça. Talvez esses acontecimentos tenham me feito beber mais que o normal. Antigamente, bebia uma garrafa de vinho toda noite. Isso não era um problema, estava sob controle. Eu relaxava um pouco, depois ficava cansado e ia dormir. Eu não criava qualquer confusão. Porém, quando passei aos destilados, como vodca, rum e gim, a coisa ficou séria e aqueles dois episódios foram bastante duros.

Gloria conseguiu me convencer de que eu precisava de ajuda. Me disse que, se não conseguisse parar de beber sozinho, havia muitos lugares onde encontraria apoio. Em 2004, consegui parar por vontade própria, mas depois de um tempo de abstinência, tive uma recaída e tudo recomeçou. Certo dia acordei, saí, comprei vodca e enchi a cara. Foi no dia do batizado de Moses. Estraguei tudo, estava fora de mim. Me tranquei no quarto, porque estava tão bêbado que não queria que me vissem daquele jeito. Fiquei chapado, bebendo sem parar. Não saí do quarto, apesar da festa que estavam fazendo para o bebê.

Depois que Moses morreu, eu me senti muito mal pelo que fiz naquele dia. Arruinei o seu batizado porque era um alcoólatra idiota. Magoei a minha família e a mim mesmo, mais que a qualquer pessoa. Quando Moses nos deixou, me lembrei daquele dia e decidi que tinha que parar com aquela merda.

Também fiquei viciado em analgésicos. Isso começou anos antes, quando machuquei os ligamentos do joelho esquerdo por pular pra cima e pra baixo no palco com o Sepultura. O meu joelho estava todo fodido: passei por duas cirurgias sérias, mas nunca fiquei bom. Um médico me receitou Vicodin para suportar a dor, e continuei a tomá-lo por dez anos desde então. Durante o dia, tomava para ficar doidão; à noite, enchia a cara de álcool. Isso durou um bom tempo.

A combinação de álcool e Vicodin não era nada boa. Tentei largar a bebida, mas continuei com o remédio. Tive que trocar de médico, porque o primeiro não queria me dar remédios suficientes. Um monte de gente passa por isso, mas eu estava muito mal: na pior fase, chegava a tomar vinte cápsulas de Vicodin por dia. Era hardcore.

Estava no caminho certo para uma morte prematura, exatamente como aconteceu com o meu pai. Estava numa estrada para o inferno.

17
2007-2013 e além: Voando livre

Com ou sem vício, não havia como parar o Soulfly. O nosso projeto seguinte foi o álbum *Conquer*, que abre com “Blood Fire War Hate”, da qual participou David Vincent, do Morbid Angels, nos vocais. Foi uma colaboração ótima, pesada pra caramba.

> **David Vincent (Morbid Angel):** Max é uma pessoa original. Tem um dom natural. Possui certa “abertura” enquanto cria no estúdio, algo raro de se encontrar. Fui convidado pra gravar vocais em *Conquer* e foi uma experiência e tanto. Ele gesticulou na direção do microfone, sorriu e simplesmente disse: “Vai nessa!” Eu curtia a música dele desde os dias em que se trocavam fitas e até hoje sou seu fã — e, mais importante, amigo. Max, os seus familiares e os grandes músicos que o cercam são como uma família pra mim. É sempre um barato estar com eles.

Gravamos o álbum com Tim Lau no estúdio dele na Flórida. Eu saía para caminhar todo dia, ouvindo música nos fones de ouvido e pensando em letras. Tive grandes ideias durante essas caminhadas. O clima era esquisito: todo dia chovia às cinco em ponto. Dava para regular o relógio de acordo com a chuva.

Conquer era um desafio para mim. Tinha que mostrar que ainda conseguia compor e gravar um álbum de heavy metal animal sem bebida ou remédios. O disco ficou incrível exatamente por causa disso. A música tinha a mesma força de antes, mas eu curtia ainda mais tocar, já que agora não vivia mais embriagado ou drogado, então conseguia lembrar de tudo.

Há algumas influências interessantes em *Conquer*. Temos parentes próximos no Egito e fomos convidados para visitá-los no Cairo. Eu ia fazer algumas gravações na Turquia, então de lá viajamos ao Egito para passar duas semanas. Era o período do Ramadã, então ninguém podia comer ou beber. Passar por um choque cultural daqueles foi uma experiência fascinante pra mim.

Visitamos as diferentes mesquitas e, por estarmos hospedados numa casa e não num hotel, pudemos ver como é a rotina daquela gente. Nos levaram a um lugar chamado Cidade dos Mortos, um cemitério com casas construídas nas proximidades, de modo que as pessoas pudessem viver com os familiares que haviam morrido. Era uma viagem.

Queria gravar com um músico de jazz egípcio, mas acabou não acontecendo. Acho que ele pensava que tínhamos muito dinheiro por sermos americanos e pediu um cachê de cem mil libras ou algo assim. Disse a ele que eu não era Michael Jackson e não poderia pagar tanto.

Estive em cinco países diferentes para as gravações de *Conquer*, que foi lançado em 23 de julho de 2008. Entre eles estavam Egito, Turquia, Rússia — onde gravamos balalaikas e outros instrumentos — e novamente a Sérvia, onde o vocalista do Eyesburn cantou e gravou trombone. Também passei pela França, e lá um artista de dub gravou comigo. Andy Sneap mixou o álbum e fez um ótimo trabalho, certificando-se de que todos aqueles elementos pudessem ser ouvidos. Era um álbum bem pesado. Quando o tocamos ao vivo, tinha muita potência sonora.

O título saiu do filme *Alexandre*. Em certo ponto, ele diz: “Conquiste o seu medo e conquistará a morte!” Adorei aquela fala. Anotei-a num pedaço de papel. Era simples e pungente, e também poderia ser aplicada à minha conquista sobre o vício. A capa é animal, com o logo do Soulfly transformado numa arma. Fiquei muito orgulhoso.

Fizemos uma série de shows pelos Estados Unidos e Europa para promover *Conquer*. Tocamos em algumas datas com o grupo The Haunted, o que funcionou muito bem, os fãs adoraram. Também excursionamos com o Devastation, uma banda maneira de thrash metal do Texas, que conhecíamos das antigas. Alugamos os ônibus de Vinnie Paul, que foi ao nosso show. A banda de Richie, Incite, foi com a gente, assim como outros grupos fantásticos, como City of Fire, Prong e Cattle Decapitation. Eu adorei.

Há toda uma nova onda de bandas legais surgindo atualmente, como Oceano e Whitechapel. O meu filho Igor põe as músicas deles no meu iPod, então estou sempre atualizado. Esses grupos fazem o Soulfly parecer leve. Ouvi-los faz com que eu tenha que elevar o meu nível.

Mas eu precisava fazer outra mudança antes de encarar a vida nos meus próprios termos: largar a bebida e os remédios.

No início de 2009, finalmente fui ao lugar onde poderia receber ajuda para lidar com aquele problema: uma clínica de reabilitação. O que me convenceu a tomar aquela atitude foi quando Gloria contou a Iggor sobre a minha situação, e ele pegou o primeiro avião do Brasil para vir me visitar. Ele queria simplesmente estar ao meu lado e me ajudar a tomar essa decisão. Na minha cabeça, eu achava que estava bem e que bastava tomar algumas pílulas para ficar legal, mas em determinado ponto você precisa parar e aceitar ajuda. A presença de Iggor me fez dizer: “Vou fazer isso por você, pelas crianças, por Gloria e para salvar a minha carreira e o meu casamento.”

Fiquei em Watershed, uma clínica na Flórida, por um mês e meio. Sei que não preciso identificar o local exato onde estive, mas tudo bem. Iggor viajou comigo e estava lá quando dei entrada.

Encontrei um monte de gente em Watershed. Algumas pessoas conheciam o Soulfly e ficaram surpresas em me ver ali, mas disseram: “Legal você ter coragem para vir aqui e se livrar do vício.”

Foi difícil pra caralho. As minhas duas primeiras semanas lá foram um inferno. Sentia um desejo intenso. Acordava toda noite suando. Passei por crises de abstinência e toda aquela merda.

Fazíamos bastante terapia. Demais, até! Eram dez lições por dia, todas sobre a mesma porra: bebidas, remédios e como viver sem eles. Foi duro, mas na terceira semana fui ganhando consciência e passando a ver as coisas de modo diferente. Comecei a pensar em Kurt Cobain, Jimi Hendrix e outras pessoas que tiveram as suas vidas encurtadas pela bebida e as drogas.

Percebi que tinha a oportunidade de continuar por mais tempo. Na verdade, foi bom. Não curtia estar na clínica e sentia falta de todo mundo, mas sabia que isso me ajudaria a ter um futuro melhor. Sabia também que Iggor estava de volta à minha vida, então não precisava tanto dos remédios e da bebida como antes.

Passei as três primeiras semanas dentro do complexo da Watershed e depois fui transferido para um pequeno apartamento, onde as pessoas recomeçam a viver num ambiente normal. Nessa altura do tratamento, você tem permissão para ir ao supermercado, porque acreditam que você não comprará bebidas ou remédios. Pouco a pouco, fui voltando ao normal e descobri que não precisava mais daquelas coisas.

A minha irmã foi me visitar, assim como a minha mãe, que pegou um avião do Brasil. Contei a ela que me sentia envergonhado por me ver num lugar como aquele, mas ela disse: “Não tem que ficar com vergonha. Você sofreu muita pressão durante a vida e esse foi o modo que encontrou pra lidar com isso. Tá tudo bem, pois agora você tá aqui, recebendo ajuda.”

A minha mãe foi fantástica, mas sei que era duro para ela. Ela via outros pais ali, com os seus filhos, e tinha muito choro e dor em algumas sessões. Ela viveu aquilo tudo e acho que foi pega de surpresa, pois não estava preparada.

As únicas coisas de que nunca gostei foram as reuniões. Compareci a algumas, mas não eram pra mim. Não conseguia me envolver. Tive que frequentá-las na Flórida, porque eram obrigatórias, mas simplesmente não funcionaram pra mim depois que deixei a clínica. É algo que funciona para algumas pessoas e para outras, não. No meu caso, o que me ajudou mesmo foram as sessões que passei a ter com um terapeuta a cada três meses. Converso com o cara sobre o que estou sentindo e ele colabora bastante para que eu não retome os meus velhos hábitos. Essa foi a melhor solução.

Acredito que tenho força de vontade suficiente para não voltar à bebida e aos remédios. Prometi a mim mesmo que não os usaria mais e venho mantendo essa promessa. A minha família me ama e respeita pelo que consegui fazer, por eles e pela minha música. Foi preciso coragem para fazer o que fiz, assim como para falar sobre o assunto neste livro, mas é melhor assim.

Depois de completar a minha reabilitação, fiquei animado em voltar para casa. Era o início de uma nova vida. As coisas seriam diferentes dali para a frente.

> **Iggor Cavalera:** É muito importante ver o modo como Max se concentra no seu trabalho e na sua música, mas, pra mim, é ainda mais importante ver como se dedica à família e a si mesmo. Quando voltamos a nos falar, em 2006, ele já havia parado de beber, mas andava metido com drogas, o que pra mim era bem difícil. Agora vejo que ele tem força para lidar com o problema e tenho muito orgulho dele, porque nem todo mundo consegue ser forte assim. Ele fica em turnê durante praticamente o ano todo e é um dos caras que mais trabalham na indústria musical. Tenho orgulho do que ele é capaz de fazer.

Permanecer sóbrio tem sido muito bom para mim. Ninguém ficou sabendo que estive numa clínica de reabilitação, pois nunca saí espalhando por aí. Ninguém da Roadrunner soube disso; provavelmente irão à loucura quando lerem estas páginas. Lidei com o problema no meu próprio ritmo e agora a minha mente está muito mais lúcida.

Quero deixar claro que o meu vício nunca chegou ao ponto de impedir que eu me apresentasse em certos países, como acontece com algumas pessoas. Sempre conseguia ficar sem os remédios por um tempo, pois continuava a beber. Mas agora é muito mais divertido estar em turnê. Antigamente, subia ao palco às vezes sem muita vontade de estar ali, porque estava de ressaca. Tinha que sair em busca de remédios numa cidade estrangeira, com a porra de um médico maluco e sabe-se lá o que me era receitado. Várias vezes tomei aquelas merdas e fiquei ainda mais louco! Ou então ouvia: "Vai se foder, não há nada de errado com você. Está querendo apenas se drogar, não vou lhe dar nada." Era foda.

Quando estava sob o efeito dos analgésicos, ficava preguiçoso. Ficava deitado no lounge do ônibus vendo filmes, sem vontade de passar o som. Não era muito legal da minha parte, sei disso. Deveria ter me comportado de modo diferente. Mas não faço mais isso. Agora passo o som e estou sempre ocupado, compondo. Gosto de estar ocupado. É divertido ter um monte de coisas para fazer: fico ansioso para fazer tudo.

Durante as turnês, vivo cercado de bebidas alcoólicas. Estão bem ao meu lado. Poderia bebê-las se quisesse. Mas não quero, porque sei onde isso me levaria. Quando sinto vontade de beber, me concentro trabalhando e compondo música.

Tenho uma personalidade propensa ao vício, mas também extrema. Muitas das coisas que faço são na base do tudo ou nada. Por exemplo: não bebo cerveja; prefiro destilados. Não fumo maconha, embora muita gente pense que eu fumo. Experimentei uma vez, mas não curti muito. Em vez disso, usava coca. Por isso nunca usei heroína: sei que a minha personalidade teria me feito entrar de cabeça naquele mundo e acabaria morto. Não há meio-termo pra mim, então agora não uso nada. Sigo um estilo de vida careta. Não preciso daquilo para curtir a música.

Tudo se tornou mais fácil depois que fiquei sóbrio. Não sentia falta da bebida e dos remédios. As loucuras que cometi quando estava bêbado ou doidão fizeram de mim a pessoa que sou hoje, mas não tenho tantas saudades daqueles tempos a ponto de querer revivê-los.

O nosso álbum seguinte, *Omen*, foi lançado em 18 de maio de 2010 e contava com a participação de convidados bacanas: Greg Puciato, do Dillinger Escape Plan, e Tommy Victor, do Prong. Hoje, vejo que foi o último disco de uma trilogia superpesada, cujos capítulos anteriores foram *Dark Ages* e *Conquer*.

A faixa de abertura era "Bloodbath & Beyond", altamente influenciada pelo punk hardcore. Começa com os vocais e a banda ao mesmo tempo, o que eu achava animal, então decidi deixar daquele jeito e não dar uma introdução ao álbum. Por toda a minha vida, compus introduções para os meus discos, de *Bestial Devastation* a *Soulfly,* passando por *Beneath The Remains, Chaos A.D.*

e *Roots*. Foi legal não me preocupar com isso dessa vez, assim não havia enrolação ou distrações. O título me veio em mente quando vi uma loja chamada Bed Bath & Beyond (Cama, Banho e Além) num shopping. A letra falava de guerra, sangue e apocalipse.

A música que compus em seguida foi “Rise Of The Fallen”, com um dos cinco melhores riffs que já criei. Era o riff perfeito, e Marc obviamente acrescentou uma série de ruídos eletrônicos, deixando-o ainda mais maneiro. Esbarrei com Greg Puciato num show dos Deftones e o convidei para participar da música, pois curtia muito a banda dele. Ele ficou superanimado e enviou um e-mail a Gloria, dizendo que pretendia fazer da sua participação algo “digno de lenda” e outras coisas engraçadas assim. Gravamos a música num só dia. A impressão vocal dele foi de cair o queixo. Era diferente de tudo que eu faria e, por isso mesmo, aquela se tornou uma das minhas músicas preferidas. “Rise Of The Fallen” se tornou a faixa mais baixada de todo o catálogo do Soulfly.

Tommy Victor se juntou a nós em “Lethal Injection”, também pesada demais. Fala de uma pessoa inocente que recebe a pena de morte, porque às vezes o sistema falha. Depois, vem “Counter Sabotage”, puro thrash metal, que adoro. Outra música, “Vulture Culture”, é sobre *reality shows* como *American Idol* ou até mesmo a CNN — qualquer programa de TV que influencie os espectadores de maneira negativa.

“Mega Doom” surgiu de um livro escrito por Nostradamus que Gloria tinha. Havia uma série de passagens e marquei dois quartetos de que gostei e os li no início da faixa. Era como uma enorme nuvem negra no céu. Depois veio “Jeffrey Dahmer”, primeira música que compus sobre um *serial killer*. Quando tive essa ideia, a primeira pessoa que me veio em mente foi Charles Manson, pois Dana costumava escrever para ele quando Mason estava na cadeia. Poucas pessoas sabem disso. Me lembro de quando Dana me contou que ia escrever a ele. Perguntei: “Tá louco? Ele nunca vai responder.” Manson, porém, lhe enviou uma carta de três páginas. No cabeçalho, havia o desenho de uma suástica.

No lugar de Manson, escrevi sobre Dahmer, pois o caso dele levanta uma série de questões interessantes. Lendo, descobri que ele não teve uma vida traumática que o levou a se tornar uma pessoa má: simplesmente gostava de matar e devorar pessoas. A pergunta que me fiz foi: será que já nascemos maus ou é algo que podemos nos tornar? Na minha opinião, é um pouco dos dois: nascemos com o gene que nos faz seguir aquela estrada e depois a vida faz esse gene despertar. Essa era a minha tentativa de compor no estilo do Slayer, porque tinham escrito algumas músicas sobre assassinos em série das quais eu gostava.

Gravei o álbum com Logan Mader outra vez. Não sou um bom engenheiro de som, porque não sei operar muito bem a mesa de som. Assim, fiquei responsável

pela produção do álbum enquanto ele assumiu o papel de engenheiro e cuidou dos tons das guitarras, do som da bateria e do estúdio em geral.

Omen é cheio de riffs. Adoro esse álbum. Daquela vez, todos os elementos se encaixaram, a banda, o estúdio, as canções. Sempre consigo identificar no meio da produção se um álbum vai ser animal ou apenas legal — e esse era animal, sem dúvida alguma.

Também toquei com Zyon e Igor nesse disco. Os dois fizeram o dever de casa direitinho e arrasaram nas suas partes. Disse a eles que podiam escolher qualquer música que quisessem. Zyon optou por "Refuse/Resist", o que foi fantástico, porque 18 anos antes os seus batimentos cardíacos abriam a versão original em *Chaos A.D.* Igor escolheu uma canção do Excel, uma banda punk. Era meio no estilo do Suicidal Tendencies, um skate-punk, e a faixa se chamava "Your Life, My Life". O resultado ficou maneiro. Vinha querendo fazer música com os meus filhos havia anos. Que maneira melhor para começar que num álbum do Soulfly?

Fizemos também uma versão para "Four Sticks", do Led Zeppelin. Não poderia cantar como Robert Plant, então nem cheguei a tentar. Em vez disso, tocamos a melodia vocal na guitarra e a transformamos numa faixa instrumental. Era apenas uma grande diversão: o Led Zeppelin é uma banda tão gigantesca que as pessoas não ousam fazer versões para as suas canções. O arranjo também era uma loucura: não consigo imaginar o que se passava na mente de Jimmy Page quando o compôs, porque o seu andamento era uma doideira. Nunca tínhamos ouvido algo assim e levamos um tempão para conseguir gravá-la. Gosto de pensar que fizemos uma versão punk para a canção, mas com um pouco mais de técnica do que uma banda punk, por contarmos com Marc.

A minha primeira ideia para a capa de *Omen* era usar o demônio de *O exorcista*. É a estátua de uma criatura maligna que o padre vê no Iraque, mas não sabia se — ou como — poderia obter os direitos para usá-la. Escolhi o título depois de ver a palavra "Omen" pichada num muro de Londres. Pensei que seria perfeita, especialmente porque a maioria dos títulos dos meus álbuns consiste numa só palavra.

Bobby Burns deixou o Soulfly logo após o lançamento de *Omen*. Foi foda: ele tinha sofrido um derrame alguns anos antes e me senti muito mal por isso. Então, em vez de procurar outro baixista, persisti com ele até que reaprendesse a tocar o instrumento. Ele teve que se lembrar até mesmo de como segurar a palheta — era uma loucura. Pouco a pouco ele foi chegando lá, mas, ao final das turnês de *Omen*, ele perdeu completamente o interesse no que estávamos fazendo. Passou a se isolar e não conversava com o resto da banda.

Ele também começou a errar algumas notas nos shows, o que era terrível e deixava Marc puto da vida, porque ele gosta que a música saia perfeita. No final,

Marc me disse: “Tá uma merda ter o Bobby na banda nos últimos tempos. Você é o chefe e pode fazer o que quiser, mas, pessoalmente, gostaria que outra pessoa assumisse o baixo, porque ele vive errando as notas durante o show.”

Bobby então começou a fazer os lances com a *webcam*, gravando a si mesmo falando sobre a turnê e colocando os vídeos na internet. Em muitos deles estava bêbado, dizendo um monte de coisas negativas, tipo “Mais um dia, mais um dólar... Aqui estamos nós nesta turnê de merda, com este clima de merda, cercados por uma merda de gente”. Coisas assim. Vi os vídeos e perguntei: “O que tá fazendo, cara? Isso é terrível. Estamos todos ficando com uma péssima fama, porque estamos no mesmo barco.”

Gloria lhe disse para não filmar mais aquelas merdas. Um momento crítico aconteceu num festival na Bélgica, quando ele pediu para o seu roadie o filmar. No vídeo, dá para ouvir o roadie perguntar: “Mas Gloria não lhe disse pra não fazer isso?” Mesmo assim ele continuou filmando e depois colocou tudo na internet. Assistimos à gravação e foi a gota d’água para ele. Estava fora.

Joe Nunez também se despediu da banda: muito tempo antes, ele me disse que não faria aquilo para sempre, porque estava ficando velho e cansado de tocar thrash metal. Acho que ele também estava cansado de fazer música, de uma maneira geral, e desejava tentar algo de novo na sua carreira. Queria ser operador de câmera ou algo do gênero. Com Joe, entretanto, foi uma separação amigável: é um grande sujeito. Agora contamos com Tony Campos, do Static-X, um ótimo baixista, e, de 2011 a 2012, também tivemos David Kinkade, que tocou bateria no Borknagar, uma banda de black metal.

Será que sou um bom chefe? Acho que sim. Na música, adoro trabalhar com novos instrumentistas e criar coisas diferentes, o que acredito que seja bom também para as outras pessoas: elas conseguem ver que se pode fazer muito em um ambiente criativo. É por isso que o Soulfly fez tantos álbuns em pouco tempo.

A popularidade das minhas duas bandas vinha crescendo em 2010. Naquele ano, o Soulfly fez uma enorme turnê mundial. Estivemos na China e tocamos para dez mil metaleiros num festival em que éramos a atração principal. Havia um círculo com cerca de mil pessoas, todos de mãos dadas! Era uma coisa que os chineses faziam, algo que jamais tínhamos visto antes.

Também abrimos para Ozzy, em Tel Aviv, diante de outras dez mil pessoas, e fizemos a nossa primeira turnê pela Sibéria. Foram dez apresentações por lá, incluindo uma em Omsk, onde moram alguns parentes de Gloria: todos foram ao show. Depois, fomos à Austrália. Foi um ano muito bom pra mim.

Já 2011 foi quase todo dedicado ao Cavalera Conspiracy: preferi dar um descanso ao Soulfly, depois de tudo que fizemos no ano anterior e também

porque, como disse antes, tivemos que trocar o baixista e o baterista. Era um recomeço para a banda, algo que acontece de tempos em tempos. Deixa as coisas mais interessantes e mantém o frescor. O Soulfly sempre foi assim.

Novas músicas para o Cavalera Conspiracy surgiram logo depois de *Omen*. Em pouco tempo, eu tinha composto um monte de material legal. Gravei uma porção de riffs num CD e enviei cópias a Marc, Iggor e o nosso novo baixista, Johny Chow. Descobri Johny depois de ver uma foto dele no escritório. Olhei para aquele cara, com uma barba enorme, como Rasputin, e falei: "Meu Deus, quem é esse cara? Parece louco." Descobrimos que tocava numa banda chamada Fireball Ministry, que era muito legal: fazem um som parecido com o do Black Sabbath. Nós o convidamos para um teste, e ele se saiu muito bem, é um ótimo baixista.

Os caras gostaram das músicas e fizemos então os arranjos necessários para gravar com Logan outra vez, já que o seu trabalho no primeiro disco foi excelente. Era uma decisão que nos deixava tranquilos, porque sabíamos o que esperar dele. Ele não brinca no estúdio: as coisas fluem rapidamente e o nosso tempo é muito bem-empregado. A sessão de bateria de Iggor foi de se quebrar recordes: gravou todas as suas partes em apenas três dias, algo inédito para nós.

Dessa vez, as músicas eram bem thrash metal, influenciadas por *Reign In Blood*, do Slayer. Compus "Torture", "Target" e "Thrasher" naquele espírito. Tinham todas entre dois minutos e dois minutos e meio, sem muito rodeio. A primeira metade do álbum era toda assim e ficou demais. Iggor estava a mil. No entanto, senti que precisávamos de algo além do thrash metal no álbum e me lembrei dos ritmos contagiantes que sempre fizeram parte da minha história com Iggor no Sepultura. Assim, criei "Killing Inside", "Gengis Khan" e "I Speak Hate", músicas mais ritmadas, que se combinavam perfeitamente às faixas aceleradas.

Havia também "Warlord", que surgiu do nada: Logan a tocava sempre e sugeriu que a usássemos para abrir o álbum. Era uma escolha bem diferente, porque era uma música de andamento mediano, o que foi um jeito bem legal de começar o disco. Tocá-la ao vivo era uma experiência brutal: o público ia ao delírio.

Fizemos ainda uma versão para "Electric Funeral", que fazia parte do nosso repertório na época do Sepultura. Acrescentamos uma seção de thrash metal no meio para ficar mais ao nosso estilo. Depois, Iggor sugeriu uma canção do Black Flag. Eu não conhecia muito bem a banda, porque curtia mais o hardcore europeu, como Discharge, GBH e Exploited. Ele tocou "Six Pack" para mim. Era engraçado, porque não bebo cerveja, justamente o tema da canção. Era uma faixa legal e, mais uma vez, a transportamos para o universo do thrash metal. A

versão original tinha umas guitarras de merda: antigamente, as bandas de hardcore americanas não usavam distorção.

Ao juntar as músicas mais rápidas com as mais ritmadas, conseguimos fazer um disco bem legal. Fiquei muito contente. Demos ao álbum o nome de *Blunt Force Trauma*, e foi lançado em 29 de março de 2011. Era como *Inflikted*, só que melhor. A sua execução foi mais bem-feita, as músicas eram mais fortes, e eu estava muito animado com o álbum. Superava o primeiro em todos os aspectos e era aquele o resultado que eu buscava. Gostei bastante da estreia do Cavalera Conspiracy, mas as músicas estavam mais interconectadas dessa vez.

O ano de 2012 foi do Soulfly. Para *Enslaved*, lançado em 13 de março, a minha ideia era ir além do peso normal. Queria alcançar um nível de potência sonora até então inimaginável. Ouvi os discos de death metal mais extremos que existem e compus a música mais pesada que poderia.

Quanto mais o tempo passa, mais cresce o meu fascínio por essa merda. Acho do caralho. Refuto a ideia de quem diz que ficar velho significa perder o entusiasmo e a agressividade: é uma grande besteira. Estou aqui para provar o contrário. A velhice pode caminhar lado a lado com a loucura, é o que digo. É isso que os meus fãs querem ouvir. Quero que pensem: “Nunca vi Max tão puto da vida assim!” Foi esse o desafio que propus a mim mesmo em *Enslaved*: fazer o álbum de heavy metal mais extremo de todos os tempos, e foi por isso que ficou tão pesado.

Passamos o resto de 2012 em turnê. O álbum foi muito bem-recebido pelos fãs e por outros músicos, que me contaram o quanto o haviam curtido. Os caras do Amon Amarth e do Trivium disseram: “Adoramos o seu novo álbum, cara! Ficou pesado pra caralho!” As músicas são ótimas para tocar ao vivo, especialmente “Revengeance” e “World Scum”.

Trabalhei também num projeto com Greg Puciato e Troy Sanders, do Mastodon, que é tipo um “Nailbomb Parte II”. Compusemos dez músicas muito maneiras. Pesadas, mas ainda assim viajandonas, com um ritmo um pouco diferente. Não há uma grande produção por trás delas: escrevemos e gravamos no estilo punk, sem necessidade de ficar enrolando ou pensando demais. A ideia é que seja um belo grupo de rock clássico. Ainda não escolhemos o nome, mas estamos tentando um monte de merdas. Todos os nomes de banda soam escrotos de início, exceto Nailbomb, que sempre foi do caralho.

Também fazemos a turnê Maximum Cavalera, com Richie e Zyon nos seus respectivos grupos, Incite e Lody Kong. É divertido tocar com eles todas as noites. Os dois se juntam a mim em “Revengeance” e é como um sopro de ar fresco tê-los ao meu lado. Também ajudam com a venda de produtos e com a comida, o que deixa tudo com certo clima de tribo. É muito legal vê-los

envolvidos no que estamos fazendo. Acho bacana quando os meus filhos saem com fãs que conheceram no Facebook. Passam a noite juntos, se divertindo.

Na minha concepção, a família é o centro da tribo, que se expande a todos aqueles conectados ao Soulfly. Isso inclui os fãs, os músicos e os nossos amigos. Gosto de encarar a coisa dessa maneira. São pessoas que amam esse tipo de música e querem se envolver com ela. Pra mim, é fabuloso. É um jeito ótimo de se levar a vida.

Quando acabo uma turnê com uma das minhas bandas, começo já a trabalhar com a outra. Não preciso ensaiar. Conheço todos os arranjos. A única coisa que tenho que relembrar são as letras. Para isso, escuto os CDs e ensaio. Mas as duas bandas são bem diferentes: o Cavalera Conspiracy requer mais disciplina, porque as músicas são mais agressivas, sem distrações; já o Soulfly é um pouco mais relaxado e aberto. Cavalera é como os Ramones sob o efeito de crack, o que é legal, já que Iggor gosta de tocar rápido. Já o Soulfly é cheio de improvisações, o que me agrada bastante. É uma banda maior, com mais tempo de existência, mas adoro tocar com Iggor no Cavalera.

Hoje em dia, temos um relacionamento ótimo. Desde o início, eu lhe disse “Vamos nos divertir fazendo isso”, porque o Sepultura sempre foi estressante, especialmente depois do sucesso que alcançamos na época de *Chaos A.D.* Tudo o que quero é me divertir fazendo essa merda, como no início do Sepultura.

Enquanto escrevo estas palavras, ainda há muitos shows e turnês pela frente para ambas as bandas, em países onde nunca estivemos.

E sabem de uma coisa? Vai ser do caralho.

Epílogo

Hoje, quando penso em tudo o que vivi, pergunto a mim mesmo o que quero alcançar nos anos que ainda tenho pela frente.

Olho para Lemmy, Ozzy e caras como eles, que ainda fazem música pesada depois de todo esse tempo e, de certa forma, sinto que estou seguindo o mesmo caminho. Mas tenho uma história diferente por ser brasileiro. O Sepultura foi a primeira banda de metal a alcançar sucesso fora do nosso país. Depois, criei o Soulfly e o Cavalera Conspiracy, e ganhamos fãs por todo o mundo. Acredito ter conquistado o respeito das pessoas. É isso que me inspira a seguir em frente. Quero continuar a tocar quando estiver velho, enquanto eu for fisicamente capaz. É para isso que estou trabalhando e é assim que vejo a minha vida.

Pra mim, isso é mais importante do que ter um álbum com milhares de cópias vendidas ou um monte de discos de ouro. Já tive tudo isso na minha carreira e, por mais que seja legal, não é a razão do meu trabalho. Busco o respeito que o dinheiro não pode comprar. Quando encontro um fã que diz o quanto a minha música significa para ele, sinto uma honra que nada pode superar. Ouço bastante

estas coisas e nunca é demais. Faz valer todos os esforços e problemas, como bandas se separando e sendo formadas. É para isso que eu vivo.

Não mudaria nada na minha história, embora às vezes ela tenha sido dura. Sei que o Sepultura era a minha banda e fiquei muito chateado quando nos separamos, mas aquilo me fez voltar mais forte do que nunca e experimentar diferentes tipos de música com o Soulfly. Sou mais feliz hoje do que seria se tivesse continuado com o Sepultura. Enquanto estive com eles, sempre tive medo de que um dia lançássemos um álbum que fosse cópia de outro precedente, por termos chegado ao nosso limite. Com o Soulfly isso não vai acontecer, porque há uma enorme gama de música a ser explorada.

Com o Soulfly, nunca se sabe o que pode acontecer. Sigo regras completamente diferentes daquelas do Sepultura. Tomei o domínio da minha carreira e segui a minha própria estrada. Muitas pessoas fracassam ao tentar fazer isso. Ozzy Osbourne foi uma pessoa que conseguiu seguir em frente, e eu sou um outro exemplo, mas são poucos os que tiveram sucesso, é uma tarefa árdua. Tenho muito orgulho da minha banda por isso. Aprendi a ter paciência e humildade, porque levou bastante tempo para chegarmos lá.

Jamais fui um astro do rock prepotente e babaca, nem mesmo nos tempos do Sepultura, mas talvez terminasse assim se tivesse passado mais alguns anos na banda. Talvez no fim acabasse detestando a música. Mas, do jeito que foi, essas coisas nunca vieram a acontecer. A música é um trabalho, porque é com ela que pago as minhas contas, mas para mim não é só isso — e nunca será.

Como sabem, passei por tragédias na minha vida. O melhor a fazer quando essas coisas acontecem é, se possível, transformá-las em algo positivo, embora seja difícil. É simples dizer, mas fazer é muito complicado. Eu consegui graças à música, criando composições para o meu pai e para Dana, o que continuo a fazer. Recebo um monte de cartas e e-mails de pessoas agradecendo porque a minha música as ajudou a superar as suas próprias tragédias. Eu me identifico muito com elas. É algo poderoso. Ao ler esse tipo de coisa, sinto que tudo vale a pena. Se você consegue atingir as pessoas dessa maneira com a sua música, a sua arte ou qualquer outro talento que tenha, só posso aconselhar que faça isso.

Seria eu uma pessoa feliz? Sim e não, ao mesmo tempo. É uma batalha. Fico contente por tudo o que tenho, mas às vezes olho para todo o tipo de atrocidades que acontece neste mundo de merda e é difícil ser feliz. O mundo é uma bosta gigantesca em muitos aspectos e foi por isso que lutei durante toda a minha vida para ser feliz. Hoje, pelo menos, não sinto mais a pressão de antigamente. Estou num lugar legal, fazendo o que amo, aos meus 43 anos. Estou criando música e saindo em turnês e isso é incrível pra mim.

Tenho um orgulho imensurável por Gloria e eu não puxarmos o saco de

ninguém, embora esse seja o provável motivo pelo qual não conseguimos mais turnês. Prefiro que seja assim. Não somos como aquelas pessoas em Los Angeles ou Nova York, que saem para jantar e fechar negócios todas as noites. Fazemos tudo à nossa maneira e cuidamos nós mesmos das nossas turnês. Traçamos os nossos próprios destinos e estamos felizes desse jeito.

Gloria me salvou da ruína. Sempre me deu apoio em tudo e é a minha fã número um. Sempre me incentivou. Quando cheguei ao fundo do poço com a separação do Sepultura, ela foi a pessoa que mais me deu forças.

Amo a minha mulher. Trabalhamos juntos por todo esse tempo e nos damos muito bem. Respeitamos os nossos espaços. Ela jamais se intrometeu na minha arte, e eu nunca interferi nos seus negócios. Não pisamos nos calos um do outro.

O que ela fez pelo Sepultura foi grandioso. Assumiu a responsabilidade por nós e cuidou de nossa carreira de todas as formas possíveis. Os nossos sonhos se tornaram realidade por causa dela. Pensávamos que éramos uma banda de death metal, e de fato éramos, sob muitos aspectos. Mas ela nos disse que o Sepultura era muito mais que aquilo. Gloria nos fez ir além dos nossos horizontes.

Por algum motivo, pensei que fosse morrer antes dos trinta. Achava que as drogas ou a bebida acabariam comigo, ou então sofreria algum tipo de violência que me tiraria a vida. Mas Gloria me mostrou que havia muito mais razões para viver do que essas coisas, que só escravizam você. Devo tudo a ela. Não estaria aqui hoje se não fosse por Gloria. Ela me aturou, e olha que sou uma pessoa muito complicada, cara. A bebida me deixou ainda mais difícil de lidar. Tomar conta de mim deve ter sido um pesadelo. Não conheço ninguém mais que teria tido essa paciência. Se estivesse no lugar dela, teria me dado um pé na bunda depois de uma semana. Mas Gloria me amava, acreditava em mim e no que eu fazia, por isso nunca desistiu, nem nos momentos mais difíceis.

Gostaria de agradecer também aos fãs da minha música, por terem me dado tanto. Sem eles, não estaria aqui. Sempre tive um público que me apoiou. Toda vez que os encontro, tento dar um pouco do meu tempo. Jamais me recuso a dar um autógrafo ou tirar uma foto. Algumas pessoas dizem que é difícil chegar até mim, o que de certa forma é verdade, pois gosto de manter a minha privacidade. Quando estou em turnê, fico bastante no ônibus. Mas, se você quiser realmente chegar até mim, vai conseguir me encontrar. Não é tão difícil quanto pensam.

E, se estiver em busca de um conselho, pense nesta frase do jogador e técnico de basquete americano John Wooden, uma frase que eu adoro. Ele diz: “Aprenda como se fosse viver para sempre; viva como se fosse morrer amanhã.” É um pensamento muito poderoso e, hoje em dia, tento levar a minha vida com isso em mente. Viva a sua vida ao máximo e não deixe que ninguém lhe diga o que fazer. Quando me pego pensando na vida e no que estou fazendo aqui, sempre

me lembro dessa frase.

Então o que me deixa feliz? A minha família. Ver os meus filhos crescerem. Vê-los tocar. São alegrias enormes pra mim. Eu os vejo ensaiando com as suas bandas e me lembro de Iggor e de mim, fazendo o mesmo quando éramos moleques.

O que ensino aos meus filhos sobre a vida? Tento aconselhá-los a manter distância de drogas pesadas — cocaína, ácido, heroína, metanfetamina. Experimentei metanfetamina uma vez, aqui em Phoenix, mas não curti. O efeito era parecido com o da coca, mas não gostei do que senti depois que a onda se foi. O meu corpo queria dormir, mas a minha mente não permitia.

Digo aos meus filhos que não há problema em beber, contanto que consigam se controlar e se manter num nível aceitável de sociabilidade. Não fui capaz de fazer isso. Não tenho limites, então não é uma coisa pra mim. Nem tomar os analgésicos. Na primeira vez em que tentei me livrar deles, começava a beber às sete da manhã. Isso não é vida, cara. Foi um período muito, muito sombrio. Agora consigo respirar. Posso relaxar e aproveitar a vida.

A minha missão era e ainda é demonstrar que é possível ser um bom pai e ao mesmo tempo tocar um thrash metal rápido, pesado e agressivo. A música não impede ninguém de ser um bom pai, assim como a paternidade não é um obstáculo para se tocar música. Este se tornou o meu mantra. Alguns artistas do mundo do metal escondem que têm filhos, porque acham que isso os faz parecer menos durões. Sempre achei uma estupidez. Sempre falo pra todo mundo que tenho filhos, pois sou o pai mais orgulhoso do mundo. Ainda assim continuarei a tocar a minha música louca, que vai continuar a mil por hora. Nada poderá me impedir.

Vivemos numa verdadeira dinastia. Nos domingos, gostamos de reunir todos em casa para curtir a piscina e nos divertirmos. É como na minha infância, quando o domingo era um grande dia familiar e todos comíamos massa e bebíamos vinho. Sem que tenhamos planejado, foi o que acabou acontecendo com a gente. E eu adoro.

> **Christina Steever-Newport:** Tenho muita admiração por Max. Ele é muito inteligente, talentoso e amável, e o amor que tem pela música não é nada comparado ao amor que sente pela sua família. Ele adora os seus fãs e tem o mesmo respeito por todas as pessoas, sejam mendigos ou celebridades. Nunca se coloca acima de ninguém, além de ser um ótimo pai e marido. É também o melhor avô que os meus filhos e os de Roxanne poderiam ter.
>
> **Roxanne:** Max é a pessoa mais tranquila e sensível que conheço. Tem a

fala mansa e é extremamente educado. É um avô muito amoroso. Ele é ótimo com os netos, que o amam incondicionalmente. As pessoas acham que ele é um cara barulhento, falador, supermetaleiro, mas ele é exatamente o oposto. É uma lenda do rock, mas não se comporta como tal. Isso é incomum nesse meio.

Richie Cavalera: A minha mãe sempre trabalhou pra caralho pra nos dar uma vida boa. Quando conheceu Max, os dois uniram forças e criaram um império. Foi bem legal ver isso acontecer. Me fez ter vontade de trabalhar duro também.

Jason Cavalera: Aprendi um bocado de coisas com Max ao longo dos anos. A lição mais profunda que tive foi quando ele me disse que todos temos uma voz interior: você só precisa descobrir como deixá-la sair. Ele me ensinou também que, ao encontrar algo que o faça feliz, você deve se ater àquilo e dar o seu melhor, e assim pode ser que você se surpreenda consigo mesmo.

Zyon Cavalera: Na verdade, Max é uma pessoa normal como todas as outras. Sempre foi humilde, o que foi muito importante pra mim, porque me ensinou a não ser arrogante. Manter a humildade é a chave de tudo, especialmente no mundo da música. O seu tino para o sucesso nunca mudou. Ele nunca tirou o pé do acelerador em relação ao trabalho. É um cara dedicado e obstinado.

Igor Cavalera: Max poderia pegar mais leve, mas nunca faz isso. Tem três bandas e mesmo assim continua a nos ajudar a montar a mesinha onde vendemos os produtos das bandas. Na sua idade, muitas pessoas começam a diminuir o ritmo enquanto ele continua a buscar cada vez mais.

A música foi o meu primeiro amor e ainda representa uma parte importante da minha vida. Acordo com ela de manhã e vou dormir com ela à noite. Estou sempre fazendo ou ouvindo música. Nesse aspecto, sou igualzinho ao meu pai. Ele tinha o seu ritual ao ouvir música, e acho que herdei isso dele.

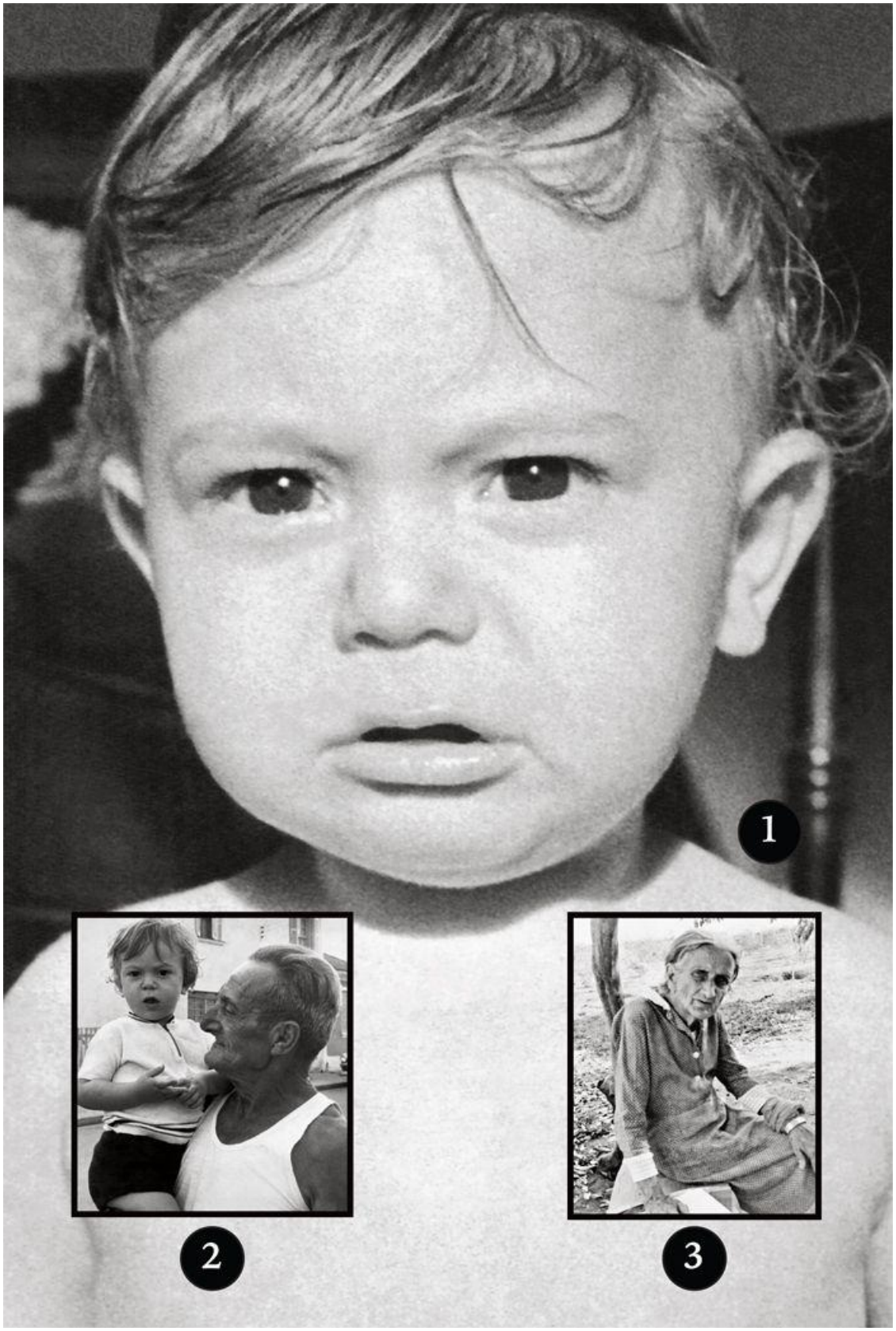
Não me canso da vida na estrada. Sempre gostei de viajar e ainda curto. Quero muito ir a países onde nunca estive. Até voltar aos mesmos lugares é legal. Acho muito empolgante. O show em si é excitante porque a música é bem vigorosa. Isso me faz prosseguir. Ainda fico nervoso antes de subir ao palco. Fiz um show em Portsmouth, na Inglaterra, pouco antes de terminar este livro, e, mesmo

sendo num clube pequeno, bem distante da cidade grande, estava me cagando nas calças.

Será que o meu pai teria orgulho de mim? Acho que sim, cara. Talvez ele próprio tivesse um desejo secreto de ser músico profissional, já que sempre tocava violão e cantava músicas italianas. Sei que ele ficaria feliz por eu e Iggor termos nos unido de novo e ficaria orgulhoso por termos sido os primeiros músicos brasileiros a atingir o nível de sucesso do Sepultura fora do nosso país. Não é pouca coisa. Ainda me surpreende que, depois de todos esses anos, nenhuma outra banda brasileira tenha igualado o nosso feito.

Acredito que um dia encontrarei o meu pai outra vez. Quando a minha hora chegar e eu morrer, ele virá me recepcionar. Fui a última pessoa a estar com ele em vida, e ele será a primeira pessoa que verei quando morrer.

No final da minha vida, a estrada árdua terá valido a pena — porque essa é a melhor estrada. Não chegamos ao topo das paradas, mas estou cagando para isso. Tenho a minha integridade e é por ela que quero ser lembrado.

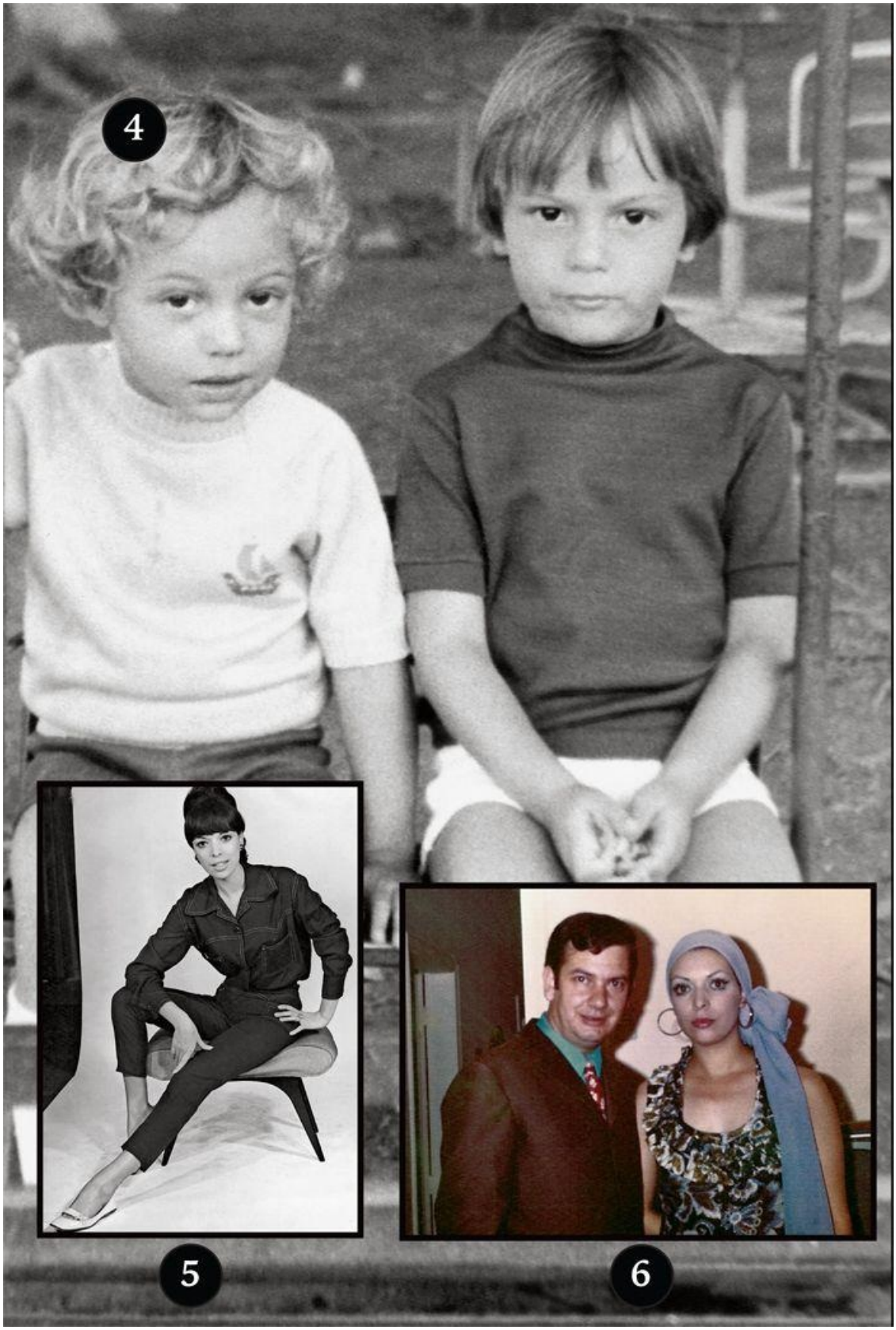


1. Aqui estou eu quando criança. Posso parecer enfezado nesta foto, mas a minha

vida era ótima. Mal sabia eu dos altos e baixos que estavam por vir.

2. O meu avô paterno, Antonio Cavalera, um marujo que me contou histórias loucas sobre o que viu ao navegar pelo mundo.

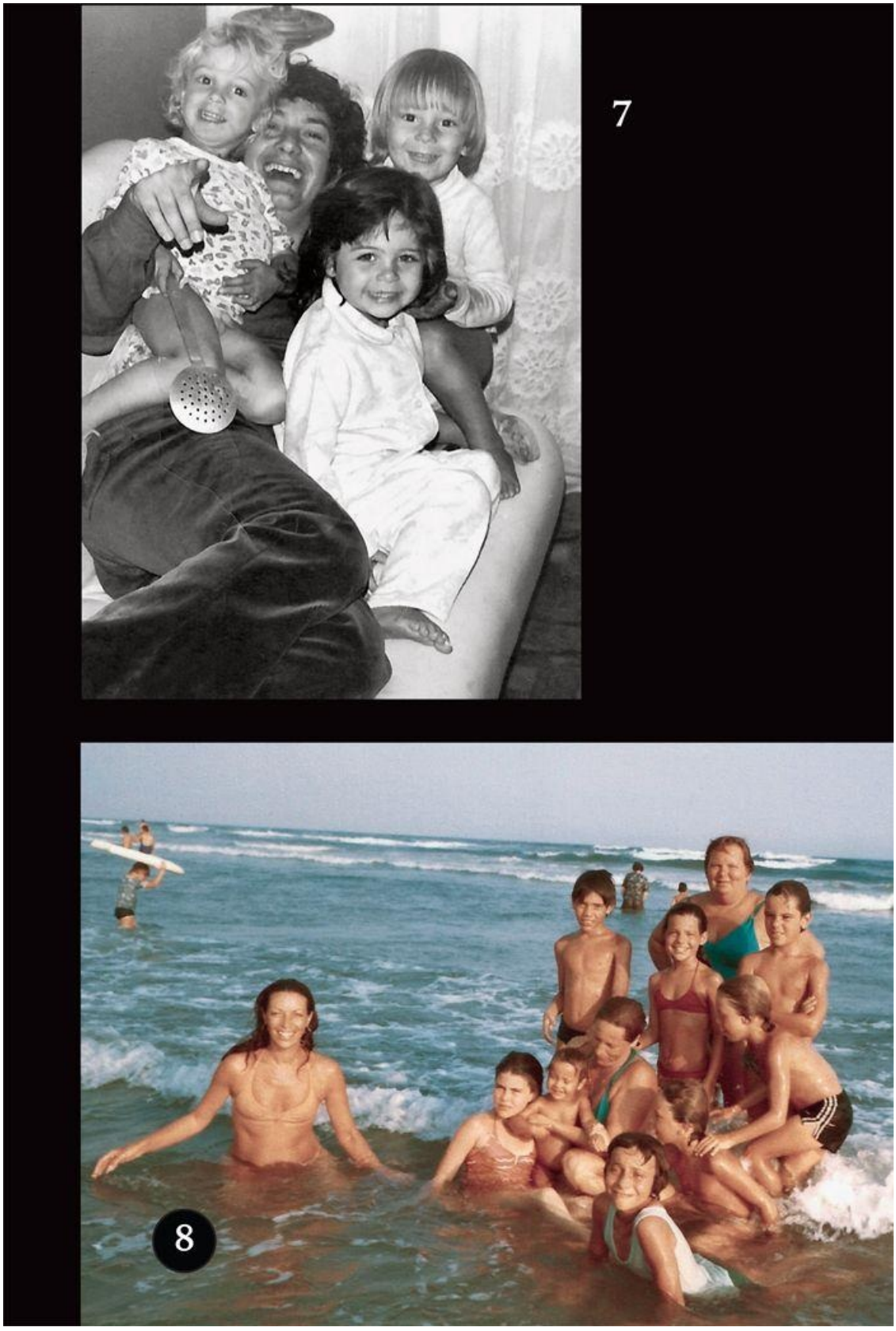
3. A minha avó materna, Dinha, que era parte indígena. As minhas raízes são antigas.



4. Iggor e eu. Até astros do death metal têm de começar em algum lugar, certo?

5. A minha mãe, Vânia, nos seus tempos de modelo. Era uma verdadeira beldade.

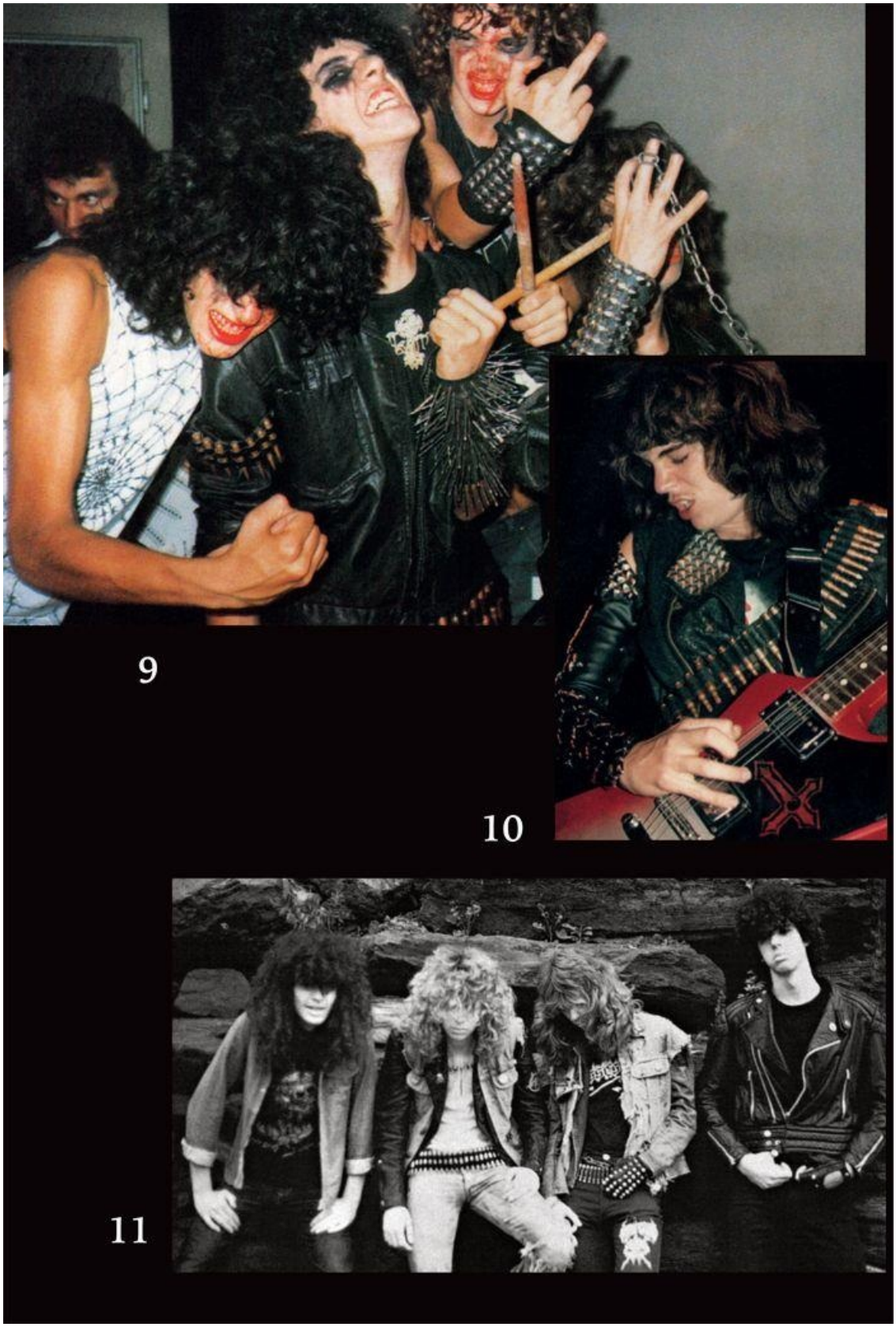
6. O meu pai, Graziano, e a minha mãe, Vânia.



7. O meu pai, eu, Iggor e a minha irmã, Kira. Ele tinha um ótimo senso de humor

e nós o amávamos.

8. Toda a família na praia, no Brasil. Foram tempos incríveis, dos quais me lembro com muita satisfação.



9. O Sepultura novinho em folha. Não passávamos de garotos, mas estávamos

falando sério, cara.

10. Em 1985, o metal era a minha vida. Veja só o meu cinto de bala feito em casa!

11. Paulo, Iggor, eu e Jairo em Belô.



12. Em 1986, as coisas estavam acontecendo muito rápido. Ainda não tínhamos

dinheiro nem garotas, mas tocávamos mais pesado e mais rápido do que qualquer banda brasileira da época.

13. Sílvio, do Korzus, vira Andreas Kisser por uma semana...

14. Quando eu subia ao palco, era como se sofresse uma transformação. Esta foto foi tirada na Cidade do México.

15. Com Lemmy, em 1989. Agi como um bêbado babaca com ele, mas fui perdoado.



16. Andreas com o braço quebrado e a engenhoca que o fazia parecer com o

Exterminador do Futuro.

17. No palco, matando a pau.

18. O Sepultura, com a praia de Copacabana ao fundo. Vida dura, não acha?

19. Com o poderoso Ice-T, na época em que o metal e o hip-hop se aproximavam.



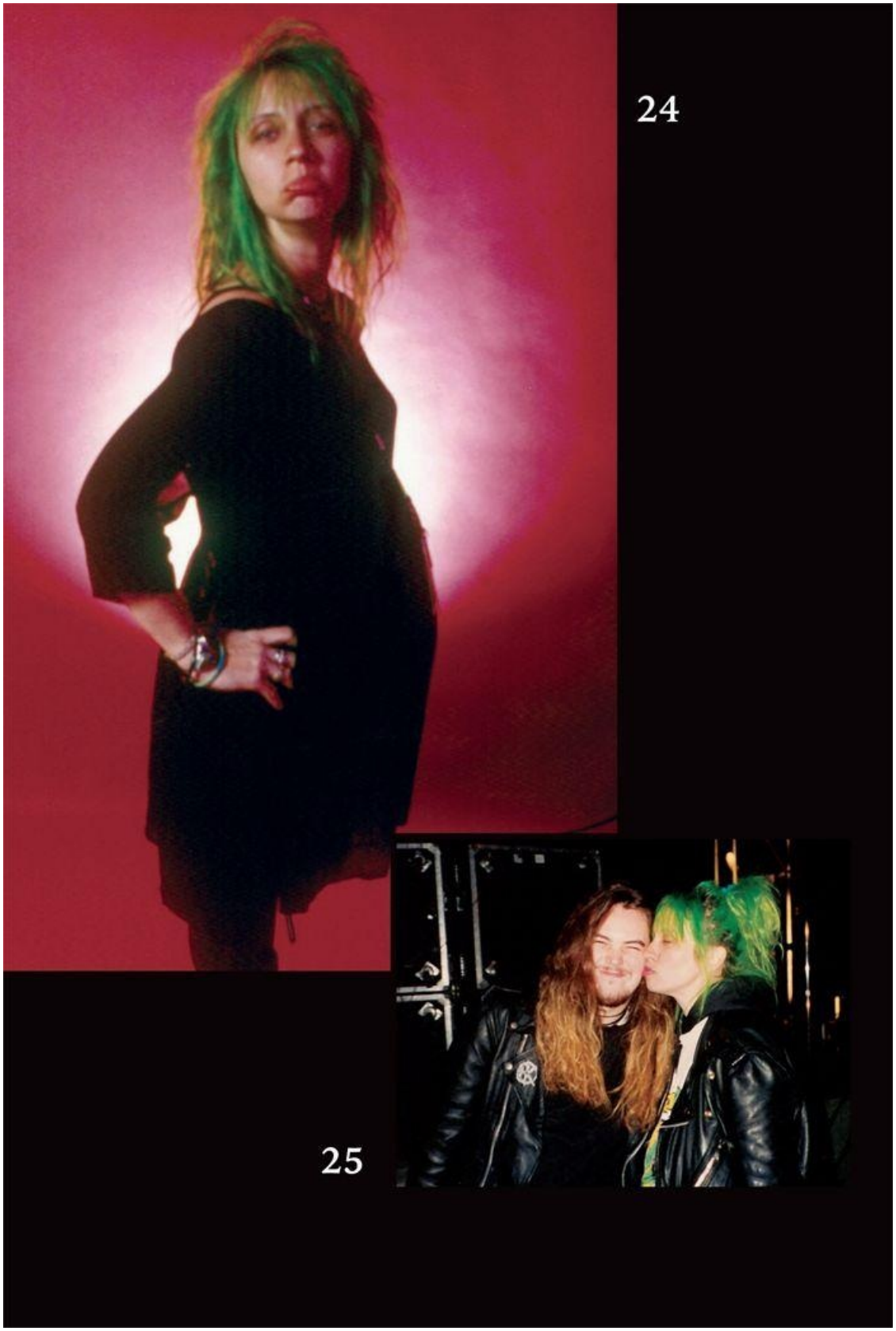
20. No lendário Hammersmith Odeon, em Londres. Lemmy jogou o seu drinque

em mim antes do show...

21. Sepultura e Helmet.

22. Com o Ministry e a família. Cara, aprontamos bastante com eles.

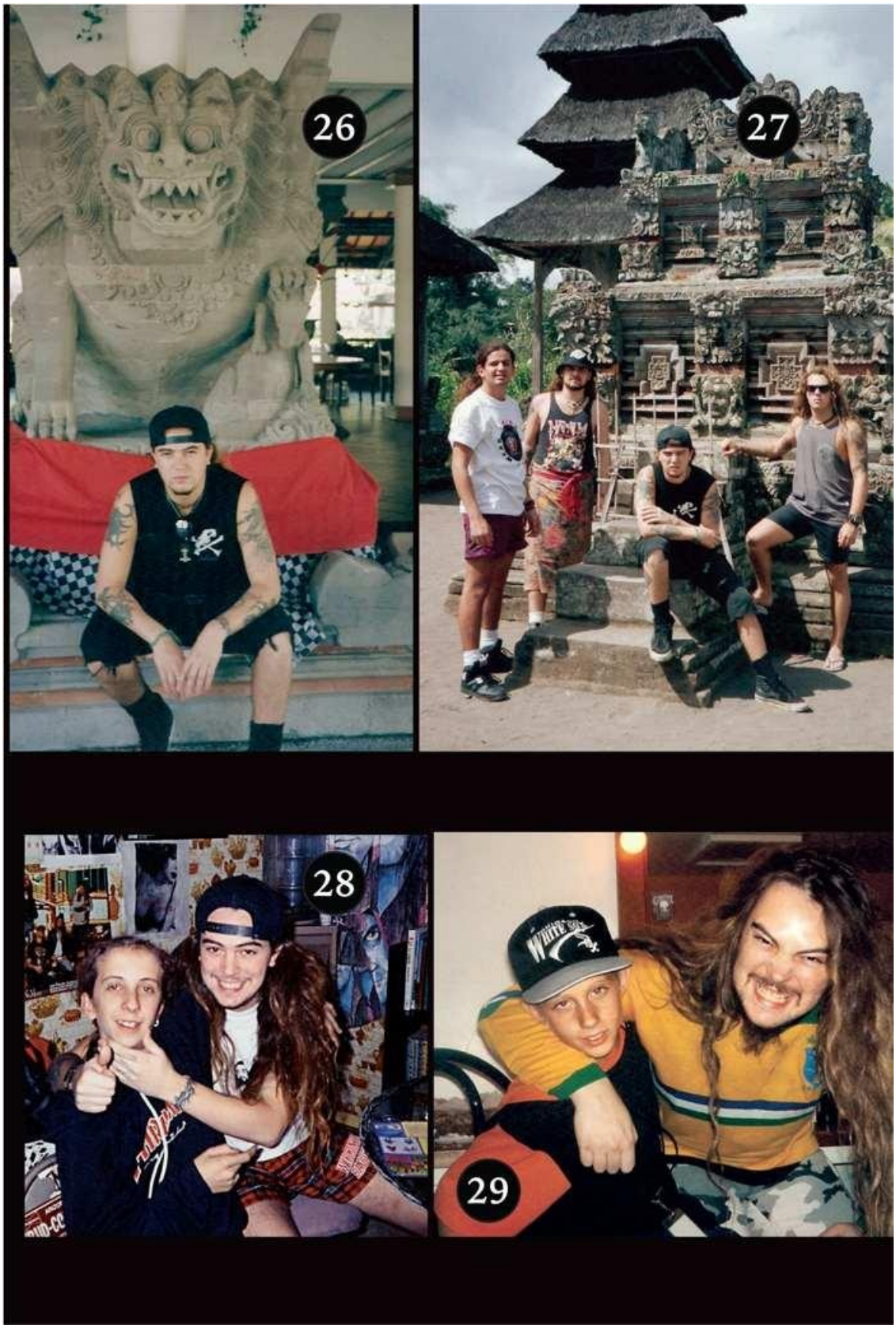
23. No quintal de casa, com o Faith No More, quase encrencados com a polícia. É uma longa história...



24. Gloria, no camarim, um mês antes do nascimento de Zyon. Foto de Kevin

Estrada.

25. Eu e Gloria, grávida de Zyon, no camarim durante um show do Sacred Reich.



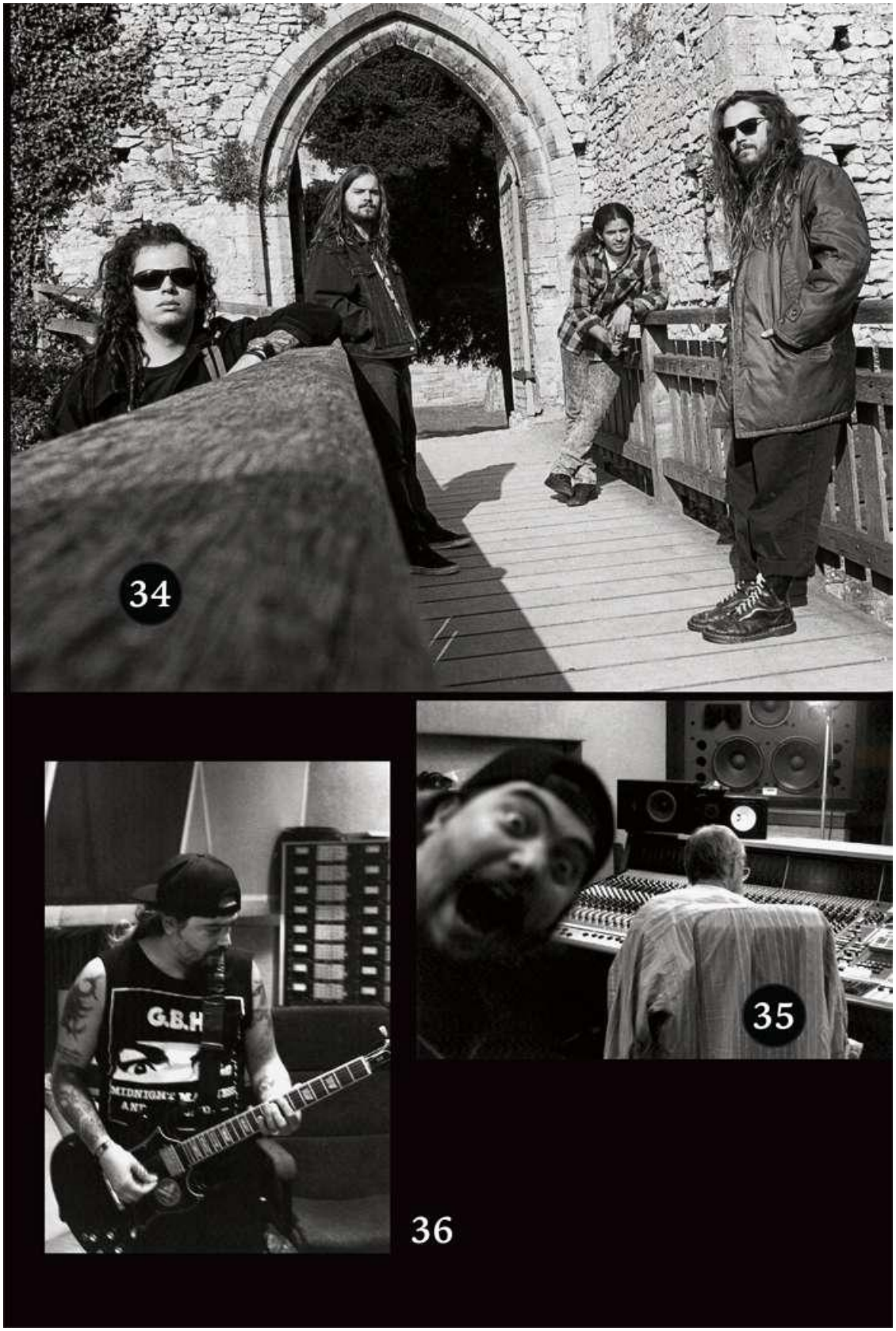
26. Eu em Bali.

27. Em Bali, com a banda.
28. Com Dana, a quem amava de todo o coração.
29. Eu e Richie: amigos desde o início.



30. O dia do nosso casamento, ao lado da família.

31. Cortando o bolo!
32. Com Zyon, o meu primogênito. Foto de Gary Monroe.
33. Gloria, Zyon e eu: um recomeço. Foto de Gary Monroe.



34. O Sepultura, no País de Gales, numa sessão de fotos para *Chaos A.D.* Foto

de Gary Monroe.

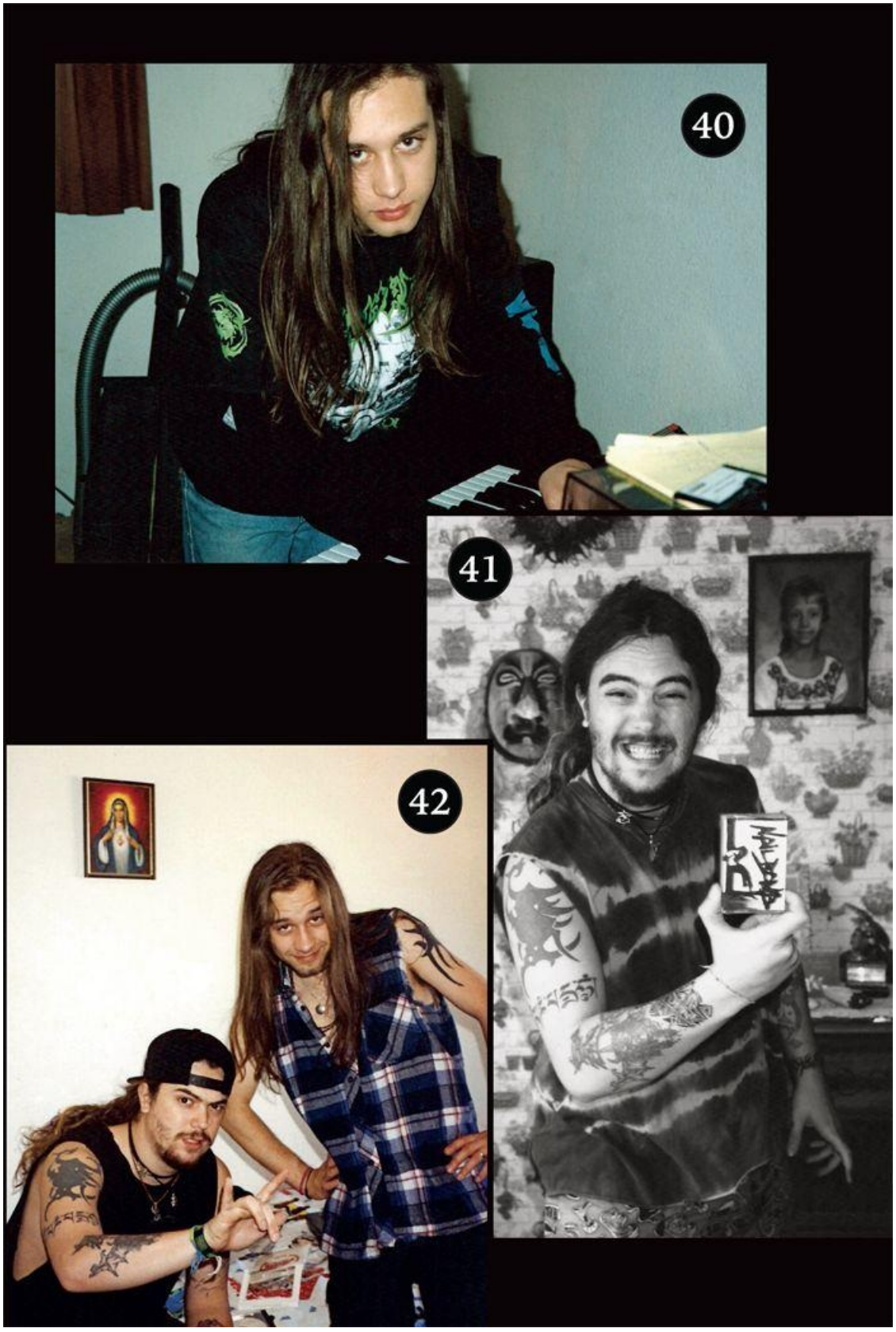
35. No estúdio, com Andy Wallace, durante as gravações de *Chaos A.D.* Apesar das aparências, eu levei essa merda a sério.

36. Trabalhando duro...



37. Com Igor, o meu segundo filho. A paternidade mudou tudo para mim.

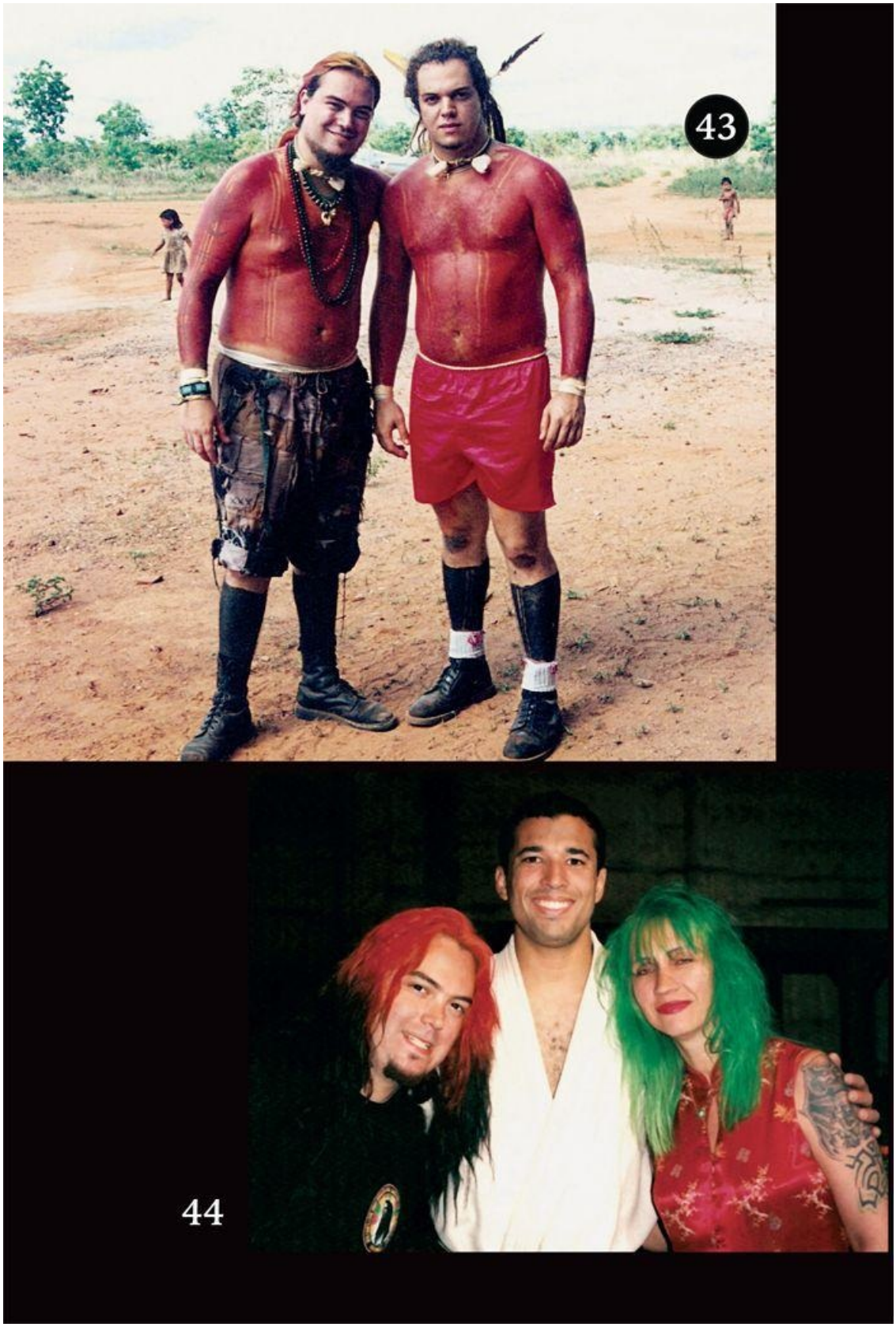
38. Paul Booth e sua tatuagem de olho na parte interna do meu cotovelo.
39. Gloria, eu e Dana na final da Copa do Mundo de 1994, em Los Angeles.



40. Alex Newport, do Fudge Tunnel, o meu cúmplice no Nailbomb.

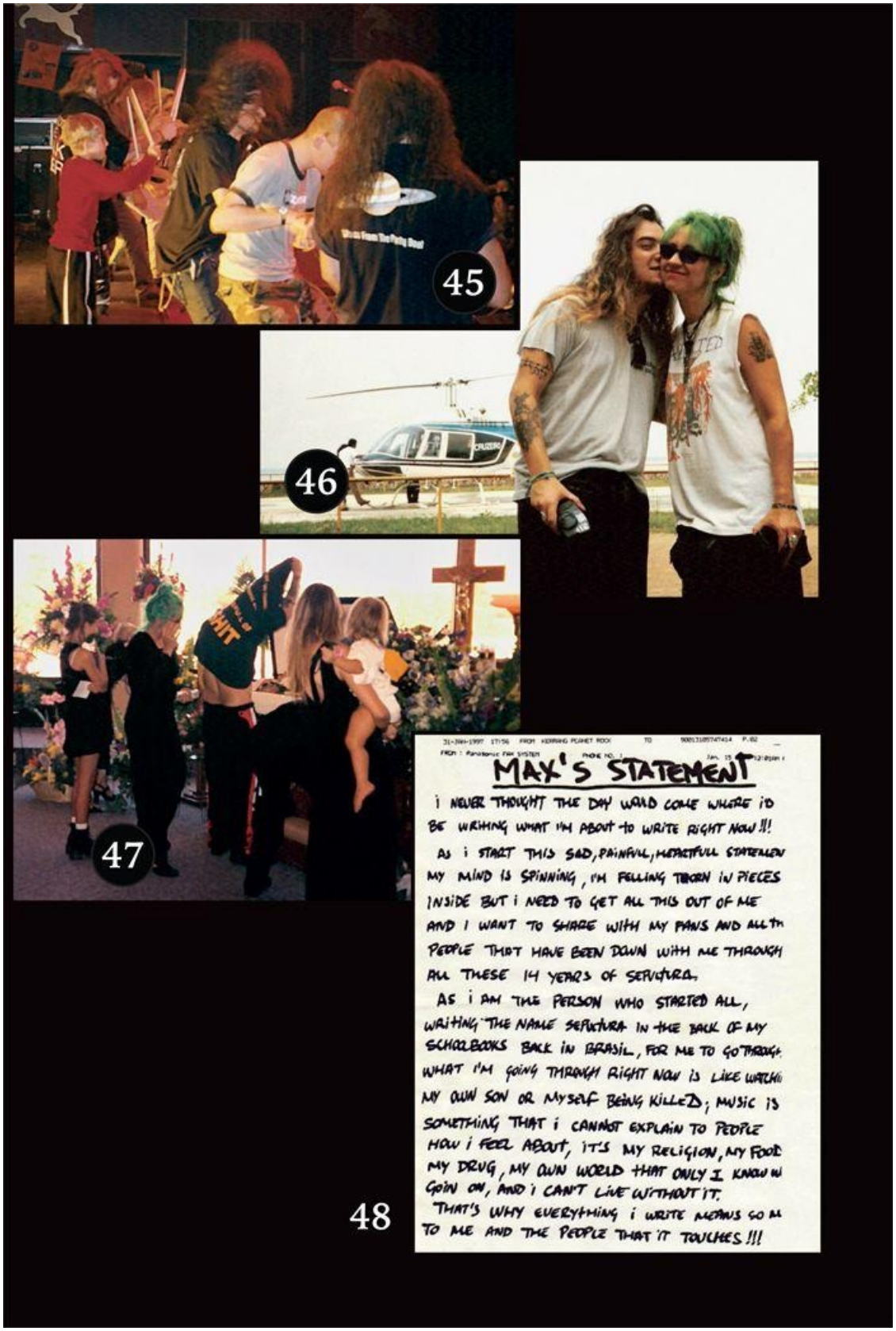
41. A primeira fita caseira do Nailbomb! Todo o projeto foi demais, do início ao fim.

42. No verdadeiro espírito do hardcore, Alex e eu transformamos o quarto em estúdio do Nailbomb.



43. Eu e Iggor sendo pintados para as sessões com os Xavantes.

44. Eu, Royce Gracie e Gloria.



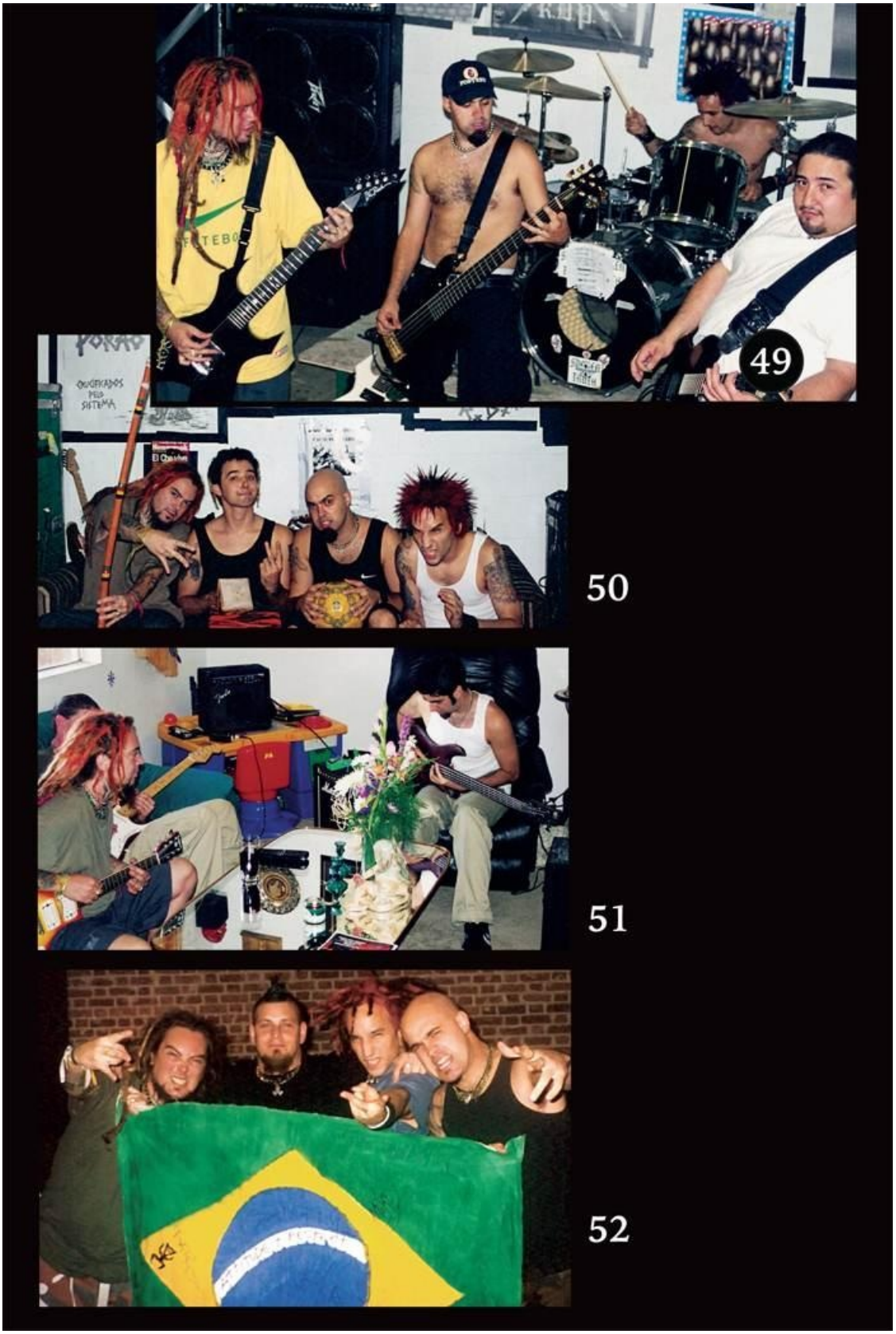
45. A última jam de percussão da qual participei com o Sepultura. Um mundo de

dor me aguardava...

46. ...mas Gloria sempre esteve ao meu lado, não importa o que acontecesse.

47. O funeral de Dana. Até hoje, o mistério sobre a sua morte ainda não foi solucionado.

48. A declaração que escrevi quando a banda se separou. Me senti completamente traído.

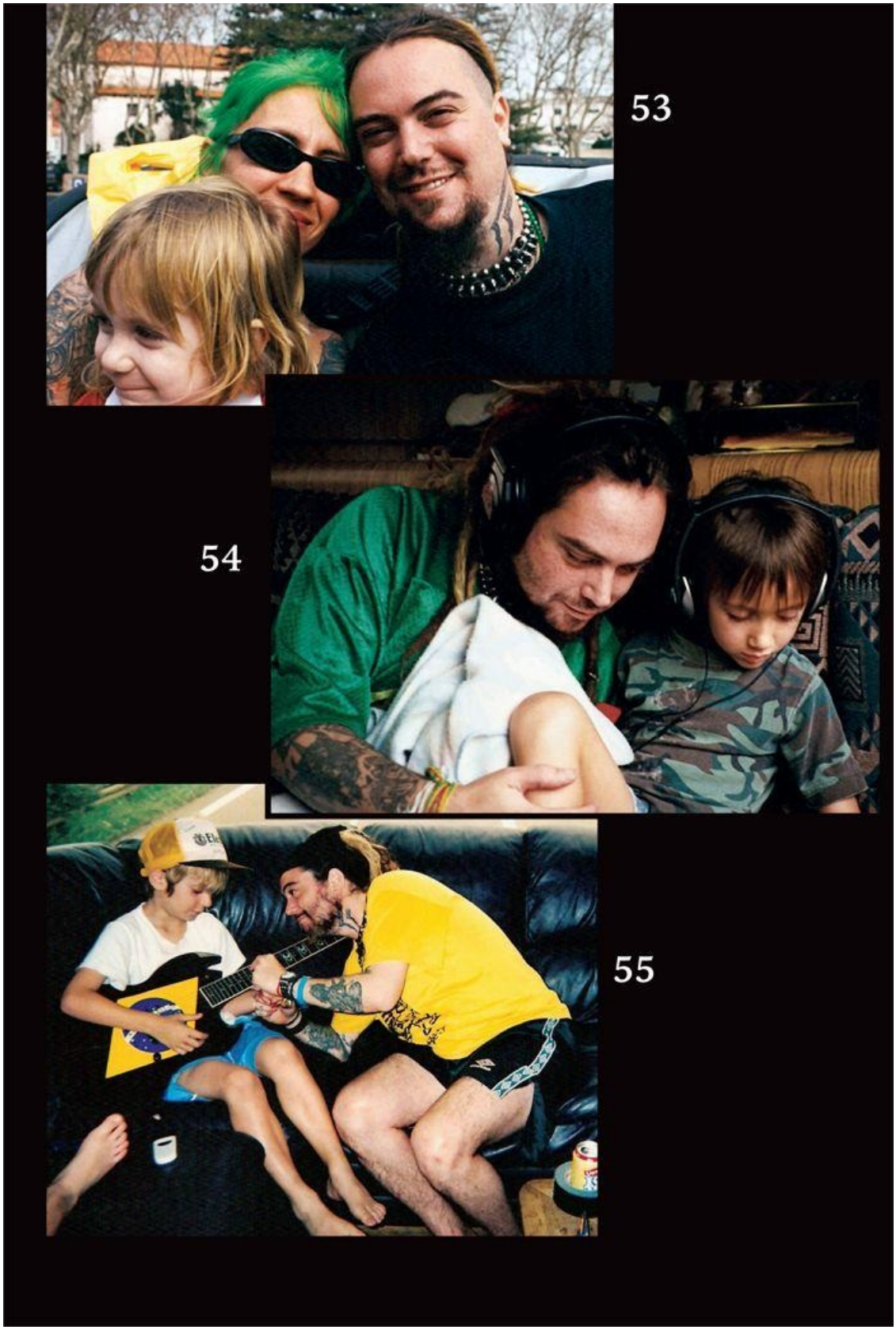


49. Ensaiando “Eye For An Eye” com Dino Cazares, do Fear Factory.

50. A primeira formação do Soulfly: eu, Lucio Maia, Marcello Diaz e Roy Mayorga.

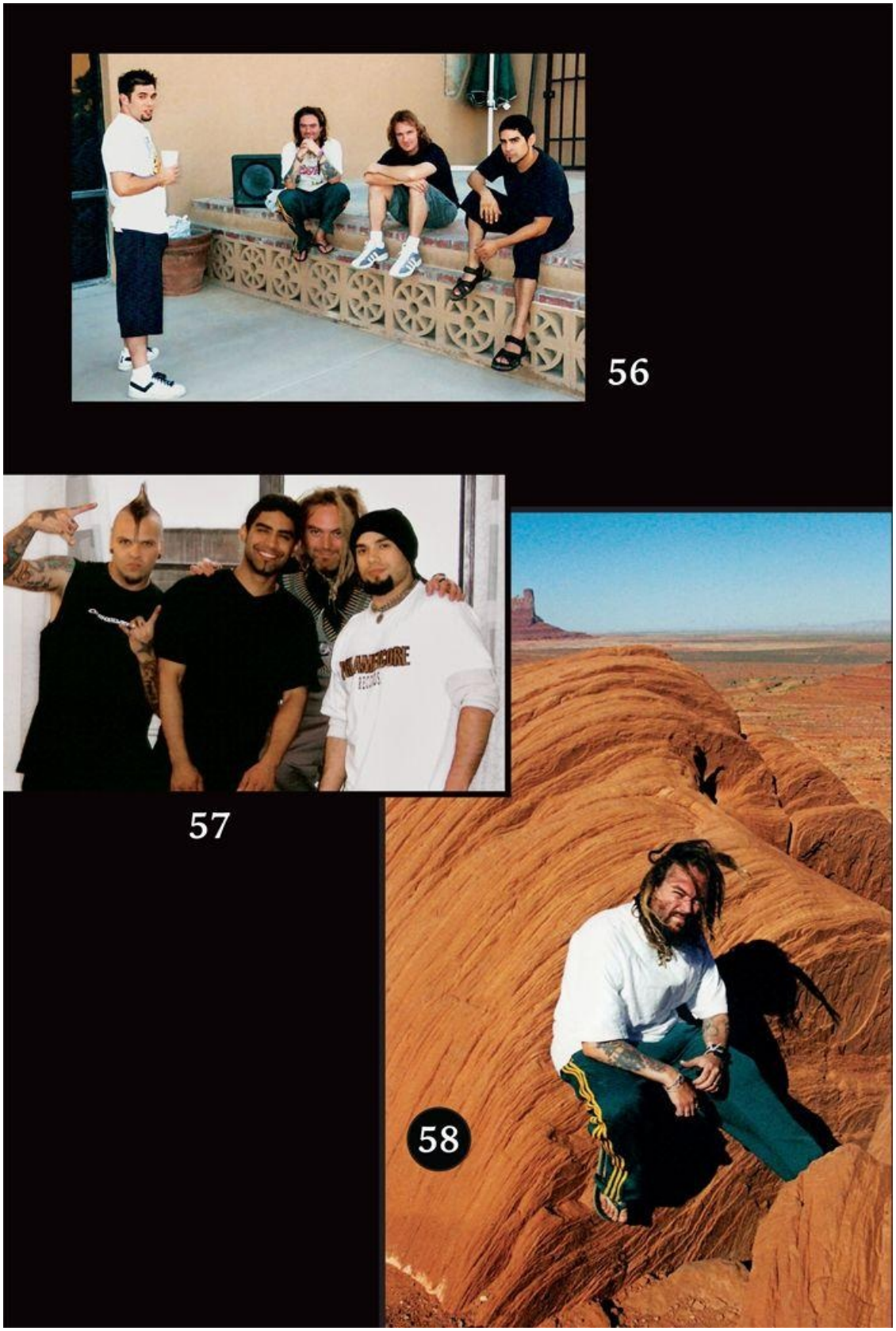
51. Tocando “First Commandment” com Chino Moreno, do Deftones.

52. A nossa nova formação no Big Day Out, na Austrália: eu, Mikey Doling, Roy e Marcello.



53. Eu, Gloria e o pequeno Igor.

54. Com Zyon; pai e filho.
55. Tocando com Igor, no ônibus.

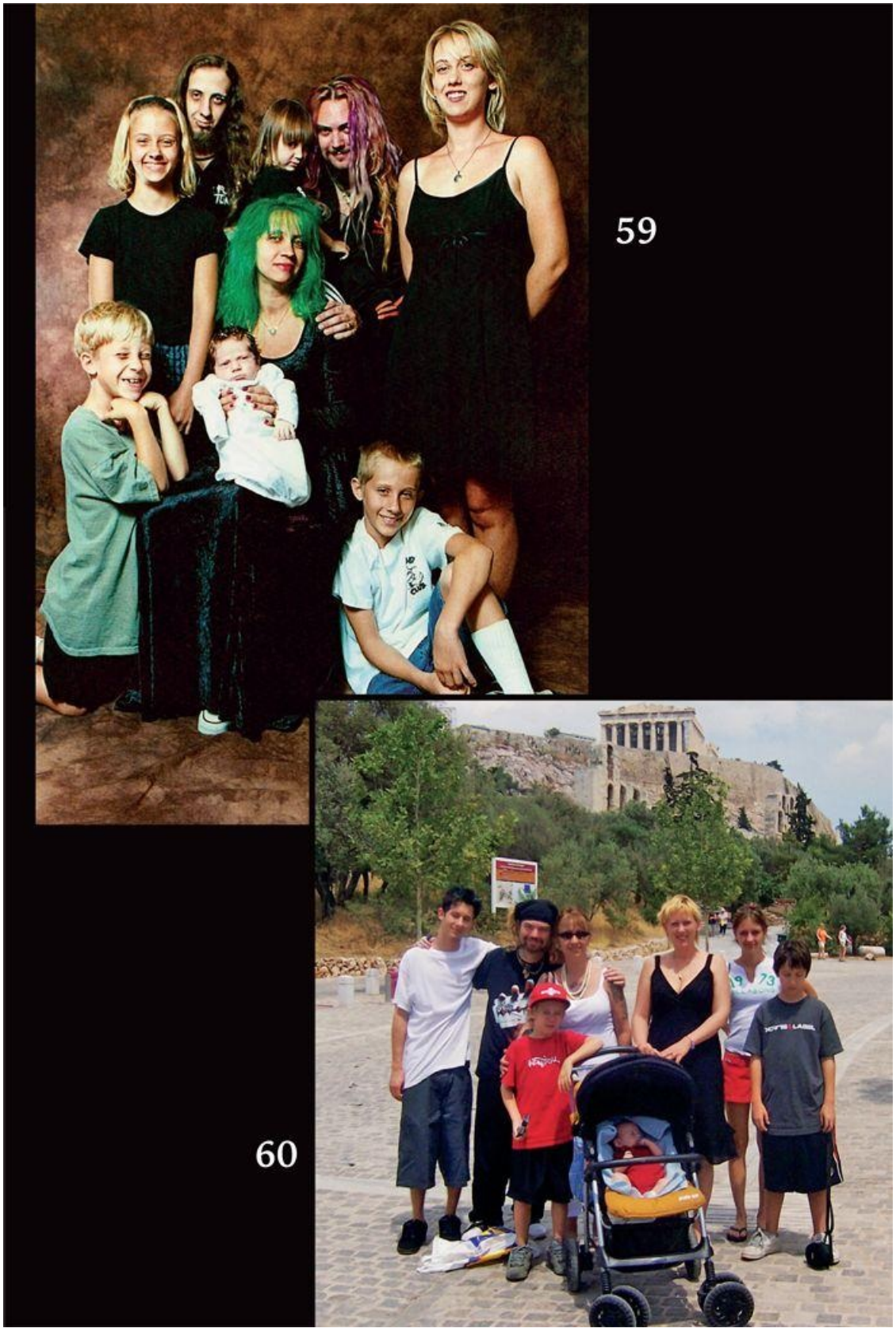


56. Com Marc, Joe e o ex-baixista do Megadeth, David Ellefson, durante uma

gravação em Burbank.

57. Uma nova banda: Joe Nunez, Bobby Burns e Marc Rizzo.

58. Em Monument Valley, onde gravamos um clipe.



59. Uma foto inédita da família em julho de 1995, cortesia de Kevin Estrada.

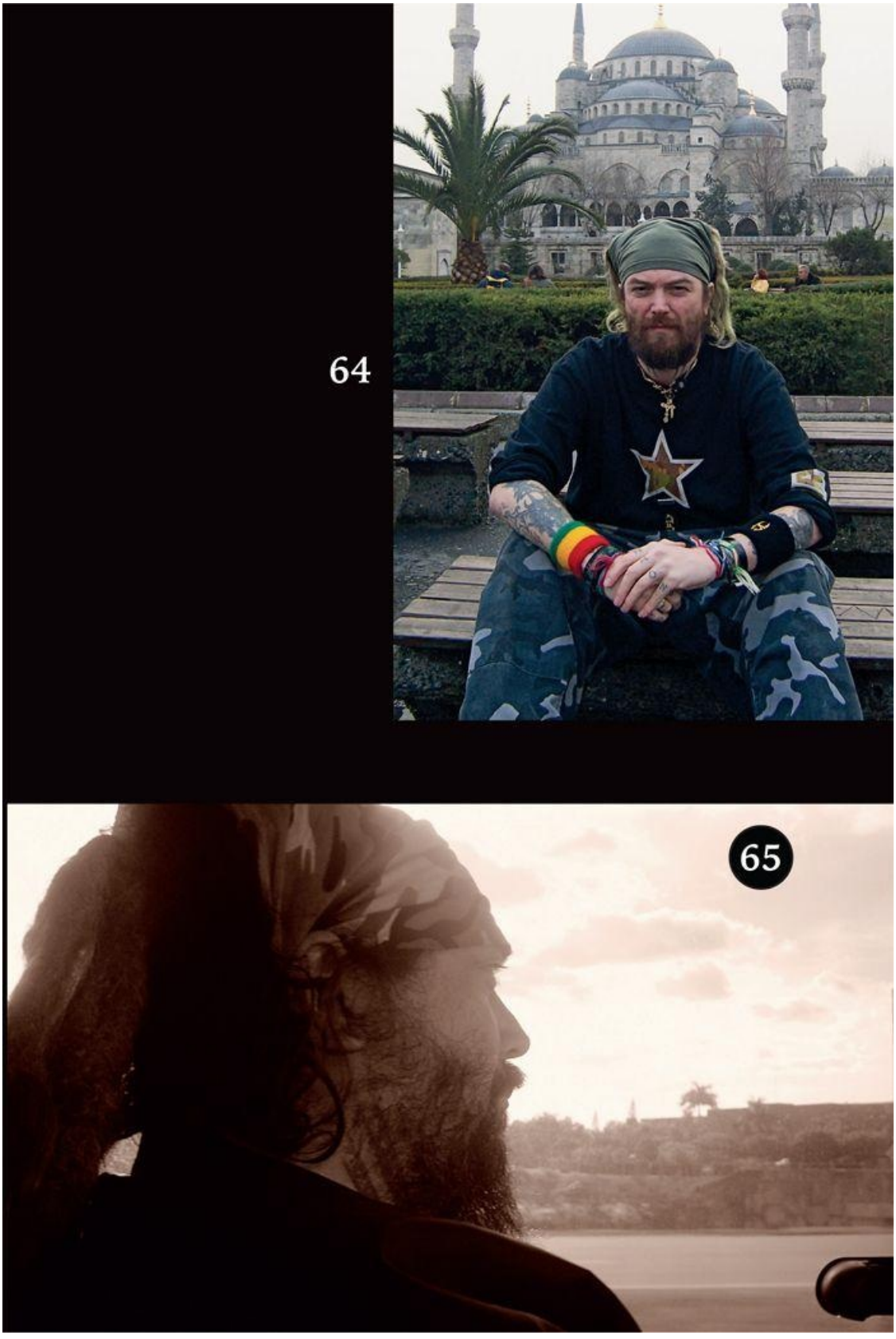
Igor tinha uma semana de vida. Há uma foto parecida na internet, mas ali todo mundo está sério. Esta é a única foto com todos os nossos sete filhos.

60. Com toda a família, incluindo o meu neto querido, Moses, na Grécia.



61. Num trem na Rússia, sonhando com novos planos para o Soulfly.

62. Gravando o clipe de “Frontlines” em Belgrado, na Sérvia.
63. Com a polícia na Praça Vermelha, em Moscou.



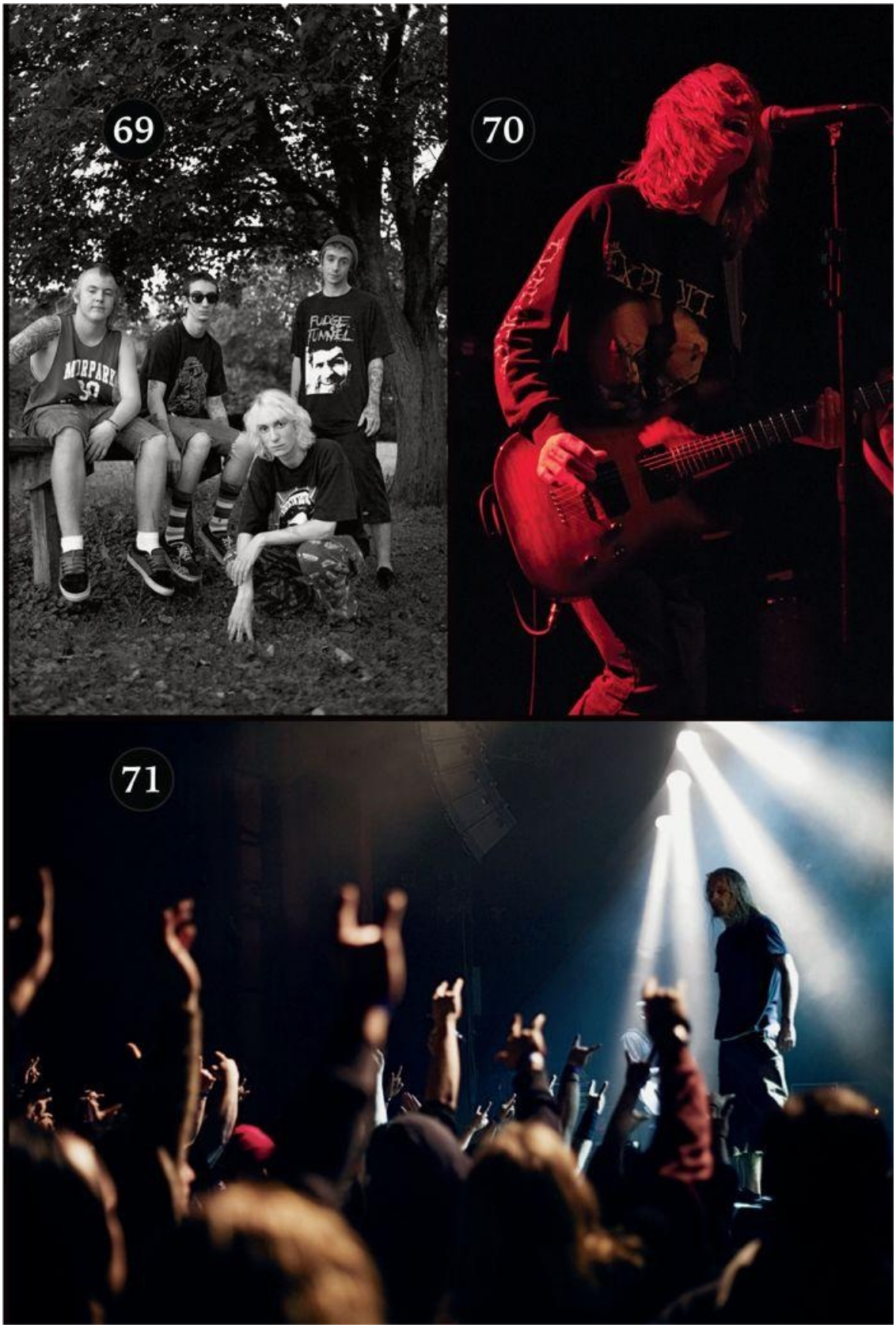
64. Na Mesquita Azul, na Turquia.

65. Voltando ao Brasil com o Soulfly em 2012, após uma década fora. Foi uma experiência que mexeu comigo.



66. Eu, Gloria, Zyon e Igor com o grande Ozzy Osbourne.

67. Zyon e Igor com Tony Iommi e Bill Ward, do Black Sabbath.
68. Igor aprendendo os segredos do ofício no ônibus.



69. A banda Lody Kong. A foto é uma cortesia de Nick Steever.

70. Igor e a sua banda, Lody Kong. A foto é uma cortesia de Nick Steever.
71. Richie e a sua banda, Incite. A foto é uma cortesia de Nick Steever.



72. Antes de cada show, dedico um momento para lembrar daqueles que se

foram e daqueles que ainda estão aqui. Este livro é dedicado à tribo.

Discografia de Max Cavalera

SEPULTURA

Bestial Devastation (EP, Cogumelo, 1985)
Morbid Visions (Cogumelo, 1986)
Schizophrenia (Cogumelo, 1987)
Beneath The Remains (Roadrunner, 1989)
Arise (Roadrunner, 1991)
Third World Posse (EP, 1992)
Chaos A.D. (Roadrunner, 1993)
Refuse/Resist (EP, 1993)
Roots (Roadrunner, 1996)
Under A Pale Grey Sky (Roadrunner, 2002)

NAILBOMB

Point Blank (Roadrunner, 1994)

Proud To Commit Commercial Suicide (Roadrunner, 1991)

SOULFLY

Soulfly (Roadrunner, 1998)
Tribe (EP, Roadrunner, 1999)
Primitive (Roadrunner, 2000)
3 (Roadrunner, 2002)
Prophecy (Roadrunner, 2004)
Dark Ages (Roadrunner, 2005)
Conquer (Roadrunner, 2008)
Omen (Roadrunner, 2010)
Enslaved (Roadrunner, 2012)
Savages (Nuclear Blast, 2013)

CAVALERA CONSPIRACY

Inflikted (Roadrunner, 2008)
Blunt Force Trauma (Roadrunner, 2011)

COLABORAÇÕES COMO CONVIDADO

Deftones, *Around The Fur* (1997)
Probot, *Probot* (2004)
Apocalyptica, *Repressed* (2006)
Ill Bill, *The Hour Of Reprisal* (2008)

PRODUÇÃO
Adriana Torres
Ana Carla Sousa
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Luana Luz

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Marina Sant'Ana
Mônica Surrage

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System